

Os Rebeldes

Mary Canon

SAGA O'HARA – Vol. 1

Clássicos da Literatura Romântica

Dados desta edição:

Clássicos da Literatura Romântica, s/nº 2. edição
Livro com a página de dados catalográficos arrancada

Título original: **The defiant**
São Paulo: Nova Cultural, 390 p.

Outras edições

Edição de 1986

Clássicos Românticos nº 13

Título original: The defiant

São Paulo: Nova Cultural, c1986, 390p.

Edição de 1999

As melhores Histórias de Clássicos Históricos nº 26

Título: "Os rebeldes: sede de amor, paixão pela liberdade!"

Título original: The defiant

São Paulo: Nova Cultural, 1999, 379 p.

PROJETO REVISORAS

*Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.*

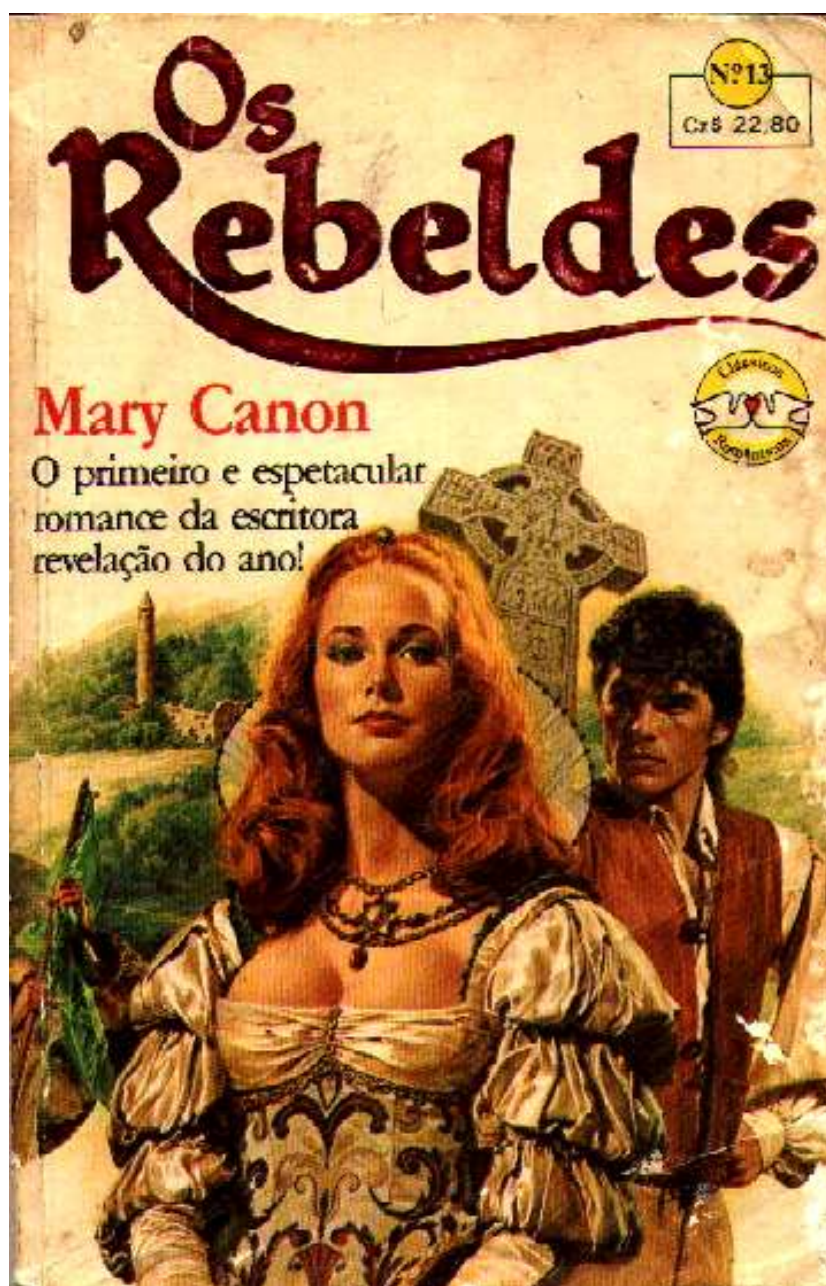
Disponibilização: **NutriRosangela**

Apoio: **contribuintes da caixinha**

Digitalização: **Palas Atenéia**

Revisão: **Cynthia**





TEMPESTUOSOS JOGOS DE AMOR E PAIXÃO UNIAM OS AMANTES NAS CORTES DA INGLATERRA E IRLANDA!

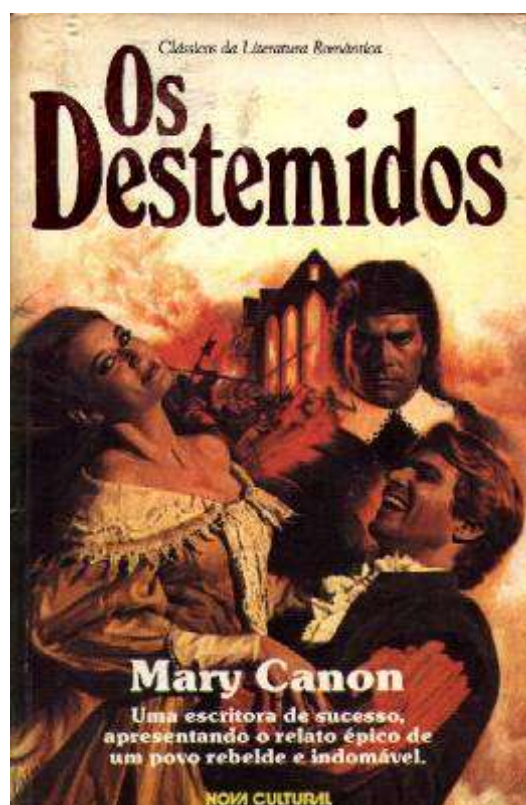
Lady Elizabeth Hatton, inglesa e nobre, não sentia escrúpulos em usar sua posição e beleza para conseguir o que queria... E, mais do que qualquer coisa neste mundo, ela desejava Rory O'Donnell, o impetuoso rebelde irlandês. Essa paixão correspondida, alucinada e sem limites era um sentimento que só lhes traria sofrimentos. O amor de Rory por Elizabeth punha em risco a lealdade jurada à família e à pátria, sua adorada Irlanda. E entre a paixão pela bela inglesa e sua ânsia de liberdade havia um abismo intransponível!

Outros livros da série:

SAGA O'HARA – Vol. 02 – *Os aventureiros*



SAGA O'HARA – Vol. 03 – *Os destemidos*



PRIMEIRA PARTE

PRIMAVERA DE 1590

O coche não passava de uma caixa quadrada presa por correias de couro à armação de madeira que, por sua vez, equilibrava-se precariamente sobre as quatro rodas. Durante as últimas três horas vinha sacolejando aos trancos pelos campos da Irlanda e a sua única passageira, pálida, rezava pela segurança da própria vida.

Os quatro cavalos, sob arreios que gemiam, resfolegavam com o esforço de puxar a carga colina acima. Finalmente, chegaram ao topo onde as árvores desapareciam para dar lugar ao campo aberto, e o coche parou de maneira brusca.

— Lá está, *milady*.

Deirdre, filha de lorde Haskins, soltou um suspiro profundo. Escorregou pelo banco incômodo e, apesar da saia farta e com anquinhas, conseguiu se debruçar na meia porta e olhar para o rosto de barbas grisalhas do camponês enviado para buscá-la no porto.

— Lá está, *milady* — repetiu ele ao fazer um gesto indicativo e, numa mistura de gaélico e inglês, completou: — Ballylee... a morada do clã O'Hara.

Deirdre deixou que os olhos enormes e arredondados percorressem a charneca larga e colorida de dourado, vermelho vivo e cobre escuro das flores que a inundavam e se fixassem no seu novo lar, o castelo de Ballylee. Um nó apertado de emoção subiu-lhe do peito e quase fechou-lhe a garganta enquanto ameaçava dificultar ainda mais a respiração ofegante.

O castelo majestoso erguia-se no cimo de outra colina, como que desligado do mundo que o rodeava. Gotas de orvalho brilhavam como jóias no verde do gramado que cobria as ondulações do terreno. O fosso era largo e a água dele, sob os raios do sol, produzia reflexos que se movimentavam pelos paredões cinzentos e marrons. Parapeitos dentados e torres imponentes apontavam para o azul do céu, num sorriso maldoso de recepção à sua nova dona.

— Ballylee... — murmurou ela.

— O castelo mais inexpugnável de todos os clãs do norte. Nem mesmo Dungannon, de O'Neill, ou Donegal, fortaleza ainda mais para o norte, pertencente a O'Donnell, podem competir com Ballylee. As paredes altas, com três metros e tanto de largura, não conseguem ser escaladas e garantem, em

suas entranhas, abrigo para mil homens a pé, ou a cavalo. Até mesmo os malditos ingleses perderiam se tentassem sitiar este castelo. Ah, perdão, *milady*.

— Não precisa se desculpar. Sou só metade inglesa e, em poucos dias serei totalmente O'Hara — Deirdre declarou com um sorriso. — É... com as mulheres deles, os ingleses arranjam mais um jeito de invadir nossas terras — resmungou o cocheiro ao sacudir as rédeas para que os cavalos retomassem a caminhada que os levaria ao castelo.

O coche deu uma guinada para frente, atirando Deirdre de encontro ao encosto duro do banco. Contudo, a dor sentida não transpareceu no rosto lindo. Os olhos escuros e profundos mantinham a serenidade, e uma sombra de sorriso pairava nos lábios bem delineados.

Ela havia vencido a batalha travada contra a sociedade e consigo mesma. Tinha desprezado as ordens da rainha e a tradição, a fim de se casar com o homem a quem amava.

O sorriso tomou-lhe conta das feições ao pensar na sua escolha e no escândalo que ela provocaria em Whitehall.

A única preocupação que a atormentava era o perigo a que o seu casamento expunha o pai amigo e compreensivo. Há apenas duas semanas lorde Haskins tinha tentado, pela última vez, dissuadi-la de cometer o ato arrojado.

— Filha querida — havia dito ele. — A Irlanda está em paz agora, contudo é uma situação frágil e delicada que poderá se romper ao menor sinal de rebelião.

— Eu sei, meu pai. Prefiro, entretanto, um homem como Shane O'Hara para marido, lá nas regiões ermas da Irlanda, do que um lorde inglês, idoso, que se casaria comigo só por causa do meu dote. Além do mais, o senhor conhece Shane e não pode me culpar por amá-lo.

Lorde Haskins virou-se para a janela, com o olhar perdido. Reconhecia que a filha tinha razão. O jovem O'Hara, aos quinze anos de idade, fora trazido para a Inglaterra a fim de ser educado no seio de uma família nobre. Como *lady* Harkins havia sido *lady* Rose de Ballyhara, prima distante do clã O'Hara de Ballylee, a família Haskins fora escolhida para acolher o jovem Shane.

A corte chegou à conclusão de que o rapaz seria educado como um cavalheiro inglês, se converteria ao protestantismo e se tornaria um súdito leal à Coroa. O que ninguém havia levado em consideração era o sangue parte irlandês de *lady* Haskins e nem o fato de o marido ser simpatizante da

luta política da Irlanda.

Shane O'Hara acabou de crescer na mansão Haskins mais irlandês do que nunca. O seu ídolo Charles, o irmão de Deirdre, era um católico secreto. E esta, três anos mais nova que o rapazinho irlandês de cabelos escuros, apaixonou-se por ele à primeira vista.

Seis anos mais tarde, ele retornava à Irlanda, onde recebeu de volta o castelo e as terras pertencentes ao clã O'Hara. Desde o início dedicou-se à conquista das duas coisas que mais desejava: a liberdade da Irlanda e a mão de Deirdre.

Durante três anos fez viagens clandestinas, através do mar da Irlanda, a fim de cortejar a moça, e ela nunca teve dúvida alguma a respeito do seu amor. Era apenas uma questão de tempo para que ele se consumasse.

O momento esperado chegava agora, provocado por razões imperiosas. A mãe e o irmão Charles haviam morrido: aquela de pneumonia e este como mártir da fé que abraçara. Shane O'Hara foi declarado rebelde e, portanto, não podia mais visitá-la em Londres. E, para desgosto de Deirdre, vários rapazes pretensiosos da Corte começavam a lançar olhares de cobiça à jovem e linda herdeira Haskins.

— Meu único temor, meu pai, é pelo senhor — Deirdre confessara.

Parte da resposta dele a essas palavras foi um riso límpido. Depois acalmou-a, dizendo:

— Filha querida, não há razão para o seu medo. Há tanto tempo me dedico ao jogo político e religioso que isso já se tornou uma segunda natureza para mim. Vou me ajoelhar, curvar e rastejar perante a nossa boa rainha Bess a fim de que ela ouça minhas lamúrias e se compadeça de mim. Direi como é triste sofrer a ingratidão dos filhos rebeldes e voluntariosos, e a rainha há de ter pena de mim. Até já posso vê-la sacudir a cabeça e respirar fundo antes de determinar que eu passe algum tempo no campo, rezando para que minha filha veja a luz e corrija o erro cometido.

— Ah, papai...

— Siga o seu coração, minha filha, e vá com Deus.

E assim Deirdre fugira, sem criados e com bagagem reduzida, pelo porto de Chester e do mar da Irlanda, para se reunir ao homem que amava.

— ô, ô! Aí! ô, ô!

Mais uma vez o coche parou de súbito, e com isso interrompeu as recordações de Deirdre. O ruído das patas de um cavalo precedeu uma nuvem de poeira que envolveu tudo e a fez tossir. Sem que esperasse, viu a porta do coche ser aberta com tal força que quase se soltou das dobradiças, e

um vulto gigantesco falou-lhe em gaélico, numa voz poderosa e ressonante:

— Então você é a meretriz que meu primo, e braço direito, seduziu para vir esquentar-lhe a cama e espionar em minhas terras para a rainha?

Deirdre notou a raiva e a frustração na voz de trovão. Inclinou-se um pouco para fora e, com os olhos protegidos contra o sol, viu as mesmas emoções impressas no rosto severo de olhos ferozes e brilhantes sob sobrancelhas franzidas.

— Milorde O'Neill!

— Ah, então me conhece?

— Conheço, e muito bem, a personalidade do conde de Tyrone. Quando ainda menininha, eu o vi defender sua causa na corte de Whitehall.

— Também conhece a maneira de pensar de O'Neill? — replicou ele ao inclinar-se sobre o pescoço do cavalo irrequieto. — Ela considera um fardo pesado a vida de esposa do chefe de um clã, na Irlanda, nestes dias tumultuados. Acha que uma delicada moça inglesa não pode suportar nem as agruras da vida aqui nem as tristezas provocadas pelas lides guerreiras do marido.

— Diga uma coisa milorde, é verdade, ou apenas boato que o grande O'Neill desposou Mabel Bagenal, filha de *sir* Nicholas, o representante da rainha da Irlanda?

— É verdade. — reconheceu O'Neill — Mas reconheci meu erro e encarcerei a megera no castelo de Dungannon. E não vou permitir outra vagabunda inglesa a minha volta, embora ame muito Shane O'Hara.

— Como eu também o amo. Não tenho cor política e nem marido... ainda. Se milorde não aprovar o meu casamento, voltarei a meu pai lorde Haskins, e seguirei para um convento, onde serei freira pelo resto de meus dias.

— Você é católica?

— Sou, antes de ser inglesa. E, antigamente, era, ainda, a filha de Rose de Ballyhara.

— E agora gostaria de ser a rainha de Ballylee?

— Gostaria, sim.

— Por todos os santos! — rugiu O'Neill enquanto afastava o cavalo da porta do coche. — Você fala com segurança como se já fosse uma. Desça para que eu admire a filha de Rose de Ballyhara.

Deirdre respirou fundo e esforçou-se para que a saia volumosa passasse pela porta estreita. Alcançou o único degrau e, em seguida, com a cabeça erguida e toda a graciosidade de que era capaz, pousou as botinas delicadas

no solo irlandês.

O'Neill desceu da sela de madeira recoberta de couro e, em três passos encontrava-se à sua frente. Imperturbável, Deirdre encarou o homem que comandava seu futuro marido e que imaginava poder controlar a Irlanda toda. Este sentimento estava claro no olhar dele e, no seu, O'Neill viu tudo que desejara ter encontrado na esposa inglesa que o desiludira.

Como havia passado sua juventude na Inglaterra, ele se via dividido entre as duas culturas. Havia esperado reunir no castelo de Dungannon através do casamento com Mabel Bagenal, os costumes rudes da região de Ulster e os refinamentos da corte inglesa. A tentativa não tinha dado certo, pois a filha do lorde inglês falhara e O'Neill se desligara dela.

— O senhor está me encarando, milorde.

— É Sue uma única vez vi tamanha beleza. Foi na minha primeira mulher, que morreu ao dar à luz.

Por instantes, permaneceram comunicando-se apenas com o olhar. O homem alto, magro, embora de estatura forte, com gibão de couro e manto folgado, fitava a mulher que exibia a gola de tufos bem emengomada que lhe cobria os ombros, e mangas bufantes ajustadas entre os cotovelos e os pulsos. De repente, o rosto longo, emoldurado por cabelos ruivos com alguns fios prateados, abriu-se num largo sorriso.

— Você vai precisar de roupas mais adequadas para a vida rural da Irlanda, moça.

Os dias que se seguiram à chegada de Deirdre a Ballylee foram movimentados e festivos. Se às vezes as comemorações, em que as bebidas corriam soltas, pareciam excessivas para o seu bom gosto, adquirido na corte em Londres, ela não dava a perceber, nem através de palavras nem pela expressão do rosto.

Também não se esquivava dos companheiros do futuro marido e, muito menos, se constrangia na presença das mulheres e concubinas deles. Com inteligência aguçada, respondia as indiretas ferinas, que acabavam se transformando em elogios. A mente educada e a facilidade de expressão a ajudavam na argumentação ponderada e sem arrogância.

Durante o período que precedeu ao casamento, Deirdre conseguiu encantar a todos que dela se aproximavam, até que chegaram ao consenso geral de que a sua pessoa era a ideal para ocupar o lugar de senhora de Ballylee.

Quanto ao futuro marido, não havia necessidade de seduzir. Cada gesto,

ou olhar dele, revelava o grande amor que lhe dedicava. Os subchefes de O'Hara mal podiam acreditar que o apaixonado Shane fosse o mesmo turbulento, impetuoso e ferrenho guerreiro que os comandava no campo de batalha.

Entretanto, Deirdre sabia que, sob o exterior vibrante, existia uma ternura imensa que só ela sabia despertar. Na guerra o inimigo temia o golpe poderoso dos braços fortes, enquanto, na intimidade, ela sonhava com o toque suave das mãos carinhosas.

A festa de casamento durou três dias maravilhosos e foi exatamente como Deirdre queria, assim como também a noite nupcial. Shane mostrou ser o amante ardoroso que desejava que fosse e, desde então, começou a sonhar em dar-lhe um filho e herdeiro.

As obrigações da vida de casada não constituíram problema algum para Deirdre. Também não se importava por estar vivendo nos campos agrestes da Irlanda em vez de se encontrar no ambiente sofisticado de Londres. Considerava uma dádiva divina o seu casamento com o homem que amava e a quem escolhera, coisa bem pouco comum nessa época. Todos os dias dava graças pelo pai compreensivo que possuía e pela misericórdia de Deus.

Durante os meses seguintes, ela se tornou quase tão amiga de O'Neill quanto era do marido, e quando a primavera retornou, para que a felicidade fosse completa, Deirdre ficou grávida. Todavia, a alegria durou pouco.

Embora ouvisse com frequência as conversas de Shane, O'Neill e de outros chefes políticos sobre rebelião, ela fazia questão de ignorá-las. Sabia, porém, da importância desses planos para o marido.

Foi numa noite quente e chuvosa de verão, quando Ballylee se via adornado por um manto de neblina, que Shane esforçou-se para dar-lhe a notícia.

— Você sabe do destino de Red Hugh O'Donnell, menina?

— Conheço a história, sim.

Meses antes do casamento deles, o representante da rainha na Irlanda, *sir* John Perrot, havia tomado medidas drásticas para impedir que os clãs do norte se unissem e rebelassem, como os de Munster haviam feito anos atrás.

Perrot conseguira apanhar Red Hugh, bem como Art e Henry O'Neill, numa armadilha e prendê-los, como reféns, na torre de Bermingham, no castelo de Dublin.

A reação de O'Neill, na época, tinha sido de fúria violenta, porém ele a controlara à espera da ocasião oportuna para retaliar. E, agora, chegara o momento de agir.

— Você vai a Dublin! — Deirdre exclamou ao perceber o que o marido tentava dizer-lhe.

— Vou. Chegou a hora de libertar O'Donell. Isto feito, Black Hugh dará valor às palavras de O'Neill.

Deirdre aconchegou-se entre os braços do marido, soltou um suspiro profundo, mas conseguiu abafar o protesto que ameaçava escapar-lhe dos lábios.

Ela sabia por que Shane O'Hara havia sido escolhido para essa missão. Ele era tão fiel a O'Neill e à luta irlandesa quanto a Ballylee e à esposa. Destemido, ele possuía a coragem necessária para libertar O'Donell.

— Apenas duas semanas, menina — murmurou ele. — Duas semanas e estarei de volta a seus braços, eu juro.

Deirdre aquiesceu com a cabeça e levantou-lhe os lábios. O beijo não passou de uma carícia leve e apressada, e isso não a surpreendeu. Havia se casado com um guerreiro, num dia de primavera, há pouco mais de um ano, e jurara amá-lo sem tentar convencê-lo de que deveria mudar.

Ouviu o ressoar das botas dele na escadaria de pedra e logo depois o via lá embaixo, no pátio, montar o cavalo. Através da neblina, vislumbrou-o transpor a ponte levadiça e aproximar-se da mata, onde desapareceu. Mesmo assim, Deirdre continuou a sua vigília até que a chuva parasse e os primeiros raios de sol dissipassem o nevoeiro que envolvia Ballylee.

Duas semanas se passaram enquanto ela esperava, dia e noite, com o olhar perdido no caminho que traria o marido de volta para casa.

Mais uma semana se passou e, então, o próprio O'Neill surgiu da mata de carvalhos. Subiu as escadas de pedra que levavam aos quartos e foi recebido calmamente por Deirdre.

— Chegou o momento de se mudar para o castelo de Dungannon, não só pela sua segurança como também da criança.

— E o meu Shane?

— Está vivo, porém foi levado prisioneiro para a torre de Bermingham, onde O'Donell está. A tentativa falhou.

SEGUNDA PARTE

OUTONO DE 1591

CAPÍTULO I

A chuva havia parado, dando lugar aos raios de sol que ressaltavam as mais variadas tonalidades de cores que o outono produzia. Essa era, talvez, a época mais bonita nos campos da Inglaterra. A estrada que vinha de Londres até Wimbledon House parecia uma fita dourada entre a coloração que a limitava. Da janela do seu quarto de esquina, Elizabeth Cecil respirou fundo o ar revigorante da tarde e viu um cavaleiro solitário que se aproximava.

Distraída, enrolou o dedo numa mecha dos cabelos castanho-avermelhados enquanto tentava reconhecer o visitante vestido de preto. Só quando já estava bem perto, viu tratar-se de seu tio Robert Cecil. Nervosa, alisou a camisola azul, à volta dos quadris, e franziu a testa preocupada.

Ao ver a espuma que cobria o pêlo do cavalo, percebeu que o tio tinha percorrido os dezesseis quilômetros que separavam Londres de Wimbledon num mínimo de tempo. Teriam as pendências do seu casamento sido acertadas? Se assim fosse, qual seria a sua situação? Estariam as senhoras da Corte rindo atrás dos leques e os maledicentes espalhando boatos a respeito do escândalo humilhante?

Elizabeth sentiu o rubor cobrir-lhe as faces delicadas ao lembrar-se dos acontecimentos das últimas semanas, e o constrangimento deu lugar à raiva quando fatos antigos vieram-lhe à mente.

Tudo havia começado há um ano, menos de um mês depois do seu décimo sexto aniversário. Apesar dos seus protestos violentos, Elizabeth Cecil, filha mais velha de Thomas e Dorothy, e neta de William Cecil, primeiro barão de Burghley, e braço direito da rainha, tinha ficado noiva, oficialmente, do conde de Southampton.

Durante a cerimônia, em que constaram o tradicional aperto de mãos, o beijo ritual e a troca de presentes, ela qualificara o rapaz, que não chegava a ser um ano mais velho que ela, de um idiota simplório. Quando voltou com os pais a Wimbledon, Elizabeth não fez segredo do quanto detestava as

maneiras tolas do jovem conde, seu rosto cheio de espinhas e o barbarismo do casamento imposto. Isso, na sua opinião, não passava de uma subjugação da mulher, que se transformava numa escrava e uma espécie de garantia para que o homem pudesse ver satisfeita a vontade insistente de se perpetuar.

— Minha filha — *lady* Dorothy protestou. — Casamento, filhos e cuidar da casa são os desejos normais de todas as mulheres. Será que não sabe disso?

— Talvez um dia, mamãe, essa seja também a minha vontade, mas então vou querer, eu mesma, escolher o pai de meus filhos, se é que eu precise fazer o sacrifício de tê-los.

Lady Dorothy, apreensiva, olhou para o marido, esperando que ele chamasse a atenção da filha, porém ele se manteve calado. Um tanto tímida, indagou:

— Elizabeth, você está querendo dizer que preferia não ter filhos? A mocinha fitou a mãe com calma e um sorriso enigmático.

— Não é sabido que uma mulher procriou sem a cooperação do homem? Não é esse o caso da Virgem Maria?

— Que blasfêmia!

— Não, mamãe, apenas raciocínio.

Tal demonstração de independência voluntariosa na jovem deixou os pais estupefatos e chocados. Thomas Cecil inclinou-se para a esposa e murmurou:

— Esse tipo de argumentação é o resultado de muita instrução e conhecimento. Mulheres não precisam disso.

Lady Dorothy ignorou o comentário do marido e virou-se com olhar severo para a filha.

— Um casamento entre Cecil e Southampton irá beneficiar nossa família inteira, nós em especial, e o Estado. Portanto, essa união vai se realizar e você terá de nos obedecer.

— De jeito algum. Não vou me prestar a essa barganha a fim de que Southampton ganhe um herdeiro e meu avô mais influência na Corte. Lorde Burghley quase já governa a Inglaterra, por que eu preciso ser dada como garantia disso?

Elizabeth não acrescentou que o casamento também serviria para acabar de vez com o estremecimento das relações entre o pai e o avô, situação que durava de longa data. Quando jovem, Thomas abandonara os estudos e a política para ir se divertir na França. Havia gasto uma fortuna imensa com mulheres, em Paris, bebidas e jogo. Quando, finalmente, o dinheiro acabara, ele fora trazido de volta para casa numa situação humilhante. Agora surgia a

oportunidade de reparar os erros da mocidade através do casamento da filha, que o velho pai tinha interesse em ver realizado.

E assim, durante os meses que se seguiram após a cerimônia do noivado, e enquanto a Inglaterra se debatia em guerras contra a Irlanda, França e Bretanha. Thomas Cecil tratava a própria batalha contra a rebeldia da filha.

Finalmente, expondo-se a um grande risco, foi procurar o pai, na esperança de convencê-lo da impossibilidade do casamento, mas o velho lorde mostrou-se irredutível.

Coube, então, a Robert Cecil, irmão de Thomas apenas por parte de pai, convencer a sobrinha das vantagens de tal casamento. Robert era ambicioso, sagaz e inteligente. Só ele, na família, reconhecia essas mesmas qualidades em Elizabeth, e as usava para estimulá-la no seu desejo intenso de conquista de independência e mostrar-lhe o caminho do poder e da influência, coisas que valorizava muito.

— Minha querida sobrinha — dissera ele —, nós vivemos numa era em que o amor deve dar lugar ao progresso. Na Corte de nossa boa rainha, ou se avança, ou se é destruído.

Para grande surpresa da família, Robert conseguiu convencer Elizabeth não apenas a se casar, como também do fato da importância de ser condessa de Southampton nos próprios interesses dela. Também deixou claro que quanto mais sem graça o conde fosse, maior liberdade ela gozaria no casamento. Como último argumento, revelou-lhe os boatos que corriam na Corte sobre as preferências, ocasionais, do rapaz pela companhia de amigos do mesmo sexo. Robert empregou toda a capacidade de persuasão de que era capaz, mas também induziu a sobrinha a raciocinar por conta própria.

Elizabeth passou a encarar o casamento com outros olhos e se entusiasmou tanto por ele que quinze dias antes de sua realização mal podia conter a impaciência e ansiedade.

Entretanto, uma surpresa muito maior tomou conta da família Cecil e provocou um escândalo na Corte. Na última hora, o noivo resolveu que não queria mais se casar, pois preferia partir para a guerra em companhia do amigo, o conde de Essex, à procura de aventuras e romance.

Elizabeth ficou, primeiro, estarecida, depois humilhada e, finalmente, furiosa.

— O quê? Aquela imitação de gente quer aventura e romance? Nem que reunisse toda a energia da vida inteira ele seria capaz de satisfazer a vontade de uma mulher, de uma única noite, e ainda se atreve a dizer que quer romance?

Era um caso sem precedentes e *sir* Thomas declarou que o rompimento do compromisso poderia resultar numa questão judicial. Elizabeth não se consolou com isso e garantiu:

— Não aceito a desfeita. Vou me casar com ele nem que seja apenas para destruí-lo!

Porém o jovem conde continuou inflexível, pois contava com a fortuna do pai e a complacência da mãe. Ambos imploraram à família Cecil que liberasse o filho da responsabilidade assumida, sem, contudo, serem atendidos. Tanto Robert como lorde Burghley não queriam dar ouvidos às desculpas.

Mas não era sem razão que a rainha apelidara Burghley e Robert de “raposa” e “raposinha”, respectivamente. Quando, afinal, chegaram a um acordo, Southampton havia pago à família Cecil a fabulosa soma de quinhentas coroas de ouro. O dinheiro destinava-se a aumentar o dote da neta do lorde tesoureiro para que ela conseguisse um pretendente ainda melhor.

Aliás, isso já havia sido providenciado enquanto não se resolvia a pendência com Southampton. O casamento de Elizabeth com *sir* William Hatton fora acertado em segredo. Ele era o sobrinho e único herdeiro de uma das maiores fortunas da Inglaterra, o lorde chanceler *sir* Christopher Hatton.

Elizabeth recebeu a notícia entre lágrimas de revolta.

— Primeiro deixam que eu seja humilhada por um meninote voluntarioso e depois me vendem a um velho doente, que sofre de gota, é barrigudo e não tem dinheiro algum no seu próprio nome?

Lady Dorothy tentou acalmá-la.

— Minha filha, *sir* Williams é o herdeiro de uma vasta fortuna!

— E enquanto ele espera pelo dia de poder recebê-la, eu tenho de me conformar em viver no campo, mal vestida, ter os diabinhos dos filhos dele e sem criados que me sirvam? Não, mamãe. O primeiro casamento que me arranjaram já foi contra a minha vontade, mas a perspectiva da fortuna me encantou. Agora me condenam à pobreza na companhia de um homem que tem mais do dobro da minha idade e doente demais para se levantar da cama. Não! Prefiro antes ir para a Irlanda e ser a concubina de um dos rebeldes, ou, então para a Corte na França como a amante de qualquer embusteiro de lá.

Essas palavras fizeram com que *lady* Dorothy desmaiasse assustada, e *sir* Thomas resmungasse:

— Filha, até parece que você passou muito tempo na Corte, em

companhia da rainha, pois diz coisas aviltantes tão bem quanto ela, e possui linguagem mais vulgar ainda.

Elizabeth voltou à realidade do presente quando ouviu o som das botas do tio nos pedregulhos da alameda que levava ao jardim onde *sir* Thomas o esperava. Teve vontade de gritar que a missão dele, desta vez, era inútil, já que, de forma alguma, se sujeitaria à união com *sir* William Hatton. Se fosse forçada a tal casamento, haveria de se enclausurar na câmara nupcial, como uma freira, antes que o ato se consumasse e até que o noivo morresse.

Todavia, manteve-se calada e afastou-se um pouco da janela para que o tio não a visse ao passar sob ela. Tinha os olhos úmidos e sabia que não conseguiria mais contar com a simpatia dele a seu favor. A ambição de Robert, o compromisso com a Inglaterra e os interesses do pai dele o colocavam fora do seu alcance.

Os dois irmãos já se encontravam frente a frente e formavam um certo contraste. Thomas era alto e corpulento e Robert, baixo e de aparência fraca, não podia esconder a corcunda disforme e proeminente.

Elizabeth, como sempre, sentiu um aperto no coração ao observar a silhueta do seu parente predileto. Todos sabiam que aquilo tinha sido o resultado de um acidente na infância. Queria-o muito bem e se acostumara, desde criança, a ouvir dele uma palavra de carinho e um conselho ajuizado. Somente Robert compreendia seu temperamento voluntarioso, embora não lhe permitisse que as emoções atrapalhassem o raciocínio. Essa atitude os unira muito.

Fez um esforço para seguir o rumo da conversa. A voz ressonante do pai ela entendia com facilidade, o que não acontecia com a entonação calma e controlada do tio.

— Maldição! — rugiu o pai. — Só posso concordar com Lutero: as mulheres foram feitas apenas para terem filhos, mesmo que venham a morrer de parto. E, apesar dos gritos que soltam ao dar à luz, acho que o nosso trabalho de domá-las é bem mais difícil.

— Você está se referindo a todas, ou a Elizabeth?

— A todas, em geral, e a ela em particular. Essa criatura, aos cinco anos de idade, já impunha a vontade a todos a sua volta. O homem que tem filhas é um desgraçado, pois elas, como os padres e os reis, nunca se satisfazem.

— Nem os homens delas — replicou Robert sorrindo.

— O que disse?

— Nada de importante. Então Elizabeth não concorda mesmo com o casamento?

— De forma alguma. E se nós a forcarmos, vai acabar fugindo, só Deus sabe para onde, e provocar outro escândalo sobre a família. Ela afirma que lhe oferecemos, primeiro, um rapazote tolo e agora um velho pobre. Diz que vivemos numa era de heróis e de riqueza e que deseja exatamente isso.

— Então minha sobrinha se casaria com um cortesão rico, recém-chegado da guerra e aclamado por todos?

— Isso mesmo.

— Assim sendo, talvez fosse melhor casá-la com o próprio Essex. Dessa forma, teríamos um membro da família em campo inimigo, Elizabeth ganharia o seu herói e a nossa rainha ficaria sem o apaixonado preferido, que não faz outra coisa senão dar-lhe maus conselhos.

Thomas não percebeu o humor nas palavras do irmão. Interrompeu os passos agitados que dava de um lado para o outro, e o semblante tornou-se mais sombrio ainda.

— Como vai nossa desavença com Essex e o bando dele?

— Quase na mesma. Ele foi para a França a fim de conquistar fama e glória à custa do tesouro público.

— Ah, essa mocidade irresponsável! — Thomas explodiu. — Todos procuram tornar-se célebres sem, contudo, pensarem no preço a ser pago. Acho que, se Essex se casasse, voltaria a pôr os pés no chão.

Robert sacudiu a cabeça. O irmão havia herdado a boa aparência e a agilidade da família, mas nem um pouco da sagacidade. Também não conhecia nada dos costumes da Corte. Se não fosse isso, saberia muito bem que, apesar da petulância e irresponsabilidade de Essex, ele tinha consciência plena de ser o preferido da rainha. Era esperto demais para ser apanhado na cama com uma mulher ou para se casar. Sabia que a rainha gostava de se ver rodeada por cortesões atraentes e solteiros. Abandonou esses pensamentos e voltou a mente ao problema que viera solucionar.

— Thomas, vá buscar a nossa bela e mimada menina. Quero trocar umas palavras com ela.

Pouco depois, Elizabeth ouvia a porta do quarto abrir-se. Virou-se da janela, com ar arrogante, para enfrentar a desaprovação da mãe.

— Você não se envergonha de se expor, vestida dessa maneira, à janela?

Elizabeth passou as mãos pela camisola que lhe apertava os seios e replicou:

— Não, mamãe. Estou bem coberta e protegida, o que está de acordo com a nossa fé protestante. Preocupar-se com isso é tão pudico quanto as atitudes dos puritanos. Segundo entendo, essa religião, nos últimos tempos,

também caiu no desagrado, como o catolicismo de nossos antepassados.

Um rubor intenso cobriu a expressão severa de *lady* Dorothy. Chegou a abrir os lábios para repreender a filha, porém, como sempre, não encontrou palavras adequadas. Também não achava necessário insistir num assunto que considerava constrangedor. Então, disse apenas:

— Seu tio quer vê-la, imediatamente, no jardim.

Saiu batendo a porta, o que abafou o farfalhar da saia de seda volumosa que usava.

Ao se ver só, Elizabeth curvou os ombros numa atitude de desânimo, e sua expressão tornou-se triste e preocupada.

Gostaria muitíssimo de ir ter com o tio no jardim se fosse para ouvi-lo contar as últimas novidades de Londres sobre a moda e a respeito dos escândalos na Corte, mas não para se deixar convencer a aceitar um casamento que a transformaria numa prisioneira da pobreza.

Abriu as portas do armário e passou os olhos pelos vestidos. Em voz alta, disse para si mesma:

— Preciso usar algo que o surpreenda e o faça reconhecer minha beleza. Só assim ele se dará conta de que será um grande desperdício me fazer casar com o velho Hatton.

O sorriso que começava a despontar em seus lábios desapareceu ao reconhecer que nem o mais rico e lindo dos mil vestidos da rainha desviaria a atenção do tio da realidade dos interesses. Mesmo assim, insistiu na escolha, pois achava que não tentar era admitir a derrota.

Enquanto examinava os vestidos, uma de suas frases, repetida pelo pai, martelava-lhe a cabeça: “Vivemos numa era de heróis”. E era por isso que não haveria de se contentar com um rapazote tolo ou com um velho decrépito. Desejava um homem que pudesse satisfazer-lhe a paixão do corpo e a ambição da mente. Ele deveria existir em algum lugar deste mundo.

— Ah, meu Deus, faça com que eu possa manter Hatton afastado até que apareça o homem que desejo ter como marido. Sei que nestes dias de glória ele não demorará muito a surgir — rezou aflita.

No jardim, Robert Cecil pensava na mesma frase. Os heróis tinham a sua utilidade. Drake havia derrotado a Armada Espanhola, transformando a Inglaterra em senhora dos mares. Raleigh tinha batido os irlandeses e estendido o império até as Américas. E com isso se transformara no exemplo para uma geração inteira de dândis, que o rodeavam na esperança de se contagiar com a fama dele.

Eram todos altos, arrojados, com jeito e gosto pela guerra. Entretanto,

chegara o momento para se desenvolver um novo tipo de herói, um que cultivasse a atividade intelectual em vez da atlética.

Robert riu, olhando para as pernas fracas que mal se delineavam sob os calções franzidos e presos abaixo dos joelhos. “Como você mesmo, Robert Cecil”, pensou. “Um estadista ousado em vez de um guerreiro audacioso.”

Há uma semana, durante a sessão do Parlamento, ele havia dito mais ou menos isso: “Senhores, acabamos de viver uma década de heróis que, realmente, aumentaram nossas terras. Porém o momento, agora, é de mudança. Que os nossos guerreiros descansem enquanto nós cuidamos da paz e da prosperidade”.

Ao lembrar-se das expressões de choque com que o seu discurso fora recebido, Robert tornou a rir e, desta vez, alto. Suas palavras tinham sido uma referência explícita sobre a contenda entre ele mesmo e Robert Devereux, o conde de Essex, o preferido da rainha.

Ele sabia que havia sido admirado por seus pares, mas não tinha certeza se eles lhe dariam ouvidos.

Essex fazia o possível para estimular a guerra, coisa que os cofres desfalcados da Inglaterra mal podiam sustentar. Ele se opunha abertamente à indicação de Robert Cecil para o cargo de secretário de Estado, e queria que o seu próprio homem, Davison, ocupasse esse lugar de influência.

O bom senso dizia a Cecil que por causa de sua experiência e habilidade a rainha acabaria por nomeá-lo para o posto. Todavia, em questões de política, sempre era bom uma certa precaução. E neste caso era importante ter, na Corte, amigos poderosos como *sir* William Hatton.

Restava, apenas, convencer Elizabeth a esquecer seu herói jovem e mostrar-lhe o lado vantajoso do casamento. Isso não seria uma tarefa difícil, graças aos acontecimentos que haviam transpirado naquela manhã.

CAPÍTULO II

O vento uivava ameaçador nos campos da Irlanda, soprando, com força, pesadas gotas da chuva de outono no rosto dos cavaleiros que cavalgavam através do charco. Mesmo assim, todos eles, na longa fila, mantinham a cabeça erguida e os olhos bem abertos, como se desafiassem a tempestade a ofuscar-lhes o propósito que os guiava.

À frente, nesgas de neblina retorciam-se pela paisagem, assemelhando-se a serpentes grossas, e, a quase cem metros de distância do líder, erguia-se uma figura alta, envolta num manto vermelho. Parecia uma fênix levantando-se do sudário acinzentado do nevoeiro.

O mais jovem dos dois cavaleiros que iam na frente perguntou, curioso:

— É ele, meu pai?

— É O'Neill, sim, e ele acena para que nos acheguemos — respondeu o mais velho e truculento dos dois.

— Ah, o calor do fogo, depois desta cavalgada, vai ser tão bom quanto uma mulher.

Black Hugh O'Donell virou a cabeça para o filho, e os lábios se retorceram numa imitação de sorriso.

— Só Deus sabe se eu poderia, ou não, pensar numa mulher agora.

Rory O'Donell viu o sorriso desaparecer do rosto do pai, que reassumiu, de novo, a expressão de granito marcada por cicatrizes e rugas provocadas pelas guerras.

Um frio penetrante atravessou-lhe a capa de couro e aninhou-se em seus ossos. Sabia o significado por detrás das palavras do pai. Black Hugh O'Donell, chefe do vasto clã O'Donell, só alimentava uma paixão: a liberdade.

Essa era a razão pela qual haviam cavalgado através da região de Ulster, durante dias, sob a chuva fustigante. Vinham se encontrar com O'Neill, que espalhara a notícia de que também desejava lutar pela mesma causa e estava pronto para lançar a rebelião.

Tanto pai como filho tinham a sensação de que as lutas da Irlanda contra si própria eram eternas. A verdade era que, desde a invasão normanda, gerações passadas, os clãs irlandeses atacavam-se com uma regularidade feroz. Mas agora era chegado o momento em que as lutas internas deveriam terminar, pois todos tinham um inimigo comum: a Inglaterra e a sua rainha

anglicana.

— O senhor não teme uma armadilha, pai?

Um tremor percorreu a estatura grande, que lembrava a de um urso e que parecia maior ainda com o gibão de couro e a capa grossa de frisas, do homem mais velho.

— Temo, sim, meu rapaz. Essa idéia vem me atormentando desde que recebemos o chamado de O'Neill. Como O'Hara, ele tem uma mulher inglesa e foi criado na casa de um lorde inglês para ser o cavalheiro educado que é.

Rory assentiu com um aceno de cabeça enquanto acrescentava outras razões para a desconfiança de que O'Neill os estivesse atraindo, bem como aos chefes de outros clãs menores, para uma armadilha fatal. No passado, os dois maiores clãs do norte haviam derramado mais do próprio sangue guerreando entre si do que em lutas contra a Inglaterra.

Adiantou-se um pouco à frente do pai e, com os olhos presos na silhueta imponente que se destacava na neblina, indagou:

— Haverá algum fundo de verdade nos boatos de que a rainha vai mesmo devolver as terras e o título dele?

O pai meneou a cabeça, sacudindo a barba negra e tão volumosa quanto a cabeleira da mesma cor, mas que já mostrava fios prateados. Depois de um momento, disse:

— Talvez fiquemos sabendo antes que este dia se acabe. Minha intuição diz mais sobre Hugh O'Neill do que os nossos espiões. Tenho a impressão de que ele é astucioso a ponto de conquistar as graças da rainha Elizabeth com um sorriso, a fala desembaraçada e as boas maneiras inglesas, enquanto a amaldiçoa com o coração de irlandês.

O filho, porém, não estava bem convencido disso.

— Mesmo assim eu preferia que este nosso encontro se desse no castelo de Dungannon em vez de numa choupana na floresta. Minhas costas se sentiriam mais seguras se estivessem protegidas pelas espadas de nossos soldados.

— Como as nossas terras, meu rapaz, as de O'Neill estão infestadas de espiões. A choupana de um camponês, na floresta, desperta bem menos atenção do que o castelo de um lorde irlandês. Os ingleses gostariam muitíssimo de ouvir o que vai ser dito hoje. A simples idéia de O'Neill e O'Donnell comendo e bebendo na mesma choupana poderia gelar-lhes o sangue. Ficariam mais vigilantes ainda.

Até agora, o fato predominante na vida do filho caçula de O'Donnell era a guerra. Contra a Inglaterra, ou entre os clãs, ela estava sempre presente. E por

isso sentia dificuldade em compreender que um homem como O'Neill pudesse surgir dos escombros em que a aristocracia irlandesa ficara reduzida e unir os clãs contra a Inglaterra.

Era bem verdade que todos haviam sofrido igualmente sob o domínio da rainha Elizabeth e também do seu pai Henrique VIII. Se as terras irlandesas tinham sido divididas entre imigrantes ingleses durante o reinado de Elizabeth, a idéia fora concebida pelo pai.

Muito antes, ainda, os irlandeses haviam sido forçados a abandonar a sua maneira tradicional de vestir, não falar mais em gaélico, a sua língua, e os príncipes dos clãs tiveram de se anglicizar, a fim de servirem como modelos aos seus vassalos e servos.

A rebelião provocada por esses decretos foi prontamente abafada com força brutal. Rory, como todo jovem irlandês de sua geração, tinha sido bem instruído sobre a traição inglesa, através das histórias do perdão de Maynooth, em 1535, e da chacina de Munster, em 1580.

Em ambos os casos, os rebeldes haviam abandonado as armas e se rendido incondicionalmente, apenas para serem exterminados até o último homem. Durante a carnificina de Munster, o general traidor, Ormand, tinha comandado uma coluna imensa que matava a todos que encontrava pela província, sem levar em consideração idade ou sexo. Arrasaram a terra queimando campos e casas até que, durante anos, não se ouvia mais o mugir de um bezerro, ou o choro de uma criança.

Porém agora, no ano de 1591. tanto sob o ponto de vista inglês como do irlandês, tudo parecia sob controle. Os ingleses sentiam-se seguros no sul, na região perto de Dublin, denominada Pale, e preferiam não tomar conhecimento do que restava dos clãs do norte. Estes, por sua vez, mantinham-se protegidos atrás de suas defesas naturais: os lagos, as montanhas e as florestas densas que iam de costa a costa.

Acima da divisa, de Ulster, irlandeses e escoceses visitavam-se à vontade e mantinham um comércio ativo de balas, pólvora e artilharia pesada, material bélico avançado e usado, até então, pelos ingleses a fim de conservarem os clãs divididos e submissos. O'Neill vinha substituindo agora as lanças por mosquetes. Há meses já, poetas, cancioneiros e cronistas viajavam pelas terras afastadas, transmitindo, secretamente, histórias que mostravam a sagacidade de O'Neill ao organizar, sob o nariz dos ingleses, um exército com armas modernas.

A princípio, essas narrativas divertiam os membros do clã O'Donell. Todos eram de opinião de que não passavam do fruto do desejo ardente do

povo de se ver libertado do jugo inglês. Porém, a frequência com que eram repetidas fez com que Black Hugh O'Donnell começasse a dar-lhes mais atenção. Finalmente, resolveu enviar seus espiões pelas florestas afastadas, pelas choupanas espalhadas e ao castelo, para que averiguassem o que havia de verdade nas histórias.

Pouco a pouco, foi chegando a informação de que O'Neill estava, de fato, conseguindo o impossível. Sob a desculpa de que precisava consertar os telhados do castelo, ele havia importado uma grande quantidade de chumbo. A cobertura de Dungannon não sofreu reforma alguma, e o metal foi transformado em balas para mosquetes.

De acordo com um decreto real, os príncipes irlandeses tinham permissão de manter um exército, de número limitado, para sua defesa. O'Neil obedecia essa lei à sua maneira. Assim que um grupo de soldados encontrava-se bem treinado, ele o dispensava para, logo em seguida, iniciar a preparação de outros homens. Desse modo, seu exército crescia.

Ele também não perdia a mínima oportunidade de descobrir um irlandês disposto e capaz de lutar contra a Inglaterra. Durante suas caçadas, ao se deparar com um camponês, entregava-lhe o mosquete e apontava para um alvo. Se o homem mostrasse uma certa habilidade ao atirar, via-se dono de uma arma, de balas e pólvora suficientes para melhorar a pontaria.

Mesmo ficando a par de tudo isso, O'Donnell ainda encontrava uma certa dificuldade em aceitar a mudança de atitude operada em O'Neill. Quando rapazinho, o barão de Dungannon tinha sido levado para a Inglaterra a fim de completar a educação na casa de uma família inglesa. Morou com duas delas, a de lorde Sydney e a do conde de Leicester. Esse costume havia sido iniciado por ordem da rainha Elizabeth. Ela achava ser mais fácil converter os futuros chefes de clãs ao anglicanismo e à lealdade à Coroa quando eram juvenzinhos ainda do que guerrear contra eles mais tarde. Ao atingirem certa idade, eles voltariam à Irlanda e a suas terras e, em alguns casos, recebiam seus títulos de novo. Seriam, daí por diante, emissários da Corte para ensinar ao povo o valor da submissão à rainha inglesa.

O'Neill tinha sido um deles e, ao retornar da Inglaterra; proclamara sua fidelidade à Coroa, que passou a defender. Seu comportamento foi recompensado em poucos anos. Elizabeth mandou chamá-lo a Londres, onde o fez conde de Tyrone e o declarou herdeiro de todas as terras e fortuna do clã O'Neill em Ulster.

Todavia, a rainha impôs uma condição: ele jamais poderia assumir o título de chefe do clã, "The" O'Neill, como exigia a tradição irlandesa. Ele

concordou e, durante anos, governou suas terras como o conde de Tyrone. Entretanto, nessa posição, ele organizou e armou um exército que um dia lhe devolveria o manto de “The” O’Neill.

O momento havia chegado, não só para ele como para O’Donell também, e com isso o grito de guerra. Ambos desejavam unir-se para esmagar os ingleses.

Rory voltou ao presente com o relinchar dos cavalos. Olhou para a colina, bem mais próxima agora, e viu que a silhueta havia desaparecido. Sentiu o cheiro do fogo na choupana, misturado com o aroma de comida.

— Pare! — ordenou o pai. — Você estava sonhando.

— Estava, mesmo.

— Com o quê, mulher ou guerra?

— Nenhum dos dois, pai. Com um amanhã melhor.

— Ergo minha caneca a isso — afirmou o mais velho, rindo. — Agora, apeie-se, meu rapaz, seguimos a pé estes poucos metros.

CAPÍTULO III

Elizabeth podia ouvir os passos do tio no jardim enquanto a esperava, impaciente. Aflita, procurava a roupa que a deixaria mais bonita e atraente para que ele esquecesse o propósito da visita.

Finalmente, escolheu uma Musa verde, da mesma tonalidade de seus olhos, e cuja gola, engomada, de tufos, realçava o castanho-avermelhado dos cabelos. Já havia colocado as anquinhas que estreitavam mais ainda a cintura fina, e sobre elas vestiu uma saia de cetim bordada na frente e em volta da bainha toda com fios de pérolas. Não quis enfeitar os cabelos com o grampo enorme, em forma de estilete, como a moda atual mandava. Achava ridículo que mulheres andassem com pequenos punhais na cabeça. Completou a toalete com luvas e uma echarpe de veludo verde.

Depois de aplicar um toque de carmim nas faces, examinou-se com cuidado no espelho. Gostou da imagem que via, embora não apreciasse muito o estilo moderno, que escondia quase todas as curvas femininas, exceto os seios. Os seus eram um pouco proeminentes demais, o que provocava olhares e comentários que a irritavam. Em voz alta, comentou com o seu próprio reflexo no espelho:

— Como o meu tio concorda em entregar isto a um velho que vai usá-la tão pouco?

Desconsolada, deixou o quarto e foi ao jardim.

Robert Cecil observou a sobrinha que se aproximava devagar. A saia era tão volumosa que ocupava por completo o passeio estreito. Ela mais parecia deslizar entre as rosas, arquilégias e lilases. Sem reserva alguma, ele expressava a admiração no olhar. A menininha que distraía quando criança transformara-se numa mulher lindíssima, com ombros largos, cintura fina e seios eretos deixados bem à mostra pelo decote exagerado que os últimos ditames da moda exigiam. O rosto expressivo era marcado pela vivacidade dos olhos verdes, pelas maçãs altas da face e pela linha firme do queixo, reveladora de sua natureza independente.

Elizabeth parou e fez uma curvatura graciosa. Com a cabeça baixa para que o tio pudesse ver a pele alva entre a gola e os caracóis do cabelo, falou:

— *Sir* Robert, parabéns. Conforme entendi, o seu título honorífico logo

vai lhe garantir o que o senhor tanto deseja, isto é. um lugar no conselho privativo da rainha.

Robert sorriu e levantou-lhe o rosto para beijá-lo nas duas faces.

— O meu novo título não é nada em comparação com a sua beleza, cara Elizabeth. Cada vez que a vejo. tenho a impressão de que ela aumentou mais ainda.

— Quanto galanteio, tio! Na minha opinião, o senhor daria um cortesão tão bom quanto é estadista.

Rindo agora, ele a tomou pelo braço e a fez sentar-se num banco de pedra ao lado.

— Nada disso, minha querida. Coisas assim eu só digo a você. Eu não dou para cortesão; aliás, nem teria tempo para trocar de roupa três vezes por dia, como os nossos jovens galantes fazem. Isso deve ficar a cargo de Essex e dos janotas que vivem à volta dele.

Elizabeth observou com atenção » rosto do tio. Não viu traço algum de emoção que lhe marcasse as feições, onde se destacavam a testa larga, sinal de inteligência, e o nariz adunco. Como deveria enfrentá-lo? Seria aconselhável ir direto ao âmago da questão? Não; tentaria antes distraí-lo com outros assuntos.

— E como vai a sua pendência com o nosso herói nacional, tio Robert.

— Na mesma. Essex prefere aumentar a fortuna dele com a guerra, enquanto nós, da família Cecil, damos mais valor à paz. Ele pressiona a rainha sobre cada indicação que eu faço e agora se opõe a que eu ocupe o cargo de secretario de Estado. Embora a rainha saiba que eu já me desincumbo das funções desse alto posto, não em caráter oficial, naturalmente, tenho medo de que ela acabe dando ouvidos a Essex.

— Essa é uma boa razão para o senhor não se afastar da Corte. Não devia andar pelo campo à procura de esposas para velhos senis — Elizabeth aconselhou ao mesmo tempo em que escondia o sorriso atrás do leque.

— Estou a caminho da casa de meu pai, em Theobalds. A rainha está recebendo lá, enquanto espera que lorde Burghley retorne das fontes de águas medicinais.

— Meu avô está doente outra vez? Quanto tempo vai ficar lá se tratando?

— Duas semanas, apenas. Os negócios de Estado não permitem que ele se ausente por muitos dias. Sem dúvida alguma, meu pai quer acompanhar a rainha em suas viagens pelas províncias durante o verão.

— Seria um prazer estar ao lado da rainha como uma de suas damas.

Mas, naturalmente, apenas as jovens solteiras recebem essa honra.

— É verdade.

— E, enquanto isso, as casadas acabam-se no campo.

— Elizabeth...

Com um gesto brusco, ela apanhou uma flor.

— Os goivos não estão lindos este ano? E as ameixeiras floresceram profusamente.

— Você é a menina mais irritante...

— Mulher, meu tio. Ou será que não notou isso? O riso dele foi alto e prolongado.

— Sua beleza seria capaz de ressuscitar um morto e você sabe disso.

E então, como só Robert sabia fazer, colocou de novo a máscara de indiferença no rosto e o olhar tornou-se duro.

— As ameixeiras continuarão a florescer, quer você continue solteira, quer se case.

Elizabeth fitou-o também com dureza e rebateu com a mesma tonalidade fria de voz:

— Mas eu apreciaria mais o perfume das flores se pudesse, como a minha rainha, decidir o meu destino.

— Riqueza não acarreta apenas influência, Elizabeth, mas também obrigações e dever. Como esposa de...

Ela o interrompeu com um riso sonoro, embora um pouco forçado. Bateu com o leque no assento do banco e disse:

— Sente-se aqui ao meu lado e fale sobre algo mais interessante. Prefiro bem mais ouvi-lo descrever as últimas novidades da moda e da Corte do que seus negócios de Estado.

Robert suspirou, mas riu outra vez. Desde pequena a sobrinha gostava que ele lhe narrasse os últimos escândalos ocorridos em Whitehall. Por isso não conseguiu deixar de ser condescendente e satisfazer-lhe a vontade.

— Bem, vamos ver... Robert Compton recebeu ordens para não freqüentar mais a Corte porque beijou a Sra. Carlyle na presença da rainha.

— Não diga!

— Foi mesmo. Dizem que eles vão se casar para fugir da fúria da rainha. Raleigh permanece furioso na Torre. Bess Throckmorton ficou grávida e parece que se sabe quem é o pai. Sugeriram a ela que se casasse antes de dar à luz. Ah, e *lady* Mary Howard foi banida.

— Grávida também?

— Não. Dizem que ela não apenas possui, mas também teve a audácia de

usar uma roupa de veludo, bordada com pérolas, muito mais fina do que qualquer uma da vasta coleção de nossa rainha.

Elizabeth não pôde suprimir o riso, esquecida do próprio problema, e continuou ouvindo as histórias. Robert, por sua vez, divertia-se em relatá-las, embora se surpreendesse com a atenção genuína que a sobrinha demonstrava por assuntos tão sem importância. Ele sempre se admirava com as múltiplas facetas de sua personalidade. Às vezes ela se mostrava calculista e sagaz na defesa de seus interesses, mas também podia se deixar levar por questões de grande superficialidade. Agora, pensativa, ela comentava:

— A nossa querida Bess dá mesmo muito valor ao seu guarda-roupa, e não permite que outras mulheres se enfeitem mais do que ela. É verdade que, por causa das rugas e outros sinais de velhice, mandou remover todos os espelhos de seus aposentos?

Que grande vaidosa!

— Parece que é verdade, sim — Robert concordou. — Porém, apesar de velha, ainda aprecia a expressão petulante de um cor-têsão. Mas vamos deixar a rainha em paz e tratar do assunto que me trouxe aqui.

Tomou-lhe o leque da mão e com ele lhe ergueu o queixo, para que pudessem se fitar. Um arrepio percorreu a espinha de Elizabeth e espalhou-se por seu corpo.

Embora sempre se sentisse à vontade na companhia do jovem tio, havia algo que transparecia no olhar dele que a confundia e intrigava ao mesmo tempo.

Os olhos de Robert Cecil constituíam o seu traço mais marcante e, quando ele desejava, focalizava-os em alguém que, sem querer, ou perceber, dava-lhe inteira atenção. Agora, eles prendiam, inexoravelmente, os de Elizabeth.

— Nós vivemos, minha querida, numa época em que o abono real é uma necessidade de sobrevivência. A conquista dele tem de ser a paixão primordial de uma pessoa. Garantir a simpatia da rainha é quase uma carreira. Para combater a inveja e as intrigas, grandes e pequenas, é necessário contar-se com bons amigos e seguidores influentes, além de muito ouro.

Elizabeth baixou os cílios sedosos sobre os olhos verdes por apenas uma fração de segundo antes de protestar.

— Não farei isso! Não vou sacrificar minha Juventude por um velho, mesmo que signifique a promessa de fortuna no futuro. Prefiro, mil vezes, como *milady* Farthingale, viver na Corte francesa como uma meretriz

mimada. Ou, então, quem sabe, conquistar o amor de um rebelde irlandês, lá nos confins de Ulster, como Deirdre Haskins.

Para grande surpresa sua. Robert reagiu com um riso bem-humorado. Depois comentou:

— Você fala como uma agitadora do povo. Se não fosse pela beleza do seu rosto e perfeição do corpo, eu começaria a pensar que não é filha do meu meio-irmão. Afinal, ele é um homem bonito e bem-apegoado.

— Falei com sinceridade, meu tio. O senhor sabe disso.

— Elizabeth, preste atenção — Robert disse num tom de voz severo e revelador da paixão e -interesse sentidos. — Não importa o poder que a família Cecil possui agora. Ele desaparecerá, por completo, se eu não substituir meu pai antes da morte dele. Vivemos tempos de intriga, quando homens ambicionam e lutam por poder e fortuna. Sem essas duas vantagens, não somos ninguém. O seu casamento com *sir* William vai lhe proporcionar as duas coisas, que, aliás, deseja, e me dará uma voz mais forte na Corte.

Os olhos de Elizabeth encheram-se de lágrimas. Vasculhou a mente à procura de palavras, ou idéias, que o convencessem a não forçá-la a tal casamento.

— Talvez eu deseje mais do que um homem idoso, que não tem mais do que um título de nobreza para oferecer. *Sir* William só receberá a fortuna depois da morte do tio. Será que tenho de me sujeitar a essa espera? Prefiro coisa melhor.

— Suas aspirações são muito altas, Elizabeth.

— Sou um Cecil.

— Verdade, como eu também, mas nem por isso deixo de ser realista. A nossa família pode se orgulhar apenas de duas gerações. Antes disso, não éramos nobres. E você ainda menos do que eu.

Elizabeth teve de morder o lábio para não dar uma resposta grosseira. Entretanto, sabia que o tio estava com a razão. Ele era o predileto do velho Burghley e Thomas, seu pai, conservava-se dependente da família. Qualquer favor vinha sempre através de Robert. Por isso tornava-se muito arriscado contrariá-lo, atitude que eliminaria qualquer vantagem que o nome Cecil pudesse lhe trazer. O tio a amava, porém o amor dele pela Inglaterra e pelo poder era maior.

Todavia, sentia-se muito triste. Seu corpo jovem vibrava de paixão intensa que um homem velho e cansado jamais poderia satisfazer. Por que as mulheres só conseguiam seus intentos através do casamento? E sendo assim, por que a união não podia satisfazer o desejo e a ambição ao mesmo tempo?

Para Elizabeth, uma boa situação financeira e poder eram tão importantes quanto amor. Por essa razão, o casamento assemelhava-se a um estratagema de guerra, onde se era permitido errar apenas uma vez. O coração lhe pedia amor, porém o raciocínio avisava-lhe que a vida era um comércio em que a mulher só dispunha de beleza e graça para negociar.

— E se eu me recusar? — indagou ela finalmente.

— *Sir William* está disposto a encontrar uma esposa, pois não tem um herdeiro.

— Com a idade dele é capaz que não consiga um.

— Tanto melhor para a esposa.

— Como assim? — Elizabeth quis saber. Robert tocou-a de leve na face e a fez fitá-lo.

— Você é jovem e bela, minha querida. Até um cego poderia perceber a paixão que a domina. Lorde William está velho e fraco. Casamento e idade avançada têm levado muitos homens ao seu sono final.

— O senhor é um homem mau, meu tio — Elizabeth comentou, já com uma sombra de sorriso.

— Não, sou apenas prático. Se *sir William* morrer antes de ser pai, a viúva herdará a casa e as vastas terras era Holdenby, os rendimentos da propriedade no sul da Irlanda e a Hatton House em Londres.

— Tudo isso parece muito certo e bom, caso o tio dele venha a falecer antes. Resta saber quem tem o primeiro encontro marcado com a morte.

Robert inclinou-se até quase encostar o rosto no da sobrinha. A expressão severa tinha desaparecido dos olhos dele para dar lugar a outra de malícia.

— *Sir Christopher Hatton* morreu hoje de manhã cedinho, deixando todos os seus bens terrenos para o sobrinho.

Elizabeth derrubou o leque e gaguejou:

— Como... por que não me disse isso antes? Seus olhos verdes brilhavam como duas esmeraldas ao estudar o rosto sorridente do tio. Sem que ele falasse, descobriu a resposta. Essa era uma maneira estranha e quase maldosa dele se divertir. Embora insistisse nesse casamento, queria saber quais eram os seus sentimentos e objeções em relação a *sir William*. Não que isso o fizesse mudar de idéia, mas era uma simples questão de curiosidade descobrir se daria ouvidos ao coração ou à mente. E ela lhe dera a resposta com a maior facilidade,

— Veja só, Elizabeth, você já será senhora de Holdenby no dia do seu casamento. Isso deve aplacar seus temores e transformar essa união em algo

mais apazível, não concorda, *lady* Hatton?

Elizabeth levantou-se e escondeu o sorriso sob o leque.

— Nós armamos intrigas e estratagemas na guerra e na paz. Se eu fosse um homem, meu tio, seguiria suas pegadas sinuosas e alcançaria o poder. Entretanto, sou apenas uma mulher que aceita com humildade a escolha ajuizada de meu avô para marido.

— Minha querida sobrinha, conheço-a bastante para afirmar que, jamais, aceitará algo com humildade.

CAPÍTULO IV

Havia sido planejado servir-se a refeição ao ar livre, sob as copas frondosas das árvores. Entretanto, como a chuva não parasse, Deirdre, que agora comandava as atividades domésticas da família de O'Neill, primo de seu marido, ordenou que tudo continuasse no interior da pequena cabana.

Dentro, o ambiente estava abafado, pois a construção de taipa, coberta de sapé, não tinha janelas. A fumaça, que pairava no ar, enchia-lhe os olhos de lágrimas e o cheiro de comida e dos corpos seminus aumentava-lhe a náusea típica da gravidez. Sentiu que tudo rodava à sua volta e estendeu o braço à procura de um apoio. Percebeu que a mão tocava o manto úmido de lã de O'Neill.

— Ah, prima, que grande transformação em sua vida! A filha de um lorde inglês e esposa de um príncipe irlandês trabalhando como criada.

Deirdre levantou devagar os olhos, que percorreram o peito largo e se fixaram no rosto sorridente, embora solene, de O'Neill. O calor fazia com que a umidade do manto se transformasse em evaporações densas. Elas envolviam as feições enérgicas e -provocavam a mesma visão misteriosa que os viajantes tinham testemunhado lá fora: um rosto vigoroso e indecifrável, um tanto obscurecido pela neblina.

Para Deirdre, o homem atrás do rosto ia ser sempre um enigma. Ninguém, nem mesmo seu marido, conseguia penetrar a máscara simpática que O'Neill mostrava ao mundo.

Nunca mais, desde aquele primeiro encontro, quando ele quase arrancara a portinhola do coche, Deirdre havia conseguido passar além da superfície das emoções e dos pensamentos dele.

O'Neill amparou-a com a mão enquanto admirava a beleza de sua pele clara e dos cabelos negros que se contrastavam. Fitou-a no fundo dos olhos escuros e brilhantes, onde viu a meiguice e sensatez que aprendera a admirar.

— Mesmo com o corpo volumoso, você continua a se parecer com uma moça irlandesa, e a mais delicada que já vi.

— Estou muito cansada para ouvir elogios — Deirdre conseguiu dizer com um meio sorriso.

— Você precisa descansar, pois carrega no seu ventre o herdeiro de O'Hara.

— Rezo para que haja esperanças de que eu possa vir a conceber muitos outros ainda — replicou ela, sentindo que a força de O'Neill a revigorava e afastava a náusea.

Ele lhe apertou de leve os ombros e com bem menos determinação do que as feições revelavam.

Há poucas semanas O'Neill havia voltado de Londres, onde angariara as simpatias do conselho de Elizabeth. Assegurou-lhes que ele, como Ormond no sul, era o protetor das leis reais no norte. E assim conseguira convencer a todos de que as acusações de traição e de aliança com os espanhóis que pesavam sobre ele eram inteiramente falsas.

A verdade é que não eram, e o castelo de Dublin desconfiava disso. Perrot tinha recusado a última oferta de resgate, oferecida por O'Neill, pela liberdade dos reféns que continuavam presos lá.

— Se meu pai pudesse me ver agora — Deirdre comentou com riso franco.

— Se ò nosso bom lorde deputado, *sir* John Perrot, a visse, isso sim, causaria um grande impacto. Imagine a filha de um de seus pares preparando um banquete, numa choupana na floresta, para rebeldes irlandeses!

O sorriso de Deirdre desapareceu.

— Não sou mais a filha de um par do reino inglês, e sim a mulher de um irlandês que dorme numa cama fria.

Uma expressão sombria perspassou o rosto de O'Neill. Hoje, a traição de Perrot começaria a provocar a sua queda.

— Juro que vou trazer O'Hara de volta para você, bem como Art e Henry O'Neill para o meu clã, e o filho mais velho e herdeiro de O'Donell.

Deirdre não tinha muita certeza de que isso fosse possível. Conhecia a duplicidade de seus patrícios, e agora estava bem a par da selvageria dos clãs irlandeses. Duvidava que a reunião desse dia conseguisse pôr termo às lutas internas.

As ações sangrentas da própria sucessão do chefe do clã O'Neill, no passado, a haviam chocado e quase convencido de que jamais a paz reinaria na Irlanda.

Conn, o velho O'Neill, havia tido dois filhos, Sean e Matthew. O primeiro era um homem ambicioso, encantador, imprudente, dono de um grande orgulho e de uma forte tendência à maldade. Ele não concebia a idéia de compartilhar o poder de chefe do clã com ninguém.

Embora Matthew, seu irmão ilegítimo, não indicasse intenção alguma de

se apossar do manto de O'Neill, Sean não quis se arriscar e assassinou o irmão, bem como Brian, o filho mais velho dele. Depois partiu para a Inglaterra a fim de convencer a rainha Elizabeth, através do seu encanto, a devolver-lhe as terras do clã. Hugh e Cormac, os dois filhos mais novos de Matthew, não apresentavam ameaça alguma. Mas, para impedi-los de exigirem qualquer coisa no futuro, Sean concordou com a rainha de enviá-los a Londres para serem educados por famílias inglesas.

Sean, o Orgulhoso, como passou a ser chamado, jurou à rainha que lutaria contra todos os inimigos da realeza que encontrasse em suas terras. Prometeu, ainda, livrar as planícies de Antrim, na Irlanda, dos temidos escoceses.

Já que todos os clãs eram inimigos da rainha, isso queria dizer que Sean declararia guerra contra a população inteira. Foi exatamente o que fez, e com bastante sucesso. Tudo corria muito bem para ele até que, um dia, os ingleses descobriram que os impostos pagos pelos clãs derrotados jamais chegavam à Inglaterra, pois eram desviados para os próprios cofres de O'Neill.

Elizabeth enviou seus soldados à Irlanda e Sean, sem defesa, procurou refúgio no clã MacDonnell, seu rival, e a quem havia maltratado mais que aos outros. Foi morto imediatamente e as lutas entre os clãs iniciaram-se de novo.

E agora, o clã O'Hara, que Deirdre adotara como seu, havia se juntado ao de O'Neill. Mas quanto tempo essa união duraria? E os clãs de O'Donnell, de Maguire e de Brian estariam hoje dispostos também a uma aliança?

Estas indagações afligiam a mente de Deirdre Haskins O'Hara enquanto fitava o olhar sombrio de O'Neill e tentava ler-lhe os pensamentos. Seria este homem rebelde e feroz capaz de unir os inimigos para que acabassem com a fenda que os separava e assim pudessem lutar contra o perigo comum?

E se conseguisse, a rebelião teria êxito? E então, com a Irlanda livre, finalmente, poderia seu filho viver em paz e procriar seus descendentes?

Deirdre não sabia às respostas a essas perguntas, e achava mais fácil não pensar nelas. Ao contrário das outras mulheres de sua idade — suas compatriotas inglesas e as esposas de guerreiros irlandeses — ela preferia amor e paz em vez de ambição e guerra.

Contudo, para O'Neill e Shane, seu marido preso na torre de Bermingham, no castelo de Dublin, a liberdade da Irlanda, mesmo que custasse um imenso derramamento de sangue, era a coisa mais importante de suas vidas.

E se esse sonho não se realizasse antes do seu filho se tornar adulto, então ele também seria um guerreiro e talvez viesse a morrer ainda na flor da

idade.

Foi isso que Deirdre viu no olhar frio de O'Neill e que a fez estremecer dos pés à cabeça.

— Você não pode estar com frio...

— Não, não estou. É o bebê. Está muito irrequieto hoje — ela explicou enquanto acariciava o ventre.

— Ele deve estar ansioso para ver a luz do dia e sentir o aroma da liberdade.

— E o gosto de sangue e de guerra...

A ternura que a menção do bebê fizera surgir nos olhos de O'Neill desapareceu por completo.

— Ser livre é o dever de todo homem. Você gostaria que a Inglaterra nos dominasse para sempre?

— Eu não desejaria que homem algum fosse senhor de outro — respondeu, e, como não queria entrar numa discussão, disse meio brusca: — Parece que estão chegando. Vá cumprir o seu dever, O'Neill, enquanto eu cumpro o meu. Alimente o fogo da rebelião que eu darei de comer aos rebeldes.

Deirdre não, acrescentou, como era seu costume, “para que encontremos nossa morte mais depressa”.

O'Neill observou seus quadris, volumosos agora com a gravidez, enquanto ela se afastava em direção às outras mulheres. Mordeu o lábio inferior, com força e sentiu um aperto no coração. Era um homem honrado e de visão, mas amava e cobiçava a mulher

do primo.

Quantas noites, desde que Deirdre se mudara para Dungannon, depois da captura de Shane pelos ingleses, ele não se levantava para ficar olhando sua janela à espera de um sinal. Achava que ela correspondia ao seu sentimento. Muitas vezes pensara ver, quando a fitava, um desejo igual ao dele no seu olhar. Ao imaginar cobrir-lhe o corpo lindíssimo com o seu, sentia a garganta seca e a pele em fogo.

Porém isso jamais poderia acontecer. Seu amor era pela Irlanda e a sua ânsia pela liberdade. Para um homem de determinação ferrenha como O'Neill, a abstinência era, parcialmente, a medida do sucesso.

Não importava quanta tortura isso pudesse lhe causar ao coração, pois ele se submetia às exigências do seu sonho.

CAPÍTULO V

Ao sair pela porta estreita e baixa da choupana, O'Neill deparou-se com uma cortina densa de chuva. A água fria e o ar fresco no rosto clarearam-lhe a mente. Semicerrou as pálpebras para observar melhor os dois membros do clã O'Donell que atravessavam devagar a clareira.

Black Hugh O'Donell, apesar da idade, mantinha a estatura avantajada bem ereta e movimentava-se com desenvoltura. O rosto de pele escura e curtida pelas intempéries era quase completamente escondido pela cabeleira farta e pela barba desordenada, ambas negras. Porém, nenhuma das duas conseguia empanar o brilho dos seus olhos azuis.

Apesar do passo firme e decidido, notava-se que ele mancava um pouco e O'Neill sabia que aquilo era o resultado das lutas travadas pelo clã O'Donell contra o seu tio Seah, o Orgulhoso. Era um bom sinal o fato de O'Donell continuar andando e não parar, a certa distância, para exigir que todos se despissem a fim de verificar se não havia nenhuma arma escondida sob as roupas. A falta dessa costumeira precaução significava que os recém-chegados já haviam, quase, tomado uma posição.

O filho era mais alto que o pai, porém, dono de uma silhueta mais esbelta e não tão atarracada. Andava com elegância e as feições também não mostravam a rudeza das do progenitor. Os olhos, sob as sobrancelhas bastas, davam a impressão de que encaravam o mundo com bom humor e sarcasmo.

O'Neill terminou-'estas observações no momento exato em que os dois homens pararam à sua frente. Enquanto o pai era a imagem perfeita do guerreiro forte e corajoso, o filho demonstrava um aspecto atraente que, O'Neill esperava, fosse indicador de inteligência e sensatez.

— O'Neill.

— O'Donell.

Os dois homens, frente a frente, ecoaram juntos ao mesmo tempo que levantavam os braços direitos para fazer com que as mãos caíssem com um ruído surdo sobre os ombros de cada um. Nenhum dos dois recuou, ou estremeceu.

— Meu segundo filho, Rory, herdeiro do título "The" O'Donell, caso os ingleses consigam seu intento de deixar que os ossos do meu primogênito,

Red Hugh, sejam roídos pelos ratos na torre de Bermingham, no castelo de Dublin.

O'Neill meneou a cabeça com sobriedade e desviou o olhar para o rapaz. Gostou da maneira com que os olhos do jovem O'Donnell brilharam, num misto de divertimento e desconfiança, ao fitarem os seus. Como deveria ser, neles não havia nem um leve traço de bajulação pelo grande O'Neill.

— Ouvi contar de sua luta em Armagh. Dizem que você lutou como um tigre, honrando a fama de seu pai.

— Obrigado, mas nós perdemos.

— Hoje vamos encontrar um jeito de corrigir isso e de descobrir a maneira de violentar Elizabeth, a ordinária. Mas vamos entrar para beber e comer. Como a dedicada esposa de O'Hara diz: "Estômagos cheios fazem rebeldes melhores".

Entraram, um a um, pela porta estreita da choupana, e benzeram-se em seguida. Foram logo servidos, pelas mulheres, de enormes canecões de bebida para matar a sede da longa cavalgada. Para se sentirem mais confortáveis no calor intenso que reinava ali, os homens livraram-se das roupas até que, como as mulheres, ficaram nus sob as túnicas entreabertas.

Enquanto tomavam canecões de uma bebida morna, tipo de cerveja feita com urzes fermentadas, conversaram sobre o gado e as colheitas, referindo-se, muito pouco, às guerras.

O jovem Rory apreciava satisfeito os seios fartos e a pele alva das mulheres, que, como as do seu clã e todas as irlandesas, eram lindas em seu estado natural.

Não demorou muito para que a refeição fosse servida. Sentaram-se sobre montes de palha e folhagem ao longo de uma mesa imensa, quase no nível do chão. O aroma que os pratos fartos exalavam e o ambiente rústico tinham um significado especial que não escapou aos visitantes. À sua própria maneira, O'Neill lhes dizia que um príncipe não precisava de pompa para demonstrar a sua envergadura.

Essa mensagem foi traduzida através de todos os detalhes. Atrás de O'Neill, um frade esperou com paciência para abençoar a comida, depois que o poema de recepção foi apresentado pelo declamador e o tocador de harpa.

Logo depois, O'Neill, com a própria espada, cortava um enorme pedaço de carne que estava à sua frente e servia os convidados. As mulheres aproximaram-se com grandes porções de verduras e legumes como agrião, cogumelos e raízes de trevo. Nada disso era apreciado pelos ingleses, mas fazia parte da alimentação na Irlanda.

A conversa sumiu como por encanto quando todos entregaram-se às iguarias com apetite respeitável. Aos poucos a carne foi desaparecendo, até que só restaram ossos. Estes foram jogados aos cães, que se encontravam pelos cantos da choupana. Canecões e canecões de leite, amornado com pedras quentes, foram também consumidos durante a refeição. Um a um, os pratos foram virados, indicação de que já haviam terminado.

— Vamos, cavalheiros — O'Neill convidou. — Vamos tirar nossas túnicas e nos abaixar em frente ao fogo como os selvagens que os ingleses dizem que somos, e falar sobre a nossa terra, a Irlanda.

Os dois mais velhos foram os primeiros a fazer isso e, em seguida, Rory seguiu-lhes o exemplo. Em pé, com o corpo jovem e másculo, porém já marcado por cicatrizes ganhas em batalhas, virou-se para Deirdre, que ainda se encontrava sentada à cabeceira da mesa.

— E as mulheres inglesas, como os homens, também nos consideram selvagens?

Fez-se um silêncio profundo, e cabeças viraram-se em direção a O'Neill para ver qual seria a reação dele ao insulto dirigido à mulher de O'Hara, que estava ausente. Era imperdoável tal afronta, porém, numa reunião de clãs, fazia parte das provocações habituais.

— Rory... — O'Donnell exclamou ao dar um passo em direção ao filho, mas O'Neill o impediu de continuar.

Bem calma, Deirdre percorreu os olhos pelo corpo do rapaz, que refletia o brilho das chamas da lareira, até fixarem-se nos dele. Um sorriso curvava-lhe os lábios.

— Não conheço nenhum selvagem. Tenho apenas encontrado rapazes bonitos, tão jovens ainda, que são imberbes e, no entanto, já mostram, no corpo, marcas de estupidez.

Instintivamente, Rory tocou a cicatriz longa e arroxeadada num dos lados do corpo.

— Foi uma lança inglesa, *milady*, e eu achei que o homem era bem selvagem. O mesmo ele deve ter pensado de mim um segundo antes de entrar no inferno, sem a cabeça que a minha espada degolara. Mas, diga-me, o que os nobres ingleses pensam a nosso respeito?

O sorriso de Deirdre expandiu-se enquanto se levantava.

— Pois bem, vou lhe contar o que tantas vezes ouvi. Os ingleses vêem vocês como., pagãos. de corpo ágil, mas cabeça dura, e consideram sua única qualidade o fato de saberem preparar um excelente uísque. Aliás, você aceitaria um copo para ajudar a sua digestão?

Ouviu-se um riso abafado vindo da direção do fogo, e um rubor intenso cobriu as faces do jovem guerreiro.

Podia-se notar pela expressão do rosto e pelos músculos tensos do corpo de Rory que a primeira reação dele era de raiva, e esperava-se que ele revidasse. Entretanto, ao fitar os olhos inteligentes de Deirdre e o seu sorriso sarcástico, ele relaxou e reassumiu o ar bem-humorado anterior.

— A sagacidade de *milady* é tão grande quanto a sua beleza. Um pouco de uísque?

— Isso mesmo, um hábito bem comum entre os lordes e *ladies*. Não é tanto para matar a sede, porém uma maneira agradável de ocupar as mãos enquanto se conversa.

Rory inclinou a cabeça para trás, entregue a um riso franco e prolongado. Atrás dele, as mulheres soltaram suspiros de alívio, pois a primeira ameaça de discórdia entre os dois clãs reunidos havia fracassado.

— Nós chamamos essa bebida de *uisce beathadh*, *milady*, e é por isso que estou rindo. Aceito sim, um pouco, só que quero beber num canecão de madeira como um verdadeiro irlandês que sou. Não aprecio as maneiras afetadas dos ingleses.

— Talvez venha a apreciá-las, meu rapaz, talvez... — O'Neill, que se aproximara, disse-lhe ao mesmo tempo em que batia no ombro dele. — Venha ficar entre os dois homens fortes de Erin para que nós possamos avaliar sua inteligência em relação à guerra como minha *lady* Deirdre acaba de fazer numa situação de paz.

O'Donnell relatou as últimas notícias trazidas por seus espiões sobre seus parentes e O'Hara, presos na torre de Bermingham. no castelo de Dublin.

— Eles não estão mais apanhando, mas mal conseguem sobreviver com a fome que passam, a falta de sol e a sujeira do lugar onde são obrigados a dormir.

O'Neill sacudiu a cabeça devagar e não se atreveu a olhar para Deirdre. Depois, perguntou:

— E o padre Offlay? Eu o mandei à Espanha para pedir ao rei Felipe que nos mandasse armas e soldados bem treinados. Agora, correm boatos de que, na volta, foi apanhado pelos ingleses. Será que isso é verdade?

O'Donnell relanceou o olhar em direção a Rory como indicação para que respondesse.

— Infelizmente é, sim. Ele foi enforcado e, antes mesmo de acabar de morrer, o esquartejaram também. O pobre padre descansa, agora, numa sepultura fora dos muros de Dublin.

— Não vamos receber nada da Espanha a não ser palavras e mais palavras — Black Hugh resmungou irritado.

— Talvez tenha razão. Apenas nos resta esperar que o padre não tenha falado *nada* antes de morrer. Ele sabia de tudo, e uma frase descuidada dele poderia pôr a perder anos de planejamento nosso. Como se não bastassem os espiões ingleses que enxameiam a Irlanda, temos ainda que nos preocupar com os nossos, que não agüentam um pouco de tortura quando são capturados — O'Neill reclamou.

— Cormac, o meu declamador, sabe a verdade completa — O'Donnell informou. — Ele foi preso por uma bobagem qualquer e presenciou tudo antes de ser solto. Você gostaria de ouvir dele próprio a história do padre Offlay?

— Ah, gostaria, sim.

A um sinal de O'Donnell, Cormac se aproximou. Era um homem de corpo disforme, andar arrastado e olhar triste, que mantinha sempre abaixado. Assim que lhe foi explicado o que desejavam dele, começou a narrativa em voz ritmada e típica da sua profissão.

— Não creio que milorde tenha razão para estar com medo, pois o silêncio foi a única coisa que o padre ofereceu aos ingleses. Sei que foi torturado porque podia ouvir seus gritos, porém o suplício continuava, sinal de que ele não tinha revelado nada. Cinco semanas depois da captura, num dia bem cedinho, vi que os guardas o levavam para o pátio do castelo. Todos os prisioneiros tinham uma visão ampla do que estava acontecendo lá, o que, naturalmente, era proposital.

O declamador suspirou fundo antes de continuar.

— Puseram o pobre coitado sentado no cepo com as pernas sobre barras de ferro. Depois calçaram nele umas botas de couro, bem altas, que chegavam acima dos joelhos e que encheram com óleo e sebo. Em seguida, acenderam uma fogueira sob as barras de ferro e, até agora, ainda posso ouvir os gritos do padre quando o óleo começou a ferver.

— E, mesmo assim, ele não disse nada? — O'Neill indagou, com o olhar fixo em Cormac.

— Nada. Finalmente o levaram de volta para a cela e naquela noite mesmo o enforcaram. Não posso jurar, mas tenho para mim que ele já estava morto quando o levaram ao patíbulo. Os desgraçados só queriam mais um espetáculo para se divertirem, por isso que o penduraram na forca e o esquartejaram depois.

Um profundo silêncio seguiu-se à narrativa terrível. Depois de alguns

momentos, O'Neill murmurou:

— Obrigado, pode ir.

Vozes abafadas acompanharam a saída dele e, de repente, ouviu-se um soluço.

— *Milady* — O'Neill indagou preocupado.

— Nada. Estou apenas rezando um terço pela alma do padre. Como os homens podem tratar seus semelhantes com tanta maldade e injustiça? — Deirdre protestou revoltada.

O'Neill levantou a cabeça e a fitou com os olhos azuis cheios de um brilho feroz.

— Homens, *milady*. Que frase infeliz! Que se saiba, é uma mulher que ocupa o trono. Isso prova que a bondade feminina anda bem escassa, ultimamente, sob as ordens da nossa boa rainha.

Mais uma vez, o silêncio tomou conta do ambiente. Os chefes dos dois clãs ali presentes esperavam, cada um, que o outro encaminhasse a conversa para o assunto que desejavam tratar. Finalmente, a voz do O'Neill se fez ouvir.

— Meus espões contam que os ingleses de Pale roubam o governo inglês com a mesma tenacidade com que se apossam dos bens dos camponeses da Irlanda.

— Parece que sim. Conversei com Fitzgerald de Kildare e com outros sobreviventes das guerras de Desmond. Eles afirmam que, se o governador fosse honesto, então poderiam acreditar numa proposta honesta de paz.

Sem levantar o olhar, O'Neill meneou a cabeça ao ouvir as palavras de O'Donell e comentou:

— Na minha opinião, esses ladrões ingleses não temem o Deus deles, seja lá católico ou protestante.

— Nossa causa é católica, no entanto, nem Felipe de Espanha nem o Papa nos dão ouvidos.

Rory, exasperado com o rumo da conversa, especialmente com o que o pai acabava de dizer, reclamou:

— Por todos os santos? Por que não falam às claras e vão direto ao assunto?

O olhar severo, sob sobrancelhas cerradas, dos dois mais velhos silenciou o rapaz e, mais uma vez, ouviu-se o riso abafado. Rory corou até a raiz dos cabelos. Logo depois, O'Neill sorria ao dizer:

— Eu acho, O'Donell, que nós dois pensamos da mesma maneira, isto é, estamos mais interessados na liberdade imediata do que na salvação futura.

— Isso mesmo, O'Neill. Se a Igreja não dá valor suficiente à nossa causa como católicos perseguidos, então penso ser melhor lutarmos pela Irlanda.

— Mas, como irlandeses, salvaremos também a Igreja.

— É isso mesmo que faremos — O'Donell concordou.

— Blasfêmia! — Deirdre disse brava, porém os homens não lhe deram atenção.

O'Neill virou-se um pouco para ficar de frente aos dois visitantes. Quando falou, foi com voz clara e pausada que refletia a paixão que lhe inundava a alma. Qualquer dúvida que os dois outros ainda tivessem a respeito de suas intenções desapareceu por completo.

— Com a morte de Offlay, foi-se a última esperança da Irlanda receber auxílio de Felipe de Espanha ou do Papa. Por causa disso, e da divisão dos clãs, a Inglaterra não tem nada a temer. Porém, se nos uníssemos, as paredes de Whitehall tremeriam com os gritos de angústia da Corte. Os cofres de Elizabeth já estão muito desfalcados por causa das guerras com a França e, embora os ingleses tenham vencido a Armada Espanhola, não se livraram totalmente do perigo. As terras de Ulster, no norte, devem se unir com as do sul, incluindo os portos e a região de Pale, dos ingleses. Tenho planos para tirar nossos filhos e O'Hara do castelo de Dublin. Uma vez livres, pretendo mandar O'Hara ao sul, a fim de incentivar os clãs a reiniciarem as lutas.

— Dizem que o temperamento de O'Hara é tão afiado e inclemente quanto a espada dele. Os clãs do sul são hostis e estão vivendo melhor, sob o domínio inglês, depois das guerras de Desmond, do que nós aqui no norte. Será que ele vai conseguir se controlar quando, no início, ouvir recusas? — O'Donell quis saber, ao mesmo tempo que lançava um olhar à silhueta de Deirdre, que se mantinha afastada.

Ela ergueu a cabeça e replicou:

— Meu marido tornou-se um homem mais calmo depois do casamento. Comigo aprendeu a ser paciente e com O'Neill a ter bom senso.

Não passou despercebido ao jovem O'Donell o olhar de agradecimento que O'Neill dirigiu a Deirdre, e o seu respeito por ela cresceu. Já havia ficado claro que ela não aprovava os planos que estavam sendo elaborados ali, porém essa senhora mantinha-se fiel à integridade do clã, cujo chefe era o marido e ao qual ela passara a fazer parte.

O anfitrião continuou:

— Os clãs de O'Neill e de O'Donell são os mais poderosos, todavia os de MacCarthy, O'Sullivan e O'Brian, de Munster, precisam se aliar a nós, bem como os de O'Conner e O'Rourke, em Connaught, e Maguire, de Fermanagh.

Para que os ingleses sejam derrotados de uma vez por todas, torna-se necessária uma aliança incondicional dos clãs do sul e do litoral e, até mesmo, dos escoceses de Antrim.

O'Neill respirou fundo e fixou o olhar, que via tudo e não revelava nada, nas faces dos homens a sua frente.

— Acredito que, se fizermos um pacto aqui hoje, toda a Irlanda seguirá o nosso exemplo — ele afirmou enquanto batia as mãos espalmadas no chão entre eles.

No mesmo instante as de O'Donell as cobriram.

— Está feito, digo eu. Onde e quando atacamos primeiro?

— Estamos perto da noite de São João. Creio que poderemos estar preparados na noite de São Martinho, daqui a quase um ano.

— De acordo — O'Donell exclamou, ao mesmo tempo que o corpo forte estremecia, excitado como se a batalha fosse ser travada daí a uma hora e não no fim de alguns meses.

— Muito bem, mas há ainda um ponto que precisamos acertar — O'Neill declarou com o olhar firme, desta vez, no rosto de Rory. — Vamos ter necessidade de toda e qualquer informação de Londres. E, quando tudo começar aqui, teremos de contar com alguém de confiança lá, que nos avise onde os ingleses pretendem atacar em represália. Rory entendeu, imediatamente, o olhar de O'Neill.

— Eu? Um espião? E ainda por cima em Londres? Não, O'Neill, eu lá estaria como um peixe fora d'água. Jamais me aventuraria para fora da Irlanda.

— Não concordo — contestou O'Neill.

— Nem eu.

As três cabeças viraram-se em direção a Deirdre, que se aproximava para o círculo iluminado pelo fogo.

— O meio-tio de Hugh, Sean, encantou a rainha, a Corte e toda a população de Londres, a tal ponto que levaram anos para perceber a duplicidade dele. Mais recentemente, o mesmo foi feito por O'Neill, que está aí a sua frente. Hoje ele se vangloria que a metade dos membros do conselho privativo da rainha é de amigos dele.

Deirdre sorriu para Rory como tinha feito antes.

— A rainha admira, aliás, é *louca* por jovens viris e bonitos. Você possui as duas qualidades, Rory O'Donell. Todos lá admitem aventuras impetuosas quando maneiras impulsivas e rudes se mesclam com bons modos. Isso lhes dá assunto para conversas e quebra um pouco a monotonia.

— Maneiras impulsivas e rudes eu tenho, porém não cultivo os bons modos ingleses.

— Você os terá, em seis meses, sob minha tutela, rapaz. E também um bom vocabulário para aumentar sua linguagem, que já é bem fluente — O'Neill prometeu.

O jovem O'Donell olhou para o pai como a pedir auxílio, mas não obteve apoio algum.

— Eu sou um soldado e não um espião — protestou. O'Neill fitou-o com severidade e falou, enérgico:

— Assim como troquei as espadas e lanças por mosquetes e pistolas no campo de batalha, precisamos também progredir, como os ingleses, na guerra da intriga e da ação furtiva.

— Veja bem, filho, O'Neill está com a razão. Hoje, em dia, o bom soldado pode lutar tão bem com a mente e a palavra quanto com a espada e o escudo.

Deirdre tornou a falar e, embora a voz demonstrasse a mesma calma que a caracterizava, havia nela um toque de emoção intensa que chamou a atenção de Rory.

— Lorde Burghley é o braço direito da rainha Elizabeth, não só porque exerce um grande controle financeiro nos cofres da Inglaterra como também pela rede de espionagem que espalhou até muito além das fronteiras do país. Neste exato momento, as terras da Irlanda estão coalhadas de informantes dele. Se você quer mesmo que a empreitada que estão planejando tenha êxito, colabore para que os clãs tenham um ouvido atento em Londres.

— O tom de *milady* mudou um pouco — Rory afirmou, ao mesmo tempo que enfrentava o seu olhar. — Exaspera-se com a rebelião de uma das facções e estimula a da outra.

— Eu gostaria que tirassem Deus da política antes que os governos exterminassem mais vidas em nome dele.

A voz de Deirdre fraquejou, impedindo-a de continuar, porém O'Neill o fez por ela.

— Segundo a última contagem, havia trinta e duas cabeças apodrecendo na ponte de Londres. Pertenceram aos apelidados de traidores por não aceitarem o anglicanismo. A de Charles Haskins, irmão de Deirdre, é uma delas.

Bem devagar, Rory inclinou-se para a frente e colocou as mãos espalmadas sobre as de O'Neill.

— Então, com toda a sinceridade, espero que os dois consigam me preparar muito bem para essa missão, a fim de que a minha cabeça não venha

a ser a trigésima terceira na ponte.

CAPÍTULO VI

Enquanto as chuvas de outono se transformavam em neve, cuja brancura cobria os campos, o jovem Rory provou ser um excelente discípulo.

Com O'Neill, ele aprendeu as boas maneiras usadas na Corte, e Deirdre aperfeiçoou-lhe o inglês fazendo com que, aos poucos, abandonasse o gaélico. Estudou ainda a maneira com que os lordes e *ladies* raciocinavam e o que esperavam de um jovem irlandês inteligente que desejava conquistar, em Londres, a fortuna e as boas graças da rainha.

Por ser inverno, as choupanas, onde os pastores ficavam enquanto os rebanhos pastavam nas outras estações, estavam vazias. Rory passou a ocupá-las, uma de cada vez, até que se aproximou do castelo de Dungannon sem que ninguém percebesse sua mudança para lá. Ao mesmo tempo, passaram a circular boatos sobre uma briga sua com o pai, Black Hugh. Dizia-se que ele queria ser considerado o herdeiro legítimo ao título de conde, já que o irmão, o primogênito, encontrava-se preso e, provavelmente, morto. O pai negava-se a atendê-lo e defendia os direitos do filho mais velho. Finalmente, ouviu-se contar que Rory havia renunciado a sua condição de membro do clã O'Donnell e fugido para a França. Esse tipo de briga era bem comum nas famílias irlandesas, e a notícia seria aceita, como verídica, em Whitehall.

Os espões ingleses infestavam a Irlanda toda, e O'Neill tinha certeza absoluta de que antes de Rory chegar a Londres todos lá, e também em Dublin, já saberiam de sua deserção da casa paterna. Esperava-se que a Corte o recebesse como um guerreiro irlandês a menos com o qual se preocupar.

E enquanto, no norte, Rory se dedicava ao aprendizado dos meandros da espionagem e da diplomacia, os enviados de O'Neill, no sul, cuidavam da promessa do chefe de libertar "The" O'Hara e Red Hugh.

O vento uivava à volta do castelo de Dublin e soprava rajadas de neve pela abertura da torre de Bermingham e sobre o rosto de Shane O'Hara. Completamente alheio à umidade e ao frio intensos, ele observava a fúria da natureza.

Esticou bem o pescoço e conseguiu ver a muralha do castelo onde ficavam os portões. Rente a ela e do lado de fora havia uma trincheira larga e funda, mais adiante ficava Dublin e além, ao sul, estavam as montanhas

Wicklown e a liberdade.

O barulho de pedra sendo raspada fez com que O'Hara virasse a cabeça depressa.

— Três anos, três meses e dois dias. A última marca — declarou Red Hugh O'Donnell.

— Feliz Natal para você, Hugh — O'Hara murmurou.

Até agora, tudo corria bem. De algum lugar das entranhas da torre chegava o eco ruidoso das comemorações da data feitas pelos soldados.

Felizmente a rotina dos prisioneiros não tinha sido alterada. Como sempre, os quatro, ele próprio, Art e Henry O'Neill e Red Hugh, haviam sido trazidos das celas individuais para essa maior e coletiva para a hora de exercícios. Depois seriam levados ao refeitório, onde receberiam a ração diária de alimentos, e, em seguida, seguiriam até o sanitário. Terminado tudo, voltariam cada um para a sua cela.

Mas, nesta noite, se o bom Deus ajudasse e o ouro distribuído por O'Neill entre os ingleses gananciosos fosse suficiente, não só haveria uma mudança de rotina como também um final à que seguiam agora.

Red Hugh suspirou fundo, foi juntar-se a O'Hara na abertura da torre e indagou:

— O que você acha?

— As montanhas estão brancas de neve e o vento é gelado. Vai ser uma caminhada penosa e arriscada.

— Concordo.

Dos quatro, Shane O'Hara era o que estava preso há menos tempo e, portanto, em melhor forma física. O pobre Henry, no ano anterior, tinha perdido o raciocínio lúcido, o que, talvez, impedisse o corpo de obedecer à mente durante a fuga. O irmão dele, Art, era corpulento demais para poder enfrentar, com facilidade, os obstáculos que os esperavam. Comida insuficiente, tortura e longos períodos de confinamento em celas acanhadas e úmidas também tinham minado as energias de Red Hugh.

— Talvez a neve nos esconda — comentou este último.

— E também impeça que os nossos contatos nos encontrem — O'Hara contestou.

— Não pretendo passar nem mais uma noite naquela cela amaldiçoando o primeiro normando que pôs os pés em solo irlandês. Lá pelo fim da semana, ou estarei em Donegal dando o meu brado de vingança, com o estômago cheio de carne e entregue às doçuras de uma mulher, ou, então, morto — Red Hugh declarou.

O'Hara concordou com um aceno de cabeça. Ele também sonhava com a liberdade. Desejava encontrar-se, outra vez, entre as muralhas de Ballylee, ver a espuma branca do mar revolto estourar de encontro aos rochedos da costa e ouvir o mugido do seu gado.

E, como Red Hugh, pensava nos afagos de uma mulher, porém, não de qualquer uma, mas da sua meiga Deirdre, cujos seios e ventre deviam estar bem aumentados com a gravidez em fase adiantada.

Acomodou-se numa posição mais confortável e pensou na esposa e no primeiro herdeiro legítimo. Era bem verdade que Shane O'Hara possuía muitos filhos naturais com várias mulheres, entretanto só em Deirdre encontrara o amor. Havia reconhecido isso no primeiro instante em que a vira. Ela contava apenas treze anos e começava já a se desabrochar na criatura linda de cabelos e olhos negros que viria a ser.

Um sorriso entreabriu-lhe os lábios ressecados ao pensar em si mesmo, "The" O'Hara, chefe do seu clã, casado com a única herdeira de um lorde inglês. O olhar encheu-se de ternura ao lembrar-se da maneira com que a mulher escolhida tinha demonstrado sua capacidade e valor como senhora de Ballylee. "Ela herdou o espírito da mãe irlandesa e, apesar de minhas maneiras rudes, o gosto pela guerra e temperamento feroz, conquistei o amor de seu coração e dei-lhe o meu", O'Hara pensou comovido.

— Que saudades! — murmurou. — Disse alguma coisa, O'Hara?

— Não, deve ter sido o vento.

Os quatro aconchegaram-se mais, numa tentativa de vencer o frio. Todos tinham partículas de gelo nas barbas e não sentiam ânimo para conversar.

O'Hara continuou entregue às lembranças. Lorde Haskins, na Corte em Londres, havia lamentado a desobediência da filha, todavia, em segredo, tinha abençoado o seu casamento e prometido acertar, um dia, a questão da herança de suas propriedades. Viveria O'Hara o suficiente para testemunhar o desfecho dessa pendência?

"Maldição!", pensou ele exaltado. "Hei de viver para pôr uma espada nas mãos de meu filho e um garanhão sob suas pernas, para que seja um guerreiro destemido!"

Ouviu-se o som de passos no corredor enquanto uma luz pálida filtrava-se sob a pesada porta de ferro.

— Eles vêm vindo.

Levantaram-se quando a porta se abriu e três guardas entraram na cela. Dois ficaram à entrada, com os mosquetes de prontidão, enquanto o terceiro se aproximou dos prisioneiros para livrá-los das pesadas correntes e grillhões

que os prendiam pelos pulsos e tornozelos.

Logo depois, seguiam em fila pelo corredor e pelas escadarias de pedra que levavam ao primeiro andar da torre. O calor vindo da enorme lareira, e dos fogos na cozinha adjacente minoravam um pouco o frio que quase os congelara no topo da torre.

Outros prisioneiros, considerados menos valiosos e perigosos do que os quatro, cozinhavam e serviam a refeição. Um deles, Seamus O'Dern, encheu tigelas com um caldo ralo onde boiavam nespas de carne e cortou dois pães velhos pela metade que deu aos recém-chegados.

— Hoje é mesmo um dia santo — Red Hugh resmungou. — Há mais de dois pedaços de carne nesta água suja.

— É verdade, rapazes, e isso não é tudo que os representantes de nossa boa rainha prepararam para alegrar o Natal de vocês — Seamus informou.

Art e Henry baixaram o olhar para as tigelas enquanto Red Hugh e Shane perscrutavam a expressão dos três guardas para ver se haviam entendido as palavras de Seamus. Um deles, que não fazia outra coisa senão cocar a cabeça, sorriu-lhes mostrando as gengivas sem nenhum dente.

— Isso mesmo, rapazes, Seamus não está mentindo. Vocês vão ganhar mais carne do que essa que vêm na sopa.

— O que vem a ser isso? — O'Hara quis saber.

— Vocês vão ver — disse um dos outros guardas rindo às gargalhadas — , mas só depois de nós termos experimentado a mercadoria.

Ainda rindo, saiu acompanhado do terceiro, ficando os prisioneiros apenas na companhia do guarda banguela.

Art atacou a sopa com vontade, e os demais precisaram fazer um esforço grande para tomá-la. Sabiam que poderiam passar um bom tempo sem ter o que comer.

Seamus conseguiu avisá-los de que as ferramentas necessárias para a fuga estavam no local combinado. O fato de os dois guardas terem saído para se divertirem, em algum lugar, com as prostitutas contratadas nas vielas de Dublin, indicava aos quatro que o plano de fuga estava em andamento.

Terminada a refeição, o guarda banguela levou-os até o sanitário e recomendou-lhes:

— Tratem de fazer tudo depressa porque os meus dois companheiros não vão ficar mais do que meia hora com aquelas vagabundas. Aí, então, vou descobrir que não posso abrir esta porta e terei de soar o alarme.

— Quanto ouro recheia o seu bolso por essa pequena ajuda, homenzinho?

— Não o suficiente, mestre príncipe O'Hara, os tempos estão difíceis. Agora, apressem-se.

Dentro do cubículo, localizaram logo a pedra solta, entre as duas retretes de fossa, atrás da qual encontraram dois rolos de corda, uma corrente e um cajado forte de carvalho.

— Bastardo peçonhento! — Red Hugh resmungou entre dentes. — Nem uma pistola ou um miserável punhal!

O'Hara encolheu os ombros. Já havia desconfiado que as armas prometidas não passavam de um embuste para arrancar mais moedas de ouro.

— Não importa, vamos em frente — aconselhou, enquanto tratava de trancar as duas portas.

Passou a corrente pelos puxadores de ambas, fez um laço com as extremidades, por onde passou o cajado. Quando terminou, Art e Red Hugh já tinham prendido as pontas das duas cordas, com firmeza, e as jogado pelas retretes através das fossas escuras e estreitas.

— Tirem as capas — O'Hara ordenou. — Não há espaço para descermos com elas. Não podemos correr o risco de ficar entalados pelo caminho.

— Mas vamos nos congelar vestidos apenas com camisas e calções de Unho.

— Façam o que ele está mandando — Red Hugh rosnou. — É melhor congelar lá fora do que apodrecer aqui dentro.

Retiraram as capas e, dois em cada orifício, apertaram-se pela passagem exígua e imunda. Pouco mais abaixo, as fossas alargavam-se e eles conseguiram firmar os pés pelas paredes de pedra, o que os ajudou a descer mais depressa. Mesmo assim, as cordas queimavam-lhe as mãos e, por serem curtas, não alcançavam o final das fossas. Não lhes restava outro recurso senão saltar pela escuridão até as águas geladas sobre as quais os flocos de neve rodopiavam. Fizeram isso quase sem provocar ruído algum.

— Ficou louco, Henry? É por aqui — Red Hugh chamou.

O pobre Henry não conseguia mesmo raciocinar com lucidez, pois dava braçadas firmes em direção à torre, onde, com certeza, cairia de novo nas mãos de seus captores. Era o que teria acontecido se não fosse a intervenção oportuna do outro.

Com esforço, conseguiram alcançar o lado oposto e sair da água. Foi então que o vento gelado, nas roupas encharcadas, provocou um gemido doloroso dos quatro.

— Vamos voltar — Henry implorou.

— Para enfrentar os ferros, o óleo quente e ficar pendurados no teto pelos tornozelos? Nada disso — O'Hara resmungou peremptório. — Por onde agora, Hugh?

— Por aqui — respondeu o outro, enquanto apontava para as luzes fracas de Dublin.

Na extremidade do castelo, pularam a última e mais baixa das muralhas. Rolaram pela neve e, ao ficarem em pé, deram de encontro com um vulto envolto numa capa vermelha.

Instintivamente, O'Hara estendeu os braços musculosos e os dedos encontraram a garganta do estranho. O capuz caiu, deixando bem visíveis as feições do homem que Red Hugh reconheceu de imediato.

— Solte-o, O'Hara. esse é o nosso guia Cormac, o declamador de meu pai.

— Desgraçado! Seus dedos parecem garras de uma ave de rapina e o seu fôlego é o de um touro! — reclamou Cormac ao tentar recuperar o fôlego.

— Só peço que me desculpe, mas não podemos perder tempo.

— Você pode nos tirar daqui?

— Posso, sim. Os portais da cidade estão abertos por ser Natal.

— Andem separados uns dos outros, mas não me percam de vista. O tempo ruim pode nos matar, contudo vai ajudar para que não os vejam.

O declamador tinha razão. Ao cruzarem as ruas, passaram por outras pessoas que não lhes prestaram atenção. Estavam todas com as cabeças protegidas contra a intempérie e caminhavam apressadas em direção ao calor de suas casas.

Em poucos minutos atravessaram Dublin e alcançaram a planície aberta de Slieve Roe, que dava acesso a Red Mountain. Podiam ouvir, agora, o sino da torre anunciando a sua fuga.

— Você acha que vão mandar soldados atrás de nós? — Shane gritou para poder ser ouvido através do vento.

— Vão, sim, porém a neve está apagando nossos passos bem depressa. Eles vão sofrer o diabo para nos seguir.

Cada um deles usava a capa de Cormac por um certo tempo a fim de aliviar um pouco o frio sentido e só através de gritos constantes conseguiam manter algum contato entre si. Mesmo assim, ao chegarem na divisa de Dublin e Wicklow. Henry tinha desaparecido.

— É muito arriscado voltar agora — O'Hara disse.

— E seria uma busca inútil — Red Hugh acrescentou. Cormac não deu opinião e Art mordeu os lábios e chorou lágrimas sentidas pela sorte ingrata

do irmão.

Escalaram Red Mountain caminhando cada vez mais devagar. O peso excessivo e a falta de exercícios físicos nos últimos anos faziam com que Art O'Neill respirasse ofegante e mal conseguisse acompanhar os outros. Red Hugh tinha um pouco menos de dificuldade, entretanto não lembrava, nem de longe, o jovem robusto e ágil que percorria as montanhas de Donegal na adolescência. A prisão prolongada também lhe havia minado as energias.

Já tinham transposto o pico da montanha quando se viram incapazes de continuar. O frio emperrava-lhe os ossos e as botas, apodrecidas com a umidade da prisão, haviam se rompido completamente. Os pés e as pernas dos três sangravam, machucados pelas pedras e arbustos congelados.

— Nem mais um passo — Art gemeu —; preciso descansar.

Os outros, também já sem forças, concordaram e aconchegaram-se a ele para evitar que o pouco de calor que ainda lhes restava escapasse. Amanhecia, porém a diferença de luminosidade era mínima. Mesmo assim, Cormac tentou reanimá-los.

— Lá adiante fica Three Rock Mountain. Depois vem Glencree e, finalmente, Glenmalure, a fortaleza de Fiach MacHugh O'Byrne. É provável que os ingleses imaginem que vamos para lá porque é o único lugar seguro nestas redondezas e de onde não conseguirão nos tirar.

Logo depois faziam nova tentativa e caminharam até quase o final da tarde. Ultrapassaram a pior parte de Three Rock, entretanto Glencree continuava uma sombra nebulosa fora de alcance. Art encontrava-se extenuado, os pés de Red Hugh estavam enregelados e insensíveis, e Shane O'Hara, ao cair por um barranco, abrira um corte feio numa das pernas. O único que podia caminhar, e que também conhecia o caminho, era Cormac. Confabularam e resolveram que o guia iria sozinho até Glenmalure, à busca de socorros.

Examinaram as rochas e encontraram uma cavidade rasa onde os três se encolheram sob a capa de Cormac.

— Vá com Deus — Art murmurou, e caiu num sono pesado.

— Se O'Byrne não nos encontrar, pelo menos os ingleses também não vão fazer isso — Red Hugh comentou.

— Como assim? — O'Hara quis saber.

O outro não respondeu, apenas abaixou o olhar significativo para os corpos dos três, já cobertos por uma grossa camada de neve.

CAPÍTULO VII

O'Neill só informou a respeito da fuga depois de ser realizada e de os ingleses desistirem de encontrar os prisioneiros. Seguiram-se, então, duas semanas de expectativa agonizante. Após escaparem do castelo de Dublin, os quatro deveriam encontrar-se com O'Byrne, o rebelde de Wicklow Mountains. Todavia, ele não conseguira localizar os homens, e por isso temia-se que todos houvessem sucumbido ao frio de janeiro.

— É uma grande ironia que meu Shane, coberto por cicatrizes feitas por espadas, lanças e punhais, devesse ter sido vencido pela neve — Deirdre lamuriou-se.

Rory não encontrava palavras que pudessem animá-la. Limitava-se a fitá-la, com respeito e admiração, quando ela se sentava em frente ao fogo, com ar resignado. Nesses meses de convivência, haviam ficado muito amigos e, como O'Hara e O'Neill, ele aprendera a gostar de suas maneiras gentis e delicadas. Não podia impedir de compará-la às esposas rudes e estabanadas da região de Ulster.

O período em que O'Neill guardara segredo da fuga e as duas semanas de espera desesperada consumiram os dias de janeiro. Já estavam no início de fevereiro quando, finalmente, chegaram notícias. O bom e fiel Cormac havia cavalgado a noite toda para dar-lhes as boas novas.

— Seu irmão, Red Hugh, está salvo e, neste momento, deve estar atravessando o rio Liffey em direção a Donegal — contou ele a Rory. — E quanto ao seu marido, *milady*, deverá chegar aqui em três dias. Ele está bem e manda-lhe dizer que as saudades são muitas.

Os detalhes da busca e do salvamento já estavam sendo contados pelos cancioneiros através dos vales e montanhas.

Um grupo formado com os melhores homens de O'Byrne havia acompanhado Cormac a fim de resgatar os pobres coitados que não tinham conseguido continuar a fuga. Levavam bastante comida e cerveja de urzes. Procuraram primeiro Henry O'Neill, que encontraram congelado. Horas depois, acharam os outros três onde o guia os tinha deixado.

A princípio, pensaram que estavam mortos, pois a neve quase que os soterrara por completo.

Apenas Art não resistira e o enterraram ali mesmo. Os outros dois foram

levados para uma casa bem no interior da floresta, para se recuperarem.

Extremamente aliviada por não estar viúva, Deirdre reassumiu as aulas preparatórias de Rory. Cortou-lhe o cabelo de acordo com o estilo usado na Inglaterra e esmerou-se no ensino do inglês, francês e latim.

Quando O'Hara chegou, Rory constatou logo o amor profundo que unia o casal. Shane, um homem não muito alto, porém forte e de voz possante, demonstrava no olhar e nos gestos o carinho imenso que dedicava a Deirdre.

Desse dia em diante as aulas tornaram-se mais escassas e Rory, ressentido, percebeu o quanto havia se afeiçoado à tutora competente. Mas como o rebelde que era desde a infância, amaldiçoou tal fraqueza sentimental e entregou-se com mais afinco aos preparativos para a ida a Londres.

Foram feitos mapas das estradas que iam de Holyhead a Londres, e até das próprias ruas da cidade para que ele chegasse a Haskins House sem pedir informações.

Para O'Neill isso era importante, pois descobrira que o filho de seu novo aliado possuía temperamento exaltado, o que o levava a fazer uso da espada com muita facilidade. Não seria conveniente que o jovem rebelde irlandês abrisse à custa de duelos o caminho que o levaria de Cripplegate a Holborn Road, onde ficava Haskins House.

— Tome muito cuidado e mantenha os olhos abertos, rapaz, porque ladroagem e malandrice são tão comuns no campo quanto na própria cidade. Seria um golpe muito duro para a nossa causa se você morresse antes de alcançar seu destino.

Na véspera de sua partida, o pai chegou para despedir-se. Doente, havia deixado a cama para desejar-lhe boa sorte.

O'Neill e O'Donnell fizeram-lhe as últimas recomendações e lembraram mais uma vez o grande perigo que ele corria caso os ingleses descobrissem a sua verdadeira missão. Então, juntos, rodearam-lhe o corpo com os braços fortes.

— Adeus e boa sorte, meu rapaz. Lute para nos trazer uma Irlanda livre — O'Neill pediu com voz vibrante.

— Vá com Deus, meu filho — O'Donnell desejou com os olhos estranhamente úmidos.

Rory fitou-o por um tempo e depois apanhou as rédeas do cavalo.

— Rory!

Ele se virou e viu Deirdre, que se aproximava. Ela pôs a mão delicada sobre a sua, que já segurava a sela para montar.

— O ano que vem vai trazer muitas mudanças para todos nós, se é que

ainda estaremos aqui para vê-las.

Deirdre tinha os olhos cheios de lágrimas e a voz embargada pela emoção. A sua tristeza afetou Rory mais do que ele gostaria de admitir. Ela era apenas dois anos mais velha do que ele, entretanto sua serenidade, beleza e bondade davam-lhe um amadurecimento muito além de sua idade.

Nesse momento, com grande alívio, Rory teve consciência da verdadeira natureza dos sentimentos que Deirdre lhe despertava. Era o mesmo afeto que teria dedicado à irmã mais velha que nunca tivera. E foi com essa certeza que afastou o olhar e encontrou o de O'Hara.

Pela primeira vez, desde o encontro dos dois, as feições de O'Hara se suavizaram, cheias de compreensão.

— Rezarei para que você retorne são e salvo — Deirdre prometeu com voz meiga.

Rory ia começar a falar, desejoso de não lhe causar preocupações, porém ela o silenciou.

— Não diga nada e preste bem atenção. Você é jovem, temperamental e conhece, apenas, o certo e o errado explicitamente definidos aqui no norte da Irlanda. A corrupção em Londres é muito mais sutil. As pessoas com quem vai conviver são as mais perigosas. Os oportunistas ambiciosos serão seus piores inimigos. A intriga e a traição são concebidas por muito poucos, mas infligida a todos nós.

Beijou-o de leve nas duas faces e, então, colocou as mãos sobre o ventre volumoso.

— Se esta criança for um menino, irá se chamar Rory. Caso você tenha êxito na sua missão, talvez ele venha a governar uma Irlanda livre como Rory, "The" O'Hara.

Ele a beijou também e subiu à sela.

— Que o seu filho tenha a beleza e a bondade da mãe, *milady*, para que, um dia, não veja na guerra a sua única salvação — desejou antes de acenar para todos e partir.

Dias depois, ainda com as próprias palavras ressoando em seus ouvidos, Rory chegou a Holyhead e preparou-se para a cavalgada final até Londres.

Primeiro comprou o melhor cavalo que pôde encontrar. Depois foi procurar roupas que lhe dessem o aspecto de cavaleiro do campo, de posses, mas não rico. Decidiu-se por uma jaqueta, do estilo que os caçadores usavam, forrada de tecido fino de lã, e aceitou a sugestão do alfaiate na escolha de calções de moda mais atualizada, presos abaixo dos joelhos. Entretanto, fez questão de meias grossas, tanto as compridas, que iam até as coxas, sob os

calções, como as curtas. Quis também uma capa de lã que o protegesse contra o frio da noite pelas estradas.

— Desculpe, senhor, mas vou lhe dar um conselho — disse o alfaiate. — E melhor guardar-se do frio junto à lareira da hospedaria. Mal escurece e as estradas já fervilham de assaltantes capazes de degolarem quantos lhes cruzem o caminho. Não se escapa deles com facilidade.

Rory, que já se cansara de ouvir O'Neill dar-lhe esse conselho, irritou-se.

— Então, senhor, acho bom que acrescente uma faixa bem forte na cintura dos calções a fim de que eu leve minhas pistolas mais à mão. Quero também que me indique um bom artesão de couro que me faça um cinturão com bainhas para minha espada e punhal. Pretendo viajar não só de dia como parte da noite também. Dizem que o trajeto daqui a Londres leva cinco dias e eu desejo fazê-lo em quatro.

Partiu na madrugada seguinte e, fiel às suas palavras, cavalgou até bem tarde da noite. Chegou a Shrewsbury, onde havia uma hospedaria de ambiente muito agradável. A dona era uma viúva inteligente e simpática. Tratou-o com tanta afabilidade e serviu-lhe refeição tão saborosa que o ódio inato que ele dedicava a todos os ingleses em geral amenizou-se um pouco.

No dia seguinte passou por Shropshire e cavalgou mais devagar enquanto admirava os campos férteis e sem fim ou florestas densas, cujo verde mostrava-se mais brilhante por ser primavera. Lembrou-se, então, das matas da Irlanda, dizimadas pelos ingleses para que seus compatriotas não encontrassem mais abrigo no seio delas. Isso o incentivou a apressar-se novamente para alcançar Redditch após o escurecer.

Foi lá que, embora cansado, sua mente aguçada registrou certos detalhes que recomendavam cautela.

Havia luar, e o pátio da estalagem do Golden Boar estava iluminado por tochas.

— Quer que cuide do seu cavalo, senhor? O cavaliário era um meninote com não mais de quinze anos, porém tinha um olhar duro e astucioso, que fixou na sacola de viagem de Rory e não na montaria.

— Quero, sim. Escove-o bem e dê-lhe bastante comida. Vou precisar dele antes do alvorecer.

Apeou-se e jogou as rédeas ao menino, que, como suspeitava, estava mais interessado na sua bagagem. Num segundo, ele a soltou da parte de trás da sela enquanto perguntava:

— Às cinco horas da manhã está bom, senhor?

— Não, às quatro e pouco. E pode deixar que eu mesmo carregue isso —

Rory replicou tomando-lhe a sacola.

O velho encurvado que foi lhe mostrar o quarto demonstrou igual interesse por sua bagagem. Encontrou desculpas, duas vezes, para mudá-la de lugar enquanto Rory procurava uma moeda de cobre para gratificá-lo.

— Quer que o ajude em alguma coisa, senhor?

— Não é necessário — respondeu ao dar-lhe o dinheiro.

A destreza com que o velho embolsou a moeda mostrou a Rory o destino que as outras teriam se surgisse a oportunidade de serem apanhadas.

— O senhor é irlandês, não é?

— Anglo-irlandês da região de Pale.

— Fui soldado na Irlanda. As guerras de Desmond foram terríveis. Perdi um olho nelas e não recebo pensão alguma do governo. É desumano como tratam os soldados que voltam.

Embora estivesse cansado para ouvir as lamúrias do velho, Rory sentiu uma certa curiosidade.

— Mas o senhor foi voluntário para lutar pela rainha e pelo país, não foi?

— Nada disso. Fui pressionado muna taverna na hora de fechar, e estava tão bêbado que nem percebi que eram os soldados que me levavam.

— E existem muitos como o senhor na Inglaterra?

— Sim, senhor. E todos têm que mendigar o pão que comem. Mas, como o senhor vê, eu tenho o meu orgulho e trabalho para viver — acrescentou enquanto olhava a bolsa de Rory.

— Então tome uma bebida hoje com o seu jantar — disse Rory ao dar-lhe mais uma moeda.

— Muito obrigado, senhor!

— Agora vá embora porque preciso dormir e descansar para pegar a estrada antes do amanhecer.

Acordou bem-disposto quando o chamaram na madrugada seguinte. Enquanto se alimentava antes de partir, lembrou-se das palavras do velho na véspera e resolveu que a primeira coisa que perguntaria a Henry Haskins era o número de veteranos descontentes que havia na Inglaterra.

Quando o mesmo rapazinho da véspera apareceu para avisar que o cavalo estava pronto, Rory lembrou-se da sensação de perigo sentida ao chegar ali. Antes de sair para o pátio, tirou as pistolas da sacola e colocou-as, já carregadas, na faixa que o alfaiate lhe fizera, porém tudo escondido sob a pesada capa de lã.

— Vai para Londres, senhor?

— Isso mesmo — Rory respondeu, e encarou o rapazinho de olhar

astucioso.

— Então, ao chegar na primeira bifurcação, siga pela estrada que desce e passa por Cotswolds. As chuvas deixaram a que vai por cima quase intransitável.

— Vou fazer isso e obrigado pelo aviso — Rory disse e jogou-lhe uma moeda.

— De nada, senhor, ajudar os viajantes é minha obrigação. “Disso não tenho dúvida alguma”, Rory pensou sorrindo, e partiu em seguida.

Depois de uma hora de cavalgada constante, chegou à bifurcação. Observou as duas estradas e não notou muita diferença entre elas, pois ambas estavam em péssimo estado. Lembrou-se das palavras de O'Neill sobre os assaltantes de estrada e relacionou-as ao aviso do cavaleiro. Antes que a dúvida o dominasse, exaltou-se e disse em voz alta:

— Com os diabos se um lorde irlandês vai se deixar intimidar por um punquista inglês!

Resoluto, dirigiu o cavalo para a estrada que descia.

Dez minutos mais tarde, ao fazer uma curva fechada, viu-se barrado por dois cavaleiros com chapéus do abas largas que lhes sombreavam as feições.

— Pare e levante as mãos. Queremos a sacola e a bolsa.

A voz rouca denotava bebida e idade, e era do homem mais corpulento, que estava um pouco à esquerda de Rory. O outro segurava uma pistola, com as duas mãos, na altura dos olhos, e apontada para o seu peito.

— E se eu disser que prefiro lutar em vez de lhes entregar minhas coisas?

O homem que falara riu de maneira irritante.

— Não vai haver luta alguma. A pena para roubo, ou assassinato, nas estradas, é a mesma. Por isso é bobagem deixar que meu companheiro lhe arrebeste os miolos. Passe logo as suas coisas.

A explosão tomou os dois assaltantes de surpresa. Rory mal sentiu o cheiro de pólvora e de pano queimado, e já esporeava o cavalo em direção ao homem mais corpulento. Num segundo ele se juntava ao companheiro caído.

Rory freou o animal, forçando-o a voltar, e foi surpreendido pela adaga e espada curta que brilhavam nas mãos do inimigo pronto para atacá-lo.

— Irlandês, acredito que você tenha matado o meu companheiro — rugiu o homenzarrão.

O chapéu dele tinha caído, o que deixava à vista uma cabeleira basta e desgrenhada que havia sido preta, mas bem grisalha agora. Rory notou ainda o rosto largo, cheio de um emaranhado de veias, provocado por excesso de bebida, e os lábios grossos retorcidos por um sorriso maldoso.

— Também acho que o matei, e a sua alma vai juntar-se à dele, já, já, no inferno.

No mesmo instante, Rory atacou com a espada levantada em direção à cabeça do outro. Entretanto, ela não atingiu o alvo e foi barrada pela do assaltante. E, por mais pressão que fizesse, não conseguiu vencer a força do homem.

Além de forte, o bandido era dono de extrema agilidade, apesar do tamanho e da idade. Com destreza, derrubou a espada de Rory e, como se tivesse molas nos pés, saltou, atingindo-o com um murro na cabeça, o que o derrubou do cavalo.

— Você é muito ágil e forte para a sua idade.

— Isso mesmo, rapaz. Você vai poder contar aos seus filhos, caso viva para procriá-los, que foi vencido por Ned Buli. E agora, quero sua bolsa.

O homem atacou sem deixar dúvidas quanto às intenções dele. Rory teve pouco tempo para munir-se da adaga e enfrentar o adversário. Mais uma vez, deparou-se com uma rocha irremovível e só lhe restou o recurso de desviar-se. Ned Buli, com a pressão que fazia, foi parar numa vala ao lado da estrada. Levantou-se de imediato e voltou à luta.

Por mais de meia hora, continuaram enfrentando-se sem que nenhum dos dois levasse vantagem. Finalmente pararam a alguma distância um do outro e com as costas contra troncos de árvores. Tentavam reganhar o fôlego.

— Pela alma de minha mãe, rapaz, você não luta como um fazendeiro irlandês.

Rory admirou-se de que o outro conseguisse falar. Os seus próprios pulmões queimavam e precisou respirar fundo várias vezes antes de poder dizer alguma coisa.

— Você já assaltou muitos fazendeiros irlandeses?

— Não, lutei contra eles nas guerras da rainha em Armagh e Munster.

— Todos os bons soldados ingleses viram assaltantes?

— Os do meu tempo viraram. Mas vamos recomeçar a luta, rapaz. Já é quase dia alto, e preciso me esconder antes que as patrulhas apareçam.

Rory tentou, porém não encontrou forças para continuar naquela briga inútil. Mesmo assim não queria abrir mão de suas coisas. Lembrou-se de um outro conselho de O'Neill: "Não se acanhe de usar malícia e esperteza para sobreviver. O seu cadáver numa vala qualquer na Inglaterra, ou a sua cabeça na ponte de Londres, não dará à Irlanda o que ela precisa". Deixou cair a adaga e a espada no chão para enfiar, com naturalidade, a mão sob a capa.

— Nossa luta terminou, Ned Buli. Resolvi deixar você continuar

vivendo.

— E como vai fazer isso com suas armas jogadas no chão? — indagou ao dar um passo à frente, mas ficou estarrecido quando viu Rory sacar outra pistola. — Então me mate.

— Não, Ned Buli. Não há nada que eu mais deseje do que deixar você vivo a fim de, nessa sua profissão, matar quantos ingleses puder. Isso me economiza esforço.

— Então você é um rebelde?!

— Tanto quanto você — Rory respondeu ao mesmo tempo em que apanhava as armas do chão.

Logo em seguida, montou e foi até perto do assaltante.

— Diga uma coisa, quem o avisou' da minha passagem por aqui, o cavaleiro ou o velho soldado?

— O velho. Lutamos juntos na França e na Irlanda.

— E quanto ao seu companheiro morto?

— Ah, era meu irmão.

— Sinto muito.

— Não se preocupe. Foi mais digno morrer assim do que enforcado.

Rory acenou com a cabeça e partiu admirado com essa demonstração de lógica inglesa, que lhe aguçava a curiosidade sobre novas surpresas que, talvez, o esperassem em Londres.

CAPÍTULO VIII

Rory O'Donell mal havia desaparecido na neblina que envolvia as montanhas, rumo à Inglaterra, quando seu pai, Black Hugh, pareceu desfalecer aos olhos de Deirdre e de O'Neill.

Ambos insistiram para que o velho guerreiro fosse levado, às escondidas, ao castelo de Dungannon, para ser tratado lá, mas ele se recusou a aceitar a sugestão.

— Não, já vivi intensamente e sei que agora é chegada a minha hora. Desejo que o meu funeral seja em Tyrconnell. peno do mar. e que o meu herdeiro, Red Hugh, esteja presente.

Tornou-se imperioso que alguém o acompanhasse. Se ele estava certo quanto à previsão de sua morte, O'Neill não se atreveria a assistir-lhe o enterro. Isso seria um desastre político para os planos que estavam executando. Coube, portanto, a O'Hara levá-lo. embora Deirdre estivesse às vésperas de dar à luz.

Levaram três dias para cruzarem as terras de O'Donell e Black Hugh enfraquecia com o passar das horas. Ao pôr-do-sol do terceiro dia alcançaram os campos agrestes, varridos pelos ventos, acima da baía de Donegal, onde Red Hugh se mantinha escondido.

O velho pai fez questão de outorgar-lhe o manto e o título de chefe do seu clã.

— Saiba que, deste momento em diante, meu filho — começou com voz combatida que mal se podia ouvir com o barulho do mar abaixo, que se arrebatava contra os rochedos —, você passa a ser “The” O'Donell e príncipe de Tyrconnell. Lute e, se for preciso, morra pelas terras do seu nascimento, pois ela é a única coisa que tem para dar aos seus filhos. Se perdê-la, eles, seus netos e bisnetos não terão razão alguma para permanecerem aqui. E a minha alma agonizará, tanto se estiver no céu, como no inferno, se chegar o dia em que não se encontrar mais membro algum do clã O'Donell em Erin.

O filho, tão parecido com o pai em estatura, inclinou-se para a frente e recebeu o manto. Depois beijou o progenitor na testa e deu um passo para trás.

Assim como nasceu, Black Hugh morreu segundo as tradições

irlandesas. Sua alma deixou o corpo um pouco antes do amanhecer. Red Hugh, o novo chefe, entoou com voz pesarosa:

— Que São Patrício seja o seu juiz agora. Vistam-no como um rei e dêem início às lamentações!

Red Hugh sacudiu a cabeleira e barba vermelhas e foi se juntar a O'Hara.

— Que sua alma descanse em paz — disse este.

— Não haverá sossego para a alma dele, nem para a nossa, até o dia em que formos senhores, de novo, de nossas terras — O'Donell declarou.

Nesse momento, a quilômetros de distância do mar, em Tyrone, Deirdre gemeu com a primeira dor de parto. Rory O'Hara lutava para chegar a este mundo.

CAPÍTULO IX

Rory entrou em Londres pelo arco Cripplegate, na antiga muralha romana, e cavalgou em direção ao caminho Holborn-Cheapside. No mesmo instante, as diferenças entre o campo e a cidade assaltaram-lhe os olhos e as narinas. Mascates tentavam vender as mais variadas mercadorias, lacaios e cocheiros esforçavam-se por abrir caminho para os carros a cavalo nas ruas estreitas, e todos juntos provocavam uma algazarra quase ensurdecadora.

Ele ficou em pé nos estribos para observar a cidade e se orientar. Casas achatadas, umas de moradia, outras de comércio, espremiam-se formando as ruas tortas que ladeavam e que chegavam até o rio.

O Tâmesa assemelhava-se a uma fita larga pontilhada de embarcações e cisnes. À sua esquerda ficava a colina da Torre com as paredes maciças de pedra da edificação que lhe dera o nome. Desviou o olhar para a direita e vislumbrou as casas da nobreza que ladeavam a Strand, a via de acesso da cidade ao palácio de Whitehall.

Com a noção clara de que caminho seguir, Rory embrenhou-se pelo emaranhado de ruas. Quanto mais se aprofundava pela cidade, pior se tornava o cheiro de águas sujas de esgoto que corriam expostas e do lixo espalhado por toda parte.

Tudo era tão diferente dos campos ondulados e verdes da Irlanda, onde as flores profusas perfumavam o ar, ou mesmo das paragens inglesas que acabara de atravessar.

Nas estradas e estalagens, Rory tinha ouvido, de outros viajantes, boatos sobre a peste que rondava a cidade. Via, agora, que eles eram verdadeiros. Muitas portas tinham uma cruz vermelha e a inscrição: “O senhor tenha piedade de nós”, indícios certos da doença.

Em Cheapside, ele virou à direita de St. Pauls e continuou por Newgate. Nesse trecho, o barulho intenso perturbava mais do que os odores desagradáveis.

Rory esporou o cavalo, passou sob o arco de Newgate e alcançou o campo aberto de High Holborn.

Será que suportaria viver nesse lugar pelo tempo que fosse necessário?, indagou-se. Achava que sim, pois os sentidos não podiam competir com o espírito. A cenas, os ruídos e os odores jamais tocariam sua alma.

Numa cavalgada curta, passou pela casa do causídico Coke, à esquerda, e a opulência da Hatton House, à direita. Um pouco antes de Chancery Lane, encontrou os portões que davam entrada ao pátio da Haskins House.

Ao primeiro soar do sino, apareceram um cavalariaço e o próprio senhor da casa. Quando percebeu de quem se tratava, o velho Haskins abraçou Rory com carinho como se fosse um filho. O criado levou-lhe o cavalo e, depois de refrescar-se um pouco, o recém-chegado viu-se à frente de urna lauta refeição. Comoveu-se com as atenções de que estava sendo alvo.

Percebeu logo no início que Deirdre tinha feito uma descrição precisa das idéias políticas do pai. Ele era um homem bondoso, que desejava a paz para todos, como a própria filha o fazia. Embora sendo inglês, Haskins era, antes de tudo, católico, e ainda alimentava a esperança de ver o trono ocupado por alguém dessa religião. Há vários anos que sofria com o fato de Elizabeth Tudor ter abandonado a fé antiga antes de ser coroada rainha, e lamentava a falta de religiosidade da soberana desde então.

Durante a refeição, a curiosidade de Rory mostrou-se tão aguçada quanto o seu apetite. Tentou desviar o assunto da rainha para outros mais pertinentes, mas o olhar do dono da casa em direção ao mordomo avisou-o de que ainda não era chegado o momento oportuno para certas conversas.

Finalmente, quando a refeição terminou, foram ambos para um pequeno gabinete no segundo andar da mansão, onde Haskins assumiu uma atitude mais franca.

— Fui muito chegado a Cecil durante o período em que ele se manteve fiel a Mary, a Católica. Conservo essa intimidade até hoje, pois Cecil imagina que minha inclinação religiosa, como os ventos, mudou de direção.

Rory recostou-se para trás e observou Haskins com certa cautela. Deirdre havia lhe dito que o pai apenas revelaria aquilo que achasse conveniente. Seria isso verdade? Resolveu descobrir.

— Milorde, as suas inclinações não mudam como o vento? Perdoe-me a indiscrição, porém a segurança de minha cabeça está em suas mãos. Não é um tanto estranho que um dos pares da Corte de Gloriana possua seus pontos de vista?

— Ah, a curiosidade da juventude! Pelo que vejo, minha filha não lhe contou muita coisa.

— Quase nada além dos costumes da Corte.

Haskins olhou calado para o vinho que bebia. Depois levantou-se e começou a andar pausadamente de um lado para o outro. Quando falou, foi numa voz suave e baixa, que ia se avolumando à medida que narrava certos

fatos.

— Como católico e humanista, simpatizei-me com a causa irlandesa. Minha mulher incentivou-me a ser voluntário nos primeiros levantes, naturalmente do lado da Irlanda, que era a terra natal dela. Eu fui e sofri uma grande decepção ao testemunhar a carnificina brutal praticada por ambos os lados. Fui covarde e voltei à Inglaterra sem ter feito nada de útil. Você se recorda de Campion?

— O mártir jesuíta? — Rory indagou depois de forçar a memória.

— Isso mesmo. Ele era um homem bom e justo, que almejava apenas conquistar a tolerância pela sua fé. Mostrava-se tão fiel à rainha quanto a Deus. Por três vezes foi torturado antes de ser julgado sobre bases falsas de conspiração. Recebeu sentença de morte e, se o tivessem apenas enforcado, tudo não teria sido tão horrível.

O velho homem parou, trêmulo, todavia continuou antes de Rory poder falar qualquer coisa.

— Penduraram-lhe no pescoço uma placa com dizeres maldosos e colocaram uma pluma no chapéu dele. Como um palhaço, o forçaram a caminhar por Holborn até o patíbulo. Eu e meu filho Charles vimos tudo de perto. Não permitiram que a corda o matasse de vez, e ainda vivo começaram a cortá-lo. Dois homens o seguravam enquanto um terceiro tirava-lhe partes. Você faz idéia do que cortaram?

— Posso imaginar — Rory respondeu num sussurro.

— Campion ainda estava vivo e gritava quando o amarraram, pelos pulsos e tornozelos, a quatro cavalos, e só parou ao ser, finalmente, esquartejado.

Pálido, Haskins parou à janela, de onde podia ver Holborn e, mais além, a Torre de Londres.

— Colocaram a cabeça decepada na ponte de Londres e, nesse dia, Charles e eu juramos ser católicos até a morte. Campion era meu amigo, bem como os outros oito que foram executados na mesma ocasião, todos como ladrões comuns. O dia do meu filho chegou cinco anos depois. Misericordiosamente, ele foi apenas decapitado, mas a cabeça dele continua na Ponte de Londres, apodrecendo ao lado da de Edmundo e de muitos outros.

Rory não levantou o olhar quando Haskins voltou a se sentar à sua frente.

— Você compreende agora por que um velho, com poucos anos de vida pela frente, mantém seus pontos de vista?

— E há muitos outros como eu que você conhecerá oportunamente e de maneira segura.

— Imagino que não seja só da aristocracia, devem existir muitos plebeus também.

E Rory contou-lhe a experiência vivida com Ned Buli na estrada e a conversa com o velho na estalagem.

— Não deixa de ser verdade que o número de assaltantes e malandros cresce a olhos vistos, e a maioria é de veteranos amargurados e ressentidos com a rainha. Os jesuítas e puritanos também estão aumentando a cada dia que passa.

— Se esses grupos pudessem ser unidos com a esperança de vida melhor e do retorno da Inglaterra ao catolicismo, o que nós teríamos?

— Ah, meu filho, uma guerra civil.

Conversaram até o anoitecer e, alegando cansaço, Haskins pediu licença para se retirar. Rory disse que então iria dar uma volta pela cidade.

— Cuidado com a hora. Um homem que anda à noite pelas ruas é acusado de vagabundo ou assaltante, a não ser que prove, à guarda, que está a serviço de algo importante.

— Talvez eu queira mesmo ser um malandro — Rory redargüiu com um sorriso. — Se eu quiser encontrar homens do tipo de Ned Buli, onde devo procurá-los?

Haskins mencionou o nome de uma casa e os de duas tavernas freqüentadas não só por cavalheiros como também por homens e mulheres de má reputação. Deu boa-noite e retirou-se.

Outra vez na rua, Rory viu-se, novamente, defrontado pelos odores e ruídos desagradáveis da cidade. O movimento, entretanto, tinha diminuído, Havia menos pedestres e mais carros e carruagens que conduziam pessoas de posses, o que se deduzia pela maneira elegante de vestir e pelas jóias.

Rory parou um instante para observar a Ponte de Londres, que se via a distância. Tentou divisar o meio dos vinte arcos, onde ficava a entrada para a torre e as hastes em que colocavam as cabeças dos chamados traidores e das vítimas de execução política. Tão distraído estava, que levou um susto ao ouvir os gritos que vinham de trás.

— Abram caminho... abram caminho!

Virou-se depressa e viu três cavalheiros afetados, vestidos com elegância, mas extremo exagero, e que empurravam os outros pedestres. O excesso de seda, cetim e jóias ostentado por eles deu-lhe uma vontade imensa de rir, porém controlou-se para não provocá-los. Lembrou-se de que Haskins

tinha mencionado, com desprezo, a futilidade dos jovens, que não mediam o dinheiro a ser gasto na aquisição dos últimos ditames da moda.

De repente, viu-se frente a frente a eles e a mão enluvada do mais alto tocou-o enquanto dizia:

— Abra caminho, senhor!

Instintivamente, Rory deu um passo para trás. Os homens passaram e entraram numa taverna antes que ele tivesse consciência plena do que havia acontecido. Foi tomado por uma onda súbita de ódio. Levantou os olhos e leu a placa que balançava sobre a entrada do lugar: “The Bear and Ragged Staff”. Era um dos citados por Haskins. Com um sorriso, empurrou a porta pesada de carvalho e entrou.

O salão principal estava cheio e demonstrava uma certa confusão. O ar parecia uma cortina densa, tal a quantidade de fumaça exalada pelos cachimbos. No mesmo instante os olhos de Rory começaram a arder e a lacrimejar. Não compreendia o prazer que aquelas criaturas encontravam num ambiente tão desagradável. Em grupos pequenos, homens comiam e bebiam, enquanto eram servidos por atendentes apressados. Os três homens, que acabavam de chegar, já tinham se acomodado numa mesa de canto, de onde podiam ser admirados por quase todos.

Rory sentou-se num banco, a uma mesa em que já havia dois homens empenhados em conversa animada. Um deles contava a execução de dois assaltantes de estrada que se dera, naquela manhã, em Tyburn.

— É melhor morrer assim do que de fome. Não sei o que vai acontecer quando um homem honesto não encontrar mais uma forma decente de ganhar a vida — comentou o outro.

Como os dois estivessem meio embriagados, Rory resolveu aproveitar-se da situação e perguntou:

— E o que leva um homem direito como o senhor a ir assaltar viajantes pelas estradas?

— Como eu?! — indagou o outro meio desconfiado.

Levou a caneca de vinho aos lábios e, depois de um bom gole, esclareceu:

— Os lordes e senhores abandonam as terras e vêm morar em Londres. Nós, pobres diabos, não tendo mais onde trabalhar lá, somos obrigados a vir para a cidade também. Alguns conseguem um ofício honesto, outros, entretanto, preferem uma forma de vida mais fácil e lucrativa.

— Aqueles três homens ali são um bom exemplo dos que abandonam suas terras — disse o primeiro, enquanto indicava os cavalheiros bem vestidos com que Rory cruzara na rua.

— Como assim? — ele quis saber.

— Herdaram as propriedades no campo e deveriam estar cuidando delas, em vez de ficarem aqui esbanjando dinheiro. Então, nós teríamos trabalho de novo, e mais da metade dos assaltantes de estradas também voltaria para trabalhar lá.

Mentalmente, Rory acrescentou o grupo de trabalhadores rurais à sua lista de descontentes. Todavia, eram as histórias do submundo londrino que desejava ouvir. Com tato, desviou a conversa nessa direção, ao mesmo tempo que oferecia mais canecas de vinho aos companheiros de mesa.

Eles falaram sobre a casa de Muggleston, em Whitechapel, onde trapaceiros, se instalavam como reis e exibiam, aos pobres, a fortuna ganha ilicitamente. Com isso estimulavam os jovens a seguirem seus exemplos. Relataram historiais de suborno nas próprias prisões, e como ladrões e prostitutas conseguiam dormir nas cadeias Newgate, ou Ludgate. Bastava pagarem certos carcereiros, e assim ficavam livres dos guardas que percorriam as ruas durante a noite à cata de delinqüentes.

Rory ouvia calado e registrava certos detalhes na mente, que poderiam ser úteis mais tarde. Algum tempo depois, ainda interessado nas narrativas dos dois homens, notou que a taverna se esvaziava, prestes a se fechar.

Ele e os companheiros de mesa saíram também. Despediram-se, e já iam tomar caminhos diferentes quando a porta de carvalho se abriu e os três homens bem vestidos surgiram.

— Abra caminho, senhor! — soou novamente a ordem atrevida, acompanhada do toque de mão enluvada no ombro de Rory.

Ele, desta vez, já esperava por isso e agarrou o pulso do outro com força. Sorriu ao ver-lhe a expressão de dor.

— Já abri caminho uma vez. Agora, se quiser, senhor, dê a volta.

— Jamais dou a volta por homem algum!

Rory soltou-o e deu um passo para trás, ao mesmo tempo que desembainhava a espada.

— Pois estão, terá de me enfrentar.

A essas alturas, os dois companheiros de mesa já haviam sumido, e os amigos do oponente de Rory começaram a rir ao ver a espada que refletia à luz das tochas.

— Uma espada! E de lâmina achatada! Que ridículo! — disse um deles entre gargalhadas.

— James, faça-o provar do que adquirimos das culturas francesa e italiana — sugeriu o outro, também rindo.

— Vamos ver se poderão continuar a rir quando o sangue de seu amigo começar a jorrar. Puxe a espada, exibido! — Rory sibilou.

— O termo, senhor, é: *en garde*.

A voz adquirira um tom gelado, bem diferente daquela anterior, e isso não passou despercebido a Rory.

— Talvez prefira fugir antes de experimentar a minha lâmina, camponês ignorante. Saiba que sou James Blake.

— Para o inferno! Podia até ser o arcebispo de Canterbury que não faria a mínima diferença. Trate de defender-se.

— Muito bem, moço, vai descobrir logo que sua espada e adaga são armas antiquadas comparadas ao meu florete.

A mão dele se moveu com a rapidez do relâmpago. Ouviu-se o chiar da arma no ar e Rory sentiu pressão nos dois ombros. Baixou os olhos e viu sangue saindo pelos rasgos da jaqueta. Antes que pudesse reagir, recebeu outro golpe no pulso esquerdo e a adaga caiu no chão.

— Pegue a espada, camponês. Trate, pelo menos, de se defender.

Com uma exclamação rouca, Rory atirou-se sobre o seu atacante, mas não encontrou o homem. Num movimento rápido, ele havia se desviado e, agora, cortava-lhe a jaqueta e a pele nas costas. Mais duas vezes, tentou vencer a defesa do oponente, mas não conseguiu. Percebeu logo que a arma mais leve e rápida de Blake era um perigo contra o qual a sua espada pesada não podia defendê-lo. Já estava pronto para engolir o orgulho e fugir, quando se ouviu um barulho vindo do fim da rua.

— James, os guardas estão chegando — disse um dos amigos dele, que saiu correndo.

— Está com sorte, tabaréu, porque não tenho tempo para acabar com você. Afinal, não vou passar uma noite na cadeia de milorde, o prefeito, apenas para ter o prazer de matá-lo — declarou antes de sumir também.

Cinco guardas aproximaram-se carregando lanternas e mosquetes armados.

— Quem está aí? — gritou um deles.

Rory não respondeu e embrenhou-se na escuridão do lado oposto. Como Blake, também não desejava passar a noite na prisão do prefeito, especialmente a sua primeira em Londres.

Várias vezes, tropeçou e caiu por não enxergar obstáculos no caminho. Percebia que o guarda, com suas lanternas, estava cada vez mais perto e ganhando terreno na perseguição.

De repente, ao dobrar uma esquina, viu-se atropelado por uma

carruagem. Embora a dor nos ombros e nas costas fosse aguda, conseguiu rolar para baixo da armação, entre as rodas, enquanto o carro passava. Depressa, mas com esforço tremendo, agarrou-se à parte atrás dos cavalos, destinada a bagagens, onde ficou encolhido.

A um sinal dos guardas, a carruagem parou.

— Quem segue aí?

— Uma dama que se dirige, com seus bens, a Hatton House, na Holborn Street — respondeu o cocheiro.

— Ela é casada?

— Não, mas não é das ruas. Pertence à nobreza, é da família Cecil e se casará amanhã.

— Prossiga, então, o seu caminho.

Ao descobrir para onde a carruagem se dirigia, Rory ficou mais animado, pois era bem perto da Haskins House, conforme constataria, à tarde, ao chegar. Se tivesse forças para continuar equilibrado na estreita plataforma de bagagem, estaria salvo.

Alguns metros mais adiante, ele percebeu que seria impossível manter-se ali. Como resultado dos ferimentos, os braços começavam a ficar dormentes. Só existia uma solução.

Segurando-se com a mão esquerda, Rory espichou o corpo à volta da carruagem até alcançar, com a direita, o trinco da porta. Por cúmulo da sorte, o cocheiro fez uma curva fechada, o que o ajudou a abrir a porta e atirar-se para o interior do carro onde se defrontou com a mulher mais linda que já vira em sua vida.

Ela arregalou os olhos e abriu a boca para gritar, porém manteve-se calada ao ver a mão ensangüentada.

— *Milady*, não passo de um viajante exausto e ferido a serviço. Imploro-lhe, apenas, que me empreste o seu lenço e echarpe para acudir meus ferimentos, que permita aproveitar do seu transporte, já que vou para os mesmos lados que *milady*.

Como resposta, e sem que Rory percebesse suas intenções, ela abriu a boca e mordeu-lhe a mão com toda a força. Quando a soltou, tinha um pedaço de pele entre os dentes alvos, que tirou com um gesto irritado.

— Seu idiota, estragou a minha roupa!

— Lamento muitíssimo, *milady* — desculpou-se, já refeito da surpresa. — Mas, por favor, empreste a sua echarpe.

— Está bem, tome — ela concordou jogando-lhe a peça de seda finíssima. — Pensei que os da sua laia só assaltassem carruagens no campo, fora da

cidade.

Meio sem jeito, Rory enfiou a echarpe sob a camisa, no ferimento de um dos ombros, enquanto dizia com a cabeça levantada e um largo sorriso.

— Se imagina que sou um ladrão de estradas, *milady*, está equivocada. Sou um rapaz simples, do campo, que acaba de chegar a Londres para aprender a arte francesa de esgrima.

— Pelo que vejo, acaba de ter a primeira lição.

— A primeira e quase a última.

Devagar, Rory puxou a echarpe para inspecioná-la, e viu-a encharcada de sangue.

— Misericórdia, você está muito ferido! Talvez morra!

— Acho que não há perigo disso, mas o seu lenço ajudaria a estancar a sangria do outro ombro.

A moça deu-lhe o que pedia, porém, ao vê-lo com dificuldade de acudir os dois ombros ao mesmo tempo, ofereceu-se:

— Deixe-me ajudá-lo.

Chegou-se mais perto e com muito cuidado colocou o pedaço de cambraia de linho sobre o ferimento. Seu rosto estava um pouco abaixo, embora bem perto, do dele. O perfume que exalava e o arfar dos seios que o decote deixava ver em grande parte encheram-no de um desejo repentino e forte. Lembrou-se de que fazia muito tempo que não tinha uma mulher entre os braços, e a proximidade desta, tão linda, o excitava. Observou-a no rosto para guardar, na memória, as feições delicadas e bem-feitas.

— A senhora vai ser a noiva mais linda que Londres já viu — Rory declarou.

— Como sabe do meu casamento?

— Ouvi o cocheiro informar à guarda.

— Vou me tornar *lady* Hatton, esposa de *sir* William.

— É uma grande pena!

— Como se atreve?! Um malandro da noite...

— Atrevo-me porque não tenho nada a perder — Rory a interrompeu. — Se não me falha a memória, *sir* William é idoso e está um tanto enfermo. A sua beleza e o fogo do seu olhar deveriam arranjar-lhe um homem apaixonado, que a satisfizesse completamente.

A carruagem parou nos portões da Hatton House nesse momento, e Rory acrescentou:

— Vou deixá-la agora. Meus profundos agradecimentos.

— Pouco me importo com eles. Suma-se já!

Ao ouvir essas palavras, ele se voltou da porta. Fitou-a e, mais uma vez, sua beleza excitou-lhe os sentidos. Viu seu desejo refletido nos olhos dela enquanto ondas de calor e de tensão os envolvia.

Ela também podia sentir isso ao mesmo tempo que uma emoção estranha partia do seu interior para a superfície da pele, nos seios. Sem perceber, ergueu-lhe os lábios.

O beijo que recebeu fez seu coração disparar, e o corpo todo estremeceu como um barco quando as velas se enfunam.

Todavia, o cocheiro já havia aberto os portões e voltava para a boléia, o que forçou Rory a descer.

— Espere! Quem é você? — indagou ela.

Com um largo sorriso, que lhe mostrava os dentes alvos e perfeitos, ele respondeu:

— O seu malandro da noite, *milady*, que deste dia em diante será o seu servo.

No instante seguinte, ele desaparecia na escuridão.

A carruagem entrou no pátio e Elizabeth Cecil apertou os braços cruzados no peito, numa tentativa de acalmar o tremor que lhe sacudia o corpo.

CAPÍTULO X

Shane O'Hara afastou a coberta de linho do corpo nu e abafou um bocejo ao se levantar da cama. Deu uns passos e esticou o braço para se apoiar na parede até que a circulação se refizesse nas pernas e o atordoamento o deixasse.

“Batalhas demais com muitos ferimentos”, pensou ele, “e logo haverá mais.”

Caminhou até a abertura da janela e deixou que o olhar vagasse pela noite escura e cheia de neblina. Havia várias fogueiras acesas, aqui e ali; feitas para combater a umidade.

Shane sentiu um arrepio de frio e, distraído, passou a mão pelo corpo forte e atarracado. Havia uma cicatriz, feita por uma lança inglesa, que ia da axila direita até a coxa. Na perna esquerda ficava uma reentrância resultante de um projétil inglês e no peito, sob os pêlos densos, aninhavam-se cinco marcas deixadas por punhais de membros de outros clãs que não tinham conseguido alcançar seu coração.

Havia muitas outras cicatrizes espalhadas pelo resto do corpo que não desejava contar. Esqueceu-se delas e desviou o olhar para o rosto angelical de Deirdre, que dormia. Mesmo num sono profundo, ela mantinha a sombra de ruga de preocupação entre os olhos. Ele a havia provocado durante a discussão que tinham tido na noite anterior. Estaria ela sonhando com as palavras rudes que lhe dirigira?

— Jamais haverá paz — Deirdre afirmara. — Quando os ingleses forem derrotados e os lordes irlandeses governarem a sua própria terra, os clãs voltarão a se guerrear.

— Essa é a vida.

— Não é a vida, não, e sim pura estupidez. Vocês todos são muito irresponsáveis.

— Mulher, se você é uma esposa irlandesa...

— Sou sua esposa, sim, Shane, e aceitei a possibilidade de vê-lo morrer. Mas desejava que fosse por uma razão mais nobre do que o simples prazer de guerrear.

Fora, então, que ele a agredira fisicamente para abandonar o quarto como um urso enraivecido. Nas imediações da cozinha avistara uma criada,

mocinha ainda, que agarrou para levar até o estábulo. Lá, sobre um amontoado de palha, possuiu-a mais como um animal do que como um homem.

A mocinha gritara quando Shane a penetrara e passara a gemer sob a lascívia brutal, mas, pouco a pouco, os gemidos transformaram-se em sons de prazer, até que ela passou a corresponder com a mesma veemência. Continuaram por muito tempo, convulsão atrás de convulsão, e só pararam quando ambos encontravam-se exaustos e ofegantes.

No mesmo instante, Shane arrependeu-se por causa da mocinha e de Deirdre, e foi procurar consolo na bebida. De madrugada, cambaleando, voltou para a cama. Amargurado, sacudiu a mulher de leve, mas não obteve resposta. Estaria ela escondendo-se atrás do sono?

— Lamento tanto, minha querida, e essa é a mais pura verdade. Existe uma diferença tão grande entre nós, embora tenhamos ambos nascido de famílias nobres. Você viveu de maneira delicada, e até mesmo neste meu castelo gelado sua atitude é sempre elegante. Você tenta transformar esta fortaleza de pedra numa mansão inglesa, e eu lhe agradeço por isso. Entretanto, meu amor, sob as tapeçarias e as cortinas de renda a rocha bruta permanece. Temo que o mesmo acontece com o homem que, no íntimo, é feito de pedra. Uma vez erguida a estrutura, decoração alguma poderá transformar-lhe a essência. Porém, por amor a você, vou tentar mudar. Jamais amei outra mulher a não ser você.

Contudo, ela não o ouvira, pois estava dormindo.

Agora, com o frio do amanhecer, Shane sacudiu a cabeça. Encontrava-se sóbrio outra vez a ponto de reconhecer que havia sido sentimental demais. As palavras ternas que enunciara jamais teriam resposta. Talvez fosse melhor assim.

Apanhou um manto e agasalhou-se. Depois, foi até a lareira, onde reavivou o fogo, revirando as brasas e colocando mais lenha. Parou ao lado do berço e fitou o filho Rory, herdeiro do título de chefe do clã O'Hara.

De repente, os olhinhos se abriram. Negros e penetrantes como os do pai, observaram, com naturalidade, a figura imponente debruçada sobre o berço. Fecharam-se outra vez enquanto os lábios rosados sorriam. Rory O'Hara dormia.

— Sua mãe falou a verdade, meu filho — Shane murmurou. — Eu vivo para lutar, pois é a única coisa que sei fazer. Deus queira que ela lhe ensine a percorrer outro caminho.

Virou-se e deixou o quarto. Desceu as escadas e foi debruçar-se nos

parapeitos de Ballylee. O castelo era uma fortaleza inacessível.

Subiu até o topo de uma das torres que dava para o mar e ficou olhando para ele. As ondas gigantescas quebravam-se com estrondo contra os rochedos.

Estava perto do amanhecer e os criados já começavam a acender o fogo na cozinha e nas lareiras de outros cômodos. Nas torres de frente para a terra, novos guardas rendiam os da noite. O'Hara atravessou a torre e observou a parte interna do castelo. Os dois pátios, tanto o superior como o inferior, já mostravam bastante movimento. Os cavaleiros acabavam de varrer as estrebarias e preparavam-se para alimentar os cavalos. Um pouco mais adiante, o fogo na forja do ferreiro crepitava animado. Criadas encarregadas dos vários serviços domésticos movimentavam-se, de um lado para o outro, iniciando as tarefas diárias. O aroma das carnes de carneiro, vaca e aves exalava da cozinha e chegava até O'Hara. Era uma cena de grande serenidade e igual a outras centenas que ele havia testemunhado pela vida afora.

Hoje, contudo, ela não lhe trazia a sensação costumeira de paz. O espírito conturbado fazia-o erguer a cabeça e percorrer os olhos pelas torres, muralhas e floresta que se estendia além do castelo. Temia encontrar em cada canto os soldados ingleses, com lanças desembainhadas, marchando contra Ballylee. Não queria ouvir o ruflar dos tambores que anunciava o aproximar do inimigo.

O som dos mosquetes, acompanhado de gritos, encheria o ar e os casacos azuis tombariam e pontilhariam as colinas com as vítimas inglesas.

De repente, da floresta, surgiria o canhão, a arma sofisticada da rainha, cuspidando fogo e fumaça. Aí, então, os seus guerreiros começariam a tombar dentro do fosso, deixando uma trilha de sangue pela muralha.

Pouco a pouco, a visão desaparecia, e uma outra tomava conta da imaginação de O'Hara. Já não eram mais os soldados ingleses que surgiam da floresta, e sim irlandeses que vinham sitiar Ballylee.

Ouviu um ruído abafado atrás de si e a nova cena desapareceu de sua mente, mas deixou a idéia.

Deirdre teria razão?, indagou-se. Se ele, O'Neill, Red Hugh, Maguires, O'Byrnes e todos os outros clãs unidos conseguissem vencer os ingleses, o que aconteceria? Seria possível mesmo que reiniciassem as lutas entre eles?

Não se virou porque sabia quem tinha se aproximado. A brisa do mar havia trazido o perfume suave dela até o seu rosto, envolvendo-o por completo.

— Falta uma hora ainda para nos levantarmos.

— Meu coração está pesado como uma pedra.

— E por quê? — Deirdre indagou ao chegar mais perto.

— Você falou a verdade ontem à noite e eu estou muito triste por não poder fazer nada. Tirei-a de seu mundo e a fiz aceitar o meu. Você se adaptou com perfeição, o que não teria acontecido se fosse o contrário. Eu seria um desajustado no seu ambiente.

Deirdre abriu-lhe o manto e abraçou-o. O calor do corpo nu dele atingiu o seu através da camisola fina.

— Eu compreendo, mas a escolha foi minha e era o que eu desejava. As palavras duras que disse ontem foram provocadas por amor e pelo medo de perdê-lo.

— E você, meu amor, saiba que, apesar de todos os meus defeitos, de minha natureza rebelde e do meu gosto pela guerra, jamais amarei, até morrer, outra mulher.

Abaixou a cabeça e enterrou o rosto entre os seus cabelos negros. Depois beijou-a com suavidade, primeiro, e paixão crescente, em seguida. Separou-se assustado e murmurou:

— É muito cedo para isso. Você mesma afirmou... Deirdre silenciou-o com outro beijo e pediu:

— Leve-me de volta para a cama e me ame. Não tenha medo. pois existem outras maneiras.

CAPÍTULO XI

— Eu, Elizabeth, te recebo, William, como meu legítimo esposo, para amar-te -e servir-te na riqueza ou na pobreza, na doença ou na saúde e ser-te... ser-te...

— Vamos, menina, continue — sussurrou o bispo.

Elizabeth olhou de soslaio para o homem à sua direita com quem estava se casando. Provavelmente, há muito tempo, *sir* William Hatton havia sido um rapaz de aparência atraente. Agora, no entanto, tinha os cabelos e a barba grisalhos, o nariz e as faces marcadas por veias salientes, resultantes de muita bebida, e parecia mais baixo do que era devido ao excesso de peso.

— Menina... para ser-te... — o bispo repetiu. Passaram-se uns cinco segundos que para ela deram a impressão de eternidade. Agora vinham as palavras mais difíceis de serem ditas com sinceridade.

Menos de meia hora atrás, ao descer da carruagem, suas pernas trêmulas fraquejavam tanto que o pai e o tio tiveram de ampará-la a fim de que pudessem iniciar o cortejo.

Logo depois, caminhava menos insegura, lindíssima no vestido branco ricamente bordado com fios de prata. Os murmúrios e exclamações provocados pela sua beleza lhe deram algum estímulo. As doze damas de honra arrumaram-lhe a cauda enquanto ela mesma ajeitava os cabelos castanho-vermelhados, que, soltos, chegavam-lhe à cintura. Precedida pelos menestrelis, subiu a escadaria para ir ao encontro do noivo.

Foi a meio caminho da nave que ouviu o comentário maldoso de um maledicente qualquer para o companheiro.

— *Sir* William vai ter um trabalhão para dar conta dessa preciosidade. Na minha opinião, o homem que se casa cedo é honesto, mas o que fica solteiro é sábio.

Elizabeth parou e já ia se virar para o atrevido, porém a resposta do amigo dele a fez ficar imóvel.

— É verdade. Entretanto, acho que os casamentos, hoje em dia, não respeitam mais a fidelidade. Quase todos eles têm em vista vantagens financeiras.

— Isso mesmo, casa-se por lucro e não por amor.

Que fossem para o inferno!, pensou Elizabeth, reiniciando a caminhada.

Sua vontade era gritar para os dois e para o resto dos convidados: “O que uma mulher pode fazer? É o contrato e não a união que o homem valoriza. Não deixa de ser uma lástima que as duas maiores ambições do homem, poder e luxúria, encontrem satisfação, juntas, através do casamento!”

Todavia, mantivera-se calada. Com a cabeça erguida e expressão de arrogância no olhar, seguira em frente.

Mas agora era preciso repetir as palavras na presença de Deus e dos homens. Ao seu lado, o noivo tinha a testa úmida de transpiração e tossia no lenço.

— Menina, as palavras são...

— Eu me lembro. ... para ser-te fiel até que a morte nos separe e para tal empenho minha palavra tendo a Santa Igreja como minha testemunha.

Elizabeth teve quase certeza de ouvir um suspiro de alívio, que, sem dúvida, era de Robert Cecil, seu tio.

Quase não prestou atenção à cerimônia das alianças e, quando deu por si, o bispo já invocava a bênção de Deus sobre o novo casal. Ela era, agora, *lady* Hatton.

Não levou muito tempo para que se visse de novo na carruagem, acompanhada do marido, da mãe sorridente, do pai e do tio. Seguiriam em cortejo, pela Strand, até a Hatton House, para os tradicionais festejos.

O seu avô, lorde Burghley, não comparecera à cerimônia do casamento. Alegara estar com uma crise de gota, mas Elizabeth desconfiava que a razão era bem outra. A ausência dele deixava o filho, Robert Cecil, bem mais à vontade para tecer a teia política entre os convidados influentes.

A bem da verdade, isso já estava acontecendo. Robert conversava com *sir* William na esperança de conquistar-lhe o apoio, contra Essex, na próxima sessão do Parlamento.

— A França, milorde, nos levará à ruína se continuarmos lutando contra ela. Quanto aos irlandeses, não creio que representem grande ameaça. Eles continuam lutando entre si e não têm muito tempo para pensar em nós. Agora mesmo, encontra-se em Londres um rebelde do clã O'Donnell, chamado Rory. Veio declarar fidelidade à rainha em troca de, proteção contra o irmão, Red Hugh.

A voz de *sir* William mostrava-se já meio pastosa pelo excesso de vinho tomado antes da cerimônia.

— Só ultimamente tenho ido à Câmara dos Lordes, Robert. O que quer que eu faça lá?

— Atenda aos pedidos de dinheiro da rainha, mas oponha-se às novas

guerras propostas por Essex. Farei o mesmo na Câmara dos Comuns, onde Bacon, nosso primo e grande bajulador, defende as idéias do conde.

— Considero os dias atuais bem amedrontadores. Nossa rainha quer, como sempre quis, que o Parlamento lhe dê dinheiro sem receber explicação alguma. No início do seu reinado, era atendida com boa vontade, depois, com raiva, e agora, esses pedidos insistentes estão prestes a provocar uma revolta. Prefiro bem mais ir passar uma temporada junto às fontes de águas medicinais do que assistir às sessões do Parlamento.

Elizabeth ouviu essas últimas palavras e revoltou-se com a demonstração de covardia. Percebeu que Robert a fitava com insistência, na tentativa de explicar-lhe a razão verdadeira do seu casamento. Em silêncio, o tio dizia-lhe que era a sua obrigação, como membro da família Cecil, fazer com que o marido mudasse de idéia.

Embora respondesse em voz muito baixa para que os outros na carruagem não ouvissem, Elizabeth foi peremptória.

— Esse assunto não me diz respeito, meu tio. Talvez, qualquer outro dia, eu me dê ao trabalho de defender seus interesses pelas lutas do país e pelas suas particulares, mas hoje não. Quero aproveitar ao máximo a festa do meu casamento.

Elizabeth não acrescentou que, quanto mais durassem os festejos, melhor seria, pois adiaria o momento em que se consumaria a união entre homem e mulher.

— Faça como entender, *milady* — Robert respondeu enquanto a ajudava a descer da carruagem, pois haviam chegado.

Digna da fortuna de Hatton e da posição social de Cecil, a festa marcava-se por suntuosidade inigualável. Ao contrário de Robert, os convidados viam nela a ocasião propícia para esquecerem os problemas políticos e governamentais. Ostentando sedas e rendas finíssimas, jóias com gemas resplandecentes, mulheres conversavam animadas com homens também vestidos com extrema elegância.

Do lado de fora dos portões, pobres da rendondeza, ou vindos de longe, esperavam, com paciência, o momento em que seriam distribuídas as sobras do banquete. Estas, com certeza, seriam muitas, já que a fartura era imensa. Nas mesas havia toda sorte de guloseimas, entre elas, capão e peru. Travessas de prata enormes, com pato, ganso e veado, exigiam três criados para carregá-las. Nos braseiros, douravam-se cabritos recheados. Para acompanhar tudo, estavam sendo servidos vinhos famosos e outras variedades de bebidas.

O banquete foi servido nos jardins e, depois de algum tempo, embora os homens continuassem deliciando-se com as iguarias e bebidas, as mulheres foram até o grande vestíbulo da mansão para verem os presentes da noiva.

E havia muito o que admirar. Uns chamavam a atenção pela originalidade, outros pelo valor elevado, e alguns pelo bom gosto. Viam-se pratos de prata ou ouro, peças de veludo e de cetim, além de móveis delicados para o quarto de vestir.

A rainha, que não se encontrava ali, enviara uma baixela de prata ornamentada com caracteres espanhóis esmaltados. As senhoras examinaram essas peças e trocaram olhares silenciosos e significativos. O presente real era mais extravagante do que valioso. Mas todos sabiam que Gloriana achava que sua bênção já era suficiente, e por isso não precisava desfalar os seus cofres.

Na última mesa, um pouco antes do arco que dava passagem para o interior da casa, estava o presente de *sir* William para *lady* Hatton. Era um conjunto de jóias do qual constavam uma corrente longa de brilhantes, brincos de pingente, no mesmo estilo, e uma tiara que, além dos diamantes, ostentava duas pérolas enormes e perfeitas. As peças estavam num estojo forrado de veludo vermelho, que realçava o brilho e a pureza das pedras.

Houve um momento em que Elizabeth se viu ali sozinha e estremeceu ao pensar no valor daquele presente. Devagar, os seus lábios abriram-se num sorriso, pois era a primeira vez que tinha consciência plena da magnitude de seu novo título e condição social.

Extasiada, percorreu os olhos pelo teto alto, pelas paredes de lambris almofadadas e, mais além, pelo segundo vestíbulo, de onde subia a escada para o segundo andar. Especialmente essa última parte, que tinha sido remodelada por *sir* Christopher há pouco tempo, tudo era de extremo bom gosto. Todo o trabalho em madeira, inclusive a imponente escada em espiral, fora executada por um artesão desconhecido, mas, sem dúvida, de grande sensibilidade artística.

Elizabeth sabia que as jóias à sua frente e a Hatton House eram apenas parte da fortuna do marido. Havia Holdenby, em Northamptonshire, a casa de campo rodeada por jardins vastos, as terras cultivadas no sul da Inglaterra, que rendiam milhares de libras por ano, e os quase quinhentos hectares, em Munster, na Irlanda. Provavelmente, essa propriedade também passaria a dar bons rendimentos assim que a questão política ficasse resolvida de vez.

De repente, ela reconheceu que nada mais tinha importância. No fundo

do coração, sabia que estava sendo dominada pelo amor às coisas caras e suntuosas. Acariciou os diamantes enquanto a mente repetia, feliz: “Tudo é meu agora”.

No jardim, Robert Cecil movimentava-se de grupo em grupo, numa sondagem de inclinações políticas. Com alguns dos convidados, como Anthony e Francis Bacon, mostrava-se atencioso, porém, reservado. Sabia-se que esses dois, ultimamente, andavam tentando conseguir as boas graças de Essex.

— Como vai, Francis?

— Rob... Rob... Robert, eu... preciso falar com... com você. sobre um assunto mui... muito importante.

Robert sabia do que se tratava. Bacon desejava o cargo de procurador geral come ponto de partida a fim de angariar mais influência na Corte. Entretanto concordava com o pai, lorde Burghley, que o jovem advogado não servia para o cargo, pois além de inexperiente era um tanto gago. Mesmo que existissem possibilidades remotas para a indicação dele, elas se haviam desvanecido por causa das ligações secretas com Essex, seu ferrenho inimigo.

Alegando ter de cumprimentar outros convidados, Robert dirigiu-se ao grupo onde Edward Coke, outro candidato à procuradoria geral, estava. Assim deixava bem claro, a Francis, que tinha seu apoio para a posição.

Desta vez, deixou a reserva de lado e mostrou-se bem mais disposto a conversar, embora Coke fosse um tanto falador e avarento para o seu gosto. Sabia que a indicação dele era iminente por causa de duas razões muito importantes: sua lealdade à família Cecil e seu profundo conhecimento de leis. A acuidade financeira de Coke também era uma boa recomendação para posto tão alto. Ela tinha conseguido multiplicar várias vezes a herança de família e o dote de Bridget, sua mulher. A verdade era que o homem estava praticamente rico.

Depois de algum tempo de conversa, em que Coke se certificou da nomeação quase garantida para a procuradoria geral, enveredou para o assunto de sua predileção.

— Que desperdício, Robert, que triste desperdício!

— A que está se referindo?

— A festas exageradas de casamento como esta. O dinheiro gasto nesta fartura deve ter sido imenso. Isso, naturalmente, sem falar nas roupas dos convidados. Às vezes fico imaginando se não seria melhor largar a minha profissão e ir tingir plumas como os puritanos de Blackfriars. Isso deve pagar bem mais. É difícil encontrar-se um janota, hoje em dia, que não ostenta uma

pluma no chapéu. Veja aquele ali, por exemplo, não poderia estar vestido com mais exagero.

— Ah, o nosso James Blake, que recentemente começou a trabalhar para meu pai — Robert comentou, sem, contudo, explicar que se tratava de um dos membros mais eficientes da rede de espionagem de lorde Burghley.

— Repare bem no tamanho da gola de tufos dele. Deve ter pago um bom dinheiro por essa roupa, e parece estar com a cabeça num prato. Ridículo!

— Eu o aconselho, Edward, a não deixar a nossa boa rainha saber dessa sua opinião. Por ela, os cortesões só usariam golas assim e até maiores.

Depois de continuar ouvindo, por algum tempo, as teorias desinteressantes de Coke sobre moda e dinheiro, Robert pediu licença e atravessou o gramado em direção a James Blake, o homem com quem mais desejava conversar nesse dia.

Com a mente extravasando de euforia, Elizabeth desceu os degraus de pedra que iam do grande vestíbulo ao jardim. Tinha certeza de que nada poderia atrapalhar sua recente resolução de aceitar e gozar de sua nova situação. Todavia, estava enganada.

Mal tocou o gramado encontrou-se frente a frente com o rapaz atraente que, na véspera, chamara de malandro da noite. Não teve tempo de se recuperar da surpresa, pois ele já a cumprimentava com uma curvatura exagerada.

— Parabéns, *milady*. Está mais linda ainda vestida de noiva. Mas depois do dia vem a noite de núpcias.

Atrevido, porém de maneira encantadora, pensou ela com respiração meio ofegante. Sob a claridade das tochas, conseguiu ver melhor do que na semi-escuridão da carruagem as feições bonitas dele. O rosto bronzeado não tinha barba, apenas uma sombra de bigode que seguia a curva insolente do lábio.

De repente, Elizabeth caiu em si e disse:

— Não sabia que os portões tinham sido abertos à ralé.

Os lábios cheios e bem delineados dele se curvaram num sorriso que, apesar de insinuante, dava ênfase à firmeza do queixo. O olhar penetrante deixou-a por um instante enquanto percorria o ambiente, mas voltou a se fixar nela.

— De fato, *milady*, na companhia de tamanha fortuna e beleza, eu não passo de um humilde membro da ralé.

Elizabeth corou sob o olhar perscrutador. Era como se ele a estivesse despindo para admirar-lhe o corpo nu, numa revelação pura de desejo.

— Eu o acho muito estranho e noto algo diferente no seu sotaque. De onde é?

— Da Irlanda, região de Ulster. Estou aqui para defender minha causa contra um pai maldoso e um irmão rebelde. Sou Rory, o filho exilado de Black Hugh O'Donell.

Quase assustada, Elizabeth deu um passo para trás. A respiração mais curta fez com que os seios sobressaíssem arfantes no decote.

— Ah, *milady*, tenho a impressão de que acredita na lenda que todos os irlandeses são selvagens.

Rory curvou-se e tomou-lhe a mão que beijou por uma fração de segundo a mais do que a etiqueta mandava. Sobre os ombros dele, Elizabeth podia ver os olhares de admiração das outras mulheres. Pareciam fazer comentários por trás dos leques ou, talvez, apenas o cobiçavam.

— Ora, vejam só, o camponês em pessoa. Percebo que conseguiu arranjar um alfaiate melhor. O corte está um tanto fora de moda, mas é apresentável.

Os dois viraram-se depressa. Elizabeth não conhecia o rapaz de feições angulosas, vestido com elegância exagerada, mas era óbvio que O'Donell, sim.

— Ah, o meu oponente “abra caminho”. Boa noite, senhor — Rory cumprimentou com uma leve curvatura de cabeça. — Rory O'Donnell.

— James Blake a seu serviço — o outro respondeu numa cortesia afetada que incluía Elizabeth também. — É uma pena que esteja desarmado, pois senão poderíamos reassumir nossa luta de ontem à noite.

Rory riu e dirigiu-se à noiva.

— O cavalheiro é o meu mestre de esgrima. Estou ansioso para receber minha próxima aula, porém hoje não. Seria uma lástima macular a festa de casamento desta senhora com o sangue de um inglês.

Blake também riu para demonstrar que a inferência de Rory não havia passado despercebida.

— É bem sagaz para um camponês. Tenha certeza de que nossa luta continuará num dia destes qualquer. *Milady*, com a sua permissão — James acrescentou ao mesmo tempo que dobrava os joelhos dum cumprimento elegante, para afastar-se, em seguida, através do círculo que se formara à volta deles.

— Então, sua luta de ontem à noite foi com mestre Blake — Elizabeth comentou.

— Foi — Rory replicou sério.

A expressão de bom humor tinha desaparecido por completo do rosto

dele, e os olhos mostravam uma frieza assustadora. Quando tornou a falar, a voz soou áspera.

— Tenho a sensação estranha de que, um dia, terei mesmo de matar esse homem.

Um arrepio percorreu a espinha de Elizabeth, e um atordoa-mento esquisito tomou-lhe conta da mente. Até agora só conhecia James Blake de nome, mas sabia da agilidade dele com o florete. Dizia-se que as vítimas fatais de sua ponta afiada não podiam ser contadas nos dedos das duas mãos.

A simples idéia de ver o rosto bonito deste irlandês impetuoso retorcendo-se na agonia da morte a fez exclamar:

— Cuidado! James Blake tem a reputação de ser dissimulado e trapaceiro, e a habilidade dele como espadachim ainda não foi igualada por ninguém.

O bom humor retornou à expressão de Rory, e os lábios dele se curvaram de novo num sorriso atraente.

— O seu interesse pela minha segurança me comove, *milady*, porém não se preocupe. O seu malandro da noite pretende viver uma longa vida para dedicá-la ao seu serviço.

A referência à pessoa dele feita com a sua própria frase deixaram-na surpresa e confusa. Abaixou os olhos, mas, antes que pudesse encontrar palavras para responder, Elizabeth viu-se rodeada pelas camareiras.

Não existia dúvidas quanto às intenções delas. Estava na hora de preparar a noiva para se deitar e receber o marido. Elizabeth estremeceu nervosa. Há poucos minutos, incentivada pela fortuna e posição social, tinha se reconciliado com a idéia de ser *lady* Hatton e gozar dos prazeres da vida em Londres e na Corte. Contudo, agora, depois de se encontrar outra vez com esse irlandês insinuante, tudo perdia o brilho anterior.

Antes de se deixar levar, fitaram-se por um momento breve, e Elizabeth notou uma certa tristeza no olhar dele. Gostaria de que o sentimento fosse provocado pelo fato de estar indo para outro homem. Na fração de segundo em que começava a se afastar, teve certeza de que se tratava disso, pois, silenciosos, os lábios de Rory formaram a frase:

— Algum dia...

A uns passos de distância, Robert Cecil notou o intercâmbio entre a sobrinha recém-casada e o irlandês. Todavia, em vez de preocupação, um leve sorriso iluminou-lhe o rosto, quase sempre taciturno. Afinal, não perder Rory O'Donnell de vista e estar sempre a par das atividades dele em Londres parecia, agora, uma tarefa mais fácil.

— *Sir Robert.*

— Pois não — respondeu sem se virar ao reconhecer a voz de Blake.

— Ele já mordeu a isca e, creio, não conseguirá fugir.

O sorriso de Robert aumentou. O significado das palavras de Blake estava relacionado a um assunto discutido por eles anteriormente. Sem que Rory desconfiasse, a sua chegada a Londres já era conhecida antes que lorde Haskins a divulgasse. O duelo de espadas com Blake e o encontro de hoje tinham sido planejados por Robert Cecil.

Se Haskins tivesse mentido a respeito de seu genro O'Hara ser fiel à rainha e se Rory O'Donnell houvesse entrado na Inglaterra como espião, não sendo o exilado que alegava ser, então nada melhor do que um duelo para se livrar dele. Não seria a primeira vez que o florete de Blake se mostraria politicamente útil.

Enquanto Robert seguia cada passo seu, Rory passeou entre os convidados, alheio aos olhares de admiração que as mulheres, jovens e de mais idade, lhe dirigiam. Finalmente encontrou lorde Haskins, que o levou a um recanto mais sossegado, onde poderiam conversar sem preocupação.

— Já falei com Cecil, que prometeu uma audiência para' você com lorde Burghley. Se este achar que suas razões têm fundamento, irá apresentá-lo à rainha. Ele me pareceu bem satisfeito com a sua presença aqui em Londres.

— E não deveria estar? Afinal, depois da fuga de meu irmão do castelo de Dublin, sou um refém precioso.

— Mais uma razão para você convencer Burghley de que seus planos são tomar o lugar de seu irmão e receber Tyrconnell como recompensa por sua lealdade à Inglaterra. Creio que, agora, essa será uma tarefa mais fácil.

— Como assim? — Rory indagou.

— Soube hoje que O'Neill está sendo pressionado a evitar que Red Hugh, seu irmão, envolva-se em lutas.

— Meu pai pode fazer isso.

— Não mais. Black Hugh foi enterrado, há sete dias, no castelo de Donegal.

Ao mesmo tempo em que Rory procurava um lugar ermo para sofrer sozinho a dor provocada pela triste notícia, Elizabeth, deitada, parecia uma estátua de pedra.

Na verdade, não sabia o que tinha esperado para esse momento — dor, prazer, êxtase ou humilhação —, apenas esperara algo. Entretanto, não sentira absolutamente nada. Agora, deitada de costas, nua, os seios levantando-se sob o ritmo da respiração, via-se tomada pela frustração e por

pensamentos pecaminosos de lascívia.

O marido respirava ofegante ao lado, uma sombra de dor fazia-se sentir na sua parte mais íntima, entre as coxas, e a mente pensava em Rory O'Donell.

Sir William levantou-se e ficou algum tempo admirando-lhe o corpo.

— Você é linda, minha cara, e a recompensa dos sonhos de um velho.

— Para ser-te fiel até que a morte nos separe, *milorde*. Agora sou mesmo sua mulher — respondeu com calma.

— Sem dúvida, e uma excelente!

Elizabeth virou a cabeça para ele, embora evitasse que os olhos se fixassem no corpo envelhecido.

— Apenas não se esqueça, *milorde*, que este casamento inclui outras coisas além do entrelaçamento de dois pares de pernas nuas.

CAPÍTULO XII

Rory mantinha-se sentado fora do círculo de luz bruxuleante espalhado pela vela. Ouvia com atenção e pesava cada palavra proferida por Haskins e pelos dois outros homens acomodados no lado oposto da mesa.

Encontravam-se numa sala minúscula e mal ventilada, sob as escadas de uma casa na Old Street, bem atrás de Golden Lane. Ela pertencia a uma velhinha que chamavam de Mistress Rigby, e o cômodo secreto já havia abrigado muitos mártires jesuítas que fugiam da rainha.

Rory estava descobrindo muita coisa com os três companheiros. O movimento subterrâneo da igreja católica era bem maior do que havia imaginado, e o número de seus membros exilados, ou de simpatizantes no país, parecia grande.

Instruções clandestinas para católicos revoltados chegavam diariamente à Inglaterra, vindas da França, Espanha e dos Países Baixos. Em Bruxelas, um conselho formado por exilados ingleses reunia-se com regularidade para formular planos destinados à reimplantação do catolicismo na Inglaterra.

Dois dos mais influentes revolucionários eram Henry Garnet e Robert Southwell, os cavalheiros que se encontravam ali em conversa animada com Haskins. O assunto girava em torno das atividades do movimento. A Rory, pouco interessava o problema religioso na Inglaterra, e apenas desejava canalizá-lo em favor da luta pela liberdade da Irlanda.

A conversa esmoreceu e Southwell, um dos homens vestido com excessiva sobriedade, explicou:

— Suas idéias, mestre O'Donell, têm o seu mérito, mas Henry, aqui, não concorda em unir nossa luta com a dos rebeldes irlandeses e, muito menos, aceitar como aliados os assaltantes que infestam as estradas da Inglaterra.

Rory pensou por um momento e fitou Henry Garnet. Este, ao contrário de Southwell, vestia-se com elegância exagerada. Com toda a certeza era para se impor mais. Quando lhe dirigiu a palavra, foi com voz inexpressiva.

— Será que mestre Garnet quer insinuar que apenas pessoas de categoria social mais alta têm direito a ter fé? Ele está dizendo que a causa dos jesuítas pertence só aos ingleses e não aos meus compatriotas?

Garnet, um homem de estatura pequena e olhos escuros, miúdos e de expressão penetrante, tinha resposta preparada.

— Não, irlandês, mas se o próprio Papa esquivou-se de ajudar os rebeldes irlandeses, por que deveríamos nós juntar nossa luta religiosa à sua política?

— Porque somos irmãos na fé — Haskins interrompeu. — Nem a intolerância nem a estupidez do Papa deveriam atrapalhar nossas lutas.

— Blasfêmia! — Garnet sibilou.

— Por favor, cavalheiros, vamos conversar como homens de responsabilidade que somos e não uivar como cães. Já afirmei, e torno a repetir, que sua idéia tem valor, mestre O'Donell, pois acho que os menos protegidos pela sorte também têm direito à rebelião. Sou um homem tolerante, que concordaria em deixar o trono para a rainha desde que as duas religiões pudessem conviver lado a lado — Southwell explicou.

Rory percebeu a diferença de opinião entre Southwell e Garnet. O primeiro propunha uma solução pacífica, enquanto o segundo exigia a cabeça da rainha e um rei católico no trono. Essa diferença não lhe interessava, o que confessou.

— Não desejo nada além da desestabilização social da Inglaterra a fim de ganhar tempo para a Irlanda. Preciso então da colaboração dos senhores, que possuem meios de providenciar panfletos de propaganda, e de fazer contatos com altos postos para angariar informações.

— Em troca disso, nos dará um exército formado nas ruas — Southwell comentou.

— Da ralé — resmungou Garnet.

— Exatamente, mas bem numeroso, fator com que, sozinhos, não podem contar — Rory declarou, inflexível.

— Um momento — Southwell pediu ao dirigir-se com Garnet a um canto, onde conferenciaram em voz baixa.

— Cuidado com Garriet — Haskins aconselhou num sussurro. — Ele é bem capaz de nos levar a Ludgate ou à Torre.

— Percebi isso. Southwell dá impressão de ser mais prático e humano. Ele reconhece as vantagens de atormentar a rainha com pequenos problemas em vez de matá-la.

— Você acha que vai conseguir mesmo organizar um exército reunindo várias facções?

— Não sei — Rory respondeu com um sorriso vago.

Nesse momento os outros dois homens voltaram para a mesa. Os olhos escuros de Garnet revelavam a antipatia sentida pelo rebelde irlandês, enquanto os lábios de Southwell se curvavam com um sorriso tímido.

Pela expressão de ambos, Rory adivinhou que o acordo proposto havia sido aceito.

Nas semanas logo após o casamento, Elizabeth descobriu que a vida conjugal não era tão desagradável como imaginara.

Contando com uma vasta criadagem e verba financeira quase ilimitada, tornava-se fácil tomar conta de Hatton House. *Sir William*, por sua vez, com o passar dos dias, exigia menos e menos suas atenções, tanto na cama como fora dela. Com o verão chegando ao fim, ele preferia aproveitar as águas medicinais das fontes e não ficar em Londres. A princípio, Elizabeth o acompanhou, porém depois cansou-se. Como o marido não se opusesse, continuou na cidade.

A liberdade de que gozava agora deixava-a eufórica e a aproveitava ao máximo. Bem depressa fez amizade com pessoas de sua idade, com quem convivia na sociedade e na Corte. Gastava dias no campo que se estendia ao norte da Hatton House, onde podia cavalgar à vontade, acompanhada dos cães de caça.

Sir William não se importava nem um pouco com suas extravagâncias, por isso Elizabeth sentia-se à vontade para fazer as coisas que lhe davam prazer. Gastava somas respeitáveis na aquisição de cavalos, cães e roupas elegantíssimas e finas. Seu extenso guarda-roupa já começava a ganhar fama. O mesmo acontecia com a sua qualidade de ótima anfitriã, graças às recepções luxuosas que oferecia. O marido pagava as contas sem protestar, e apenas se queixava das crises de gota e reumatismo, cada vez mais freqüentes.

Nas tardes em que não cavalgava com um falcão amestrado no pulso, Elizabeth se entretinha com os amigos, ou na prática de *bear-baiting* — esporte que consistia em instigar cães contra um urso acorrentado —, ou com idas ao teatro. Esta última atividade era mais freqüente, pois toda Londres estava entusiasmada com o gênio do novo apadrinhado de Henslowe, no Rose, chamado William Shakespeare.

As noites eram gastas com jantares suntuosos e conversas agradáveis. Se *sir William* estivesse na cidade, Elizabeth recebia os amigos importantes dele com as mesmas atenções que dispensava aos seus próprios na ausência do marido.

De acordo com os votos feitos na cerimônia de casamento, mantinha-se fiel e jamais se negava a cumprir as obrigações conjugais. Todas as vezes que *sir William* a procurava, mostrava-se disposta a satisfazê-lo e não reclamava dos métodos ou rapidez do comportamento sexual dele. Aliás, ela pouco se

importava com isso, apenas fazia um esforço para aquietar a paixão que, como um vulcão adormecido, escondia-se em seu âmago. Mesmo em pensamento, poucas vezes era infiel. Não que lhe faltassem muitos admiradores ardorosos, que chegavam a ser indiscretos com propostas veladas, mas óbvias. As únicas vezes que cedia à tentação eram as que, por acaso, se encontrava com Rory O'Donell.

Com a proximidade da Haskins House, onde ele estava hospedado, parecia a Elizabeth que esses encontros eram inevitáveis. Entretanto, começou a perceber que eles não aconteciam só por coincidência. Sempre que saía, fosse para ir ao campo, ou fazer compras, ou passar a tarde em Whitehall, o irlandês aparecia ao lado de sua carruagem, com o sorriso insolente e os olhos negros brilhantes irradiando desejo.

Pelo resto do dia, a lembrança do rosto atraente e do corpo esguio e forte dele a perseguia sem descanso. Repetia para si mesma que essa sua atitude era ridícula e indigna de uma mulher casada. Acima de tudo não devia pôr em risco a sua posição de esposa de um nobre. Convencia-se de que ele não era diferente dos outros admiradores e não significava nada, em particular, para ela.

Todavia, ao voltar para casa, lá estava Rory de novo, e a calma passageira dissolvia-se como a fumaça soprada pelo vento. E a imagem dele retornava à sua mente.

Como um mágico, o irlandês parecia estar sempre no seu campo de visão. Às vezes era o cavaleiro solitário e distante numa caçada, outras o rosto entre muitos no teatro, ou, ainda, os ombros largos do lado oposto do salão de baile em Whitehall. Em todos os lugares, ele a perseguia.

Ultimamente, Elizabeth apanhava-se imaginando um relacionamento mais íntimo com Rory. Via-se nos braços dele, com o rosto erguido à espera de um beijo. Podia até sentir as coxas musculosas dele de encontro às suas, e o peito forte apertando-lhe os seios.

Certa madrugada, ela acordou agitada e banhada em transpiração. Era o resultado de um sonho que permanecia claro.

Encontrava-se com Rory, sob uma árvore, em algum lugar no campo. Entregara-se, sôfrega, ao beijo ardente dele e todos os seus sentidos vibraram, tumultuados.

O coração batia agitado, enquanto as mãos dele desatavam os cordéis do seu corpete para soltar-lhe os seios, que acariciou ávido e impaciente. O contato inflamou-a de desejo e o corpo todo vibrava de ansiedade.

Com delicadeza e agilidade ele a despiu por completo e o luar ressaltou-

lhe a sensualidade das formas bem-feitas. Deitou-a na grama e seus dedos tocaram-na, de leve, nas pernas, a fim de separá-las para recebê-lo.

Ao sentir no corpo a nudez do rapaz, a mente de Elizabeth rebelou-se contra a sua aquiescência física. Cerrou os punhos e passou a golpeá-lo no peito, ao mesmo tempo que fechava as pernas para impedir a entrada dele.

Foi então que acordou aflita, os braços apertados contra o peito e os joelhos, doloridos, juntados com força.

Uma brisa atingiu-a vindo de uma janela aberta. Levantou-se e foi até lá, onde respirou, profundamente, o ar refrescante da noite.

Um movimento logo abaixo do muro de pedra que rodeava o jardim chamou-lhe a atenção.

Descobriu tratar-se de um homem, um ladrão, com certeza, pois senão procuraria os portões para sair dali. Ele deu um pulo, agarrou-se a uma saliência e subiu no muro.

Era ele, o irlandês, alto e esguio, a silhueta iluminada pelo luar contra a escuridão do arvoredor.

Rory levantou o olhar e a viu. O rosto expandiu-se no sorriso costumeiro e com as pontas dos dedos atirou-lhe um beijo. Depois os lábios moveram-se na formação das palavras que Elizabeth não precisava ouvir para entender.

— Algum dia...

— Não! não! — gemeu alto e voltou aos prantos para a cama, pois sabia que o corpo o desejava e a consciência o recusava.

E o coração temia que a promessa se concretizasse.

CAPÍTULO XIII

Ao ver o vulto de Elizabeth desaparecer da janela, Rory suspirou, num misto de alívio e culpa. A verdade é que vinha usando-a para encobrir suas atividades.

Desde o dia do casamento, ele sabia que estava sendo seguido, o que tornava quase impossível seus movimentos pela cidade. As reuniões na casa de Mistress Rigby estavam cada vez mais difíceis de serem freqüentadas.

Tornara-se necessário arranjar uma distração, e nada melhor do que o papel de homem apaixonado que gastava o tempo todo à espera da oportunidade de ver, mesmo que de longe, a mulher amada.

O expediente surtira o efeito desejado. Após semanas em que Rory não fizera outra coisa a não ser seguir todos os passos de *Lady Hatton*, os que o vigiavam acabaram se cansando e relaxaram o serviço de observação de seus atos. Isso o deixava livre para freqüentar, quase todas as noites, as tavernas em Cheapside, ou em Bankside, do outro lado do rio Tâmis, em Southwark.

Nesses lugares, no convívio com assaltantes, prostitutas, mendigos e até assassinos, ele descobriu fatos importantes. Certificou-se de que a metade dos criminosos de Londres era constituída de ex-soldados infelizes com o desamparo a que tinham sido relegados. O amor e a adoração que esses homens demonstraram à rainha no início do seu reinado transformaram-se em insatisfação amarga, e por isso mostravam-se favoráveis a sugestões de melhoria de vida.

Rory também visitou a taverna *The Ship*, na *Lincon's Inn Fields*, em Holborn, e outros lugares de reuniões de católicos. Verificou por si mesmo como a causa dos jesuítas fortalecia-se com o passar dos dias.

Do outro lado do canal, a guerra santa deles avançava pelo campo inimigo, apesar das forças inglesas, sob o comando de Vere, conseguirem vitórias todos os dias, embora pequenas. Mesmo assim, os protestantes da Holanda, ainda sitiados, constituíam um problema dispendioso para a Coroa inglesa e existia também a possibilidade remota de os jesuítas vencerem na Normandia. Se isso acontecesse, a Inglaterra se encontraria numa posição vulnerável, sujeita a uma invasão do catolicismo e de conversão em massa.

Com o tesouro enfraquecido e as exigências financeiras crescentes das guerras no estrangeiro, Whitehall teria problemas para dominar uma

insurreição do povo. O propósito de Rory era instigar essa rebelião, que, se tivesse sucesso, talvez resultasse na vitória da luta irlandesa.

Rory pulou do muro e atravessou os campos iluminados pelo luar antes de mudar de direção, com o propósito de seguir a trilha que rodeava a vasta propriedade da Hatton House. Cruzou a Holborn Road pela sombra e continuou pela Chaunceler Lane, voltando para a Strand e o rio.

Já estava em Temple Bar, perto da Fleet Street Gate, quando, ao virar uma esquina, deu de encontro com a guarda.

— Alto lá, pare!

Viu-se iluminado por uma lanterna erguida e em frente a três homens bem armados.

— Para onde vai numa hora dessa? — indagou um deles. Rory sacudiu os ombros.

— Responda, ou é surdo, ou mudo?

Não era a primeira vez durante suas andanças noturnas que a guarda o interpelava, e por isso já sabia como se esquivar das perguntas.

— *Qu'est-ce que cela signifie? Je ne comprends pas* — falou com as sobrancelhas franzidas.

— O que será que esse diabo está dizendo? — perguntou um dos guardas.

— Deve ser estrangeiro — respondeu o outro. — Continue o seu caminho, moço, e cuidado para que não lhe cortem o pescoço — acrescentou a Rory.

Ele continuou imóvel como se não houvesse compreendido a recomendação. Os três guardas saíram da frente e, com gestos, indicaram-lhe que podia ir embora.

— *Merci, merci. Bonsoir!* — Rory agradeceu em francês.

A guarda foi para a direção oposta à sua, mas até passar pela Street Gate, rumo ao rio, ainda podia ouvi-la.

— O diabo é um assaltante que dêem cabo dele. Assim será um estrangeiro á menos para eliminarmos mais tarde.

Não se passaram muitos minutos antes que um barqueiro o visse junto às escadas que desciam ao rio.

— Precisa de um barco, senhor?

— Preciso, sim — Rory respondeu ao mesmo tempo em que descia os degraus e entrava no pequeno bote.

— Para onde vai, senhor?

— Bankside.

Logo, levados pela correnteza, seguiam para o meio do rio. Rory podia ver as luzes bamboleantes de outros barcos os vinte arcos e a parte coberta da ponte de Londres parcamente iluminada.

— No patamar da ponte, senhor? — o barqueiro quis saber enquanto imprimia mais força aos remos.

O olho direito dele estava coberto por uma viseira preta, mas o esquerdo parecia compensar a cegueira do outro, pois brilhava interesseiro ao observar as roupas bem talhadas e as botas modernas de Rory.

— Não, prefiro perto de Clink, do lado de cá da ponte. O patamar de Winchester está muito bom.

Continuaram algum tempo em silêncio, até que o barqueiro tornou a falar.

— Será que o senhor, esta noite, está à procura de uma das mariposas de Winchester?

Ele era um homem forte e corpulento, com os músculos dos braços salientes e mãos enormes que pareciam capazes de estrangular alguém sem muito esforço. Rory embrulhou-se melhor na capa e passou a mão na faca enfiada numa das botas.

— Isso não é da sua conta, barqueiro.

— Desculpe, não quis ofendê-lo. Entretanto, o senhor parece um cavalheiro, e como tal deveria preferir as mulheres de Cheapside. Lá elas são mais bonitas e saudáveis.

— Talvez eu seja mesmo um cavalheiro, porém a minha bolsa só tem recursos para Bankside.

O olho esquerdo perdeu o brilho interesseiro ao imaginar que não valeria a pena roubar o passageiro. Rory, mais sossegado, entregou-se aos próprios pensamentos.

Através do estratagema de seguir os passos de *lady* Hatton, ele já havia descoberto muita informação importante. Nos bailes e banquetes, enquanto demonstrava ser Elizabeth a única razão de sua presença em tais festas, mantinha os ouvidos abertos e a mente atenta.

Foi assim que ficou sabendo que a luta entre Essex e Cecil pelas simpatias da rainha crescia em animosidade. Por palavras descuidadas dos irmãos Bacon, soube, ainda, de uma das atividades da rede de espionagem do conde.

Anthony Standen tinha sido banido da Inglaterra para a Espanha. Como desse mais valor ao ouro do que à fé, passou a tirar vantagens da condição de refugiado católico para obter informações na Corte espanhola. Entre elas,

fazia parte uma lista de nomes dos irlandeses que visitavam aquele país e que ele enviara a Essex, em Londres.

Imediatamente, Rory enviou uma mensagem cifrada a O'Neill e, logo depois, Standen desaparecia, misteriosamente, em Madri.

De um modo geral, ele estava satisfeito com o que já conseguira fazer nos meses passados em Londres. Entretanto, às vezes, via-se tomado pelo sentimento de culpa e a razão para isso era Elizabeth.

Durante as horas em que a acompanhava de longe, lembrava, com frequência, do calor dos lábios dela no beijo que lhe dera, na carruagem, na noite do primeiro encontro. Podia ainda ver o arfar dos seios, tão próximos, enquanto ela tentava estancar-lhe o sangue do ferimento de um dos ombros.

Rory questionava-se sobre os motivos que o tinham levado a usá-la para encobrir suas atividades. Teria sido porque, como mulher casada, ela não oferecia perigo de envolvimento?

A princípio, Elizabeth mal o fitava, mas agora não só o fazia como demonstrava ansiedade e fraqueza no olhar. E ele, por sua vez, apanhava-se, muitas vezes, retribuindo a expressão de desejo que parecia ler nos olhos dela. Sua concentração no trabalho desaparecia ao observar-lhe a disposição de espírito e os movimentos graciosos do corpo bem-feito.

Ao chegar em Londres, ele se impusera abstinência sexual, o que, agora, começava a ser um fardo pesado. Desde a juventude que estava acostumado a saborear as doçuras das mocinhas que trabalhavam como criadas no castelo de Donegal. Era um hábito regular que, ao ser ignorado, provocava tentações difíceis de resistir. Elas partiam de mulheres bem diferentes entre si, desde a camareira da rainha, de esposas insatisfeitas, até uma criadinha linda da Haskins House. Todas tinham oferecido seus encantos ao jovem e atraente irlandês.

Contudo, a tentação maior partia de *lady* Hatton e Rory indagava-se o que faria se ela, um dia, agisse como as outras. Teria forças para resistir?

— Chegamos, senhor — o barqueiro avisou.

Rory deu-lhe umas moedas de cobre e desceu do barco. Assim que subiu os degraus de pedra do pequeno cais, passou por dois homens suspeitos. Olhou por cima dos ombros a tempo de ver o barqueiro fazer-lhes um sinal negativo com a cabeça. Melhor assim, pensou, pois seriam dois assaltantes a menos com que se preocupar.

A luz das tochas do cais mal iluminava as pedras do calçamento de Bankside, e atingia o emaranhado de velas que iam dar em Southwark. Localizou o teatro Rose, que marcou como ponto de referência, e embrenhou-

se pelo labirinto.

Logo se viu assediado por uma prostituta, que precisou empurrar para que o largasse.

Numa esquina Rory foi abordado por um velho.

— Uma esmola para um pobre soldado.

— Saia da frente---respondeu, antes de ver a lâmina de uma faca na mão do mendigo.

Rory apenas teve tempo de se desviar antes que a arma o atingisse. Conseguiu ainda empurrar o homem que, mais fraco, não fez outra tentativa de acertá-lo, mas que praguejou à vontade, furioso.

Andou por mais alguns minutos até que viu uma placa, balançando ao vento, onde leu: “The Hound and Hare”. Entrou, e quase fechou os olhos sob o impacto da luz das lanternas e da nuvem de fumaça que permeava o ambiente. Se Haskins tinha razão ao afirmar que a Alemanha tentava fazer a Inglaterra se curvar ao hábito de tomar cerveja, Rory achava que Raleigh conseguiria isso dos seus compatriotas bem mais depressa com o uso do tabaco. Todas as vezes que entrava numa taverna, mal podia crer no que os olhos viam.

No centro da sala havia duas mesas longas, com bancos compridos de cada lado, onde se encontravam sentados algumas meretrizes e homens de semblante taciturno. Um cachorro vira-lata rosnou ao pressentir a sua presença, mas como Rory continuasse a avançar, ele levantou a cabeça e tornou a rosnar. Uma das mulheres deu-lhe um pontapé e falou irritada:

— Fique quieto aí no seu canto. — E com voz melosa indagou do recém-chegado: — O que o cavalheiro deseja?

— Uma caneca de vinho branco seco — Rory respondeu, e foi se sentar a uma mesinha num canto afastado.

Ao passar por umas cabines fechadas por cortinas ao longo da parede, ouviu o ruído de cartas de jogo sendo embaralhadas e de dados rolando.

A última estava aberta e pôde ver um mercador, mais bem vestido do que o resto dos fregueses, divertindo-se com uma prostituta seminua. Não conseguiu evitar a comparação entre a cena sórdida e a nudez inocente que se via numa cabana nas florestas da Irlanda. “E eles ainda têm coragem de nos chamar de selvagens”, pensou enojado.

— Alguma coisa mais? — a mulher indagou ao deixar a caneca de vinho na mesa.

— Não, a não ser que o seu nome seja Annie.

A expressão dela se encheu de desconfiança.

— Meu nome é outro. Como conhece Annie?

— Não conheço, porém ela e eu somos amigos do mesmo homem e é ele que desejo encontrar aqui — Rory explicou, e deu-lhe uma moeda.

A mulher ainda o fitou com frieza, mas afastou-se em direção à escada que se via na parede oposta das cabines. Ele a seguiu com o olhar até que desaparecesse numa porta do segundo andar que se avistava dali.

Já havia bebido mais da metade do vinho quando ela reapareceu, seguida por uma mocinha. Mesmo a essa distância, Rory podia ver que se tratava mais de uma menina do que de uma mulher. As feições eram delicadas e o busto mal se delineava sob o corpete. Os olhos pareciam distantes e sombrios, e por um minuto inteiro o fitaram. Depois fez-lhe um movimento quase imperceptível com a cabeça, e tornou a subir as escadas.

Rory levantou-se, atravessou a sala e seguiu-a.

— Eu sou Annie — declarou ela ao se verem frente a. frente. — Se o senhor é quem eu penso, deve ter meu bilhete.

— Tenho sim — disse ele tirando um papel do bolso que havia recebido, naquela tarde, por um mensageiro.

— Preciso vê-lo para me certificar. Todo cuidado é pouco por causa dos espiões da rainha e da guarda.

Rory esperou que ela examinasse a nota.

— Naquela porta ali — a menina apontou, depois de ter ficado satisfeita com a prova, e deixou-o sozinho.

Rory abriu a porta indicada e entrou numa salinha muito mal iluminada.

O homem, que há dois meses procurava, sentado a uma mesa, saboreava a carne de um enorme pernil de carneiro.

— Ah, irlandês — disse ele com voz de trovão. — Feche a porta e sente-se, meu rapaz.

Rory obedeceu e ocupou a única outra cadeira da sala.

— E agora me explique — soou de novo a voz possante. — Em nome de Cristo, por que deseja tanto ver Ned Buli a ponto de se arriscar a ir para a forca ao perguntar por mim em todas as tavernas de Londres?

CAPÍTULO XIV

— Aceita vinho, James?

— Obrigado, *sir* Robert.

Robert Cecil escolheu, entre muitas, uma garrafa de vinho do Porto e serviu um cálice a Blake. Sabia que seu visitante apreciava as bebidas finas e importadas, que, atualmente, não eram muito fáceis de ser encontradas.

— E o nosso aristocrata irlandês, já se recolheu em casa esta noite?

— Já. O comportamento dele não mudou nem um pouco esta semana — James informou antes de provar o vinho. — Ah, excelente! — exclamou.

— Conheço o seu gosto — Robert replicou.

Aliás, conhecia outras coisas também a respeito desse homem. Sabia, por exemplo, que ele havia cometido assassinatos não só na França, Espanha, Países Baixos como, muitas vezes, na própria Inglaterra. Geralmente fazia isso sob as escusas de um duelo, mas se a vítima não caía na armadilha e recusava o desafio, ele não tinha escrúpulos de eliminá-la de outra forma assassina mais óbvia.

Tanto Robert como o pai deviam o sucesso político à capacidade de avaliar a personalidade das pessoas e reconhecer os pontos fracos delas. O de Blake era a ambição desmedida e fruto de uma imensa frustração. Deixava-se dominar completamente por ela, que o instigava a lançar mão de qualquer recurso a fim de conquistar na aristocracia o lugar que julgava seu por direito nato.

O pai de James era nobre, porém o casamento clandestino, celebrado numa casa sem a presença de um padre, ou testemunhas, foi considerado ilegal mais tarde.

A mãe morrera ao dá-lo à luz e, logo depois, o pai casava-se de novo. Dessa união nasceram dois filhos, que passaram a ser os herdeiros do progenitor após seu falecimento prematuro. A viúva conseguira provar no tribunal que James não passava de um bastardo sem direito ao título e bens da família. O desejo cego de corrigir essa injustiça o transformara num homem cruel e inescrupuloso.

— Creio, *sir* Robert, que nossos temores são infundados. O'Donnell parece ser mesmo um aristocrata irlandês exilado à procura das boas graças da rainha. Enquanto espera por isso, distrai-se com flertes e namoricos.

— E continua interessado em minha sobrinha?

— É o que tudo indica.

Robert notou uma ligeira mudança no tom de voz e na expressão de James, e sabia o que provocara essa “reação”.

Como O'Donnell não fizesse segredo do seu interesse por Elizabeth, o tio desta, para facilitar o trabalho de observação de Blake, havia tomado as providências necessárias para que ele passasse a freqüentar os eventos sociais na Hatton House. E assim Blake passou a fazer parte do grupo de admiradores da jovem senhora.

Elizabeth, por sua vez, não podia imaginar que as intenções do famoso James Blake não passassem de um flerte inconseqüente. Até bem poucas semanas atrás, Robert pensava a mesma coisa, porém acabou descobrindo que, como Rory O'Donnell, o espadachim também parecia apaixonado pela sobrinha. Para os seus propósitos, não importava que o homem fosse motivado por amor ou ambição. O interesse de Blake por Elizabeth dava-lhe mais domínio sobre o homem.

— Penso que os homens que contratei com o dinheiro de mi-lorde Burghley seriam mais úteis espionando os jesuítas e franceses que entram e saem desta cidade todos os dias — James sugeriu ao reencetar a conversa.

— Talvez. Todavia, a ameaça de guerra com a França, e Espanha também, abrandou um pouco. O mesmo não se pode dizer da Irlanda. O irmão de O'Donnell, Red Hugh, anda pregando rebelião lá nos confins de Ulster. O lorde representante Fitzwilliams, que substituiu Perrot em Dublin, quase toda semana manda chamar O'Neill a fim de pedir explicações sobre isso.

— O'Neill me parece um grandessíssimo traidor. Que explicações ele dá a Fitzwilliams?

— Jura fidelidade à rainha da maneira mais convincente possível. Acredito que ele seria capaz de beijar a mão dela ao mesmo tempo que lhe roubaria os anéis. Ele garante, ainda, que os clãs de O'Hara e de Maguire continuam neutros. Apenas O'Donnell mantém-se rebelde.

— Se isso é verdade, o irmão dele aqui em Londres pode-nos ser útil para neutralizar a situação. Mas acredito que isso não vá ser necessário. Depois de uma repressão, ou duas, por lá, os idiotas nos deixarão em paz e voltarão a guerrear entre si.

— Não creio. Algo me diz que Red Hugh não está se movimentando apenas para se vingar dos anos que passou preso no castelo de Dublin.

Parou em frente a James e perguntou:

— Que informações você tem recebido dos seus espiões, os irlandeses traidores, sobre a região de Ulster?

Blake pensou por algum tempo antes de responder.

— Se os clãs de O'Donell, O'Hara, Maguire e O'Neill se unirem, conseguirão formar um exército de quinze mil homens a pé e quase quatro mil a cavalo.

— Aí está a resposta que procuramos. Embora já faça mais de quatro anos que derrotamos a Armada de Felipe, de certa forma a guerra contra a Espanha continua. Acrescente a isso os problemas com a França e com os Países Baixos e verá por que os cofres da rainha estão quase vazios.

Parou e estremeceu com um arrepio antes de continuar:

— Tenho certeza de que se houver uma rebelião na Irlanda não vamos conseguir mandar para lá mais de quatro mil homens, contando os a pé e os a cavalo. Seria uma guerra curta, que terminaria com a vitória dos irlandeses.

James Blake baixou o olhar para o cálice a fim de não revelar a reação sentida. Parte do pagamento pelos seus serviços era de mais de dois mil hectares de terra fértil na segunda expropriação em Munster, depois da derrota final de Desmond sofrida pelos irlandeses no sul. Os rendimentos tirados de lá iriam lhe permitir viver com largueza o resto da vida e até, quem sabe, conquistar-lhe um título de nobreza.

Mas os seus planos para o futuro não terminavam aí. As terras de lorde Hatton, também em Munster, confinavam com as suas. O velho lorde vivia atacado de gota e não tinha mais muitos anos de vida. A viúva traria para o segundo casamento muita riqueza, além da mocidade exuberante. James tinha o firme propósito de ser o marido nessa união.

No entanto, tudo estaria perdido se a Irlanda acabasse vitoriosa. Não, isso jamais poderia acontecer, mesmo que para tanto fosse preciso que ele próprio matasse os dois irmãos O'Donell, bem como Hugh O'Neill.

— Para o inferno esse maldito sangue irlandês — sibilou enquanto apertava, com força, o cálice de cristal.

— Para o inferno você, James, que sujou a roupa de vinho — Robert exclamou rindo.

— E cortei a mão também.

— Cortou mesmo. Mas não se preocupe, pois não é com essa que você segura a espada.

Ned Buli comeu o último pedaço de carne do pernil de carneiro e depois tomou um bom gole de vinho. Com força brutal, os olhos fixos em Rory, partiu o osso em dois para poder saborear o tutano do seu interior.

— E então, meu rapaz, o que está achando de Londres.

— Uma cidade imunda.

A cabeça de cabeleira negra e emaranhada vergou-se para trás, sacudida pelo riso.

— Suja, é? Como sabe disso se vive no ar puro e rarefeito de uma mansão, na Strand?

— O ar de lá também é pestilento, só que de uma forma diferente. Os olhos de Ned Buli brilharam com a mesma expressão de esperteza que Rory vira naquela noite na estrada. Desta vez notou também um laivo de divertimento.

— Que desgraça! Se eu soubesse, quando o encontrei, que tinha nas mãos um príncipe irlandês, teria atirado logo.

— Você odeia tanto assim os irlandeses?

— Não, muito pelo contrário, meu rapaz, eu admiro vocês. Lutam como uns desgraçados. Por isso que teria furado seus miolos com uma bala em vez de lutar com a espada.

Rory riu e pôs os cotovelos na mesa. Depois inclinou-se para a frente até que o rosto de ambos ficassem bem perto.

— Acho que procurei o homem certo.

— Que quer dizer com isso?

— Vim até aqui para propor um negócio.

— E que diabos um cavalheiro como você pode querer fazer com um sujeito do meu tipo?

Rory respirou fundo e colocou as mãos espalmadas sobre a mesa. “Agora, ou nunca”, pensou. Apenas um homem, lorde Haskins, sabia da verdadeira razão de sua vinda a Londres. E neste instante estava na iminência de aumentar o número para dois. Se estivesse errado no julgamento que fizera de Ned Buli, na manhã seguinte se encontraria preso na Torre.

— Observei pelas ruas da cidade um verdadeiro exército, sem comandante, de homens que abandonaram o campo por falta de trabalho. Quase todos se tornaram malandros, ladrões e assassinos.

— É verdade, e a maioria não gosta do que faz.

— Inclusive você, Ned Buli? Ouviu-se uma gargalhada estrondosa.

— De forma alguma! Minha vocação sempre foi ser o rei dos assaltantes de estradas. Já batia carteiras muito antes de ser mandado para a Irlanda a fim de guerrear seus compatriotas loucos de Munster.

— Quer dizer que nasceu para morrer enforcado?

— Acho que sim.

— Pois então, Ned Buli, vou lhe dar a oportunidade de enforcar um homem rico, se quiser.

— E eu brindo a essa idéia — o homenzarrão disse enquanto se dirigia à porta, que abriu antes de gritar: — Annie, traga dois canecões de vinho. E bem depressa, menina.

Ele nem havia se acomodado de novo à mesa quando a mocinha entrou com o pedido. Já ia sair de novo, mas Ned Buli a impediu.

— Fique, Annie. Agache-se ali no canto porque quero que ouça o que vai ser conversado aqui.

Os olhos de Rory arregalaram-se de surpresa.

— É uma questão de precaução, meu rapaz. Eu confiaria a própria vida a Annie e sei que você poupou a minha uma vez. Mesmo assim quero uma testemunha para ouvir o que tem a me dizer — Ned Buli declarou inflexível.

Rory não teve outra escolha. Olhou de soslaio para a mocinha, cuja expressão continuava vaga e indecifrável.

— Se você, Ned Buli, tivesse dinheiro para distribuir por aí, conseguiria arranjar homens dispostos a organizar os outros malandros que andam à solta pela cidade?

— Com que propósito? Essa é uma classe de gente muito desunida, que não confia em ninguém.

— Para que quando chegasse a hora eles estivessem organizados numa horda que provocasse a aristocracia, o exército e ameaçasse Whitehall com a possibilidade de uma revolta do povo descontente.

Ned Buli sorriu, malicioso.

— Você não passa de um rebelde, irlandês. O que está me pedindo é traição.

— Apenas para você. A sua rainha não é minha e eu não lhe devo fidelidade.

Finalmente a verdade havia sido revelada. Rory recostou-se na cadeira e suspirou. Se o que acabava de dizer saísse daquelas quatro paredes, ele iria parar na Torre e, provavelmente, seria enforcado.

— E para quando precisa dessa revolta?

— Daqui a seis meses, ou um ano, talvez.

— Bem, tempo suficiente para organizar uma batalhão de ladrões — Ned Buli resmungou pensativo enquanto cofiava a barba. — E você diz que pode dar o dinheiro a fim de comprar os recrutas necessários?

— Isso mesmo e o quanto for necessário. E o que eles conseguirem

roubar em grupo será distribuído por todos.

Ned Buli bateu com os punhos na mesa e ficou em pé. Rory passou a mão pela faca enfiada na bota, certo de um ataque iminente, mas estava errado.

O gigante levantou-o pelos ombros e o abraçou.

— Eu sabia que tinha notado alguma coisa interessante em você. Maldição se eu não puder lhe dar o exército de malandros de que precisa!

— Então estamos de acordo? — Rory indagou, enquanto se desvencilhava e tentava se equilibrar no chão.

— O que você acha, Annie?

Ela se levantou e veio para o círculo de luz. No mesmo instante, Rory notou a mudança operada nela. Os olhos tinham perdido a expressão vaga e, cheios de vivacidade, iam do rosto de um dos homens para o do outro. O ar de infantilidade tinha dado lugar ao de maturidade, e o sorriso não era o de uma criança e sim de uma criatura maliciosa e esperta.

— Eu penso, Ned, que esse rebelde irlandês quer que a gente guerreie a rainha para a Irlanda ganhar tempo.

— É o que acho também, minha querida — e, virando-se para Rory, acrescentou com um sorriso: — Ela não é uma vagabundinha inteligente? Imagine, só tem treze anos. É por isso que fico com ela; além do mais, sabe ler e escrever.

O fato de a amante de Ned Buli não passar de uma criança chocou-o menos do que o peso da opinião dela. Os lábios entreabertos e o olhar impudente da menina o atraíam feito ímã.

— Pelo que vejo, meu rapaz, você está precisando é de mulher. A minha o deixou afinado como um violino. E também acredito que ela está de olho em você. O que me diz, Annie? — Ned indagou bem-humorado.

— Você está certo, meu homem.

— Vão para o inferno vocês dois! Estou vermelho da cabeça aos pés.

— Depois vamos ver, irlandês. Se despir suas roupas finas, vai ver que é igualzinho a nós — Annie declarou com um riso claro e delicioso. — Vou buscar mais vinho para vocês dois selarem a barganha — acrescentou.

— Então estamos acertados? — Rory perguntou aliviado por retornar ao primeiro assunto, que, sem dúvida, era bem menos constrangedor.

— Isso mesmo, Rory O'Donell, acabamos de acertar um negócio — Ned Buli concordou com um sorriso.

Depois um ar determinado tomou-lhe conta da expressão.

— Sabe, eu tenho um encontro marcado, para algum dia, com a força de

Tyburn. E quando chegar essa data, não vai fazer diferença alguma a razão que derem para puxar a corda.

CAPÍTULO XV

Os ventos frios de março cederam lugar ao ar ameno e às flores de abril. Chegava a primavera de 1593 e, depois de um ano em Londres, Rory O'Donell ia, finalmente, ser recebido em audiência pela rainha.

Enquanto isso, os representantes dela em Dublin, de maneira irresponsável, continuavam com a expropriação das terras de Munster, ao sul da Irlanda. Eles não davam importância aos boatos, espalhados pelos agentes de O'Neill, sobre os prováveis tumultos no norte. Apenas cobiçavam as terras de Maguire e de O'Donell.

O'Hara havia sido perdoado através da intervenção da Hanskins da Corte inglesa e de O'Neill no castelo de Dublin. Embora Shane, Deirdre e o pequeno Rory tivessem voltado há tempos para Bally-lee, havia sanções para que mantivessem as terras e os títulos. As condições para o perdão eram pagar impostos a Dublin e prevenir rebeliões em vez de instigá-las.

— Os títulos ingleses que vão para o inferno! O único de que faço questão é o “The” O'Hara. Ballylee está abarrotado com os cereais da última colheita, e o meu gado engorda nos currais. Tenho duzentos soldados dentro de minhas muralhas que poderão repelir mais de dois mil soldados ingleses que se atreverem a nos sitiar. Deixe que eles comecem!

Todavia, O'Neill era mais realista. Através da espionagem competente de Rory na Inglaterra, tinha ficado sabendo que as forjas do arsenal do exército, na Torre de Londres, estavam criando um novo tipo de canhão. Com tal arma para fortalecer um cerco, até as sólidas muralhas de Ballylee se desmoronariam com o tempo.

O'Neill tentava convencer O'Hara a ter paciência por mais alguns meses, e este fingia concordar. Na verdade, como Hugh Maguire e Red Hugh O'Donell, ele se agitava de maneira crescente. Depressa aproximava-se o dia em que os chefes dos clãs se oporiam, abertamente, à Coroa inglesa por repartir as terras da Irlanda entre os seus súditos.

Pequenas revoltas começavam a surgir. Mesmo assim, o lorde representante da rainha, Fitzwilliams, depois de tomar a região estratégica de Monaghan, abaixo de Fermanagh, a estava expropriando, além de se preparar para seguir ao norte e capturar a costa leste de Lough Eme.

Se isso acontecesse Fermanagh cairia, o que abriria passagem para que os

ingleses alcançassem Donegal e até Tyrone. A pressão contra o norte era tão grande que Hugh Maguire se vira forçado a declarar abertamente que, se a situação continuasse, resultaria em guerra.

Diante de tais circunstâncias, O'Neill enviou uma mensagem a Rory informando-o da seriedade do problema.

O'Hara está tão desesperado para se aliar a Maguire que mais parece um touro furioso encurralado. O seu irmão já enviou homens a Fermanagh e prometeu juntar-se a eles, pessoalmente, em pouco tempo. Ainda não estamos preparados para isso. Felipe da Espanha nos prometeu homens e armas, e por isso devemos ter paciência. Acontece que uma espera demorada também pode ser desastrosa se os ingleses conseguirem abrir passagem para a região de Ulster.

Você precisa convencer Burghley e, através dele, a rainha, da teimosia desastrosa de Fitzwilliams. Ela precisa acreditar que você é motivado pela ambição e ganância, e que tem bom senso de admitir a inevitabilidade do domínio inglês. É ainda imperioso fazê-lo crer que apenas você conseguirá ser ouvido por todos os clãs, inclusive o meu, e que nos aconselhará a manter a paz. Isso, naturalmente, será impossível se Dublin continuar a insistir na invasão de Ulster.

Deirdre manda lembranças e Shane também. O pequeno Rory fez um ano e já prefere enfiar a mãozinha no punho da espada do pai em vez de segurar seus brinquedos. Ele será um verdadeiro patriota quando crescer e, espero, um homem livre.

Encontro-me com Deirdre com frequência, sob o nariz dos espiões ingleses. Todos imaginam que ela viaja até Dungannon como ligação entre mim e O'Hara. Até certo ponto é mesmo, mas as mensagens que envio são para que ele tenha paciência e espere a hora certa para iniciar a luta, e não, como os ingleses pensam, para evitar a guerra.

A cada dia que passa, mais me convenço do valor de Deirdre e isso me faz esquecer a sua nacionalidade. O mesmo não posso dizer a respeito de Mabel, a megera com quem me casei. Ela continua inglesa até a medula dos ossos. Tome cuidado com as mulheres da aristocracia daí, meu rapaz, pois tenho certeza de que existem poucas Deirdres e muitas Mabels.

As últimas palavras da carta de O'Neill, durante dias seguidos, ressoaram na mente de Rory. Por causa disso, deixou de seguir os passos de Elizabeth, pois se via cada vez mais envolvido pela vivacidade dos seus olhos verdes. Percebia neles também uma ponta de tristeza, ou mágoa.

Um dia encontraram-se, por acaso, perto de St. Paul, e não foi possível a

Rory evitar de cumprimentá-la.

— Bom dia, *milady*.

— Bom dia, Rory O'Donnell — respondeu ao estender-lhe a mão.

Ele se curvou e beijou-a de leve. O tremor ligeiro que a sacudiu era inconfundível e Rory desejou, ardentemente, poder acariciá-la.

Quando endireitou-se, viu o seu rosto lindo coberto por um rubor intenso.

— Depois de um ano em Londres, o que acha da nossa cidade? — Elizabeth perguntou, numa tentativa de conversar sobre algo impessoal.

Rory hesitou, um pouco e depois confessou, sincero:

— Tenho a impressão de que Deus criou primeiro os campos da Inglaterra e quando chegou aqui não tinha mais tempo para terminar a sua obra.

— Interessante a sua idéia, mas não muito apropriada para um dia tão bonito como o de hoje.

De fato, no céu azul brilhava um sol dourado cujos raios transformavam o cenário, dando vida até aos edifícios cinzentos e sombrios. Em muitas janelas via-se o colorido de flores nas jardineiras e o Tâmesia parecia vibrar com um número incontável de barcos, além dos cisnes que o salpicavam.

Ambos percorreram o olhar ao redor como se adiassem o momento de se fitarem. Depois de alguns segundos, Rory falou:

— Olho para essas torres imponentes, ouço o tumultuar das pessoas entregues aos seus afazeres, sinto o perfume das flores e me vejo tomado por uma grande admiração.

Elizabeth virou-se imediatamente e observou o perfil escultural de Rory. Notara na voz sonora dele uma nuance estranha, até agora ausente nos galanteios que lhe dirigia vez por outra.

— Por que essa reação?

— Porque em tudo que vejo e ouço percebo o desenrolar da História. Para mim, sob as aparências, estão a fidalguia dos nobres, a pompa e o cerimonial dos reis, o ressoar dos exércitos, as conquistas do progresso e... as tramas políticas dos estadistas.

— Que palavras mais vigorosas, Rory O'Donnell!

— Perdoe-me, é o meu estado de espírito, *milady*.

Ele virou o rosto e fitaram-se, numa revelação de sentimentos mais profunda do que a que palavras poderiam expressar.

— A sua Inglaterra faz parte do mundo.

— E é muito diferente do seu país?

— A minha Irlanda, especialmente Ulster, atrás dos lagos, montanhas, rios e florestas, é um mundo à parte.

— E os irlandeses — murmurou ela num fiapo de voz —, pertencem eles apenas a esse mundo à parte?

Rory, perdido nas profundezas dos olhos verdes, queria tomá-la nos braços e explicar que existia só um canal que os separava. Porém não conseguiu, pois havia muito mais que um golfo de água entre eles. Disse então:

— Apenas, *milady*.

Uma sombra anunciou os olhos de Elizabeth, e ainda em voz quase inaudível perguntou:

— Por que me persegue, Rory O'Donell?

A pergunta inesperada, mais o seu perfume delicioso que o envolvia impediram Rory de raciocinar com clareza. Abaixou o olhar e mais confuso ficou ao vislumbrar os seios bem-feitos que o decote moderno e exagerado exibia com liberalidade.

— Não, *milady*, a senhora é quem me persegue.

Mal havia pronunciado as palavras e já se arrependia de não ter ficado calado. Elas eram imprudentes e ambos sabiam disso. Rory despediu-se depressa e afastou-se sem olhar para trás, o que lhe custou um grande esforço.

Durante dois dias, ele se amaldiçoou pela imprudência das palavras, que só tinham piorado a situação. Jurou que não seguiria mais os passos de Elizabeth e que procuraria uma outra maneira de desviar a atenção dos espiões que o vigiavam.

Foi então que Rory recebeu uma mensagem de Robert Cecil avisando-o de que seria recebido, em audiência, por sua majestade, a rainha.

Nesse mesmo dia, Haskins o informou de que a soberana já havia anunciado o programa de sua excursão pelo campo, durante o verão desse ano. Uma das casas em que se hospedaria era na vasta propriedade de Holdenby, de *sir* William Hatton.

Rory suspirou aliviado. A notícia queria dizer que *lady* Hatton passaria o verão fora de Londres, afastando, assim, a tentação que o perseguiu.

CAPÍTULO XVI

O ambiente da sala de audiências fervilhava de expectativa. Esta era a primeira manhã em que a rainha recebia os seus súditos depois que o Parlamento se fechara em recesso. Comentava-se que ela estava satisfeita com o subsídio recebido, porém furiosa com aqueles que haviam mostrado oposição.

Na Câmara Baixa, Francis Bacon tinha caído no ridículo ao exigir, abertamente, que a rainha declarasse guerra à Espanha se desejasse receber algum dinheiro. Infelizmente, essa não era a maneira de conquistar as boas graças de Gloriana. E todos sabiam que Bacon não passava do porta-voz do seu protetor, Essex, na Câmara dos Comuns. Conjeturavam interessados sobre essa fissura no relacionamento entre a soberana e o seu cavalheiro preferido.

Outro assunto que animava a conversa naquela sala era a destreza com que a facção dos Cecil, naturalmente comandada por Robert, através do presidente da Assembléia Legislativa, Edward Coke, havia conseguido anular as súplicas de Essex por uma declaração de guerra. Com isso, Robert Cecil aumentara o poder de sua influência.

Todas essas novidades chegavam aos ouvidos de Rory, que se mantinha em pé e silencioso entre os lordes e *ladies* tagarelas. As senhoras, por sobre os leques, olhavam-no com curiosidade ou flertavam abertamente com o irlandês alto, de pele bronzeada e olhos escuros.

Rory mal podia conter a admiração causada pela exibição de poderio econômico. Sedas, brocados, veludos e rendas bordados com fios de prata e pérolas atestavam a riqueza daquelas pessoas. Ele não podia evitar a comparação entre Whitehall e Bankside e chocava-se com o contraste marcante. Sentia-se oprimido diante de tanta opulência, embora já tivesse transposto os portões de Whitehall por várias vezes.

Os homens também estavam vestidos com grande elegância e Rory não era exceção. O gibão de veludo genovês, azul-turquesa, bordado com fios de ouro, fechava-se com uma fileira de botõezinhos de seda que combinavam com as meias altas. Estas subiam até as coxas, sob os culotes, e prendiam-se às outras meias, abaixo dos joelhos, com ligas de veludo rematadas em dourado. Sob o braço, ele carregava o chapéu de plumas.

Quando Haskins o apresentara ao alfaiate, Rory reclamara, irritado. Preferia usar as roupas confortáveis que vestia todos os dias. — Não na Corte e na presença da rainha. Lá é um verdadeiro campo de batalha, onde se luta pelo favoritismo. As armas usadas são: roupas, o gosto por jogos de azar, uma casa na cidade com vasta criadagem e recursos para oferecer uma hospitalidade pródiga. Disso tudo você só pode contar com o primeiro item e não convém desprezá-lo.

Agora não se sentia à vontade dentro delas, o que não poderia dizer sobre as botas de couro russo que calçava. Eram as mais confortáveis e elegantes que já tivera.

Um movimento geral, seguido de silêncio, chamou sua atenção para a porta que dava à ala particular da rainha. Esta foi aberta e Rory se deparou com a pompa extensiva da realeza daquele país. Primeiro entraram os barões, os condes e os Cavaleiros da Jarreteira, seguidos pelo idoso lorde Burghley. Rory já tinha visto de longe, várias vezes, o tesoureiro do reino, mas só agora constatava os sinais evidentes da idade avançada. Os ombros curvados pareciam mesmo carregar o fardo da Inglaterra. A um passo atrás vinha Robert, cheio de zelo pelo pai.

Rory reconheceu que a chave do sucesso estava na amizade com Robert Cecil. Com toda a certeza ele controlaria o tesouro e o futuro da Inglaterra quando o pai morresse.

Logo depois caminhava o chanceler, que trazia o sinete e lacre numa bolsa de seda vermelha. Estava ladeado por dois escudeiros que carregavam, um, o cetro real, e o outro, a espada oficial numa bainha vermelha cravejada de flores-de-lis de ouro.

Finalmente soaram as trombetas dos pajens que anunciavam a entrada da rainha e Rory, seguindo o exemplo dos outros, abaixou-se num dos joelhos, em posição de reverência. Embora de cabeça curvada, pôde ver a maneira dramática e majestosa com que a rainha Elizabeth atravessou os umbrais da porta.

Apesar da distância que os separava, ele sentiu a aura de poder que a soberana irradiava, mesmo contando com sessenta anos de idade.

— Bom dia.

Ouviu-se um coro de saudações.

— Salve, Gloriaria!

— Deus guarde a rainha!

— O frio do inverno já passou — ecoou a voz clara e sonora. — Os sinais de primavera que vimos de nossa janela esta manhã alegraram os nossos

olhos e por isso estamos em bom estado de espírito.

Depois dessas palavras, a rainha começou a caminhar e então todos se levantaram. Devagar passou entre as duas linhas de seus súditos. De vez em quando, falava com alguém que lhe chamava a atenção, ou oferecia a mão para ser beijada por algum cavalheiro.

Ao aproximar-se, Rory pôde ver melhor as suas feições. O rosto era longo e bonito, porém já coberto por rugas que a grossa camada de cosméticos não conseguia disfarçar. Os lábios finos pareciam capazes de um sorriso franco, ou de um rictus de desdém. Meio arredondado e, talvez, um pouco grande demais, o nariz dava a impressão de diminuir o tamanho dos olhos escuros, quase pretos. Estes se moviam numa rapidez nervosa, de pessoa em pessoa. Todavia, foram eles que fizeram Rory sentir que, sob a peruca ruiva, existia mesmo a mente calculista de um monarca.

Ela estava vestida de seda branca bordada com pérolas e dos ombros pendia um manto preto, também de seda, com fios prateados. Para ilustrar o estilo que ela própria lançara, o seu decote era mais exagerado do que o de qualquer outra senhora presente.

Encontrava-se agora em frente a Rory. Os olhos escuros, cheios de desafio, examinaram-lhe as roupas e depois demonstraram admiração pelas feições bem-feitas do rosto. Cheio de coragem, ele a fitou lembrando-se de que, além de ser o governante mais poderoso do mundo, ela era também uma mulher. Mas, para fitá-la, foi preciso olhar para baixo e só então notou como a rainha era pequena.

Não, não era bem assim, reconheceu admirado. Ele sim, era bem mais alto do que todos naquela sala.

— Este é o rebelde irlandês?

— Sim, Majestade — Robert Cecil confirmou. — É Rory O'Donell, filho de Black Hugh e irmão de Red Hugh...

— Que, na verdade, é o verdadeiro rebelde, Majestade — Rory interrompeu, surpreso com a calma e firmeza da própria voz. — E que está disposto a unir os clãs do norte para satisfazer os seus interesses e me mandar para o castelo de Dublin no lugar dele.

— Talvez, em vez disso, nós o mandemos para a Torre.

— Como queira Sua Graça — Rory replicou com o seu sorriso mais encantador. — Pelo que sei, eu estaria em ótima companhia entre alguns dos pares mais graduados do reino de Sua Majestade.

Exclamações de espanto acompanharam essas palavras. Elizabeth olhou-o com frieza por um segundo, depois riu divertida e comentou:

— Pelo sangue de Cristo, o irlandês é espirituoso!

Rory manteve o sorriso e ficou imperturbável como se não houvesse registrado a expressão irreverente. Sabia que, quando Gloriana desejava escandalizar alguém, praguejava mais do que um ajudante dos estábulos.

— Que notícias você tem recebido daquele meu monstro do norte, o desembaraçado e fingido Tyrone... "The" O'Neill?

A expressão de Rory demonstrou surpresa, aliás, simulada. A pergunta da rainha representava uma armadilha na qual ele não tinha intenção de cair.

— "The" O'Neill, Majestade? Eu não fazia idéia que o conde de Tyrone houvesse recebido o título de chefe do clã. Pensei que a sua ordem expressa fosse para que isso não acontecesse.

— E foi mesmo — ela concordou seca.

— Então, Majestade, tenho certeza de que ele não recebeu o manto. Quanto a notícias de lá, não recebi nenhuma desde que me exilei.

— E o que deseja de nós?

— Além da permissão para obedecer às suas ordens, apenas as terras de Tyrconnell após a morte de meu irmão.

— E o que nos dará em retribuição, fora, naturalmente, a sua lealdade inquestionável?

— Talvez fosse melhor discutir isso na sala do conselho, Majestade — Robert Cecil murmurou no ouvido da rainha, o que não impediu que Rory o ouvisse.

— Concordo, Majestade — Rory, disse também em voz baixa. — Porém gostaria de assegurar que, talvez, eu consiga apaziguar Maguire, controlar O'Hara e ser um apoio em Tyrone.

— E o seu irmão?

Antes que Rory pudesse responder, as portas da sala da guarda se abriram. As pessoas se afastaram e um homem alto e de ombros largos aproximou-se da rainha, em frente a quem se curvou, apoiado num dos joelhos, ao mesmo tempo que tentava segurar-lhe a mão.

— Majestade, peço uma audiência imediata para tratar de assuntos da mais grave importância.

Elizabeth retraiu a mão e fechou os dedos longos.

— Você quer o quê?

Sem receber permissão, o recém-chegado levantou-se. Os olhos pretos dele fitavam a rainha com tanto ódio que Rory não compreendia como não o expulsavam dali imediatamente.

— Imploro a Vossa Majestade que me deixe explicar os últimos

acontecimentos no Parlamento e...

— Basta! — interrompeu ela, furiosa. — Não percebe que estamos ocupados? Este irlandês...

— *Irlandês?! Com os diabos! Vossa Majestade faria...*

— Eu *faria* o que nos agrada. E, peremptória, virou-se para Rory: — O seu braço, Rory O'Donnell. Gostaria de ouvir mais sobre o que pensa sobre nossos problemas com a Irlanda. Talvez já esteja na hora de alguém de fora de nossa Corte nos orientar sobre as questões criadas pelos de dentro. — Rory ficou estupefato e começou a sentir a transpiração brotar *%em* suas espáduas. Na sala de audiências encontravam-se o lorde prefeito de Londres, os condes de Suffolk e de Putnam, além de uns cinquenta lordes e *ladies* à espera da rainha. Imaginara que ele seria o último de uma longa fila e, no entanto, ali estava com o braço levantado onde a rainha da Inglaterra apoiava a mão.

— Adeus, milorde Essex — disse Elizabeth.

A transpiração de Rory gelou-lhe as costas ao cruzar o olhar com o do cortesão predileto da rainha, Robert Devereux, o conde de Essex. E o que viu foi ódio puro.

Percebeu que, um pouco atrás, Robert Cecil colocava o lenço sobre a boca para esconder o sorriso.

Há algum tempo, Rory tinha alimentado a idéia de conquistar as simpatias do conde de Essex. A esperança desse homem em declarar guerra aberta à Espanha poderia ser útil aos seus esforços e ao desejo de O'Neill de manter a Inglaterra ocupada longe da Irlanda.

Todavia, tornava-se claro agora que o poder descansava nos ombros frágeis de Robert Cecil.

“E assim”, Rory pensou enquanto conduzia a rainha pela mão, “talvez tenha ganhado um amigo, mas, com toda a certeza, fiz um inimigo.”

Restava agora esperar que a semente da amizade se transformasse na árvore da vantagem.

CAPÍTULO XVII

Com a mente anuviada, Rory conduziu a montaria sob o arco espaçoso de Whitehall, passou pelas quadras de tênis da rainha e virou à direita em direção ao Tâmis. Quando alcançou a Strand, estava tão distraído que quase passou o lugar onde deveria pegar o caminho para Fleet Street e a cidade.

O principal motivo para a sua confusão era o encontro com a rainha. Durante a audiência que durara mais de duas horas, ele aprendera muito sobre a mulher e a soberana que o haviam ensinado a odiar.

O conhecimento e a compreensão de política que ela demonstrara tinham provocado a sua admiração e a sagacidade exibida o apanhara desprevenido. Em meio a uma conversa inconseqüente, ela entremeara perguntas pertinentes, e, antes que Rory percebesse, estava lhe contando a infância e a juventude passadas no castelo de Donnegal. Revelara-lhe que, aos quinze anos, já tomava parte em escaramuças contra os soldados ingleses, ou contra membros de outros clãs.

— O homem atraente que é hoje, Rory O'Donell, prova que foi um rapazinho lindo. E não deixa de ser uma lástima que um jovem assim tenha desperdiçado parte de sua vida, e talvez até a encurtado, com a guerra.

E, partindo daí, ela passou a descrever as guerras da Inglaterra contra a França, os Países Baixos, a Espanha e a Escócia, em terra e no mar. Foi só quando Elizabeth começou a elogiar o povo de Gales, que Rory percebeu a intenção dela.

Além de lhe chamar a atenção sobre a riqueza, o poder e a força militar da Inglaterra, ela criticava, indiretamente, os irlandeses por não seguirem o exemplo dos galeses, que prosperavam sob o domínio inglês. Com palavras, a rainha pintava um quadro para ilustrar a futilidade das guerras provocadas pela Irlanda.

Ela quase o convencia, mas, de repente, Rory lembrou-se das palavras de O'Neill: "O exército inglês definha a cada dia que passa por causa do desalento provocado pelo que eles chamam de sezão irlandês. Os oficiais gananciosos preferem encher os bolsos enquanto os soldados ou desertam ou vendem as munições para comprar comida e agasalho contra a umidade que lhes causa a febre. A moral deles já está baixa e vai ficar mais ainda. Com o tempo passarão para o nosso lado".

Gloriana, contudo, continuava a falar. Descrevia agora as linhas elegantes e a rapidez dos galeões de mastros altos que Rory já vira tantas vezes no Tâmis. Ela os comparava com os vagarosos navios a remo de Grace O'Malley, a pirata irlandesa da província de Connaugh e que navegava pelas águas da baía de Clew.

— Eu até que a admiro muito — confessou a rainha —, pois afinal ela é muito eficiente num ramo que os homens consideram só deles. Entretanto, os barcos de Grace, como os navios da Armada Espanhola, se desfazelariam sob o fogo dos canhões dos nossos navios.

Apenas uma vez, Rory havia encontrado Grace O'Malley e a experiência fora inesquecível. Ela era uma mulher de fibra, que lutava pelo seu clã e valia mais do que cem soldados ingleses juntos. Se os seus navios fossem destruídos, de alguma forma a pirata escaparia para construir outros.

Com a aspereza e impetuosidade características de um lorde guerreiro irlandês, Rory debateu com a soberana as diferenças existentes entre a Irlanda e o resto do Império. Para exemplificar melhor o seu ponto de vista, argumentou:

— Sobre a questão religiosa, Majestade, às vezes me pergunto se o homem do povo, na Irlanda, é contra a Inglaterra porque é papista, ou se continua e teima em ser papista por que é contra a Inglaterra.

Embora rudes, essas palavras eram verdadeiras e, imediatamente, Elizabeth reconheceu a sensatez que encerravam.

— Então o meu jovem filósofo irlandês acharia preferível que os senhores e príncipes da Irlanda governassem o povo sem o privilégio dos títulos ingleses?

— Exatamente, Majestade. Dessa forma, o plebeu teria mais confiança no seu senhor, acreditaria, certo ou errado, estar sendo governado por um irlandês e sentiria a alma dele protegida.

— Você é inteligente e raciocina de maneira sagaz, Rory O'Donnell. Vamos analisar suas palavras e pedidos. *Sir* Robert o manterá informado de nossas intenções e desejos.

Rory deixou a sala de audiências num estado de espírito completamente dividido. O duelo de palavras tinha ido contra a sua natureza de homem de ação, mas sentia-se recompensado pelo esforço gasto. Estava certo de que a rainha havia acreditado que o seu único desejo era paz para a Irlanda e que ambicionava, apenas, herdar Donegal.

Sentia-se também dividido por essa mulher que se esforçava tanto para ser, ao mesmo tempo, soberana e atraente. Sabia que ela contava com uma

idade um tanto avançada, era vaidosa e dada a caprichos temperamentais. Hoje descobrira que a rainha possuía um olhar perspicaz e uma língua afiada. Elizabeth era uma rainha que governava, de fato, um Império.

Enquanto abria caminho com a montaria entre carroças e carruagens que enchiam as ruas da cidade, Rory fazia um esforço para analisar a audiência sob um foco real, não distorcido. Reconhecia que ambos os lados tinham se usado e que a audiência não se resumira apenas numa batalha travada através de palavras inteligentes. A rainha Elizabeth havia tentado lhe transmitir uma mensagem cujo sentido lhe escapava.

Um coche parou bem rente do seu cavalo e Rory virou-se na sela para deparar-se com Robert Cecil debruçado na portinhola do veículo.

— Desmonte, O'Donnell, e venha comigo. Assim terminamos o trajeto juntos. Gostaria de conversar mais um pouco com você. Também vou à Torre verificar um assunto lá, a pedido da rainha, mas é algo trivial, sem importância.

Rory sorriu, desceu do cavalo e entregou as rédeas ao laçao para prender o animal atrás do coche.

Tinha certeza de que *sir* Robert Cecil não se encontrava ali por mera coincidência e que, muito menos, ia cuidar de algum negócio na Torre. O propósito dele era certificar-se se as ordens, em forma de sugestão, da rainha, para que ele visitasse o arsenal do exército na Torre, estavam, sendo obedecidas. Ela havia ainda aconselhado que visitasse o lugar todo.

A mensagem fora muito bem compreendida por Rory. Para qualquer homem que sonhasse com traição, a visão da fortaleza sinistra era um aviso. Muitos eram levados para dentro de suas muralhas como prisioneiros, porém poucos a deixavam com vida. ou em liberdade.

— A rainha ficou muito bem impressionada não só com a sua pessoa como também com o seu modo de pensar — Cecil revelou depois que Rory se acomodou no coche.

— Fico contente em saber.

Depois dessa troca de palavras, os dois homens ficaram em silêncio por algum tempo, como numa análise mútua.

— Você estava *mesmo* a caminho da Torre? — Cecil indagou, com uma ponta de curiosidade.

— Sim, senhor. Já vi o patíbulo de Tyburn Tree e as cabeças que apodrecem na ponte de Londres. Ouvi os gritos dos miseráveis encarcerados na Fleet e as histórias dos mártires. Aprecio esta visita à Torre por saber que posso entrar e sair de lá graças à rainha. Depois disso minha educação

criminal estará completa e o objetivo de sua Majestade atingido — Rory falou com naturalidade, o que provocou o riso seco do outro.

— A sua franqueza ingênua, O'Donnell, é muito agradável, e eu vou tentar corresponder a ela.

— Eu falo o que penso e, às vezes, com frequência um tanto exagerada.

— Isso já notei. Imagino que tenha ganhado um inimigo na pessoa de milorde Essex.

— Apenas porque a rainha me usou para chamar-lhe a atenção? Ou existe outro motivo?

— Esse nobre e valente lorde galês já se ofendeu com provocações bem menores.

Rory sorriu e fitou o outro.

— Talvez milorde Essex me desafie para um duelo, e então todos os problemas que o senhor tem com as guerras que ele quer fazer desaparecerão.

Robert riu de novo e, desta vez, com tanta energia que o corpo fraco se sacudiu todo.

— Milorde Essex, como você, é impetuoso, mas não é bobo. Ele pode provocar o desagrado da rainha e até o ódio dela por insistir nas declarações de guerra, porém jamais por desafiar um estrangeiro para um duelo.

— Estrangeiro, *sir* Robert? Eu? Como pode dizer isso se sou irlandês e o meu país está separado da Inglaterra apenas por uma nesga de mar?

— Incrível! Você emprega as palavras com a mesma sagacidade de Tyrone. Pois vamos ao âmago da questão. É verdade que Essex quer uma guerra e talvez consiga seu intento. Se for com a França ou a Espanha, a Irlanda se aquietará.

— Duvido que isso signifique que a Inglaterra desistirá da conquista da Irlanda.

Robert respondeu com voz séria e severa.

— Nós não desejamos a conquista total da Irlanda, apenas uma conciliação. O controle indireto do país através dos clãs é muito mais barato e, portanto, tem o apoio e o interesse da rainha.

Rory inclinou-se sobre o homem pequenino e falou no mesmo tom de voz usado por ele.

— Então, deixe-me explicar de novo o meu caso, aliás, o nosso caso. Nós, os príncipes da Irlanda e chefes dos clãs, não somos diferentes dos seus nobres lordes, que devotam esforços para convencer uma rainha idosa de que ainda é jovem e uma soberana desgastada de que continua poderosa. Para

fazer o que desejam de nós, isto é, governar pelos senhores, precisamos do povo. Isso não será possível se tivermos títulos e leis ingleses.

Com um suspiro profundo, Rory recostou-se de novo no banco do coche à espera de uma resposta, ou comentário. Como nada viesse, olhou distraído para fora e analisou as próprias palavras. De repente, como se houvesse convencido a si mesmo, tudo pareceu fazer sentido. Talvez a guerra não fosse, de fato, a única saída, e a Irlanda pudesse ser governada, indiretamente, pela Inglaterra. Poderia o seu país continuar sendo uma colônia, e o povo prosperar como irlandeses?

Lembrou-se, então, da ganância feroz que reinava em Dublin, onde os lordes ingleses se apossavam das terras. Quando já as tinham nas mãos, voltavam para a Inglaterra e deixavam seus capatazes, que escravizavam os camponeses irlandeses.

E quanto aos senhores irlandeses, ele inclusive? A guerra constituía um meio de vida e era quase tudo o que sabiam fazer. Seriam precisas várias gerações para mudar essa mentalidade. Neste caso, como O'Neill dizia, era melhor que guerreassem os ingleses do que a si mesmos.

E assim, a idéia de paz e de um acordo morreu em sua mente antes de vir à luz,

O coche aproximava-se de Ludgate. Rory deixou que o vozerio dos vendedores lhe prendesse a atenção, e surpreendeu-se quando Cecil lhe dirigiu a palavra.

— Desculpe, *sir* Robert, mas estava distraído.

— Eu disse que suas palavras bem elaboradas fazem um certo sentido.

— Todavia, não muito dó seu agrado, não é?

— Você acredita que conseguiria que os chefes dos clãs mantivessem o bom senso e permanecessem em suas terras e castelos até que eu convencesse a rainha e o Parlamento do valor de suas propostas?

— Eu sei que posso fazer isso — Rory afirmou com bastante cuidado para não revelar a mínima sombra de entusiasmo. — Para tanto, vou precisar de liberdade de ação e caminho aberto para me comunicar com a Irlanda. E, para convencer os chefes dos clãs que conto de fato com o apoio da rainha, necessito estar a par, o tempo todo, do que Whitehall e Dublin estão fazendo.

— Não acha que está pedindo demais?

— Sei que estou. Talvez fosse melhor passar para o lado de Essex. Se eu lhe garantisse que não haveria guerra na Irlanda, ele poderia pressionar mais a rainha e conseguir as dele em outras paragens.

— Bobagem, O'Donnell. Vou lhe dizer uma coisa que não quero que

esqueça. Milorde Essex goza de grande popularidade entre as massas, como já aconteceu com Drake e Raleigh. Talvez ele seja até mais popular que a própria rainha. Mas isso não é sinônimo de poder. Até me atrevo a dizer que, um dia, essa mesma popularidade vai lhe provocar a queda. O poder, meu caro lorde irlandês, está nos cofres do tesouro, e estes, por sua vez, ficam a cargo dos Cecil.

Rory fez uma curvatura exagerada e disse:

— Então, automaticamente, estou do seu lado.

— Acredito que sim, mas lembre-se também que, embora tenhamos nossas divergências, milorde Essex e eu somos ambos ingleses e servimos à mesma rainha.

— Exatamente como eu.

— Um irlandês?!

— Ora, *sir* Robert, já lhe expus o meu caso e a minha maneira de pensar.

O que me responde?

Rory prendeu a respiração enquanto o homenzinho o fitava com olhos perscrutadores. Depois de alguns segundos, *rir* Robert começou a relaxar e ele respirou de novo. Estava certo de que havia vencido. Podia ler isso nas feições de Cecil.

— Muito bem, estamos de acordo. Dê o nome dos seus mensageiros para que eu providencie caminho livre para eles irem e virem em liberdade.

— Mais um último pedido, *rir* Robert. Por favor, tire seus cães farejadores de cima de mim.

— Mas meu caro, se fizer isso como vou ficar sabendo das últimas novidades, especialmente se *lady* Hatton traiu, ou não, o marido?

Rory corou até a raiz dos cabelos e gaguejou:

— *Sir* Robert, eu... eu...

— Não se preocupe. Embora a senhora em questão seja minha sobrinha, ela é independente e faz sempre o que bem entende. Acredito que nós, os ingleses, não somos muito diferentes de você sob esse aspecto. Não é verdade que os homens dos clãs de O'Neill, e O'Donnell são famosos por conquistarem as mulheres de outros?

Já haviam chegado, e Rory estava tão constrangido que quase tropeçou ao descer do coche. Estaria esse homem defendendo o adultério da sobrinha? Já ia explicar-lhe que suas intenções não passavam de um flerte inconseqüente, quando o homenzinho o impediu.

— Isso me lembra de uma outra coisa. A rainha simpatizou tanto com você que mandou convidá-lo para fazer parte de sua excursão de verão pelo

campo.

Rory ficou mais aturdido ainda. A sagacidade de Cecil era incrível. Naturalmente não precisaria ser mais vigiado se fosse com a Corte para o campo. E o pior era o fato de ter de passar um mês inteiro na mesma casa que *lady* Hatton.

— O que a rainha me pede é impossível. Lamento não poder aceitar o convite, mas preciso ficar em Londres.

— E com que propósito?

— Como vou poder executar nossos planos no campo?

— Tenho certeza de que achará um jeito.

— Não, não posso ir.

Cecil virou-se para Rory. A cabeça dele mal chegava-lhe ao peito, porém sua atitude era de extrema autoridade.

— Um pedido da rainha representa uma ordem, e esses meses no campo não passam de uma coisa insignificante.

Insignificante?! Rory pensou desesperado. E a tortura de ficar na companhia da mulher mais linda do mundo? E se não resistisse à tentação e com isso provocasse um grande escândalo? Sua vinda à Inglaterra resultaria, num enorme fracasso. Sentia-se furioso, pois sabia que a idéia tinha partido do homem a sua frente e não da rainha. Fez uma última tentativa.

— *Sir* Robert, eu lhe imploro como uma coorte, como alguém que possui os mesmos interesses importantes do senhor, como os amigos recentes que somos...

— Rory O'Donnell, vou lhe dar um conselho que me foi dado um dia, por meu pai: "Em dias atribulados, mantenha a amizade de um homem influente e poderoso, mas não o aborreça com ninharias".

CAPÍTULO XVIII

— São seis e meia, *milady*.

A voz da camareira e o ruído das cortinas que ela abria despertaram Elizabeth. Entretanto, sonolenta, continuou com os olhos fechados. Gostaria de dormir por mais algum tempo, pois não tinha descansado o suficiente. Na véspera, exausta, havia se deitado muito tarde e fazia quatro dias consecutivos que trabalhava, sem parar, preparando Holdenby para a visita da rainha.

Entreabriu os olhos e viu o rosto largo e agradável de Honor ao lado da cama.

— *Milady* quer esperar mais um pouco para se levantar?

Elizabeth percorreu o olhar pelo dossel acolchoado que se firmava em quatro colunas de madeira esculpida. Se pudesse ficaria ali, sob ele, até as nove horas. Porém lembrou-se do que ainda precisava ser feito e, quase tudo, sem o auxílio de *rir* William.

Com um suspiro afastou as cobertas e espreguiçou-se.

— A mão, Honor, me ajude a levantar.

Apoiada na camareira, desceu os quatro degraus que levavam da cama alta ao chão. Flexionou as pernas, os braços e o peito até que se sentiu bem desperta.

A camisola de cambraia, recoberta por seda preta e com acabamentos de renda, tinha colchetes no decote, tanto na frente como atrás.

Os dedos ágeis de Honor os soltaram e Elizabeth, com um movimento de ombros, fê-la escorregar para o chão. Nua, foi até a janela, onde respirou fundo.

— *Milady* gostaria de que esquentasse suas roupas?

— Não, Honor, parece que vai fazer calor. Também não quero a água do banho muito quente.

— Pois não, *milady* — a camareira aquiesceu e foi colocar mais água fria na banheira de carvalho esculpido que estava em frente da lareira acesa do quarto.

Elizabeth continuava perto da janela, e os bicos de seus seios distenderam-se com a aragem fresca da manhã. Embora com algumas nuvens escuras, o céu começava a se colorir de azul-claro e ainda se podiam ver umas

poucas estrelas que desapareciam devagar sob a luminosidade do dia que se aproximava.

Só agora ela percebia como sentira falta do amanhecer no campo durante o tempo passado na cidade. Admirou os jardins imponentes, com passeios calçados em granito e cercas vivas e altas muito bem aparadas. Eles ficavam atrás da casa e ocupavam mais de dois hectares de terra. No centro deles, havia dois tanques redondos, cuja água já refletia alguma luz.

A propriedade continuava, além da última cerca, com mais jardins, ladeados por antigos e frondosos carvalhos, campos para cultivo agrícola e pastagens.

Elizabeth vislumbrava o movimento matutino de pessoas. O gado leiteiro, já ordenhado, estava sendo conduzido ao pasto, e o rebanho todo continha quase quinhentas cabeças.

Em Wimbledon, onde crescera, ela havia presenciado cenas iguais, mas em menor escala. A própria casa, com seus oitenta cômodos, era muito maior do que a da sua infância. Havia ainda um sem-número de outras construções que abrigavam uma legião de agregados e trabalhadores.

Elizabeth sentiu uma onda de excitação por ser testemunha do despertar da propriedade que agora estava, em grande parte, sob sua administração. *Sir William* continuava sendo o senhor de tudo, porém, mais e mais, deixava as decisões de quase todos os negócios a cargo da esposa.

Bem depressa, ela havia descoberto que o marido era um homem generoso, mas sem a mínima acuidade para gerir os bens. Na primeira oportunidade, com medo de *sir William* acabar perdendo a fortuna herdada do tio, Elizabeth assumiu a responsabilidade de ajudá-lo.

Os dois primeiros e pequenos investimentos que sugeriu foram bem lucrativos. A seguir, aconselhou que comprassem o resto das terras na ilha de Purbeck à volta do castelo de Corfe, que já era deles. A razão dada foi a onda de construções, cada vez mais crescente, e que empregava o mármore de Purbeck, na costa sul da Inglaterra.

Elizabeth acabou verificando que não só apreciava essa nova atividade como também era muito competente no seu desempenho. *Sir William*, quase sempre adoentado, deixou de se envolver, quase por completo, nos negócios.

Fazia também meses que ele não procurava a esposa na cama. Isso, apesar de um certo sentimento de culpa, não a incomodava.

Outra de suas descobertas após o casamento era a paixão sensual que lhe tumultuava os sentidos e que o marido idoso apenas estimulava, mas não satisfazia. Por causa disso, as visitas dele à sua cama, embora raras, a

deixavam mais frustrada e" vulnerável às tentações provocadas pelos jovens nobres que a cobriam de amabilidades.

Um "dos seus mais constantes admiradores era James Blake, aliás, *sir* James, graças a algum estranho serviço prestado, recentemente, à rainha. Outro, tão ou mais insistente que o primeiro, tratava-se do jovem irlandês, Rory O'Donnell. Os dois diferenciavam-se muito em suas maneiras de tratá-la. James era espalhafatoso e apresentava os propósitos dele com tal franqueza que chegava a ser arrogante. Rory era o oposto, delicado e um tanto tristonho como se temesse expressar o desejo óbvio que o olhar revelava.

Elizabeth sentia atração pelos dois homens. Com Blake, tinha a impressão de estar envolvida por intriga e perigo. Os olhos escuros dele mostravam a vontade de conquistá-la, tirar suas roupas e forçar a submissão do seu corpo. A presença dele era, ao mesmo tempo, excitante e ameaçadora.

Rory, num estímulo diferente, instigava-lhe a feminilidade e a fazia esquecer que vinha da família Cecil e era *lady* Hatton. Em seus olhos brilhantes via a mesma paixão que nos de Blake, porém com uma diferença. Os de O'Donnell revelavam, ao lado do desejo a suavidade do amor, a capacidade de fazer uma mulher sacrificar tudo a fim de passar a vida entre os braços dele.

Nas últimas semanas, Elizabeth percebera que a tentação estava se tornando grande demais para, suas forças. Na Corte, ouvia as senhoras contarem, abertamente, as artimanhas que empregavam na traição aos maridos. O adultério havia se tornado tão comum no país, não só entre os nobres, como também entre os plebeus, que os tribunais eclesiásticos, por julgarem tais casos, haviam sido apelidados de dissolutos.

A idéia de ceder às paixões interiores começava a tomar forma em sua mente.

Felizmente, o acaso afastara o perigo. A mandado da rainha, Blake viajara para o exterior a fim de tratar de algum negócio, e ela mesma havia deixado Londres com a incumbência de preparar Holdenby para a visita real. Repetia constantemente a si mesmo que, com Rory longe de seus olhos, a tentação teria desaparecido quando retornasse à cidade no fim do verão.

— O seu banho, *milady*.

— Ah, obrigada, Honor — agradeceu e apoiou-se de novo na mão da camareira para entrar na banheira.

A água e o sabonete tinham perfume à base de óleo de amêndoas. Depois que se ensaboou quase por inteiro, pediu a Honor que fizesse o mesmo nas suas costas.

— Ai, não com tanta força, menina — protestou.

— Desculpe, *milady*, estou muito nervosa. Nunca vi a rainha nem os lordes e *ladies* da Corte. Dizem que o cortejo dela vai ter mais de cem pessoas! Elizabeth riu.

— Imagine todos os lacaios e cavaleiros jovens e bonitos que vêm junto. Tome bastante cuidado e tranque sua porta à noite. Não quero que fique grávida antes de mim.

O rosto da moça ficou vermelho e, entre risinhos encabulados, garantiu:

— Disso não há o menor perigo, *milady*. O meu casamento já está acertado, e eu tenho muita sorte de amar o homem que meu pai escolheu para mim.

Elizabeth levantou os olhos e fitou a criada. Honor, como os outros empregados da casa, sabia que *sir* William, há muito tempo, não passava a noite com a mulher. Por isso esperava encontrar malícia na expressão dela, mas constatou inocência apenas. Reconheceu que estava ficando sensível demais. Entretanto, não deixava de ser irônico que uma criatura do povo, sem dote, se casasse por amor.

— Desejo que você seja muito feliz, Honor. Só tenho medo de acabar perdendo você.

— Obrigada, *milady*.

Elizabeth retribuiu o sorriso que acompanhava o agradecimento e desviou o olhar. Gostara de Honor desde que a vira pela primeira vez, e a tinha escolhido para sua camareira apenas duas semanas após a moça se empregar na Hatton House.

As diferenças que as separavam eram imensas, pensou, embora regulassem em idade. Honor era a sétima criança, numa escadinha de filhos de um ferreiro de Islington, enquanto ela, Elizabeth, pertencia às famílias Cecil e Hatton. O preço dos seus pentes de marfim e madeira de lei, ou dos cosméticos que usaria daí a pouco, daria para sustentar a família da camareira por um ano inteiro. Todavia, Honor, dentro em breve, se casaria com um jovem viril e atraente.

Afastou a idéia perturbadora da mente e saiu do banho. Deixou que a criada a enxugasse e passasse talco no seu corpo. Depois apanhou um pedaço de tecido de linho e um sabão especial com os quais esfregou os dentes até que ficassem alvos e brilhantes. Só então sentou-se à mesinha de toalete para aplicar os cremes enquanto Honor a penteava.

Aproveitou esses momentos para verificar a lista de coisas que ainda precisavam ser feitas e as que já estavam prontas. Quinhentos quilos de carne

de vaca achavam-se estocados, além de outro tanto de vitela e carneiro. A despensa, no porão, encontrava-se abarrotada de leite, manteiga e queijos.

Como soubesse que a rainha gostava muito de doces, Elizabeth havia trazido de Londres uma confeitadeira afamada para fazer as sobremesas. Os doces, nas mais variadas formas, que decorariam a mesa e estariam à disposição dos hóspedes, o tempo todo, em pratos espalhados pelas salas, já estavam prontos. Ela prepararia ainda bolos deliciosos à base de marzipã de amêndoas e pistache.

Os divertimentos também seriam elaborados. Durante o dia teriam falcoarias e caçadas, à noite haveria festas, espetáculos teatrais e jogos de salão.

Naturalmente o dinheiro que estava sendo gasto com tudo isso pra exorbitante, mas Elizabeth o considerava muito bem empregado. A nova *lady* Hatton desejava que Holdenby se destacasse pela hospitalidade pródiga na excursão da rainha desse ano. Estava certa de que isso lhe garantiria um lugar seguro na Corte.

Elizabeth tinha consciência da alta consideração que a rainha dispensara a *sir* Christopher, o tio do marido. Havia encontrado, entre papéis em Hatton House, a cópia de uma carta de Gloriana ao bispo de Ely para resolver, de vez, uma questão de terras entre a Igreja e *sir* Christopher Hatton.

“Reverendíssima:

Vossa Excelência sabe o que era antes de eu o fazer o que é hoje. Quero que saiba que poderei desfazer isso se não atender, imediatamente, o meu pedido de passar as terras de Holburn de Ely para Hatton. Por Deus, eu juro que lhe tirarei a batina.

Elizabeth R”

Sir Christopher conseguira as terras que desejava para expandir a casa de Londres. Isso era ter poder.

Elizabeth sabia que *sir* William não possuía tal força, entretanto, com uma estratégia cuidadosa, talvez ela pudesse reconquistar parte dessa força.

A voz suave de Honor a trouxe de volta ao quarto.

— Está satisfeita, *milady*.

— Perfeito — respondeu com um sorriso ao apreciar o penteado elaborado de cachos presos com dois fios de pérolas.

Em relação aos cabelos, Elizabeth recusava-se a obedecer aos últimos ditames da moda. Não sabia por que deveria cobrir a cabeleira farta e linda, de um castanho-avermelhado, com perucas empoadas.

Para vestir, escolheu um corpinho de veludo cor de cobre e uma blusa, para usar embaixo, da mesma cor com debruados verdes nos punhos das mangas e no decote. Resolveu usar anquinhas menores para poder movimentar-se com facilidade pela casa. Sobre elas, prendeu uma saia verde enfeitada com brocado cor de cobre também.

Permitiu que Honor escolhesse as abotoaduras para os punhos e o broche que usaria no decote, apanhou dois lencinhos e deixou o quarto para enfrentar as tarefas que a esperavam.

A criadagem toda, desde as camareiras, passando pelas encarregadas da limpeza e arrumação da casa e as da copa e cozinha, até os cavaleiros, mensageiros, administrador e o encarregado das caçadas e falcoarias receberam as últimas ordens e instruções diretamente de Elizabeth.

A seguir, ela inspecionou os quartos e salas, dando especial atenção à imensa galeria onde as refeições seriam servidas. Depois, foi aos jardins escolher, pessoalmente, as flores que decorariam cada aposento. Os que Gloriana ocuparia receberiam rosas, lavanda e hissopo.

Quando terminou essas tarefas, montada na sua égua preferida dirigiu-se aos limites dos jardins para inspecionar as reformas, quase terminadas do chalé de verão. A pequena casa ficava meio escondida num bosque de carvalhos e teixos.

Elizabeth se encantara com ela logo depois do casamento, e havia tomado providências para a sua reforma. Com apenas cinco cômodos e um solarium, era o lugar ideal para se refugiar a fim de ler ou de fugir da criadagem. Todos, inclusive Honor, já tinham recebido ordens explícitas para não a perturbarem quando se encontrasse lá.

O lugar serviria para deixar a outra faceta de sua personalidade expandir. Esse era o seu lado que continuava a se rebelar contra o tio e o avô por terem arquitetado o casamento com o velho herdeiro, e a parte do seu ser que não se importava com as intrigas e mesquinharias da Corte. Tal aspecto de sua pessoa, além da solidão em que vivia, não possuía ambições. Todavia, ela desejava mantê-lo escondido.

Elizabeth estava cansada. Sentia as pernas como se fossem de chumbo e a cabeça rodopiava sob a pressão da grande responsabilidade que enfrentava.

Um pouco depois, encontrava-se perto do lago, inspecionando! os fogos de artifício que iluminariam o céu logo após a representação teatral daquela noite. Foi quando ouviu o soar das trombetas reais. Levantou os olhos e viu, na colina distante da estrada de Bedford, os primeiros cavaleiros do séquito da rainha. Uma nova energia tomou conta do seu ser.

Correu para casa, onde gritou:

— Honor... Honor!

— Aqui, *milady* — a moça respondeu bem atrás dela.

— Depressa, menina! Só temos poucos minutos.

E não muitos deles foram necessários para que trocasse a roupa por outra mais discreta, branca e preta, em deferência à rainha. A camareira retocou-lhe o penteado e colocou um lenço limpo entre suas mãos enluvadas.

Elizabeth examinou-se com cuidado no espelho. Percebeu que a criada, a uns passos atrás, embora sorrisse, tinha os olhos úmidos de lágrimas.

— Qual é o problema, Honor?

— Nada, *milady*, é que a senhora está tão linda!

— Muito obrigada, Honor — replicou comovida, e voltou-se de novo para o espelho.

“É verdade”, pensou. “Sou linda... porém carrego os nomes de Cecil e de Hatton.”

CAPÍTULO XIX

As poucas nuvens escuras que salpicavam o céu de manhã haviam desaparecido e permitido que o sol aumentasse a temperatura. O calor era ameno, pois a brisa do campo não permitia que se elevasse com exagero.

Rory cavalgava bem na frente do séquito. Atrás dele, vinham mais de cem cavaleiros acompanhados de serviçais a pé ou em carroças. Cinquenta e quatro coches a cavalo transportavam a bagagem exagerada da rainha. Bem no centro da comitiva, rodeada por cortesões atenciosos, seguia a carruagem real.

A irritação de O'Donnell contra Robert Cecil havia diminuído um pouco ao pensar no prazer do verão passado no campo, longe do barulho e dos odores desagradáveis da cidade.

Era preciso admitir que as campinas verdes com as flores silvestres coloridas, as casas cobertas de sapé e as pontes de pedra sobre riachos sinuosos tinham um encanto especial.

E agora, depois de estar há algum tempo nessa excursão e, especialmente, após a semana passada na mansão Theobalds de lorde Burghley, de onde vinham, Rory reconhecia que sua educação sobre política inglesa progredia bastante.

Apesar do ambiente festivo e um tanto frívolo, a rainha e a Corte mantinham contato constante com Londres. Os mensageiros iam e vinham diariamente. O tempo todo, ele constatava a dualidade da soberana.

Mesmo contando com idade avançada, Gloriana podia dançar ou jogar até alta madrugada, quando se retirava aos seus aposentos, onde tratava de questões políticas até o raiar do dia. Os cortesões também lhe causavam surpresa. O ar de elegância e delicadeza não passava de uma fachada para esconder a habilidade maliciosa no manuseio competente da espada, da lança e do florete. Como cavaleiros, a agilidade deles era tão boa e até melhor do que a sua e a pontaria com que atiravam os mosquetes chegava a ser perfeita.

O emprego das novas armas e o que tinha descoberto em Londres o assustavam. Pela cidade toda as forjas dos armeiros trabalhavam sem parar. Não estava distante o dia em que os generais ingleses poderiam levar ao campo de batalha um exército inteiro equipado com armas de fogo.

Até a pólvora já estava sendo fabricada em solo inglês. Enquanto isso,

O'Neill dependia de chefes irlandeses recalcitrantes, da França ocupada com suas próprias guerras e do indeciso rei da Espanha para conseguir as armas modernas de que tanto necessitava.

Com essas informações em mente, Rory começava a entender os avisos velados da rainha. Comparava os dois países e a sua querida Irlanda parecia não ter chances.

Muito contra a vontade, Rory admitia que, se tivesse de se guiar pelo alto padrão de vida e pelas armas modernas dos ingleses, a Irlanda acabaria derrotada. Cada vez mais, as palavras da rainha ganhavam peso.

A viagem de verão da rainha também salientava uma diferença marcante entre a cultura dos dois países. Este ano, os lordes Norris em Rycote, Burghley em Theobalds, Montagu em Cowdray e Hatton em Holdenby gastariam somas fabulosas com comidas, bebidas, presentes e divertimentos para a sua soberana. E enquanto Gloriana, acompanhada de sua Corte, passeava pelo campo, O'Neill, O'Hara, Maguire e Red Hugh sentavam-se, impacientes, atrás de suas muralhas, à espera de um ataque.

Os clãs de Tyrone, Fermanagh, Donegal e Ballylee seriam pressionados a providenciar armas e alimentos necessários para se iniciar uma guerra que, depois, provavelmente não teriam recursos para acabar.

O som das trombetas e o eco dos fogos de artifício que anunciavam a chegada da rainha a Holdenby tiraram a mente de Rory das cogitações políticas. Contudo, ao levantar os olhos, a vista com que se deparou parecia reforçar a idéia da supremacia inglesa. A guarita junto aos portões, com suas torres, já era um palácio. Carvalhos altos e frondosos ladeavam uma avenida que ia da entrada até a casa imensa de quatro andares. Era impossível admirar, ao mesmo tempo, o esplendor dos torrões octogonais, das cumieiras e balaustradas ornamentadas e da infinidade de chaminés.

A longa fila parou para que a rainha passasse da carruagem para uma liteira grande com cortinas. Esta, por sua vez, foi carregada por oito nobres na frente do cortejo. E assim, passaram sob os arcos da guarita nos portões e percorreram a longa avenida. A meia hora seguinte passou de maneira meio nebulosa para Rory. A rainha e cada membro da Corte foram recebidos por sir William e *lady* Hatton. Enquanto a fila caminhava devagar, ele não podia tirar os olhos do rosto de Elizabeth.

Como anfitriã, à entrada daquele magnífico palácio, suas feições pareciam mais lindas e altivas. Ao se aproximar cada vez mais, ele percebeu como havia raciocinado ingenuamente. Uma coisa era vê-la no burburinho da Hatton House em Londres e outra, bem diferente, em meio a tanta pompa e

riqueza. Ali ela se tornava completamente inacessível.

Pensando assim foi que conseguiu chegar à sua frente sob o mais absoluto autocontrole. Sorriu e cumprimentou-a:

— *Milady*, permita-me agradecer-lhe, de antemão, a sua generosa hospitalidade. ~ O'Donell!

Depois de pronunciar-lhe o nome, Elizabeth abriu bem os olhos por um segundo para fechá-los em seguida. O seu corpo balançou ligeiramente, e a mão apertou a de Rory antes que ele a roçasse com os lábios.

Rory não tinha--certeza, mas ficou com a impressão de que *lady* Hatton teria desmaiado se não houvesse contado com o apoio da mão dele.

A tarde desse dia foi gasta em atividades para distrair Gloriana. A coreografia aquática, apresentada no lago de Holdenby, foi dividida em duas partes. Na primeira, aparecia Auréola, a linda rainha, conduzida num barco pelos deuses do mar. Na segunda, foi a vez do próprio Netuno que, rodeado por ninfas, recitou um pequeno poema exaltando-a como a rainha das águas.

A idéia de Auréola ser a encarnação da soberana inglesa não passou despercebida a ninguém, muito menos a Sua Alteza Real, que muito aplaudiu a representação, além de distribuir elogios entusiasmados entre os artistas.

Com toda essa movimentação e mais as da noite, *lady* Hatton não teve tempo para pensar em Rory O'Donell. Foi só depois do banquete, quando já se preparava a grande galeria para o baile, foi que ele voltou à sua mente.

Imaginava se Rory usara de alguma artimanha para conseguir um convite da rainha e acompanhá-la na excursão. E qual seria o propósito dele? Garantir fins políticos ou, simplesmente, poder vê-la e compartilhar da sua companhia?

Enquanto dançava, Elizabeth avaliava os perigos ocultos de tal situação. Não considerava arriscado ter um caso, desde que não fosse com um irlandês. Isso seria muito temerário de sua parte. Suspeitava, por outro lado, que havia o dedo do tio naquilo tudo. Ultimamente, Robert mencionara várias vezes, em sua presença, como O'Donell poderia ser de grande utilidade à Coroa, pois ele parecia capacitado a convencer os selvagens irlandeses a desistirem da guerra. Só assim haveria esperança de paz para a indisciplinada Irlanda.

Não considerava os irlandeses, e menos ainda Rory, selvagens como o tio os qualificava. O perigo que via num relacionamento com ele era baseado em razões políticas antagônicas entre os dois países. O'Donell usava uma linguagem um tanto estranha, suas maneiras, às vezes, eram meio rudes e os olhos, de vez em quando, revelavam impetuosidade, porém jamais o consideraria selvagem.

Nem mesmo na noite distante em que se conheceram e em que Rory chegara ao atrevimento de beijá-la o teria classificado como tal. Assustara-se um pouco, mas até hoje a lembrança da carícia a acompanhava, e enchia-lhe de sonhos as noites vazias. A recordação fê-la correr os olhos à volta, na tentativa de ver onde estaria o irlandês.

Não o encontrou logo, e chegou a imaginar que Rory já havia se retirado antes mesmo de tirá-la para dançar. E quando o descobriu, foi para sofrer uma certa decepção.

Alto e atraente, lá estava ele perto de uma janela que dava para os jardins iluminados por tochas. À frente de Rory havia um grupo de mulheres com quem flertava abertamente, e entre as quais distribuía o sorriso encantador que Elizabeth pensava ser dirigido apenas à sua pessoa.

— Desculpe, *milady* — murmurou o seu par de dança.

— Não, a culpa foi minha — respondeu Elizabeth.

A verdade era que sua atenção estava em Rory e não nos pés que deveriam estar acompanhando o compasso da música. Concentrou-se para não errar, de novo, o passo.

Seguindo o parceiro, afastou-se pela galeria, porém, sem que pudesse evitar, retornou para perto do grupo ao lado da janela.

Desta vez, fitaram-se e o sorriso largo de Rory era para ela agora. Um rubor intenso cobriu-lhe o rosto, e Elizabeth perdeu o ritmo novamente e bateu de encontro a lorde Hebert.

— Perdão, milorde — desculpou-se encabulada.

— Não foi nada, *milady* é que...

— Sim?

— A música mudou, não estamos mais dançando a pavana e sim a sarabanda.

O rubor intensificou-se tanto em suas faces que Elizabeth teve certeza de que ele se confundia com a purpurina que usara para colorir os lábios.

— Milorde tem razão — concordou, enquanto acomodava-se entre os braços dele, de acordo com a nova moda em que homem e mulher dançavam juntos.

— Sabe, *milady*, os puritanos alegam que esta dança estimula um comportamento devasso e obsceno, além de inflamar a luxúria desenfreada.

Elizabeth afastou a cabeça para trás e observou o rosto empapuçado e marcado por varíola do seu parceiro. “Meu Deus”, pensou admirada, mal podendo conter o riso. “O homem está querendo se insinuar comigo”. Comparou o corpo balofo e as pernas finas dele com a estatura escultural e

vigorosa de Rory, e até sentiu pena de lorde Hebert.

— Tenho certeza, milorde, que qualquer sentimento dessa natureza em relação a uma dança está mais na mente dos que a cercam do que no corpo do dançarino.

— Tem razão, tem razão — o homem respondeu, confuso. A música terminava e ele aproveitou para pedir licença e desaparecer entre os outros hóspedes.

Sozinha, Elizabeth serviu-se de vinho com a intenção de readquirir o autocontrole, e já ia levar o copo aos lábios quando, de repente, a música foi interrompida pela voz enérgica e raivosa da rainha.

— Seria aconselhável, milorde Essex, que fosse mais sutil e delicado!

— Eu lhe asseguro, Majestade...

— Para o inferno com as suas explicações! Elas cheiram mal e pesteiam o ar!

Ninguém se atrevia a olhar na direção dos dois, e todos sabiam a razão que provocara a discussão. Há dias que o conde insistia com a rainha sobre a nomeação de Francis Bacon para o cargo *de* procurador geral. Todavia, a gafe recente de Essex e Bacon no Parlamento resultará em falta de prestígio do conde, o que ameaçava a lealdade de seus seguidores. J— Esse assunto — continuou a rainha — é da alçada de lorde Burghley, e ele me assegurou que prefere um homem mais velho e experiente para cargo tão importante.

— E seria esse homem, por acaso, Edward Coke? — Essex indagou com voz petulante e furiosa.

A rainha sorriu, e os dentes escuros ressaltaram-se, quase que com crueldade, no rosto exageradamente alvo.

— Acredito, que sim.

— Pois eu afirmo que idade é irrelevante neste caso. A barba de Coke pode embranquecer de velhice e ele continuará a não ser um concorrente à altura de Bacon.

A rainha continuou a sorrir, mas a voz tornou-se dura.

— Eu gostaria de lembrar a milorde Essex que a sua rainha não se deixará levar pelos caprichos de um jovem atrevido e voluntarioso.

— Atrevido... jovem? — Essex gritou.

— E mais ainda. Se milorde Essex houvesse se comportado com tal arrogância na presença de Henrique, meu pai, lhe daria razão para expulsá-lo, para sempre, da Corte.

— Majestade, só desejo o que é melhor para o país e...

— E para milorde Essex. É bom não se esquecer de que a juventude tem

sempre o que aprender com os mais idosos.

O conde saiu da galeria batendo os pés e Gloriana, com um sorriso satisfeito, dirigiu-se à orquestra.

— Toquem — ordenou. — Prefiro ouvir música a ladrido de cães de caça.

Todos ali, exceto o conde, sabiam que a sua saída furiosa era, exatamente, o que a rainha o forcara a fazer.

O som de uma nova sarabanda encheu o ambiente e um braço segurou *lady* Hatton pela cintura.

— Pode me dar o prazer desta dança, *milady*’!

Tratava-se de O’Donell, e Elizabeth não teve outra escolha senão aquiescer.

— Agora entendo por que as Cortes estrangeiras classificam a Inglaterra como um paraíso para as mulheres, uma prisão para os serviçais e um inferno para os cavalos. Vejo ainda que foi a sua boa rainha quem proporcionou a independência de que as inglesas gozam — Rory comentou.

Elizabeth mal podia conter a excitação por ter a mão entre a dele e sentir-lhe o braço à volta da cintura. Foi necessário um grande esforço para responder com voz calma.

— Na Inglaterra, prevalecem as atitudes civilizadas em relação à mulher.

— Talvez, mas isso não é muito prático. Penso que as senhoras passam tempo demais longe das vistas de seus maridos, entretidas com caçadas, jogos de cartas, conversas fúteis com amigas e funções sociais. Na Irlanda, nós conseguimos boas esposas espancando-as e freqüentando-lhes a cama com regularidade constante.

Elizabeth reagiu tentando separar-se dele, mas o braço forte a segurou com firmeza, o que resultou em ficarem mais próximo, ainda.

— Eu acho, irlandês, que suas esposas não passam de amantes para os jovens, companhia para os de meia-idade e enfermeiras para os velhos. Eu gostaria de ser mais do que isso.

Rory relaxou um pouco a pressão com que a segurava e abaixou a cabeça para poder fitá-la.

— Verdade? E o que mais *milady* gostaria de ser? Elizabeth não encontrou palavras para responder e ele percebeu isso pela sua expressão. O sorriso petulante, insolente e atrevido voltou ao rosto dele, ressaltando os dentes perfeitos e brilhantes.

“Que temperamento mais instável”, ela pensou. Durante meses depois do primeiro encontro, ele a havia acumulado com olhares impetuosos que

revelavam imensa confiança própria. Não podia esquecer as palavras silenciosas que lera nos lábios dele: “Algum dia, *milady*”.

No entanto, o comportamento de Rory tinha mudado. O olhar se suavizara, e em vez de audácia expressava súplica, o que a perturbava até em sonhos. Lembrava-se ainda da frase dele, no dia em que se encontraram na cidade, e com a qual a contradizia: “Não, *milady*, a senhora é quem me persegue”. Isso a tinha feito desejar ter coragem para se desvencilhar da posição social e da precaução, a fim de refugiar-se entre seus braços fortes.

Agora, O'Donnell assumia a atitude anterior em que se mostrava sarcástico, desafiador em vez de suplicante, inalcançável e nem um pouco vulnerável.

“Pois eu não quero ter nada com qualquer das facetas dele”. Elizabeth pensou ao separar-se no final da musica.

— Acredito que tenha aprendido a fazer cortesias e a dançar à nossa moda, Rory O'Donnell, todavia ainda' não domina nossas boas maneiras e nem consegue distinguir a mulher de um trabalhador irlandês de uma senhora inglesa.

O sorriso de Rory alargou-se mais ainda.

— Peço licença para discordar, *milady*. Penso que descobri muito bem a diferença existente entre a esposa de um guerreiro irlandês e a sua correspondente inglesa. Esta, quase sempre, se encontra numa situação enfadonha, precisa encontrar algo com que se distrair e acaba sendo infiel ao marido.

Elizabeth empalideceu. Rory havia chegado perto demais da verdade, o que a constrangia e amedrontava ao mesmo tempo.

Trêmula, e sem encontrar palavras para a resposta adequada, virou as costas e afastou-se apressada. Temia, ainda, o que os próprios olhos podiam revelar a ele.

Caso houvesse se virado um segundo antes de se misturar com as outras pessoas, teria visto o sorriso desaparecer do rosto de Rory para dar lugar à expressão de tristeza que já havia constatado antes.

“E agora, *milady*, meu amor”, Rory pensou, “só nos resta esperar que seja mais fácil manter uma certa distância, nestas próximas «emanas, entre nossos corpos atormentados pelo desejo ardente.”

CAPÍTULO XX

O oficial representante da rainha, Henry Bagenal, escancarou a pesada porta, com barras de ferro, e afastou-se.

O olhar de *sir* James Blake percorreu a estreita escada em espiral ao mesmo tempo que levava um lenço ao nariz para protegê-lo contra o cheiro de umidade e ranço que subia das masmorras do castelo de Dublin.

— Cuidado com os degraus — Bagenal resmungou. — Eles são escorregadios e o vento encanado apaga as tochas.

Blake não disse nada, apenas fez um sinal com a cabeça. Reconhecia que parte do mau cheiro era produzido pelo sebo animal queimado para iluminar a escadaria.

Acabava de conhecer o novo oficial nomeado pela rainha, entretanto já sabia que ia se dar bem com ele. Ao contrário do pai, que o antecederia nesse mesmo cargo e que era a favor de uma conciliação pacífica com os senhores irlandeses, Bagenal preferia decapitá-los logo e acabar de vez com tudo.

Desceram as escadas devagar e foram dar num longo corredor onde puderam caminhar, de novo, lado a lado. Bagenal não perdeu tempo para reencetar a conversa interrompida sobre o assunto que interessava a ambos.

— A verdade é que a situação está piorando em vez de melhorar. Os cronistas e declamadores já perderam o medo. Eles pressentem a rebelião e proclamam suas mensagens marciais para instigar o populacho.

— Não é ele que vence as guerras — Blake argumentou.

— Não tenho muita certeza de que isso se aplique à Irlanda. O'Neill, a cada dia que passa, fica mais poderoso e nós somos os únicos culpados disso.

— Nós! Você quer dizer a rainha, não é, Bagenal?

— Isso mesmo. As últimas instruções de Whitehall são as mesmas que as anteriores, e impossíveis de serem obedecidas. A rainha quer mais impostos sem que se oprima o povo, ordena que eu reduza meu exército sem prejuízo da sua eficiência e deseja que Bingham, em Connaught, castigue os rebeldes sem levá-los ao desespero, além de premiar os legalistas. Mas exige que não se onere a Coroa.

— E o que faria, Bagenal, sem as ordens da rainha?

— Eu?! Forçaria esses desgraçados mar adentro e beberia o meu vinho, sossegado, vendo todos se afogarem.

Sir James Blake concordava com Bagenal e discordava de Robert Cecil. Havia lhe dito isso na conversa rápida mantida, entre os dois, antes de sua partida de Londres.

— *Sir* Robert, nós temos espiões em todo o mundo conhecido. Estamos a par dos movimentos dos espanhóis, descobrimos o que se passa nos Países Baixos e na Itália e, em menos de um dia, ficamos sabendo que cortesã Henrique da França levou para a cama. Todavia, nosso serviço secreto na Irlanda é como um navio perdido no nevoeiro.

— E o que recomendaria que fizéssemos, para remediar isso?

— Cecil quisera saber.

— Assassinar todos os lordes irlandeses. Sem os cabeças, o povo nos obedeceria.

A expressão de *sir* Robert Cecil revelara o quanto essa idéia lhe era desprezível.

— Por uma questão de política, fazemos empenho em preservar a vida dos condes irlandeses.

— Pois creia, *sir* Robert, essa atitude acabará levando um irlandês ao trono da Irlanda.

E era exatamente isso que *sir* James Blake não desejava. Para continuar a ser proprietário de terras irlandesas seria preciso que a Inglaterra seguisse governando a Irlanda. Não era ingênuo a ponto de não perceber que O'Neill, O'Hara e O'Donnell esforçavam-se para serem grandes lordes e, por força das circunstâncias, rebeldes que acabariam por insuflar a insurreição contra a Coroa.

Chegaram a uma segunda porta com barras de ferro. A um sinal de Bagenal, o guarda abriu-a e os dois passaram.

— Por aqui — o oficial da rainha indicou.

Atravessaram várias câmaras escuras e cavernosas, até chegarem a uma mais espaçosa e fartamente iluminada por tochas ao longo das paredes de pedra.

Três homens encontravam-se em pé no extremo oposto à entrada. Tinham o peito nu, que brilhava de transpiração. Ao lado deles estava um outro, inteiramente despido e pendurado pelos grilhões dos pulsos ligados a correntes que se perdiam na escuridão do teto alto, acima da luz das tochas. Os pés estavam a quase um metro do chão.

— Há quanto tempo ele está aí? — Blake indagou.

— Umas três horas.

— E até agora nada?

— Não abriu a boca.

Os olhos de Blake percorreram o corpo magro do prisioneiro. Os músculos dos ombros haviam formado nós e os braços mostravam-se descoloridos por falta de circulação. *Sir James* era um inquiridor experiente e habilidoso, sabia quanta dor infligir para obter as informações que desejava, e podia, geralmente, avaliar o sofrimento que um homem agüentaria antes de ceder e falar.

Aquele homem já tinha suportado mais dor do que o normal. Blake percebia que era necessário mais do que os grilhões que lhe cortavam os pulsos, ou o corpo pendurado, para forçá-lo a revelar o que sabia.

Olhou à volta com familiaridade. Esta câmara diferia pouco de trás, como a da Torre de Londres, a de Gatehouse, a da prisão Marshalsea ou a Clink. Em todas, ele havia trabalhado. Viu pelos cantos vários instrumentos de tortura que descartou como ineficientes para aquele caso específico.

— Vocês não têm por aqui o *scavenger's daughter*? — Blake perguntou.

A parte do rosto de Bagenal acima da barba preta mostrou a palidez que o acometeu ao ouvir a menção do terrível aparelho de tortura. Uma coisa era usar os grilhões para forçar alguém a falar e outra, bem diferente, infligir o sofrimento extremo que terminava com a morte da pessoa.

— Temos, *sir James*, mas, de acordo com a lei, é necessária a permissão da rainha para...

— Conheço a lei muito bem. Sei ainda que não estamos em Londres e sim na Irlanda, bem longe dos ouvidos da rainha. Podemos confiar nestes homens?

— Sem dúvida.

— Então prepare o *scavenger's daughter*.

Mesmo sendo cruel e insensível, Bagenal estremeceu ante a frieza do olhar de Blake. Embora fosse mais alto e corpulento que ele, sentiu-se diminuído com a demonstração do caráter sombrio do famoso espadachim do reino.

— Vou já providenciar.

Blake assentiu com a cabeça e aproximou-se do prisioneiro. Com outro gesto, afastou os três homens e tirou um trapo imundo de uma vasilha com água.

Nas pontas dos pés e com dedos ágeis, ele limpou o sangue coagulado do rosto do torturado. Um dos olhos dele, roxo e inchado, abriu-se e tentou entrar em foco.

— Você é o declamador, não é? — Blake perguntou.

— Sou.

— Cormac é o seu nome, certo?

— É.

— De que clã você é?

— De nenhum. Sou um homem livre das florestas e montanhas que não deve fidelidade a ninguém.

— De que clã você é? — Blake repetiu.

— De nenhum. Sou um homem das florestas...

As palavras transformaram-se num grito excruciante de dor. Blake tinha passado o braço pela cintura do prisioneiro e se dependurado nele. Com isso acrescentava o próprio peso para ser também sustentado pelos pulsos de Cormac preso aos grilhões. Manteve-se nessa posição por um minuto inteiro e só quando voltou ao chão cessaram os gritos do pobre homem.

— Eu quero muitas informações, declamador. Eu até o deixaria vivo, se fosse possível, depois de arrancá-las de você. Talvez ainda pudesse ser de utilidade à nossa rainha se voltasse as florestas e montanhas. Você ama a rainha? Não houve resposta.

— Você foi muito bem vigiado, Cormac. Sabemos que via; muito entre Maguire, em Enniskillen e os castelos de Ballylee e Donegal. Será que O'Donell e O'Hara pretendem se aliar a Maguire?

O silêncio do homem continuou.

— Você foi apanhado com um grupo de irlandeses que compravam pólvora e mosquetes dos escoceses. Para que grande senhor irlandês vocês iam entregar essa munição? O'Donell, O'Hara, Maguire? Ou, quem sabe, para o grande aliado da rainha, lá do norte, o próprio O'Neill?

Mais uma vez a pálpebra inchada entreabriu-se para que o declamador pudesse observar o homem à sua frente, mas continuou calado.

Blake enfiou a mão no bolso, de onde tirou um papel impresso que mostrou ao prisioneiro.

— Vários exemplares deste panfleto foram achados entre suas coisas, Cormac. Por acaso você é um camponês instruído? Sabe ler inglês?

— Sei, sim, ler essa língua paga.

— Mas não deve saber escrever tão bem — Blake declarou antes de começar a ler o papel em voz alta.

“Ingleses e católicos fiéis. Até quando deveremos passar fome enquanto os donos de terras desperdiçam seus bens com ostentações e permitem que os campos permaneçam abandonados? Por que devemos nos curvar diante de uma rainha idosa, que só tem ouvidos para cortesões vaidosos e jamais para o

povo faminto? Terão nossas filhas de continuar se prostituindo e nossos filhos transformando-se em ladrões para subsistir?”

Blake tornou a guardar o papel no bolso.

— Aqui, ou na Inglaterra, isto é crime de traição, declamador. Porém, o ponto curioso é que este papel estivesse em seu poder. Por que um vagabundo irlandês transporta esse lixo? Há mais deles, de onde vêm e que destino terão? Naturalmente não devem ir para Tyrone ou Donegal. Tenho muitas outras perguntas e quero respostas já, declamador!

Mais uma vez, Blake dependurou-se pela cintura do torturado e, de novo, os gritos de dor encheram a câmara.

— Conte tudo, Cormac, e evite mais sofrimentos.

Os lábios do pobre homem mexeram-se, mas não foram palavras que deixaram escapar. Cormac juntou todo o cuspe que a garganta e a boca secas eram capazes de produzir e atirou-o no rosto de *sir* James. Este não demonstrou reação alguma.

— Você é, de fato, um homem corajoso. Entretanto, vamos ver até onde vai agüentar. Já vi que os grilhões não o afetam.

Resta averiguar a sua resistência ao *scavenger's daughter*. Homens bem mais fortes que você desmaiaram à menção dele. Desçam-no daí. Os três homens seminus obedeceram e começaram a tirar os grilhões dos pulsos de Cormac. Blake pediu a Bagenal:

— Pode me arranjar um pano limpo e água? O desgraçado sujou minha roupa.

O orvalho refletia os raios de sol e o ar revigorante da manhã estimulava os cavaleiros que cruzavam as campinas.

Rory cavalgava sozinho, logo atrás de *sir* Robert Cecil e de *lady* Hatton. O primeiro havia chegado na noite anterior, de Londres, com uns papéis que deveriam ser assinados pela rainha e com notícias de interesse para o irlandês.

Até bem pouco, O'Neill contava com os navios de Grace O'Malley para conseguir suprimentos por via marítima ou para o transporte de homens e munição de um ponto a outro. Isso tinha acabado.

Richard Bingham, o representante da rainha em Connaught, havia pacificado os Burke, o que deixava Grace O'Malley sem apoio e obrigada a fazer um acordo para sobreviver. A rainha já havia autorizado Cecil e marcar uma audiência para a pirata, em Whitehall, para logo depois da excursão de verão.

Não havia nada que Rory pudesse fazer a respeito da deserção de

O'Malley, todavia podia protestar, e era o que estava fazendo contra o exército de *sir* Richard Bingham estar avançando ao norte de Connaught, em direção a Ballylee e Donegal. Até agora suas objeções tinham surtido pouco ou nenhum efeito, porém estava com a impressão de que *sir* Robert começava a se deixar convencer.

O riso alegre de Elizabeth Hatton chegou até ele.

— Isso, naturalmente, meu tio, não passa de brincadeira sua. O seu Barbaria é macho e, como todo falcoeiro sabe, inferior à fêmea numa caçada — disse ela.

— Ah, minha cara, isso talvez seja verdade em alguns casos. Todavia eu acredito conhecer bem o treinamento e a capacidade de uma ave de absorver o que lhe é ensinado. Este macho Barbaria voará mais alto e descera com maior rapidez sobre a presa do que o seu falcão real fêmea.

— Isto é o que vamos ver — Elizabeth disse, rindo. *Sir* Robert virou-se na sela e perguntou a Rory:

— O que você acha, O'Donell? O Barbaria é uma ave irlandesa. Quem tem mais chance, ele ou o falcão real fêmea numa competição?

— Tenho a impressão de que é uma combinação desvantajosa. como a de um gavião contra uma rola. É verdade que a fêmea é mais feroz e maneável, porém como o Barbaria é maior, mais forte e rápido sairá vencedor.

— Posso saber do quê? — Elizabeth indagou a Rory.

— Ora, *milady*, de uma competição de falcões.

— O que me diz sobre isso, minha sobrinha? Uma luta de falcões, macho contra fêmea.

— Seria uma perda de tempo, pois eles não fariam outra coisa senão voar muito alto — Elizabeth replicou.

— Não acredito — Rory contradisse. — Sem outra caça no ar, eles se voltarão um contra, o outro.

— O'Donell tem razão — *sir* Robert concordou enquanto acariciava o enorme falcão que levava preso ao pulso. — Que tal. Elizabeth, mil libras de aposta?

Os olhos verdes de Elizabeth fitaram Rory com raiva.

— Aceito, mas acho uma pena que vá ficar sem sua ave para caçar pelo resto do dia.

— Isso é o que veremos. O'Donell, por favor, dê as instruções. Rory afastou o cavalo a uma certa distância para não chamar a atenção dos falcões.

— Deixem os capuzes soltos.

Tio e sobrinha abriram a pequena correia da peça que cobria a cabeça das

aves, enquanto lhes diziam frases usadas pelos treinadores na hora de alimentá-las.

— Capuzes!

Estes foram retirados imediatamente e os pássaros reagiram um pouco contra a claridade, porém acostumaram-se logo.

— Pronto!

O braço de Elizabeth levantou-se uma fração de segundo antes e o falcão real partiu primeiro. Sobrevoou as árvores e depois escalou as alturas.

O Barbaria de *sir* Robert subiu imediatamente e em pouco ganhava altitude acima do falcão real, graças à sua rapidez incrível. Passou, então, a planar em círculo cada vez maiores. Elizabeth sorriu e comentou:

— É inútil, eles só procuram caça.

Rory fitou-lhe o rosto animado, onde os olhos brilhavam com a expectativa da vitória.

— *Milady* adora a caça, não é?

Ela lhe sorriu, esquecida da animosidade que crescera entre ambos na última semana.

— Adoro mesmo. Se pudesse, gastaria todas as minhas manhãs desta forma. Gosto de ouvir os ladridos dos cães e os sininhos presos aos falcões.

— Tenho certeza de que a senhora sempre poderá contar com excelentes cavalos, cães e falcões para suas caçadas.

Todavia, Elizabeth não ouviu estas últimas palavras. Tinha o rosto e a atenção voltados para as duas aves no céu.

— O Barbaria já avistou a fêmea — *sir* Robert informou.

— Isso não quer dizer nada — *lady* Hatton afirmou, embora o coração começasse a bater mais depressa.

De fato, o falcão maior percebera o menor e, como não visse sinal de caça, concentrou-se na outra ave. Esta continuava a procurar, sobre as árvores, algo que pudesse atacar. Sem que se esperasse, o Barbaria fechou as asas imensas e começou a cair, a cauda imprimindo-lhe direção. Já estava bem sobre o falcão real e a velocidade aumentava. — Ele a apanhou! — gritou *sir* Robert. — Ainda não. Fuja, minha pequenininha — Elizabeth pediu, aflita.

No último instante, o falcão real fêmea percebeu o perigo e tentou escapar. Bateu as asas com fúria e apanhou uma corrente de ar, porém foi tarde demais.

O pássaro maior reabriu as asas, o que interrompeu a sua queda, as garras se distenderam e a outra pobre ave tornou-se a presa. O bico letal do macho desceu rápido e ouviu-se o piar curto e agonizante da fêmea. Num

instante, estava tudo acabado e o Barbaria voava em direção a *sir* Robert que, montado, fazia círculos com uma correia acima da cabeça.

O falcão deixou cair a presa junto às patas do cavalo, apanhou o petisco que o esperava, como recompensa, na ponta da correia e voltou para o pulso do seu dono.

Rory ergueu o falcão real entre as mãos e olhou para o rosto afogueado de Elizabeth.

— Ai, *Milady*, penso que a senhora pode ver agora que não foi uma competição. O macho irlandês acaba de subjugar a fêmea inglesa.

Ela esporeou o animal e quase derrubou Rory ao se afastar num galope desenfreado.

— Que analogia estranha — Cecil comentou.

— Apenas uma brincadeira que, na minha opinião, não foi bem aceita.

O *scavenger's daughter* era o fruto da imaginação distorcida de Leonard Skeffington, que vivera durante o reinado de Henrique VIII. Ele apresentava duas grandes vantagens: podia ser transportado com facilidade e conseguia resultados muito mais depressa do que os outros aparelhos de tortura.

A função dele era restringir o corpo até formar uma bola. As pernas ficavam prensadas contra as coxas e estas no abdômen e no peito. Os braços comprimiam-se nos dois lados. À volta de tudo havia dois torniquetes que eram regulados por uma rosca como a de um torno de carpinteiro.

Na sala ao lado da câmara de tortura, Blake relatava os vários sucessos que obtivera com o uso do aparelho quando ouviram os primeiros gritos do declamador.

Bagenal, imediatamente, mudou o assunto da conversa e *sir* James, depois de sorver um gole de vinho, sorria. Percebia que o homem à sua frente, apesar de toda a fanfarronice, tinha escrúpulos exagerados em relação a certos métodos de se alcançar fins políticos.

— Sabia, *sir* James, que a tática dos irlandeses agora é tão temida pelos soldados ingleses que eles preferem qualquer castigo, e até prisão, em vez de enfrentar o inimigo?

Blake fez um sinal com a cabeça, porém mal ouviu as palavras que lhe eram dirigidas. Sua atenção focalizava-se inteiramente na tonalidade e na frequência dos gritos do torturado. Através delas sabia quando a pressão tornava-se perigosa ou quando o indivíduo mostrava-se pronto a falar.

— Desculpe, eu estava distraído. Além de repetir, Bagenal acrescentou:

— Esses irlandeses são muito estranhos, não lutam como um exército regular num campo de batalha. Eles se dividem em pequenos grupos e

atacam como serpentes. Antes que se possa preparar um contra-ataque, eles já desapareceram na floresta.

— A única solução é derrubar as árvores e queimar tudo. Assim eles não terão onde se esconder.

— Aí está uma proposta inteligente. O senhor tem muito tempo de campos de batalha, *sir* James?

— Não, nenhum — Blake respondeu e se serviu de vinho. E não pretendia ter, James pensou. O campo de batalha e a morte ensangüentada na ponta de uma lança inimiga eram para homens como Essex e Bagenal. Ele não tinha a mínima intenção de morrer e, muito menos, dessa maneira.

Tinha também suas idéias próprias em relação à guerra contra os irlandeses. Se ela chegasse a se concretizar, tinha o pressentimento de que não seria ganha através da luta de soldados bem armados e sim por traição.

Bagenal ia falar de novo quando Blake o impediu.

— Acredito que o declamador já atingiu os limites. No mesmo instante um guarda entrou na sala.

— Ele está balbuciando, senhor.

— Ótimo, vamos até lá conversar um pouco. Traga o seu vinho, Bagenal.

Se não fosse pelo tamanho, Cormac poderia ser confundido com um feto, de tal forma os seus membros estavam comprimidos de encontro ao corpo. Embora a pressão dos torniquetes tivesse diminuído, o rosto dele ainda contorcia-se em agonia. Com um sorriso, Blake abaixou-se perto dele.

— Um pouco de vinho, declamador? É bom para a garganta. O homem bebeu um gole com imensa dificuldade.

— Agora vai se sentir melhor — Blake disse num tom de voz suave e baixo. — Vamos começar?

— Eu não passo de um declamador, não sou soldado, sei muito pouco — balbuciou ele.

— Isso nós vamos ver. Sabemos que Maguire está planejando uma grande batalha em Enniskülen para impedir *sir* Richard Bingham de continuar para o norte. O'Hara e O'Donnell vão ajudá-lo?

— Não, O'Hara só deseja a paz. Se houver guerra, ele ficará neutro em Ballylee.

— E Red Hugh, "The" O'Donnell?

— Ele lutaria só se Bingham entrasse em Donegal e dividisse suas terras. O'Donnell sempre procura O'Neill que o aconselha a manter a paz. Red Hugh também tem medo do irmão exilado, Rory, que se apossaria de seus títulos e terras se ele lutasse ao lado de Maguire e perdesse.

Blake pensou por um instante. Estava a par do acordo entre Rory O'Donell e Cecil, que garantia ao primeiro inteira liberdade de agir como ligação entre Whitehall e os clãs. Tinha considerado isso ingênuo e bobo, mas, se o que o declamador dizia era verdade, então o acordo estava dando certo.

— E para quem eram as armas que comprou dos escoceses?

— Para Hugh Maguire. Eu sou do clã Maguire. “Uma resposta natural”, Blake pensou, “e, provavelmente, uma mentira.” Maguire já havia se declarado abertamente rebelde e, portanto, esperava-se pela sua compra ilegal de munições. Nesse ponto, nada de novo.

— E quanto aos panfletos, de onde vieram?

— Não sei.

— Pois eu sei, de Bruxelas. Quem é o autor?

— Não sei.

— Como chegaram às suas mãos?

— Pelos escoceses.

— Mentira, declamador. Como todos os mercenários, os escoceses não se dão ao trabalho de contrabandear papéis porque não lutam nem se alimentam com eles. Há mais desses panfletos e onde, declamador?

O homem ficou em silêncio.

— Você não me informou nada, mas vamos tentar de novo. Blake ficou em pé e fez um sinal aos guardas para apertar os torniquetes. Depois chamou Bagenal a um canto.

— Fique com ele e aplique a pressão de dez em dez minutos. Vá me chamar quando ele estiver pronto. Enquanto isso, vou jantar.

Blake subiu as escadas estreitas em espiral e foi aos alojamentos dos oficiais ingleses. Já terminava uma refeição leve, quando Bagenal apareceu, um tanto pálido.

— O homem falou, mas acho que não tinha idéia do que estava dizendo. Talvez tenha ido muito sangue para a cabeça.

— E o que ele revelou? — o outro gritou irritado com os escrúpulos de Bagenal.

— Red Hugh mandou duzentos soldados a pé, divididos em pequenos grupos, para reforçar Maguire.

Blake sentia-se eufórico. O *scavengers daughter* nunca falhava.

Animado, perguntou:

— E o que mais?

— Os panfletos foram feitos mesmo em Bruxelas como imaginávamos, e por *sir* Brian Russell.

— Eu o conheço. É um simpatizante dos jesuítas que coloca a religião acima da rainha.

— Bem, e esses papéis devem ir para a Inglaterra a fim de incitar o povo das ruas a se rebelar.

— E onde estão eles?

— No *Bridey Mae*, na baía de Clew. Cinco mil deles.

— O *Bridey Mae*..

— É o navio pirata capitaneado por Grace O'Malley.

— Então é assim que eles entram na Inglaterra — Blake comentou pensativo.

— Vou mandar um mensageiro, imediatamente, avisar Bingham que Maguire recebeu reforços.

— Não, eu faço isso. Tenho de ir a Connaught resolver essa questão da literatura dos rebeldes.

A mente de Blake trabalhava ferozmente. Uma das razões que o tinha feito suplicar a permissão de Cecil para vir à Irlanda era o propósito de descobrir uma maneira de convencer Whitehall de que uma rebelião irlandesa deveria ser estancada já, antes mesmo de começar. E que melhor argumento do que ter *sir* Richard Bingham no comando de muitos homens, a caminho de Enniskillen?

Ele limpou os lábios com o guardanapo de linho e disse:

— Vamos voltar lá para baixo e descobrir mais coisas.

— Não adianta mais, *sir* James, o declamador morreu.

A caçada havia sido muito boa: dois grouse, vários pássaros pequenos e muitas lebres.

Na volta para Holdenby, *sir* Robert parecia estar de ótimo humor e Rory achou a ocasião propícia para pressioná-lo sobre seus problemas.

— Eu gostaria de ir para Londres amanhã, *sir* Robert.

— Por quê?

— Estou há muito tempo sem contato com os meus mensageiros, e a notícia que deu sobre Maguire me preocupa.

— Faça seus mensageiros virem até aqui.

— Se eu fizesse isso, o senhor acabaria descobrindo a identidade de todos, além de vigiar os passos deles. Segundo o nosso acordo o senhor não tem esse direito, pois assim os meus homens perderiam a confiança em mim.

— Tem razão — Cecil concordou e riu. — Porém eu o aconselho a ficar mais umas semanas. A rainha gosta de vê-lo dançar e aprecia a maneira com

que pensa e se expressa.

— Em poucas semanas poderemos ter uma guerra na Irlanda e o nosso trabalho ruiria por terra.

— Não se preocupe, O'Donell, você fez sua parte bem.

— Obrigado.

— Aliás, Blake também fez um bom trabalho em Dublin. Lembra-se dele? Pois fui informado de que Maguire não vai receber reforços dos clãs do norte, e assim será derrotado. Se isso acontecer, O'Donell, dou-lhe minha palavra de que Bingham não repartirá as terras além de Lough Erne.

“Tudo bem”, Rory pensou, “mas isso abriria o caminho para o norte, e meu irmão não concordaria, nem mesmo se O'Neil pedisse.”

Rory já havia se habituado ao costume de *sir* Robert mudar de assunto quando algo não lhe interessava mais.

— Já está conseguindo manejar melhor o florete? Rory virou-se na sela e encarou o outro.

— Então não tirou seus espiões de cima de mim?

— Nada disso, meu rapaz. Eu lhe asseguro que fiquei sabendo de suas aulas de esgrima da maneira mais inocente possível. Foi através de Thomas Brusket, o seu instrutor em Blackfriars. O verdadeiro nome dele é Brushetti. Por ser italiano e católico, ele tem de se apresentar, bem como fornecer os nomes dos alunos, todas as semanas.

Rory respirou aliviado. A explicação parecia sincera. Antes de deixar Londres, ia com freqüência a Blackfriars, não só para aprender o manuseio do florete como também para encontrar-se com Robert Southwell e Ned Buli.

— O que acha dessa nova arma francesa?

— Creio que ela e a adaga vão acabar substituindo, de vez, a espada e o escudo — Rory respondeu.

— Concordo, embora não seja autoridade. Já ouviu falar na perícia de James Blake com o florete?

— Ouvi, sim.

— Fiquei então sabendo, O'Donell, que num duelo de floretes o homem mais alto é trespassado como uma lebre, e com a maior facilidade, pelo mais baixo — Cecil revelou com voz pausada enquanto o fitava.

Rory retribuiu o olhar e sorriu.

— Isso é um aviso, *sir* Robert?

— Até certo ponto, é. Lembre-se de que um homem encerra muito mais além do que os olhos podem detectar. E Blake não é exceção, muito pelo contrário.

— Isso me leva a pensar que o senhor se preocupa com o meu bem-estar. Cecil sorriu e sua atitude tornou-se quase jovial.

— Isso é verdade, e também o admiro muito. Acredito que você seja um homem honesto, além de ser corajoso como todo irlandês. Admiro ainda O'Neill. Aliás, ele me fascina, pois raciocina como um inglês.

— Não diga!

— Digo, sim. Ele é dono de uma grande mente, tão impiedosa quanto a minha. Será mesmo verdade que ele estrangulou o próprio primo quando contava apenas quatorze anos?

Pela quarta ou quinta vez, naquele dia, Rory teve a sensação de que lhe preparavam uma armadilha, mas não teve outra escolha senão confirmar a pergunta.

— Parece que sim.

— É isso que me fascina e me causa uma ponta de inveja.

O'Neill possui uma mente poderosa no corpo de um grande guerreiro. Sabe, nunca estive num campo de batalha.

— Pois eu o invejo, *sir* Robert

Cecil não deu atenção à resposta e desviou o cavalo da trilha que todos seguiam.

— Vamos por aqui, é um atalho. — E reencetou a conversa. — O fato é que nunca matei um homem. Muitas vezes me pergunto quanta coragem e habilidade são necessárias para se cometer tal ato.

— Não é preciso nem uma coisa nem outra, apenas o desejo de sobreviver.

Haviam se aprofundado na mata e quase não viam o sol.

— Quantos anos você tinha quando matou um homem pela primeira vez?

— Acho que— talvez uns quinze.

— Um menino, porém um ano mais velho que O'Neil.

— *Sir* Robert...

— Conta-se que O'Neill poderia recepcionar a nossa rainha com uma simples refeição sob os pinheiros de Dungannon e encantá-la com as boas maneiras inglesas. No final, ele poderia deixar a sobremesa de lado e ordenar a um de seus homens que matasse um camponês a título de divertimento.

— Talvez, *sir* Robert, sejam essas histórias que fazem de O'Neill um grande homem.

— Pode ser.

De repente, o homenzinho ergueu-se na sela com os pés firmados nos

estribos.

— Veja que beleza! Um veado. Que exemplar magnífico! Rory localizou o cervo enorme, pêlo castanho-acinzentado, a mais de vinte e cinco metros de distância.

— Que grande sorte! — Cecil exclamou alegre. — Vamos pegá-lo e tornar a caçada de hoje completa.

— Mas como? Não temos arco e flecha e nem mosquetes.

— Pois então, vamos improvisar — disse o outro enquanto cavalgava em direção ao animal.

Rory não teve outra escolha senão segui-lo na perseguição por entre as árvores.

Sir Robert gritava instruções em voz enérgica e entusiasmada. Depois de ziguezaguearem à vontade, foram dar numa clareira enorme, com mais de cento e cinquenta metros de largura, onde deixaram o animal exausto de tanto correr de um lado para o outro.

Rory ainda não fazia idéia de como Cecil pretendia matar o cervo, e levou um grande susto quando o viu deixar a montaria e pular sobre a presa. Como o falcão Barbaria, desceu a mão certa na base do chifre direito. O veado virou a cabeça e parte do corpo para trás. Como um dervixe, homem e animal rodopiaram juntos, e no fim da segunda volta o braço direito de Cecil caiu formando um arco.

O alvo foi perfeito e o corte profundo. Com destreza retirou a espada curta e golpeou o animal, mais uma vez. O cervo bramia e atirou-se para a frente, o que deu oportunidade a *sir* Robert de largá-lo e rolar para o chão.

Rory, estático, observava a cena, mal podendo crer no que os olhos viam. Quando desceu do cavalo, o outro já havia se levantado e examinava o animal morto.

— O senhor está bem? — Rory indagou ansioso.

— Estou e em forma — foi a resposta alegre acompanhada de um riso quase infantil. — Já imaginou o prazer da rainha ao saborear esta carne hoje no jantar?

— Acho que o senhor conseguiria provocar a raiva dela se lhe contasse como matou o cervo.

— Talvez, mas isso não tem importância. Você pensou que eu estivesse louco, não é?

— E ainda considero que foi uma loucura sua. O risco era maior do que a recompensa.

— Tem certeza?

O sorriso de *sir* Robert desapareceu, e os olhos escuros fitaram os de Rory com firmeza.

— Agora você sabe.

— Sei o quê, *sir* Robert?

— Que não deve acreditar que o que vê num homem revela a verdade toda sobre ele.

CAPÍTULO XXI

A terceira semana de estadia da rainha em Holdenby já se aproximava do fim. As apresentações teatrais e os bailados aquáticos tinham diminuído um pouco durante o dia, para dar lugar a mais caçadas e a excursões pelo campo, a fim de que o povo da localidade conhecesse a soberana. As atividades da noite, entretanto, continuavam inalteráveis, com os banquetes suntuosos, bailes e jogos de azar.

Rory já havia quase desistido de receber notícias de Londres até o fim do verão quando, inesperadamente, um enviado de Ned Buli entrou em contato com ele. O velho assaltante de estradas tinha conseguido empregar um de seus homens como ajudante de estábulo, em Holdenby, durante a visita da rainha.

Duas vezes Rory escapuliu, sem ser notado, das caçadas. Na primeira, encontrou-se com o próprio Ned Buli e as notícias que recebeu eram boas.

Através dos ajudantes contratados, o marginal tinha reunido um bom número de malandros e desocupados das ruas de Londres, que estavam aterrorizando a cidade não só de dia, mas especialmente à noite.

Haskins havia sido avisado de que os panfletos escritos por Russell incitando a rebelião chegariam a bordo do *Bridey Mae* por ocasião da audiência de Grace O'Malley com a rainha. O próprio Ned se encarregaria do desembarque dos papéis e da entrega deles a Southwell.

Um ponto, todavia, o estava preocupando, e quando o revelou a Rory deixou-o apreensivo também. Os jesuítas estavam se aproveitando dos tumultos criados pelo pequeno exército de malandros para reacender os propósitos de assassinar a rainha. Os boatos a tal respeito corriam a cidade e espalhavam-se mais e mais.

Desde o início do reinado de Elizabeth haviam ocorrido dezesseis atentados contra a sua vida. Rory admirava a coragem dessa soberana, que continuava a percorrer as ruas da cidade e, agora, as estradas do campo em carruagens abertas.

Ele tinha certeza de que esses novos planos de assassinato não eram arquitetados por Robert Southwell, homem comedido, e sim pelo companheiro dele, Henry Garnet.

Apreensivo, Ned expressou sua maneira de pensar.

— Sei que o que estou fazendo é traição. Se me enforcarem não há de ser isso que me mandará para o inferno e sim outras barbaridades que já cometi. Matei muita gente, mas, em se tratando de reis e rainhas, eu não concordo.

— Se a rainha morrer em outro lugar que não seja a cama dela, a causa pela qual eu luto ficará em péssima situação, pode crer — afirmou Rory.

Ele escreveu um bilhete a Haskins pedindo para falar com Southwell a esse respeito, e disse a Ned que vigiasse os passos de Garnet.

— Ah, meu rapaz, tenho um favor a lhe pedir.

Ao dizer essas palavras, a expressão de Ned tornou-se quase tristonha e fez com que Rory percebesse o quanto a amizade entre ambos tinha crescido.

— Você sabe, Ned, pode pedir o que quiser. — É sobre Annie. Sei que não é nenhuma santinha, mas, além de ser muito nova, não tem culpa da vida que leva. Tenho um grande amor por ela, você sabe disso.

— Sei, sim.

— Então, prometa pela alma de sua mãe que, se acontecer alguma coisa a este velho, você cuidará da menina, mesmo que seja para levá-la aos confins de Donegal com você. Imagino que lá seria muito diferente de tudo a que ela está acostumada, mas bem melhor do que a vida sem mim.

Um arrepio estranho percorreu o corpo de Rory. Viu a súplica expressa nos olhos do outro, o que revelava amizade e confiança. De boa vontade, garantiu-lhe:

— Se alguma coisa vier a lhe acontecer, Ned Buli, Annie terá um cantinho no castelo de Donegal.

Três dias depois, o ajudante de estábulo informou Rory do segundo encontro. Desta vez era Annie, acompanhada de um dos rapazes de Ned, que vinha falar com ele. Ambos, como dois amantes em passeio pelo campo, o esperariam perto do vilarejo de Wickmore...

Felizmente, nesse dia, Cecil viera de Londres com assuntos importantes para serem resolvidos pela rainha. Gloriana insistiu em que todos saíssem sem da, o que proporcionou uma certa liberdade para fazerem o que bem entendessem.

Wickmore ficava a uma boa distância de Holdenby, porém Rory conseguiu chegar lá em menos de uma hora. Seguindo as indicações do homem de Ned Buli, encontrou um bosque de teixos, por onde corria um riacho. Teve o cuidado de passar bem longe da mansão de Wickmore e dos trabalhadores que cultivavam os campos à volta dele. Não podia correr o risco de ser visto por ninguém.

Entre as árvores, levou uns dez minutos à procura de Annie e do rapaz.

Finalmente os encontrou. Ela estava vestida à maneira das ordenhadoras e ele como um mercador. Rory desmontou imediatamente e entregou as rédeas ao homem para que prendesse o animal, inquieto com a chuva que ameaçava cair.

— Olá, Annie.

— Nossa, Como o senhor está elegante!

De fato, as roupas de Rory para essa viagem com a Corte tinham sido escolhidas com muito cuidado e de acordo com os requintes da última moda.

— Espero agradá-la tanto quanto à rainha — respondeu ele com um sorriso.

Annie aproximou-se e só então Rory notou os lábios trêmulos e os olhos embaçados de lágrimas dela.

— Annie! O que foi?

Num segundo, ela estava junto a Rory, com os braços à volta da cintura e o rosto de encontro ao peito dele.

— Estou com medo, com muito medo — murmurou.

— Do quê? — indagou ele, passando-lhe os braços pelos ombros e sentindo o tremor que sacudia o corpo frágil. — É alguma coisa com Ned Buli?

— Não, pelo menos por enquanto.

Mais aliviado, Rory teve vontade de sacudi-la para que lhe contasse logo o que a afligia. No entanto, a mocinha começou a soluçar, meio descontrolada, e ele achou melhor acalmá-la primeiro.

— Annie, sossegue para poder me contar o que aconteceu — murmurou com suavidade.

— Meu Ned... Ele quase foi apanhado pelos homens da rainha quando deixava a casa de Mistress Rigby.

— Como foi acontecer isso?

— Acho que alguém o traiu.

— Mas escapou, não é?

— Tudo aconteceu depois de uma reunião para resolverem o lugar da distribuição dos panfletos quando o senhor chegasse a Londres. Mestre Garnet não apareceu e o meu Ned escapou, mas está com uma bala encravada na perna.

Rory assustou-se e afastou-a para poder fitá-la.

— E milorde Haskins?

— Conseguiu escapar. Por causa dele que Ned foi baleado. Tentou distrair os soldados para que não vissem milorde Haskins. Mas acho que foi

reconhecido, o meu Ned. Agora está escondido numa estalagem. É um lugar seguro.

A mente de Rory raciocinava com rapidez. Garnet queria mártires a fim de engrandecer a causa religiosa, não tinha aparecido na reunião e, com toda a certeza, alertara a guarda.

— Annie, você vai voltar e dizer a Ned que continue escondido e não apareça em Londres. Diga aos homens dele que cessem os assaltos e não falem em rebelião até que recebam novas ordens. Tudo precisa ficar bem calmo e só quando esta confusão toda acabar é que vamos pensar como agir.

Annie aquiesceu com um aceno de cabeça, mas era comovente sua expressão de menininha desamparada.

“Diacho de jesuítas”, Rory pensou. O seu plano de fazer com que o povo desamparado das ruas se revoltasse, mas sem o lixo religioso, tinha sido promissor. O envolvimento de Garnet e Southwell havia atrapalhado tudo.

“Southwell”, lembrou-se apreensivo.

— Annie, e Robert Southwell, conseguiu escapar?

— Não, foi preso pela guarda e está na Torre.

Elizabeth Hatton estava irrequieta e mudava constantemente de posição. Encontrava-se sentada num banquinho almofadado, de uma árvore. À sua volta, outras senhoras conversavam e jogavam cartas, o que a deixava mais entediada ainda. Sem poder evitar, pensava em Rory.

— Um pouco mais de vinho, *milady*? — ofereceu um criado solícito, o que ela aceitou.

Se ao menos Bess de Hardwick, condessa de Shrewsbury, não estivesse de cama com uma terrível enxaqueca, o ambiente não se mostraria tão deprimente. Na companhia de Bess, Elizabeth costumava se divertir muito. As histórias do sucesso pessoal dela a fascinavam. Essa senhora era um exemplo vivo de como uma mulher podia gerir uma grande mansão e vastas propriedades. Um ótimo modelo que Elizabeth desejava seguir.

De uma classe mais baixa, filha de um fazendeiro de Derbyshire, Bess havia conseguido combinar beleza, tenacidade e perspicácia na construção de um pequeno império. É bem verdade que havia se casado com quatro homens ricos, sendo o último marido o sexto conde de Shrewsbury, um dos maiores pares do reino. Entretanto, ao contrário de outras viúvas que esbanjavam a herança, ela multiplicara as suas.

Além das casas enormes de Chatsworth, Hardwick e Chelsea, Bess investira em chumbo e ferro, bem como em terras.

Até agora, nenhuma mulher do reino, além da rainha, podia ser comparada a Bess. Lady Hatton esperava ser a primeira.

A idéia fez Elizabeth sorrir. Dinheiro e poder constituíam os fatores mais importantes para que uma mulher pudesse governar a própria vida. Jurara por Deus que os teria.

Mas o que fazer até que esse dia chegasse? Ali estava ela, entediada, meio esposa e mulher.

Um desejo intenso sacudiu-lhe o corpo. Sabia que Rory O'Donnell era o causador disso. Nos últimos dias tinha ficado claro que ele a evitara propositalmente. Era óbvio que as maneiras sarcásticas, arrogantes e até cruéis dele não passavam de uma desculpa para afastá-los um do outro. Contudo, ela não entendia a razão daquilo.

Na véspera, engolindo o orgulho, havia procurado Rory durante o baile e o convidado para dançar.

— Desculpe, *milady*, mas prefiro as danças ao ar livre, como a jiga ou de roda.

Uma grandessíssima mentira e um insulto, pois ele havia acabado de dançar com *lady* Pembroke.

Embora Elizabeth não entendesse o mistério, estava muito intrigada com ele. A maneira rude com que era tratada por Rory e a expressão de ternura que, às vezes, surpreendia no olhar dele, eram tão contraditórios que só serviam para inflamar-lhe a paixão perigosa.

E por onde andaria ele hoje? Tinha-o visto, mais cedo, afastar-se das outras pessoas. A princípio, ele cavalgara meio a esmo, mas depois seguira em direção ao sul. Estaria indo se encontrar com uma das senhora da Corte com quem flertava abertamente?

Um sentimento de angústia tomou conta de Elizabeth, embora achasse que estava sendo infantil e boba. Ciúmes não combinavam com a imagem que fazia de si mesma, ainda mais em relação a um irlandês arrogante.

Levantou-se irritada e uma das senhoras a chamou:

— Venha jogar conosco, Elizabeth.

— Não, obrigada, quero cavalgar um pouco para sentir o vento em meu rosto. Está muito quente.

Atravessou o gramado em direção aos cavalos presos.

— Prepare a minha égua — ordenou ela ao chefe dos cava-lariços.

— Parece que vai chover, *milady*. Os relâmpagos já estão cortando os céus do lado sul.

— Não tem importância, não vou muito longe.

O homem calou-se e foi cuidar da ordem recebida. Nesses meses em que trabalhara para *lady* Hatton havia aprendido depressa que não adiantava contrariá-la. Se voltasse encharcada com a água do temporal que se aproximava não poderia culpá-lo, pois a avisara a tempo.

Elizabeth foi, então, até a tenda armada entre as árvores para trocar de roupa. Honor, que dormia, acordou assustada e levantou-se depressa.

— *Milady*?

— Quero uma saia mais justa. Vou andar a cavalo.

A criada correu a fechar a cortina na entrada da tenda, de onde olhou para o céu.

— Essa tempestade que vem vindo, *milady*, vai trazer um aguaceiro forte.

— E daí? — respondeu ela, irritada. — Não sou cega e já vi as nuvens pretas. Que importância tem se eu me molhar? Não sou feita de açúcar.

— Eu só estava preocupada com o seu cabelo.

Brava, Elizabeth tirou todos os pentes que lhe prendiam os cabelos e sacudiu a cabeça.

— Pronto, à noite você terá de refazer o penteado.

— Pois não, *milady*.

Depois de vestida com uma saia própria para montaria e anquinhos menores, foi pegar a égua, que a esperava pronta.

— Ela está irrequieta, pressentindo o temporal, *milady*. Tome cuidado se ficar muito assustada — avisou o cavaleiro.

— Não se preocupe — Elizabeth respondeu ríspida.

Com o auxílio do empregado, montou e dirigiu-se para a campina ao mesmo tempo que um raio riscava o céu. A égua assustou-se e, relinchando, ergueu as patas dianteiras.

Como a excelente amazona que era, Elizabeth manteve-se na sela e forçou o animal a se acalmar.

— Quietinha, minha querida — disse em voz suave, ao mesmo tempo que batia com a mão enluvada na anca da égua. — Os deuses não estão bravos com você ou comigo.

Partiu num meio-galope, os cabelos soltos voando com o vento. Sabia que com isso chamava a atenção das mulheres bisbilhoteiras, que já deviam estar tecendo comentários maldosos sobre a sua pessoa.

Depois que transpôs a primeira colina e não podia mais ser vista pelos que haviam ficado para trás, virou-se para o sul e instigou a égua num galope solto.

Rory, imbuído nos pensamentos que lhe agitavam a mente, nem

percebeu as primeiras gotas de chuva. Tinha certeza da traição de Garnet, que deveria estar escondido destilando veneno através de seus escritos.

Preocupava-se também com a prisão de Southwell. Será que o homem agüentaria as torturas de Richard Topcliffe, o famoso inquiridor da Torre? Com certeza, Garnet contava com a firmeza de Robert Southwell mesmo que ele soubesse da traição do companheiro. Rory desejava também poder acreditar nisso.

A chuva agora era torrencial e ele já se encontrava completamente molhado. Um pouco mais adiante, avistou à direita uma cabana coberta de sapé e de aspecto acolhedor. Pensou em pedir k abrigo e esperar que a chuva amainasse, porém achou melhor continuar a fim de chegar depressa a Holdenby e trocar de roupa. Outro relâmpago, “seguido imediatamente pelo ribombar ensurdecador do trovão, assustou-lhe o cavalo. Foi preciso uma grande perícia para não cair da sela e acalmar o animal, o que lhe custou bem mais de um minuto. Quando levantou a cabeça para continuar a viagem, viu, numa ravina estreita e próxima, um cavalo selado, mas sozinho. Dirigiu-se depressa a ele e, surpreso, reconheceu a égua de *lady* Hatton. Ao lado dela, caída no chão, encontrava-se Elizabeth.

Viu ainda, a poucos metros, um enorme carvalho com um dos galhos quebrado e preso apenas por uma nesga de casca. Percebeu logo o que havia acontecido. O raio atingira a árvore no momento em que Elizabeth passava perto e a égua, amedrontada, a atirara ao chão.

Rory desmontou depressa e abaixou-se ao lado de Elizabeth, que parecia desacordada. Com o corpo protegendo-a contra a chuva, pôs a mão no seu peito e percebeu aliviado que o coração batia normal. Examinou-lhe depois as costelas, os braços e as pernas. Apesar das muitas camadas de roupa, não notou nenhuma fratura, exceto no pulso esquerdo, que, arroxado, inchava sob o punho apertado. Ele não teve dúvidas, tirou o punhal do cinto e cortou a manga até o ombro.

A pele cor-de-rosa estava manchada em vários pontos, mas apenas o pulso parecia machucado. Provavelmente, ela se apoiara naquele braço ao cair e deslocara a junta.

Rory passou os dedos também pelo pescoço e atrás da cabeça. Ambas as partes pareciam em ordem, apesar do galo que já começava a crescer no lugar onde a cabeça batera no chão.

— Elizabeth... — ele chamou baixinho.

Ela entreabriu os olhos e, ao virar a cabeça em direção da voz, gemeu de dor.

— Não se mexa, fique quietinha.

— Dói muito.

— Onde?

— Na cabeça.

— Em nenhum outro lugar?

Com cuidado, ela começou a mexer as diferentes partes do corpo. Satisfeita, respondeu:

— Não, só na cabeça mesmo. Estou muito atordoada. — Será que pode se levantar?

— Vamos ver.

Bem devagar ele a ajudou a ficar em pé, porém, mal se ergueu, ela perdeu os sentidos outra vez. Instintivamente, Rory a amparou nos braços e um pensamento estranho o dominou.

Menos de uma hora atrás segurara a outra moça da mesma forma. Como esta era diferente da frágil Annie!

Elizabeth possuía um corpo bem formado, cheio de curvas perfeitas. Os seios lindos de encontro ao peito dele e o perfume dos cabelos molhados o deixavam delirante. Em vez de segurá-la apenas, sentia vontade de estreitá-la nos braços com paixão.

— Não... não sei... se já posso cavalgar.

Essas suas palavras quebraram o encanto do desejo que o consumia, e Rory amaldiçoou-se por permitir que tais pensamentos lhe tomassem conta da mente.

Elizabeth agora tremia, o que mostrava que estava se resinando. Ele pensou em levá-la de volta na garupa, porém levariam mais de uma hora para chegar a Holdenby e assim mesmo se não se perdessem por causa da chuva que obscurecia tudo.

De repente, Rory tomou uma decisão. Com cuidado, ergueu-a nos braços e a colocou na sela do próprio cavalo e depois montou na garupa. Só então explicou:

— Passei por uma cabana bem perto daqui. Deve ser de um pastor de ovelhas. Vamos até lá e esperar até que a chuva passe. Podemos acender o fogo e nos esquentar.

Elizabeth não disse nada e uma sombra toldou-lhe o olhar. Rory imaginou se ela pensava na mesma idéia que lhe ocorrera. Estaria o dono da cabana lá, ou ambos ficariam a sós?

Rory chamou duas vezes do lado de fora da cabana, mas ninguém respondeu.

— Se o homem tem carneiros, deve estar com eles no campo. Geralmente se assustam com trovoadas — Elizabeth disse.

Ele concordou com um aceno de cabeça e tomou-a no colo. Gritou mais uma vez e, como continuasse sem resposta, empurrou a porta, que estava apenas encostada.

O casebre continha só dois cômodos e parecia ser habitado por um homem solitário, já que não apresentava nenhum toque feminino. Os móveis eram rústicos e de carvalho.

Rory acomodou Elizabeth numa cadeira de encosto alto, em frente à lareira, e depois sacudiu a cabeça para tirar a água dos cabelos como um animal faria.

E foi exatamente essa idéia que ocorreu a Elizabeth. Um arrepio percorreu-lhe o corpo, provocado muito mais pela presença dele do que pelo frio.

— É melhor tirar sua capa e agasalhar-se com esta manta até que eu acenda o fogo — Rory aconselhou.

Ela obedeceu e colocou, sobre os ombros trêmulos, o cobertor de lã tecido em casa.

Rory, além da capa, livrou-se também do gibão. A camisa de cambraia bordada colava-se ao corpo dele, desde a cintura estreita até os ombros largos. Os músculos fortes delineavam-se com perfeição e moviam-se enquanto ele acendia o fogo.

Assim que as chamas começaram a crepitar, Elizabeth chegou-se para mais perto da lareira e entreabriu a manta, na esperança de secar o vestido. Pensou em despi-lo, porém não teve coragem para tamanha ousadia.

Rory revistou armários e gavetas e descobriu dois canecões de madeira e uma garrafa... — Lamento, porém o nosso anfitrião só tem este vinho de baixa qualidade.

— Não faz mal, tenho certeza de que ele vai me fazer bem — Elizabeth respondeu ao aceitar a bebida.

— Por que *milady* saiu para cavalgar na chuva?

— Eu estava com vontade e a tempestade ainda não havia começado quando deixei o acampamento.

— Parece que agiu com leviandade.

— Talvez, mas tenho fama de ser impulsiva.

— Creio que, às vezes, essa qualidade é admirável, entretanto conheço bem poucas mulheres que a possuem.

Algo no tom de voz dele atraiu o seu olhar. Viu-o como um gigante em

pé e de costas para a lareira. Os olhos negros brilhavam como duas brasas e, com um poder hipnótico, fizeram-na levantar-se. Via ainda neles a expressão de tristeza e desejo que a deixavam confusa.

Elizabeth deu um passo em direção a ele, mas Rory continuou imóvel. Calados, comunicavam-se através dos olhos, conscientes de que o inevitável estava por acontecer. A sorte havia lhes dado cartas muito estranhas e restava agora saber que jogo fariam com elas.

Quando Rory finalmente falou foi em voz baixa e rouca de desejo.

— Mesmo molhada como um pardal afogado e os cabelos mais parecendo um trapo de lã encharcado, você é a mulher mais linda que existe neste mundo, Elizabeth.

— Meu impulso de sair a cavalo não passou de um gesto calculado. Seria mentira negar isso. Há muito que não penso em outra coisa e, mesmo assim, lutei para não ceder.

— Como eu também, minha doce Elizabeth.

Um trovão violento sacudiu a cabana e, num segundo, ela se encontrou nos braços de Rory.

Os lábios se uniram num beija acariciante e devorador ao mesmo tempo. Elizabeth moldou o corpo ao dele, entreabrindo os lábios para receber-lhe a língua.

— Minha querida! — sussurrou ele de encontro ao seu pescoço. — Você é tão linda e feminina!

Todos os seus sentidos despertaram, vibrantes. Se ainda restasse algum resquício de culpa, este desapareceu por completo quando a sua paixão interior desenfreou-se sob as carícias ardentes dele.

Com dedos ágeis, Rory livrou-a da blusa e tomou-lhe os seios nas mãos. Ansiosa, Elizabeth vergou o busto para a frente e guiou a cabeça dele para que lhe beijasse, primeiro um e depois o outro mamilo excitado.

— Ai, Rory... Rory... — gemeu baixinho.

— Elizabeth, minha doçura, meu amor.

A excitação dele se fazia notar agora. Rory tomou-lhe a mão e a fez tocar-lhe o sexo. Elizabeth, ao sentir-lhe a firmeza e com a mente ofuscada pelo desejo, teve vontade de gritar para que a possuísse ali mesmo, naquele momento.

Sentiu-lhe a mão forte que subia sob a saia, lutando com a roupas de baixo, à procura do seu lugar mais íntimo. Abraçou-se a ele como uma libertina sem escrúpulos ou inibição.

Elizabeth não se importava. O contato, a sensação e o enlevo da entrega

total eram tudo com o que sonhava.

— Rory, meu amor, faça de mim a mulher completa que tanto desejo ser.

— Farei, minha doçura — prometeu ele ao erguê-la nos braços para irem ao quarto ao lado.

Entretanto, antes de chegarem lá, ouviram o tropel de um cavalo. Fitaram-se alarmados e Rory exclamou:

— Maldição! O dono da cabana.

Para. surpresa própria, Elizabeth readquiriu o autocontrole. Desceu ao chão e; embora trêmula, vestiu-se depressa.

— Talvez seja melhor assim. Se for mesmo para agir com leviandade, prefiro fazê-lo num ambiente mais requintado, além de romântico.

CAPÍTULO XXII

Durante dois dias, Elizabeth ficou de cama, tempo em que só podia pensar em Rory. Lembrava-se do contato excitante dos lábios dele e das carícias que as mãos lhe fizeram nos seios antes de percorrerem o resto do corpo. Fechava os olhos e, estarecida, mal podia acreditar que algo semelhante houvesse mesmo acontecido com ela.

E quando seu olhar se perdia no dossel sobre a cama, percebia que, no fundo, sentira-se aliviada com a interrupção provocada pelo retorno do pastor à cabana.

Desejava ter um relacionamento amoroso que lhe permitisse dar vazão aos sentimentos oprimidos. Entretanto, indagava-se, seria um irlandês o homem conveniente? E a sua posição social? Um dia, como almejava, possuiria fortuna e poder, mas se desse um passo em falso tudo estaria perdido.

A metade ambiciosa de sua personalidade temia a ligação que a outra sonhava em manter. Ouvira uma conversa entre o tio e a rainha em que tinha ficado evidente a péssima situação da Irlanda. Os problemas estavam mais graves e havia boatos de que o conde irlandês, Hugh O'Neill, não era tão leal à Coroa como Rory O'Donell fizera crer.

Se isso fosse verdade, não queria dizer que o próprio Rory não passava de um traidor rebelde?

O que aconteceria com as perspectivas de um futuro brilhante para Elizabeth se ela se deixasse envolver por um guerreiro irlandês que planejava a morte da rainha da Inglaterra? Tais pensamentos a deixavam confusa e em verdadeira agonia, „bis o corpo ansiava pelo amor de Rory O'Donell.

Durante esses mesmos dois dias, alegando um forte resfriado provocado pela chuva apanhada, Rory não deixou o quarto. Na verdade, sentia-se amedrontado com o que quase acontecera na cabana e maldizia-se por ter fraquejado.

Reconhecia que grande parte da culpa cabia a Elizabeth. Afinal, ela confessara que havia ido atrás dele provocada pela atração que os envolvia.

Seria esse fogo que lhe queimava a alma por Elizabeth ou apenas desejo sensual instigado pelo seu corpo perfeito? E que importância teria a resposta se ele não tinha o direito de arrastá-la em sua queda? Sabia que, mais cedo ou

mais tarde, seria traído por alguém e sua posição delicada e vulnerável ruiria.

Rory achava que conhecia o modo de pensar de *lady* Hatton. Esposa de um dos pares do reino, ela não abriria mão de sua posição social. Ele, por sua vez, era um rebelde inteiramente dedicado à causa irlandesa. Sabia que os destinos de ambos correriam tão separados como o dia e a noite. Mesmo assim, gostaria de esquecer tudo para poder possuí-la.

— Ah, Annie, que coisa perigosa está fazendo.

— É a sua outra perna que está ferida, Ned'Bull! — ela respondeu, rindo, enquanto se aconchegava na coxa musculosa.

— Não é disso que estou falando, bobinha. e sim da sua vinda aqui. Se os soldados da rainha me descobrirem, não quero que você esteja por perto.

— Só me sinto bem em seus braços — ela respondeu e o beijou de leve no rosto.

Ned fitou-a nos olhos sombrios, que revelavam a luta por uma existência difícil que não fora escolha sua.

— Ah, minha pequenina Annie, seus olhos são muito tristes para alguém tão jovem.

— A minha tristeza só aumenta com a sua teimosia. Temos dinheiro bastante, ganho com os assaltos, para fugir vivos daqui e ir gozar a vida noutro lugar.

— Não, já lhe expliquei isso antes. Nossos dias na Inglaterra estão contados, e por isso precisamos fugir para a França. O dinheiro que temos não dá para tanto. Só depois de cumprir meu trato com o irlandês é que vamos ter o suficiente. E eu dei a minha palavra.

— Você não tem medo, Ned Buli?

— Tenho, sim, mas só por você. Conheço o meu caminho e sempre soube que fim teria.

Ned sentiu o tremor que abalou o corpo nu encostado ao seu. Com voz entrecortada, Annie suplicou:

— Por favor, não diga isso mesmo que pense.

Ela lhe acariciou o peito peludo e foi descendo a mão devagar até tocá-lo no sexo.

— Quero que faça amor comigo, Ned Buli.

— Que criaturinha mais insaciável — disse ele com um riso sonoro. — Acho que é a sua juventude que vai acabar me matando um dia.

Esquecido da dor na perna e da mágoa do coração, Ned virou-se para satisfazer-lhe o desejo. Carinhoso, murmurou:

— Você não passa de uma louquinha querida.

— Que quer o máximo do seu homem enquanto o tem.

A liderança de *sir* Brian Russell entre jesuítas ingleses no exílio era famosa, o que o enchia de orgulho. Ele era um intelectual audacioso, que lutava tão bem com a pena quanto com a espada. Seu maior sonho era ver a Inglaterra voltar ao catolicismo.

Sir Brian fora o primeiro inglês a planejar a liberdade de Mary, rainha da Escócia, pretendendo tirá-la da Torre para ocupar o trono da Inglaterra. Quando o esquema falhou, ele começou a organizar pequenos grupos de seus pares, com inclinações jesuíticas, a fim de, um dia, provocarem a rebelião que aclamaria um católico — qualquer um — soberano do país.

Todavia, ele não levou em consideração a vasta rede de espiões comandada por Whitehall e pelos Cecil. Suas atividades foram descobertas, o que o forçou a se exilar. Desde essa época, *sir* Brian passou a exercer as funções de agitador na França e nos Países Baixos, na esperança de um dia retornar a uma Inglaterra católica e readquirir as vastas propriedades que lhe haviam sido confiscadas pela Corte.

As notícias sobre o sucesso de Southwell e Garnet em incitar o povo a se rebelar deram-lhe a impressão de que o sonho estava prestes a se realizar. Entretanto, a prisão do primeiro o desanimou um pouco. *Sir* Henry Garnet garantia estar no controle da situação, porém ele era um fanático em quem não se podia confiar.

Esta era a razão pela qual *sir* Brian se encontrava em Calais nessa noite, satisfeito por estar saboreando a última refeição francesa por uns bons tempos.

Sob o gibão, ele carregava documentos falsos que o identificavam como um comerciante protestante de Bruxelas. Durante o exílio, tanto a barba como os cabelos haviam embranquecido e a sua aparência geral, devido a dificuldades enfrentadas, havia se modificado muito. Tinha certeza de que só alguém que o conhecesse muito poderia identificá-lo.

No dia seguinte, a essa mesma hora, já deveria estar na Inglaterra a fim de tomar de Garnet as rédeas da rebelião.

Foi com o coração esperançoso que *sir* Brian levantou a caneca de vinho, na saudação ao porto logo abaixo e à Inglaterra mais além.

— Diacho, *monsieur*! O senhor sujou o meu melhor gibão e capa com seu descuido idiota!

— Nada disso, senhor — *sir* Brian replicou em francês, no mesmo tom irritado do homem elegante à sua frente. — Foi o senhor que bateu no meu braço e entornou o vinho sobre si.

— Maldição, homem de Deus! Por acaso me toma por imbecil?

Não percebe que girou o braço feito um espantalho?

Furioso, *sir* Brian levantou-se tão depressa que derrubou a cadeira no chão. Com olhos faiscantes, dirigiu-se ao francês bem vestido e aos dois companheiros dele.

— Seria melhor se medisse as palavras ao falar com um cavalheiro.

— Tem certeza?

O estranho, que, como os amigos, ostentava roupas de fino brocado e veludo macio, percorreu os olhos pelo tecido grosseiro com que *sir* Brian se vestia.

— E desde quando um cavalheiro se apresenta como um carpideiro bêbado?

Ofensas bem menores tinham feito o sangue de *sir* Brian ferver. E mais irritado ficou ao constatar que os outros dois riam dele.

— Um cavalheiro não precisa de ostentação, como um efeminado, para provar a sua classe.

O homem deu dois passos para trás e levou os dedos longos ao cabo do florete, o que fez com que *sir* Brian também tocasse a espada que trazia na bainha.

O dono do lugar interferiu com veemência e alegou que a taverna não era pátio de duelos. Os dois ajudantes de Russell também insistiram com ele para que se acalmasse, pois um acerto de contas a essa hora poria em risco a sua partida.

Diante de tal argumento, *sir* Brian cedeu.

— Talvez numa outra ocasião — disse ele ao estranho.

Os ânimos se amainaram e logo depois, já esquecido do incidente, *sir* Brian e os dois ajudantes saíram em direção ao ancoradouro, onde o navio que os levaria à Inglaterra oscilava sob a luz bruxuleante de tochas.

Caminhavam depressa e já haviam percorrido metade da distância quando se viram bloqueados pelos três homens da taverna, surgidos de um canto escuro.

— Abra caminho, senhor! — soou a ordem insolente.

Não havia mais dúvidas quanto à intenção do homem, cujos olhos escuros brilhavam com expressão satânica.

— Não vou mais aceitar a sua petulância — *sir* Brian Russell afirmou. — Se ficar de lado...

— Não, exijo uma desculpa em frente de meus amigos.

— O senhor a terá na forma de uns bons sapatos — *sir* Brian respondeu

ao deixar que a ira o dominasse.

Um grupo de curiosos, sentindo o cheiro de sangue no ar, já se aglomerava à volta. O estranho dirigiu-se a eles.

— Este homem, além de manchar minha roupa, teve a ousadia *m* de desafiar a minha honra com palavras ofensivas.

— Senhor, eu lhe peço... — começou um dos ajudantes.

— Fique fora disso! — rugiu o homem. — O meu problema é com o seu mestre, de quem exijo uma satisfação.

— Pois saiba que não a terá — gritou *sir* Brian Russell.

— Então sou forçado a arrancá-la do senhor.

Com a rapidez de um relâmpago, a mão do homem esbofeteou as duas faces de *sir* Brian com tanta força que ele cambaleou. Um murmúrio de surpresa percorreu o grupo de curiosos.

— O senhor não verá a luz do amanhecer — *sir* Brian ameaçou em inglês por distração provocada pela raiva.

O homem brandiu o florete no ar com tamanha energia que a ponta não passava de uma sombra nebulosa. No final de apenas dois passes não havia quem duvidasse do desfecho.

Sir Brian, com adaga e espada nas mãos, mostrava perícia, porém era muito mais moroso do que o inimigo de estatura menor. O florete dançava incessante à volta da espada com uma pontaria perfeita.

Mais dois passes e *sir* Brian respirava ofegante. A frente do seu gibão já estava em tiras e ele ainda não conseguira tocar o oponente uma única vez.

Outro lance e o florete fez um corte da orelha ao queixo de Russell. A dor foi lancinante.

— Golpe certo! — gritou um dos ajudantes. — Isso já é satisfação suficiente.

Mal as palavras tinham sido pronunciadas quando o espadachim levantou a arma e deu o golpe final.

A adaga e espada de *sir* Brian caíram com um som estridente nas pedras do calçamento. Os olhos dele arregalaram-se, surpresos, e um filete de sangue apareceu no canto da boca. No segundo seguinte, tombava ao chão.

Com a rapidez que o caracterizava, o estranho puxou o florete das costas de Russell e virou-se para os dois ajudantes. Ambos mantiveram-se imóveis, com olhar chocado. Satisfeito por não ter de enfrentá-los também, o homem limpou a lâmina com um lenço de Unho, que atirou, depois, sobre o corpo de *sir* Brian. Acompanhado dos amigos, dirigiu-se ao navio.

— Você acha que a guarda poderá nos deter antes de partirmos? —

perguntou um deles.

— Não — *sir* James Blake respondeu. — Calais pode ser neutro, mas ainda é território francês. Por isso ninguém aqui vai se incomodar com um mercador protestante, dos Países Baixos, que falava inglês.

E assim, pensou Blake, terminava a propaganda dos jesuítas que a pena fluente de *sir* Brian Russell produzia. Atrás deles um marinheiro comentou com outro:

— Nunca vi um duelo terminar tão depressa.

Mas um dos ajudantes de *sir* -Brian pensava de maneira diferente. Entre dentes, resmungou furioso:

— Duelo coisa nenhuma. Tudo não passou de um assassinato - premeditado e a sangue-frio.

À noite, na véspera da partida da rainha de Holdenby, preparava-se uma representação teatral para comemorar o fracasso da segunda Armada Espanhola, que não alcançara a costa da Inglaterra. Há poucas semanas, ventos fortíssimos tinham forçado os navios de volta à Espanha ou destroçado-os de encontro a rochedos inóspitos.

Depois haveria um banquete suntuoso e baile.

Embora continuasse muito deprimida e o corpo ainda se mostrasse dolorido por causa da queda, Elizabeth recusou-se a ficar no quarto e perder as festividades. Na verdade, fazia questão de poder demonstrar à rainha, pela última vez da temporada, a excelente anfitriã que era. Também a idéia de rever Rory a estimulava, mas tentou afastá-la da mente enquanto se preparava.

Honor, sempre cuidadosa, nesse dia esmerou-se mais ainda ao banhar e vestir Elizabeth. Desejava que a sua senhora fosse a mulher mais linda e atraente da noite, depois da rainha, naturalmente.

Sobre a camisa azul-clara, com acabamento de renda, ela colocou a anágua simples e o espartilho com barbatanas de baleia. As anquinhas que escolheu eram enormes, pois teriam de suportar outra anágua volumosa, a saia e a sobressaia curta.

Em vez do doblete, Elizabeth quis usar uma jaquetinha justa branco-pérola. A frente aberta tinha primulas bordadas, e as mangas franzidas mostravam um corte longitudinal forrado de vermelho-claro e viés dourado unindo os dois tecidos.

O corpete, da mesma cor do forro dos cortes das mangas, aparecia na abertura triangular da jaqueta e era bem decotado. No centro, sob os seios, Honor colocou um broche de quatro rubis à volta de uma pérola.

A sobressaia curta, repetindo ainda a cor dos cortes das mangas, e com listras douradas, ressaltava a saia verde-azulada com pequeninas estrelas também cor de ouro.

— Quero os sapatos azuis, Honor.

Estes acrescentaram o efeito desejado. Eram cobertos por renda branca e tinham uma delicada roseta, com um brilhantinho no centro, em cada ponta.

Honor prendeu os caracóis de cabelos castanho-avermelhados no alto da cabeça e, à volta, colocou uma tiara de pérola e rubis. Do lado esquerdo, acrescentou uma pluma de egrete e, na orelha direita, um brinco com pedras preciosas iguais às da tiara.

O pescoço esguio e elegante foi ornamentado com o presente de casamento de *sir* William, a corrente de diamantes.

Satisfeita depois de um exame minucioso no espelho, Elizabeth fez uma pirueta graciosa.

— O que você acha, Honor? Será que vou encantar os homens sem ofuscar a rainha?

— *Milady* está lindíssima! Creio que, por uma noite, Sua Majestade não vai se negar a reconhecer a sua beleza.

— Espero que sim, pois senão perderei meu lugar na Corte. Isso me deixaria muito infeliz.

Apenas uma vez durante a representação teatral Elizabeth permitiu que os olhos procurassem o rosto de Rory entre os presentes. Sentiu um aperto no coração ao não o encontrar. Todavia, forçou-se a esquecê-lo e a ter em mente a sua honra e posição social.

Como havia planejado, o banquete foi suntuoso. Os mais variados tipos de peixes e carnes foram servidos acompanhados de molhos elaborados e de um verdadeiro arco-íris de legumes. Vinhos importados realçavam o sabor dos pratos.

A rainha mostrou-se satisfeita, o que deixou Elizabeth aliviada. *Sir* William, como estava habituado, retirou-se para seus aposentos assim que a refeição terminou.

No decorrer da noite, como continuasse ausente, Rory tornou a ocupar o pensamento de Elizabeth. Teria ele voltado para Londres, ou estaria no quarto, com medo de que ambos tivessem outra oportunidade igual à da cabana do pastor?

Quando o baile acabou, o aperto em seu coração tornara-se opressivo.

Muitos dos hóspedes pediram licença à rainha e retiraram-se, mas Gloriana resolveu dar um passeio pelo jardim e respirar o ar da noite antes de

se deitar.

Elizabeth encontrava-se quase no fim da fila que seguia a soberana e não percebeu o que se passou. Num momento segurava o braço do gorducho e baixinho lorde Hebert, e no seguinte viu-se dominada pela estatura portentosa de Rory.

— Você! — exclamou com o coração disparado.

— Lamento ter perdido as festividades desta noite, porém *sir* Robert me manteve ocupado grande parte do tempo.

Algo no tom de voz dele e o olhar sombrio a alarmaram.

— Algum problema político? — perguntou ela.

— Até certo ponto. Já ouvi falar em Enniskillen?

— Não. Fica na Irlanda?

— Isso mesmo. Situa-se ao norte de Sligo, perto de Lough Erne. É um lugar estratégico e o caminho para as terras de Tyrone e Donegal, as propriedades de O'Neill e O'Donnell. Há semanas que está sob o domínio de *sir* Richard Bingham e dos ataques do seu dono legítimo, Hugh Maguire.

— E o que isso tem a ver com você?

— Parece que o louco do meu irmão, Red Hugh, declarou-se rebelde à Coroa e partiu para juntar-se a Maguire.

Elizabeth suspirou aflita.

— E por causa do seu irmão, meu tio pensa que você...

— Também sou um rebelde? Talvez. Mas *sir* Robert espera poder me usar pelo tempo que puder.

Centenas de perguntas tumultuaram o pensamento de Elizabeth e a mais importante era: "Você é, realmente, fiel à Inglaterra e à Coroa?" Entretanto, com medo da resposta, não se atreveu a fazê-la.

— Acredito ser uma insensatez imaginar que não haverá uma guerra na Irlanda — Rory confessou.

— E se houver — começou ela com um nó na garganta —, você voltará para lá?

— Teria muita importância para *milady* se eu velejasse para as praias assoladas por vendavais de Donegal?

— Eu... não ousou responder.

Não conseguiu fitá-lo e tentou desvencilhar a mão do braço dele, porém Rory a impediu. Com firmeza, guiou-a para um canto afastado, sob a copa frondosa de um carvalho. Tomou-a nos braços e murmurou:

— Por que não consegue dizer o que ambos sabemos?

— Este é um jogo perigoso, Rory, que não posso encarar com

despreocupação.

— Nem eu tampouco.

Abaixou o rosto até o dela e provou-lhe a doçura dos lábios. Contra a vontade, Elizabeth entregou-se à carícia. Abraçou-o pela cintura e estremeceu ao encostar os seios no peito forte.

Ainda com os lábios nos seus, Rory sussurrou:

— Meu amor, a sua beleza me enlouquece e eu sinto em você o mesmo desejo que me rouba o sono.

— Se o dono da cabana não nos tivesse interrompido, eu não teria tido todo este tempo para refletir e considerar a nossa ligação uma loucura — ela admitiu com amargura.

— Uma patrícia sua, Deirdre, mulher de O'Hara, uma vez me disse que romance, beleza e bondade são imprescindíveis para sempre e que o amor, não importa a brevidade do seu interlúdio, é eterno.

— Eu tenho medo de ceder ao amor que sinto por você.

— Eu a quero — disse ele com voz rouca enquanto a abraçava com força.

— Agora!

Com o ombro levantou-lhe o queixo a fim de poder beijá-la, o que fez com paixão. Elizabeth, entretanto, rebelou-se, pois sentia-se como prisioneira entre os braços fortes.

A custo pôs as mãos no peito dele, mas por mais força que fizesse, não conseguiu empurrá-lo.

Rory, então, tocou-lhe os seios, que responderam ansiosos à carícia mágica. Isso fez com que a lembrança do sonho viesse à mente de Elizabeth. Viu-se deitada na grama, o corpo dele sobre o seu e os lábios dominando-lhe a boca. Sentiu ainda as mãos acariciantes que lhe despertavam os sentidos. Estremeceu com a recordação e conseguiu protestar.

— Não! Desta forma, não!

— Como, então? — perguntou ele irritado. — Há *alguma* forma diferente para as inglesas, ou para você em especial? Seria mais aceitável se eu fosse igual a esses cortesões que se pavoneiam à sua volta? Não, Elizabeth, porque sou irlandês e um homem acima de tudo!

— Rory... — começou ela, mas não continuou, surpresa e amedrontada com a expressão sombria dele.

— Eu gostaria de tê-la por uma noite na Irlanda e mostrar-lhe o fogo que um homem pode sentir pela mulher amada. Mas estamos na Inglaterra, onde é preciso recitar versos amorosos para se ter uma amante. O pretendente tem de comparar a cor das rosas com as suas faces, a beleza das pérolas com os

seus dentes; deve afirmar-lhe que sua inteligência é a de um gênio e a sua castidade, não importa o quanto já foi abusada, a da própria Vênus! Não! Se esta é a forma a que *milady* se refere, então é de um cortejador que está precisando e não do amante que eu gostaria de ser.

Rory soltou-a e ela levantou o rosto. Surpreso, ele viu um sorriso alegre nas feições lindas, em vez da raiva que esperava encontrar para combater a dele própria.

— Se não admiti antes, eu o faço agora: é um homem que desejo ter como amante.

— E então, o que me diz?

— Digo sim, Rory O'Donell.

CAPÍTULO XXIII

O coração de Elizabeth batia descompassado enquanto despia as anáguas e a saia. Em seguida tirou a blusa de renda e ficou só com a camisa azul-clara. Olhou-se no espelho sobre o consolo de carvalho e cogitou em remover o resto da roupa. Porém, um rubor intenso cobriu-lhe o rosto e espalhou-se pelo colo até atingir a elevação dos seios, que apareciam no decote baixo da camisa.

Não, esperá-lo nua seria um tanto vulgar. Bastava o tremor que lhe sacudia o corpo para revelar o estado de sensualidade em que se encontrava.

Já fazia uma hora que deixara apressada o jardim para chamar Honor, que dormia aos pés de sua cama. Estava aflita, sem saber se poderia, ou não, confiar na descrição da criada. Será que a moça compreenderia suas razões? Esperava que sim.

— *Milady* vai se deitar agora? — Honor indagou.

— Vou, mas não aqui.

— Como?!

Elizabeth tomou a mão da criada entre as suas e contou-lhe os fatos mais importantes de sua vida em relação ao casamento. Relatou o primeiro noivado e a humilhação sofrida por ser rejeitada e depois o enlace arranjado com *sir* William. Não omitiu nem as coisas boas nem as más.

Só então revelou a Honor o amor que sentia pelo irlandês atraente a quem estava prestes a se entregar.

Não precisou terminar para saber que tinha uma aliada. Depressa e com eficiência, a criada providenciou-lhe as próprias roupas dela e um xale preto para cobrir os cabelos castanho-avermelhados e brilhantes. Estes poderiam chamar a atenção de alguém e era preciso passar pelo jardim sem ser reconhecida. Depois Honor ' saiu depressa para ir procurar Rory e levá-lo ao chalé de verão.

Agora, no único cômodo terminado da pequena casa, à espera do homem que seria seu amante, Elizabeth sentia-se à-vontade e em paz consigo mesma. Não mais maldizia a traição do corpo que exigia ser saciado por aquele homem. Não era mais possível resistir e nem pensar nas possíveis conseqüências.

— Só pensarei no dia de amanhã quando ele chegar — murmurou

baixinho para a própria imagem no espelho. — E, enquanto isso, a noite será nossa.

A cama enorme, com o dossel de veludo vermelho filigranado em ouro, atraiu-lhe o olhar. Ela se destacava no chão nu e em contraste com os lambris escuros da parede.

“Essa cama, este quarto, o meu chalé”, pensou feliz.

Iria esperá-lo à janela, onde o luar delinearia suas formas sob a camisa transparente. Ao chegar, Rory a veria como uma oferenda de amor.

Elizabeth ouviu passos abafados no caminho de cascalho. Abriu os olhos e foi até a janela. Nuvens percorriam vagarosas o céu enluarado e lançavam sombras a esmo pelo jardim e campos à volta. Algumas estrelas faiscavam acima das copas negras das árvores.

O som de passos não se repetiu e apenas se ouvia o farfalhar suave das folhagens sob a brisa amena. Pouco depois surgiam os dois vultos, um alto, outro baixo, é ambos envoltos em capas. Não andavam sobre o cascalho para não fazer ruído, e sim pela grama ao lado.

Será que alguém os tinha visto? Elizabeth pensou, embora não quisesse se preocupar com isso agora. Honor conhecia não só as trilhas mais escuras que chegavam até ali como também a rotina noturna dos criados.

Os vultos se separaram e Honor foi se esconder num lugar de onde poderia vigiar o chalé.

“Criaturinha abençoada”, Elizabeth reconheceu agradecida, ao mesmo tempo que ouvia a porta abrir e fechar no andar de baixo. Rory se lembraria de trancá-la por dentro?

Mas ao ouvir os passos que subiam a escada, todos os seus temores desapareceram para dar lugar à expectativa excitante do encontro.

Virou-se no mesmo instante em que Rory aparecia no umbral da porta. Leu nos olhos dele que a sua imagem lhe causara o efeito desejado.

— *Milady* está mais linda ainda com o luar.

— Obrigado, meu irlandês.

— Não! Não somos mais irlandês e inglesa, mas homem e mulher, minha querida.

Rory sacudiu os ombros e a capa solta caiu no chão. A camisa de cambraia e renda na frente estava aberta, deixando à vista o peito escuro e forte.

Elizabeth fez um esforço, porém não conseguiu falar sem um leve tremor na voz.

— Antes quero que me diga apenas uma coisa.

— Sim?

— Você me vê como um símbolo da Inglaterra, isto é, corrupta e magnífica ao mesmo tempo?

— Eu a vejo, Elizabeth, como a mulher a quem amo.

Sem que se desse conta, ele estava à sua frente tomando-lhe as mãos. Foi exatamente como imaginara, pois Rory beijou-lhe as palmas, as pontas dos dedos, os pulsos e tomou-a nos braços.

— Que 'Deus me ajude, que nos ajude, porque eu também te amo — afirmou ela.

O beijo que trocaram foi seguro, cheio de desejo, mas de muita suavidade. Rory a abraçava com firmeza e Elizabeth sentia que o desejo dele crescia para partilhar do seu. Entreabriu os lábios para receber a língua quente e possessiva.

Quando Rory tentou tirar-lhe a camisa, ela o ajudou e a peça caiu ao chão, aos seus pés. Ele deu um passo para trás para poder admirar-lhe melhor o corpo lindo.

Elizabeth percebeu nos olhos dele uma expressão que desconhecia. Fitou-o confusa por um momento e então compreendeu que aquele irlandês impetuoso, em vez de exigir-lhe a posse do corpo, implorava por ele com o olhar.

Abriu os braços num convite e Rory a tomou nos dele, erguendo-a como uma pluma para depositá-la na cama.

Rory continuou a devorá-la com o olhar amoroso enquanto se livrava das próprias roupas. Elizabeth também o fitava e apreendia cada detalhe daquele corpo vigoroso.

— Você é lindo! — exclamou extasiada.

Mesmo achando estranhas essas palavras, Elizabeth sabia que elas encerravam a verdade. Bem formado, ele parecia um deus grego, com músculos e ossatura proporcionais à estatura elevada. A visão dele afastava todo e qualquer pensamento de sua mente e a deixava entregue à paixão insofreável.

Rory deitou-se ao seu lado e bem devagar foram se encostando e permitindo que a sensação deliciosa de se sentirem fosse gozada em sua plenitude. Ele lhe tomou os seios nas mãos quase com reverência, como se fossem da mais fina porcelana e pudessem se partir.

Elizabeth arqueou o corpo com docilidade enquanto sentia a vida vibrar em cada poro e nervo. Todo o seu ser despertava para o amor.

Devagar", Rory escorregou uma das mãos sobre a sua cintura e

continuou descendo-a em carícias que deixavam um rastro de fogo. Tocou-a nas coxas e separou-as.

Os dedos fortes, mas delicados, a encontraram. Um suspiro abafado escapou-lhe do fundo do peito enquanto um gemido rouco saiu da garganta dele.

Os beijos quentes e úmidos de Rory agora percorriam-lhe a pele e provocavam arrepios ao longo da espinha. A paixão de Elizabeth ganhou asas e alçou vôo quando os lábios e a língua acariciaram-lhe os bicos dos seios. Tinha a sensação de que explodiria em milhares de fragmentos.

— Ai, não mais — implorou. — Por favor, não mais. Quero que me ame agora, que me faça sentir mulher.

— Você é toda mulher, minha querida — Rory sussurrou enquanto a perna musculosa se interpunha entre as dela para que se separassem mais.

As coxas se abriram como as pétalas de uma flor sob os raios revigorantes do sol matinal.

Elizabeth passou os braços à volta do corpo dele, deliciada com o peso que sentia no seu. Percebia, ao longo do ventre, a exuberante exaltação do desejo dele e, ao ser beijada de novo no bico do seio, não resistiu: estendeu uma das mãos e tocou-o no sexo. E mais uma vez arqueou o corpo, ansiosa por recebê-lo em seu âmago.

Com uma enlouquecedora morosidade, Rory penetrou-lhe o corpo e, depois, murmurou:

— Homem algum jamais conheceu momento tão precioso. Elizabeth não conseguiu responder, pois a emoção era profunda demais.

Por alguns segundos, permaneceram calados e imóveis, mas não conseguiram resistir mais à maré alta da paixão que fazia o sangue de ambos latejar com desespero.

Preso a ela, Rory começou a movimentar-se devagar, num ritmo cadenciado que Elizabeth acompanhava com os quadris. A sua respiração entrecortada por suspiros mostrava a ele o prazer que lhe proporcionava.

Elizabeth sentiu o peso sobre o corpo diminuir um pouco. Abriu os olhos e viu-o fitando-a com expressão de enlevo e triunfo por possuí-la.

Agora Rory movia-se cada vez mais depressa, porém, mesmo assim, de vez em quando separava-se um pouco só para senti-la ansiosa, abraçando-o com mais ardor.

Elizabeth tinha os olhos abertos, mas a expressão deles parecia perdida num ponto qualquer e indefinido do quarto. Seus movimentos convulsivos apressavam-se e ela arqueou mais ainda o corpo para senti-lo com mais

intensidade. Com voz arquejante murmurou:

— Ai, Rory... meu querido... meu único amor....

— Elizabeth... Elizabeth...

A entonação rouca repercutiu no quarto enquanto o ritmo da paixão cega que os dominava crescia, incessante.

— Rory...

Apenas uma palavra, o nome dele, revelou-lhe tudo. Repetidamente, o seu corpo foi sacudido por espasmos cada vez mais fortes até que o seu ser por inteiro, o seu universo íntimo, viu-se tomado por um tremor que culminou com um grito triunfante de prazer.

Rory aprofundou o beijo em sua boca e com a língua fez-lhe carícias ardentes. Elizabeth jamais havia imaginado emoção tão completa. O corpo, a mente e a própria alma juntavam-se numa entrega total a esse homem que surgira para arrebatá-la e enchê-la de amor.

Um gemido rouco transformou-se num grito entrecortado, anunciando que Rory também atingia a explosão do gozo máximo, que, feito uma torrente, a inundou por completo.

E, pela segunda vez, Elizabeth deixou-se levar pela paixão imperiosa e experimentou, de novo, a vitória do prazer.

Lado a lado, no silêncio da madrugada que se aproximava, Rory e Elizabeth continuavam deitados. Tocavam-se com suavidade, como se a realidade da experiência vivida não passasse de sonho que já se desfazia.

Em poucas horas, Rory a havia levado a um mundo diferente e lhe ensinado o que o amor e a sua consumação plena significavam. Sabia que nunca mais seria a mesma coisa a não ser com ele.

Ao acariciá-lo na pele úmida da coxa, encontrou a cicatriz áspera e irregular. Não retirou a mão, mas percorreu a marca feia em toda a sua extensão.

— Eu te amo — disse ela.

— Ambos sabemos do nosso amor desde o primeiro encontro na carruagem, naquela noite distante.

— Meu lindo malandro da noite!

— Que te ama mais do que à própria vida. Elizabeth sentiu uma agulhada de medo e sabia a razão.

— Mas será que me ama mais do que à Irlanda? Percebeu que o corpo dele ficava tenso.

— A minha querida *lady* tem lido os últimos romances franceses, tais como *Poleandra* e *Cleópatra*.

— Por quê?

— Porque então saberia que o nosso amor não pode ser comparado ao mundo que nos rodeia ou tocado por ele.

Em seguida, Rory a surpreendeu e a encantou ao cobrir-lhe o corpo de novo. Desta vez, possuiu-a com impetuosidade, porém Elizabeth não se importou. Na verdade, essa falta de inibição por parte dele lhe incentivou mais os sentidos e fê-la alcançar alturas incomensuráveis de prazer sensual. Também fê-la esquecer tudo o mais que não estivesse relacionado com o amor que vivia.

Mesmo assim, no auge do êxtase. Elizabeth ouviu a própria voz que gritava, aflita:

— Ai, Rory, meu querido, o que faremos agora?

A resposta de Rory acompanhou o desabafo dos sentidos.

— Nós seguiremos em frente!

CAPÍTULO XXIV

As semanas se sucediam e a excursão da rainha continuava hospedando-se nas casas de campo dos lordes abastados. Para a admiração de Rory, ele ainda fazia parte do séquito real. Tinha certeza de que isso se devia mais ao empenho de *sir* Robert Cecil do que à vontade da soberana.

Sabia que sua presença, embora a contragosto, convinha ao estadista, por causa do apoio aberto que seu irmão, Red Hugh, dava a Maguire. As incursões em Enniskillen ainda eram consideradas como escaramuças, mas a guerra declarada parecia iminente na opinião de todos.

A mensagem que Rory recebera de O'Neill, através de Haskins, informava que o momento crucial se aproximava. A rebelião declarada de Red Hugh, combinada com a sua fuga espetacular do castelo de Dublin, há algum tempo, o tinham transformado em herói. Camponeses afluíam em grande número para se alistarem sob a bandeira dele, na esperança de receberem terras em pagamento. Mercenários escoceses também ofereciam apoio, certos de que a pilhagem aos ingleses vencidos seria lucrativa.

O'Neill mantinha a atitude de pacificador e fazia freqüentes viagens a Dublin, onde insistia com os ingleses sobre a necessidade de uma conciliação. Esperava ganhar tempo assim.

Essa esperteza diplomática foi tão eficiente que o representante da rainha mostrava-se inclinado a representar *sir* Richard Bingham por suas ações, em vez de protestar contra as retaliações de Maguire e Red Hugh.

Todavia esse esforço não conseguiria impedir por muito mais tempo uma guerra feroz. Então, nem mesmo o gênio de O'Neill poderia evitar o grande derramamento de sangue.

O'Hara estava fora de si de ódio e louco para enfrentar o inimigo. Os esforços conjugados de Deirdre e O'Neill não poderiam forçá-lo a ficar por mais um pouco em Ballylee.

Prevendo o pior, O'Neill preparava-se. Enviara cartas secretas a Felipe, rei da Espanha, avisando que um levante geral de todos os clãs da Irlanda só seria possível se o país amigo promettesse mandar-lhes reforço em homens e munições.

No início, as respostas foram parcas e negativas. Entretanto, depois do fracasso da Segunda Armada, chegou a notícia de que o rei espanhol

resolvera-se a ajudar a Irlanda.

Emissários foram ao sul a fim de conclamar os clãs a abandonarem as animosidades que os separavam e a se unirem para expulsar o inimigo comum, os ingleses. A maioria assumiu atitude de indiferença, mas os O'Rourke, os O'Sullivan, os O'Connor e os O'Boyle fizeram um pacto. O'Neill estava certo de que os outros seguiriam o exemplo.

Com o auxílio de mais salteadores transformados em cavaliços nos estábulos das mansões que hospedavam a rainha, Rory conseguia escapar quase todas as noites.

Encontrou-se várias vezes com Annie e ficou sabendo do quase restabelecimento de Ned Buli. O homem estava já semeando mais discórdia para assim fazer eclodir a parte da rebelião sob sua responsabilidade.

Rory não se iludia. Ned Buli fazia isso por dinheiro, mas enfrentaria a morte a fim de cumprir a palavra dada.

Ele se comovia com a dedicação irrestrita de Annie ao seu homem. Não ignorava a ansiedade com que ela esperava que tudo terminasse logo a fim de que pudessem fugir da Inglaterra para um lugar seguro. Sabia do seu medo de perder a única pessoa que a fizera conhecer a felicidade: Ned Buli.

Mas a moça era de uma fortaleza digna do seu companheiro e, através dela, Rory insistia com Ned para manter seus homnes sob controle. Poucos deles estavam a par das razões de Ned Buli em arregimentá-los. Apenas tinham consciência da revolta que a Coroa e o governo lhes provocavam e da aproximação do momento em que poderiam dar vazão ao ódio.

Controlado com eficiência, esse sentimento poderia resultar numa recusa terminante de lutarem em guerra na Irlanda. Esta era a única maneira que restava a Rory de ajudar O'Neill. Com os atos controlados por Cecil, ele não tinha mais acesso a informações estratégicas e, se as conseguisse, não teria meios de enviá-las à Irlanda. Por isso estava determinado a fazer com que a insurreição interna planejada para a Inglaterra obtivesse sucesso.

— E terá — Annie murmurou com expressão severa. — Minha única esperança é a de que todos nós vivamos para ver o dia seguinte.

Rory não soube o que responder. Também desejava que ele, Ned, Annie, o idoso Haskins, a sua querida Elizabeth e até o pobre Southwell, cuja língua continuava calada na Torre, emergissem intatos da tempestade que estava por vir.

Nas noites em que Annie não aparecia, Rory cavalgava como o vento até Holdenby para encontrar-se com Elizabeth.

O chalé havia se transformado no símbolo do amor e um santuário para

ambos. Para Elizabeth, os encontros proporcionavam um escape ao tédio em que vivia e a oportunidade de descobrir a profundidade de sua paixão. Para Rory, a pequena casa oferecia segurança e momentos de paz em que podia esquecer a ameaça constante de traição que pairava sobre ele. Nos braços de Elizabeth encontrava amparo e no seu corpo, alívio.

Enquanto o mês de agosto corria e o outono se aproximava com a sua coloração magnífica, o amor de ambos se aprofundava além das expectativas. As sensações caudas provocadas pelas mãos e pelos lábios acariciantes e o arrebuo intenso resultante da união dos corpos cresciam com o passar do tempo. A necessidade física mútua ficava mais forte e exigente, os laços afetivos se estreitavam e a comunhão de almas desabrochava como um flor delicada. Amavam-se e passavam horas apenas gozando a alegria pura de estarem juntos.

Foi num desses momentos que começaram a fazer revelações sobre si mesmos.

Rory contou a Elizabeth como havia sido sua juventude e quão cedo tinha assumido responsabilidades de homem adulto. Narrou a história da cicatriz longa e feia que ela descobrira na primeira noite de amor e das muitas outras encontradas desde então.

Apenas a uma outra mulher, Deirdre O'Hara, tinha ele se aberto com tanta sinceridade e deixado ver a outra face da sua personalidade. Este era o seu lado tão diferente do irmão, ou de O'Hara, a parte do seu ser que seria marido, pai e um homem pacífico.

Através dessas confissões, Elizabeth percebia como o amor entre eles havia se fortalecido a ponto de fazê-la expor a própria alma. Numa prova de confiança, descreveu-lhe também a sua vida. Falou sobre os dois casamentos convenientes arranjados pela família e das noites que passara chorando, convencida de que jamais encontraria o amor pelo qual ansiava.

E por ter achado essa paixão no homem nu deitado ao seu lado, Elizabeth confessou seus outros sonhos ambiciosos de poder e fortuna, os dois fatores importantes para se tornar independente e garantir seu lugar na Corte.

— E nesse dia, meu avó, meu pai e até meu tio, que promete ser o homem mais poderoso do reino, não poderão determinar com quem devo ir para a cama, ou me casar. Então, farei o que desejar e não pertencerei a homem algum.

— Nem mesmo a mim?

Elizabeth levou um grande tempo para responder.

— Não, Rory O'Donnell, nem mesmo a você.

Ele ergueu o corpo forte e fitou-a com intensidade.

— Veremos, minha doce Elizabeth, veremos.

E, para afastar as palavras pesadas e sombrias, Rory tocou-a com a ponta dos dedos, bem de leve, para fazer-lhe cócegas e provocar o seu riso espontâneo. Como duas crianças, rolaram pela cama cheios de artimanhas e brincadeiras que descobriam novos mistérios em cada um.

De repente, ele a tomou nos braços e penetrou no seu corpo com suavidade.

A receptividade imediata e a espontaneidade com que braços e pernas o enlaçaram, demonstravam a possibilidade de suas últimas palavras conterem, apenas, meia verdade. Para este homem, Eliza-beth seria escrava, concubina, amante e esposa... se pudesse.

Porém não podia, e ambos sabiam disso. Entretanto, não conseguiam impedir de sonhar com um futuro distante, quando tudo seria diferente.

Elizabeth expressou em palavras os pensamentos fantasiosos.

— Seria tão melhor se a Irlanda e a Inglaterra se unissem logo de uma vez.

— Você acha, meu amor, que então teríamos a oportunidade de ficar juntos?

— Teríamos, sim, Rory — e aconchegou os seios nus no peito dele como se quisesse, com isso, dar ênfase às palavras. — Não creio que seja pecado afirmar que, num dia não muito distante, ficarei viúva, o que significa a minha liberdade.

Rory manteve-se calado. A pessoa de *sir* William era um espectro sombrio entre eles, que nunca fora mencionado antes. Queria descobrir a razão por detrás das palavras de Elizabeth e, por isso, fitou-a com expressão inquisitiva.

— Minhas terras irlandesas, em Munster, são muito extensas. Você não precisa das de O'Donnell em Donegal. Deixe que elas fiquem para o seu irmão.

Rory franziu as sobrancelhas e mordeu o lábio ao mesmo tempo. Como poderia revelar a ela que sua briga com Red Hugh não passava de um embuste? Como explicar-lhe que teria o seu quinhão de terras em Donegal?

— Você poderia ficar com a propriedade Hatton, na Irlanda — Elizabeth continuou.

— E se houver uma guerra? As terras não seriam mais suas para dar a quem quisesse.

Ela se afastou um pouco, de testa franzida e olhar faiscante. Confusa,

exigiu saber:

— Explique-se melhor.

— Minha doçura, por que tem tanta certeza de que os ingleses serão vitoriosos?

Um rubor intenso espalhou-se pelo rosto e colo de Elizabeth. Por um momento, ela não encontrou resposta, mas depois, erguendo os ombros, disse:

— Não há dúvidas de que serão!

Rory inclinou-se e beijou-a num dos seios.

— E como a minha estrategista militar tem certeza? Agastada, Elizabeth afastou-se um pouco.

— Porque foi sempre assim. Quisera Deus que não o fosse — acrescentou com voz trêmula e chorosa.

— Você é mais sensata do que eu pensei e tem razão.

Com carinho, puxou-a de encontro a si e afagou-lhe a cabeça, que ela acomodara na curva do seu pescoço.

— Por que precisa haver guerras se tantos acabam mortos e um lado sempre perde? — Elizabeth indagou.

Quando Rory falou, a voz tinha perdido a expressão alegre e mostrava-se cansada.

— Percebo, meu amor, que os seus mestres ensinaram-lhe apenas a História da Inglaterra. O que sabe sobre a Irlanda?

— Os normandos a conquistaram e... — falava com voz suave, pois não queria magoá-lo — e encontraram um povo selvagem, sem leis ou moral, que se divertia caçando um ao outro.

Rory notou a sua luta interna ao mesmo tempo que reconhecia a franqueza como uma qualidade admirável. Apertou de leve um dos seus seios e riu um pouco.

— Bem, até aí os ensinamentos foram corretos: a primeira menção ao irlandês na História descreve a luta de facções e os saques de uma contra a outra como as principais ocupações dele. Acredito que o irlandês de hoje não tenha mudado muito.

— Você mudou, meu querido.

Rory não deu atenção ao comentário e continuou:

— Os ingleses, através dos anos, tentaram coagir o irlandês, desacreditá-lo e até mesmo apaziguá-lo. Experimentaram acordos e concessões. Nada adiantou, pois sempre se depararam com uma barreira de teimosia que nem mesmo a maior inteligência inglesa pode compreender.

— Pois então, nós pedimos perdão pelos nossos erros passados — Elizabeth protestou. — Façam a mesma coisa e acabemos com tudo de uma vez por todas!

— Nós aceitamos sua desculpa — Rory respondeu com um sorriso que ela não pôde ver.

— E então?...

— Nós voltamos a levantar as espadas.

— Você quer dizer que desejam expulsar os ingleses de lá para que possam continuar se matando entre si?

— Talvez.

Ele enlaçou os dedos nos cabelos brilhantes e tentou virar-lhe a cabeça para poder beijá-la, mas Elizabeth debateu-se até se livrar.

— Não trapaceie!

— Trapacear, *milady*..

— Sabe muito bem o que quero dizer. Não lute com palavras sem sentido. Até agora não me deu uma razão suficiente que me faça compreender a realidade. A própria rainha afirmou que não deseja outra coisa senão levar a civilização à Irlanda. Ela quer comedimento e tolerância em todos os assuntos, inclusive o religioso.

— Ah, pois não.

— Rory O'Donnell!

— Deite-se ao meu lado e me deixe sentir o seu corpo, minha querida, enquanto eu tento explicar sem trapaça alguma.

Meio relutante, ela obedeceu.

— São a mentalidade e a determinação do povo irlandês a raiz do problema. Como você, Elizabeth, ele gostaria de governar a si próprio.

— Porém com um governo papista.

— Não! Isso é só impressão. Você conhece nossa religião antiga, com seus duendes, diabretes e muitos deuses?

— Paganismo puro!

— Pode ser. Mas lembre-se de que foi a Inglaterra que colocou a coleira do catolicismo no nosso pescoço. Depois, Henrique VIII dispensou os serviços do padre italiano porque queria ter mais esposas e um herdeiro. Pensou que o povo irlandês ia compactuar com ele e abraçar o protestantismo.

— E que mal teria isso? Você mesmo disse que nem o Papa nem um católico espanhol poderia governar a Irlanda.

— É verdade, mas deixe-me terminar. Por causa dos amores de Henrique

VIII, o Papa se viu no direito de eximir o povo irlandês de sua obrigação de fidelidade à Coroa inglesa. Para a mente do meu povo, a rebelião tornou-se um dever sagrado, compreendeu?

— Então jamais haverá um fim para isso tudo! Rory ficou em silêncio por alguns momentos.

— A insensatez humana é o verdadeiro pecado original. É eterno e irredimível.

CAPÍTULO XXV

O vento fustigava as árvores com tal força que, vergadas, elas quase tocavam a encosta da colina de Tullaghogue.

— Vamos continuar a pé — disse O'Neill enquanto descia do cavalo. Levantou a mão para os que vinham atrás e fitou O'Hara.

Este hesitou em obedecer e retribuiu o olhar do homem que escolhera como mentor e que os poetas e cronistas proclamavam como o libertador da Irlanda. Tinha intenções de prosseguir montado, com os ombros largos eretos e o vento soprando-lhe a barba.

Todavia, a ordem reforçada nos olhos faiscantes e a própria presença imponente de O'Neill eram suficientes para que O'Hara largasse as rédeas e escorregasse para o chão.

Perto do topo, um relâmpago transformou a noite em dia enquanto iluminava as feições de O'Neill. Para O'Hara o rosto de traços marcantes e barba vermelha parecia envelhecido e cansado. A cabeleira farta, que chegava aos ombros, já estava entremeada de fios prateados. Apenas os olhos brilhantes demonstravam que a vontade férrea continuava intata. E era por isso que O'Hara o seguiria até o inferno se fosse preciso.

— Não vai demorar muito para chover — O'Hara comentou.

— Tem razão — concordou O'Neill —, mas é esta chuva que deixa os campos verdes e revigora as árvores.

O'Hara sabia o significado dessas palavras. Há dois dias, desde Dublin, que cavalgavam e, para onde quer que olhassem, só viam as árvores derrubadas pelos ingleses na destruição completa das florestas.

— Foi idéia de Bagenal — o lorde representante Fitzwilliams havia informado. — E Bingham concordou. Destrua as florestas é os irlandeses não terão onde se esconder.

O'Neill tornou a falar.

— Eles profanam a terra como já fizeram com as nossas almas. Perdemos as árvores, logo não teremos mais caça e no fim o solo ficará estéril.

— É verdade — disse O'Hara diminuindo o passo para andar junto com O'Neill, cuja respiração estava ofegante. — Já afirmei isso duas semanas atrás. E esta é a razão pela qual continuo a insistir para atacá-los agora, enquanto estão fracos e nós preparados para vencer.

O'Neill sorriu e apertou os olhos em direção à clareira adiante.

— O que você faria, Shane?

— Iria para o lado de O'Donnell e forçaria Bingham a voltar para a região de Pale. Depois, de lá, lançaria todos ao mar.

O'Neill apenas sacudiu a cabeça. Chegava à beira da clareira e um outro relâmpago iluminou-lhe o centro, onde viram uma coluna de rochas. Na do meio estava esculpido um trono rústico da altura de uns três homens. Acima ficava o leão de O'Neill e o nome talhado de maneira primitiva.

Bem na frente, encontrava-se uma pedra branca que devia bater na cintura de um homem e com o dobro na largura. Foi para ela que O'Neill se dirigiu, ajoelhou-se à sua frente e colocou as mãos espalmadas sobre a superfície.

— Esta é a rocha de investidura dos O'Neill, Shane. Meu avô Conn, e antes, o pai dele, sentaram-se aqui para receber o manto do clã. Neste lugar juraram livrar suas terras do invasor inglês.

— Sei, como os meus fizeram em Ballylee.

O'Neill levantou-se com esforço e foi para trás da pedra sagrada a fim de sentar-se na cadeira esculpida.

Com a cabeleira leonina esvoaçando ao vento e o manto de chefe de clã preso pelo fecho de ouro e caindo em dobras à sua volta, ele parecia mesmo um rei.

“Mas rei do quê?”, O'Hara raciocinou, impaciente com o silêncio quebrado apenas pelo ruído do vento.

Eles tinham tido uma cavalgada penosa para Dungannon, e quando já se encontravam próximos O'Neill os havia desviado, alegando querer se reunir em conselho.

“Conselho com quem?”, O'Hara imaginava. “Com o vento ou com uma rocha dura e fria?”

Ele era um homem de ação que não se importava com devaneios filosóficos. Em sua opinião, os prazeres da vida derivavam-se de uma farta alimentação, de uma boa mulher na cama e do decepamento da cabeça do inimigo sob sua espada.

— O sol nunca brilhou numa terra mais linda do que a nossa Irlanda, Shane. É difícil testemunhar o que a meretriz inglesa está fazendo com elas.

— Você se refere às árvores?

— Exatamente. Elas são as filhas da terra.

O olhar de O'Neill estava perdido muito além de O'Hara, como se pudesse ver cada montanha, lago e ravina de Ulster até Wicklow.

O corpo truculento de O'Hara estremeceu sob o manto e ele levou a mão ao cantil de pele de cabra que trazia na cintura, porém mudou de idéia e não o pegou.

— Como vai o seu filho, Shane?

— Crescendo bastante e cada vez mais parecido com a mãe — ele respondeu com um sorriso.

— E *lady* Deirdre, está grávida de novo?

Shane sacudiu a cabeça em sinal afirmativo e O'Neill riu antes de comentar.

— Aí está uma coisa que sabemos fazer muito bem. Produzimos irlandeses com a mesma rapidez com que os ingleses os matam. Quantos bastardos você tem?

— Seis, ou oito — O'Hara respondeu indiferente.

— O mesmo que eu, além dos quatro rapazes tidos com as minhas esposas. Mas tudo é família, Shane, e só a ela poderemos recorrer no final de tudo. O que você acha que os O'Hara serão daqui a cem anos?

O outro sentiu-se constrangido. Importava-se apenas com o presente e não via propósito em ficar fazendo conjecturas sobre o futuro distante, ao ar livre, numa noite de chuva e ventania. O'Neill percebeu e acrescentou enquanto apontava para o cantil:

— Esqueça isso. Vamos beber à saúde dos jovens e ao presente em vez de pensar no que a História vai escrever, amanhã, sobre os velhos do passado.

Ambos tomaram grandes goles do líquido ardente na boca do próprio recipiente de pele de cabra antes que O'Neill falasse de novo.

— Qual é a sua opinião sobre os soldados em Dublin?

O'Hara respondeu de imediato:

— Acho que têm espadas mais velhas que as nossas, cavalos subnutridos e são pouco numerosos. Estou certo de que trocarão os mosquetes por rações maiores de alimento e bebida.

— Concordo com você. Penso ainda que o que falta a eles é um bom comandante como Vere ou Essex. Felizmente, eles vêm a Irlanda como um campo de batalha sem importância. Segundo a carta de O'Donell, de Londres, esses dois preferem argumentar a favor de uma provável guerra contra a Espanha do que se preocupar com Erin.

— Então vamos à luta? Mais uma vez o olhar de O'Neill assumiu a expressão vaga e perdida na escuridão da noite. Não mencionou o resto da mensagem de Rory O'Donell, pois O'Hara não compreenderia. O jovem rebelde em Londres havia visto muita coisa e amadurecido bastante durante

o período que passava naquela cidade. A carta era uma prova disso.

“... mas não importa o palavreado ou a impertinência deles porque são muito fortes. Conheci suas grandes propriedades. São vastas, lindíssimas e revelam riqueza imensa. Cheguei à conclusão de que uma guerra entre nós não será de irlandeses contra ingleses e sim um choque de civilizações. Uma é desgraçadamente atrasada enquanto a outra representa a nação mais poderosa e eficiente da Europa.”

O'Neill sorriu e sacudiu a cabeça mais para si mesmo do que para O'Hara que, impaciente, andava de um lado para o outro. “É”, refletiu, “o rapaz desenvolveu muito a inteligência lá em Londres.” Em voz alta, disse:

— Desculpe, Shane, eu me distraí com meus pensamentos. Você falou alguma coisa?

— Estava dizendo que, mesmo agora, em cada patíbulo, na Irlanda nascem mártires. Creio que é tempo de darmos alguns deles aos ingleses para que se lamentem também.

— É verdade, O'Hara, já está na hora. Ficamos de lado vendo os colonizadores ingleses, como formigas famintas, mudarem-se de Munster para o norte em direção a Ulster. Não podemos mais continuar impassíveis.

O'Hara soltou um grito exultante e debruçou-se sobre a pedra em frente a O'Neill.

— Já me mantive neutro tempo demais enquanto Red Hugh luta como um verdadeiro guerreiro. Estarei pronto para partir em dois dias.

— Que seja assim, então — O'Neill disse e levantou-se.

Embora seus pensamentos ainda estivessem um tanto tumultuados, ele desceu a colina ao encontro dos capitães do seu clã com passo firme. Quando os alcançou, leu nos olhos de todos o desejo de lutar. Eles o conheciam bastante para saber de sua decisão sem que ela fosse expressa por palavras.

Depois que montaram, dividiram-se em dois grupos e separaram-se. Atrás de si, O'Neill ouviu o grito de O'Hara.

— Para Balylee agora e, em dois dias, rapazes, Enniskillen e uma saca de cabeças inglesas.

O'Neill murmurou com suavidade para si mesmo:

— Muito pouco trigo e centeio serão semeados na época da festa de São Miguel e menos, ainda, cevada e lentilha.

— Disse alguma coisa, milorde?

— Não, estava apenas pensando em voz alta.

Quase todos os anos, a partida de Whitehall e o retorno da excursão de

verão da rainha eram determinados pelas condições meteorológicas. Havia ainda o fato de Sua Majestade gostar de comemorar o dia da sua ascensão ao trono, 17 de novembro, em Westminster.

Todavia, no ano de 1593, por questões de política interna e externa, foi preciso que voltasse mais cedo, em agosto.

Gloriana havia nomeado Edward Coke para o cargo de procurador geral e não Francis Bacon, o homem de Essex. O conde mostrava-se furioso e protestava, abertamente, contra a rainha e Cecil. Em qualquer outra época, não se daria atenção ao seu orgulho e sua vaidade feridos. Entretanto, as manifestações bombásticas que fazia agora, além de revelarem a ambição pelo poder e a fome de guerra, punham em perigo a popularidade já enfraquecida de Cecil, e até mesmo da rainha.

Ficava desagradavelmente claro para a soberana que o seu cortesão predileto e teimoso preferia cultivar a própria popularidade entre as massas do que com ela.

Acontecia ainda que Henrique de França havia sido coroado em Chartres e declarado o seu reino católico. Isso abria uma brecha para a renovação da guerra no canal da Mancha. A rebelião na Irlanda adquiria aspectos de guerra também e a Espanha ainda era uma ameaça.

Como se isso não fosse o suficiente, a peste mal tinha diminuído quando surgiu uma outra. As pesadíssimas chuvas de primavera e verão haviam destruído as colheitas por completo. Fome e doenças campeavam o país inteiro, e a rebelião interna pairava ameaçadora no ar.

Mesmo um estranho, um irlandês como Rory O'Donell, podia pressenti-la enquanto o séquito real se aproximava das muralhas de Londres.

Como sempre, a rainha deixou a carruagem e entrou na cidade numa liteira. As pessoas a aclamavam, mas não com o mesmo entusiasmo dos anos anteriores.

Até o lorde prefeito, quando lhe apresentou as boas-vindas, parecia desanimado e os representantes da cidade, ao lado dele, coravam constrangidos.

Porém, mais uma vez, Rory sentiu admiração pela soberana idosa. Embora estivesse claro a todos e, sem dúvida, à própria Gloriana, que a tolerância do seu povo se dissipava e que a sua popularidade atingia um nível baixo, seu discurso ao prefeito foi régio como sempre.

— Ferro — Rory murmurou para si mesmo ao se separar do cortejo em Cheapside e partir em direção a Newgate e Holborn mais adiante. — A mulher é feita de ferro!

O pátio da Haskins House apresentava uma calma estranha e um silêncio pouco comum. Até mesmo o cavaleiro que apanhou as rédeas do cavalo de Rory parecia diferente, pois murmurou algo ininteligível e desapareceu correndo.

O ambiente dentro da casa estava mais pesado ainda. Os criados, que já o conheciam tão bem, olhavam de soslaio e fugiam da sua presença.

Ele encontrou lorde Haskins no escritório, com expressão sombria e carregada. O velho senhor passou-lhe um cálice de conhaque, mas não. Lhe deu o costumeiro abraço.

— Ai, parece que o frio chegou mais cedo este ano — Rory murmurou, entre confuso e alarmado.

Haskins colocou o indicador sobre os lábios num pedido de silêncio e foi até a porta, de onde espiou o corredor. Satisfeito, por não encontrar ninguém que pudesse ouvi-los, passou o trinco de segurança na folha de madeira pesada.

Foi quando ele se voltou contra a claridade da janela que Rory reparou no quanto o semblante dele havia envelhecido. As rugas pareciam mais profundas nas faces encovadas e à volta dos olhos. As pálpebras estavam inchadas e os lábios caídos nos cantos.

— Pelo amor de Deus! Milorde não me parece nada bem!

— De fato, meu rapaz, sinto-me muito mal. Mas sente-se porque precisamos conversar.

Rory obedeceu. Tentou ignorar a fome que sentia e esconder o tremor das mãos provocado por maus pressentimentos.

— Tenho muitas notícias e a maioria ruim — Haskins informou ao sentar-se também.

— Sobre Southwell?

— Não. O pobre homem continua calado, embora só lhe reste parte do corpo e, sabe-se lá, quanto da cabeça.

— Garnet, então?

— Está no campo, porém só Deus sabe em que parte. Felizmente ninguém consegue localizá-lo. Entretanto, a língua solta e a fome de poder ainda vão derrubá-lo. Ele insiste em pedir a cabeça da rainha e prega isso por onde passa.

O velho homem serviu-se de mais conhaque e Rory manteve-se calado, à espera de que ele continuasse.

— O'Neill mandou uma mensagem avisando que nós dois devemos fugir da Inglaterra o mais depressa possível.

— Nós dois?! — Rory exclamou e soergueu-se um pouco para voltar a se sentar em seguida. — Então tudo começou?

— Quase — Haskins respondeu. — O'Hara está a caminho de Enniskillen. Dividiu as tropas em grupos pequenos para não levantar suspeitas. No entanto, *sir* James Blake e os espiões de Cecil pressentem algo. O próprio *sir* Robert veio me visitar hoje de manhã.

— E o que disse ele?

— Com muita discrição, aconselhou-me a entrar em contato com minha filha e convencê-la de vir com o filho para a Inglaterra. Segundo ele, estariam mais seguros aqui.

— De jeito nenhum! Em menos de uma hora eles seriam levados para a Torre como reféns.

— Sei disso e imagino que *sir* Robert também. Não posso mais fingir que meus filhos tornaram-se rebeldes por conta própria e sem a minha condescendência.

— Quer dizer que Deirdre e o filho ficarão por lá?

— Penso que sim. Nesse caso, eu irei para a Torre.

— Maldição! — Rory praguejou nervoso, ao mesmo tempo que batia uma das mãos fechada na palma da outra. — O'Neill não poderia esperar por apenas mais uma semana?

— Não creio que isso ajudasse muito. O cerco está se fechando à nossa volta. *Sir* Brian Russell morreu, em Calais, num duelo.

— Duelo com quem?

— Blake.

— Neste caso, foi puro assassinato.

— Com toda a certeza. Eu estou sendo vigiado noite e dia, e quando Cecil souber que O'Hara aliou-se ao seu irmão, serei preso. Na ocasião em que O'Neill também se juntar a eles, todo e qualquer irlandês aqui, não importa as declarações de fidelidade à Coroa que tenha feito, correrá risco de vida. É por isso que você deve fugir agora.

Rory foi até a janela e percorreu os olhos por Holborn. O número de pessoas que costumavam vagar por lá havia duplicado. Baixinho, comentou:

— Estamos mesmo sendo vigiados. — E, virando-se, perguntou: — O navio de Grace O'Malley chegou?

— Está ancorado perto de Whitehall Gate.

— Então vamos prosseguir com os nossos planos. A cidade e os campos à volta estão no ponto certo. Foi o que percebi ao me aproximar e entrar em

Londres. A pólvora encontra-se no lugar certo; só precisamos, agora, acender o estopim. Podemos mandar um mensageiro à procura de Ned Buli em Mile End?

— Não será preciso. O seu assaltante e Annie estão escondidos no meu porão há dois dias.

O pequenino bote a remos desceu a corrente do rio e passou por Whitehall Privy Stairs, o ancoradouro real, e pela barcaça requintada e confortável da rainha. Um pouco mais adiante, perto de Whitehall Gate, o escaler irlandês, ancorado, balançava suavemente com o movimento da água. As lanternas na proa e popa seguiam o gingar do barco.

Ao ver o navio de Grace O'Malley, James Blake não conseguiu evitar um sorriso. De algum lugar na escuridão, os seus homens vigiavam o embarcadouro.

Mas as feições dele se tornaram sérias enquanto se embrulhava mais na capa preta que usava, embora fosse um noite quente de agosto.

E se não tentassem desembarcar os panfletos? Pior ainda se os dois homens que trabalhavam para O'Malley, e que ele subornara, tivessem mentido a respeito da maneira com que os papéis seriam retirados da embarcação. Talvez, até, os malditos panfletos já estivessem em terra e sendo distribuídos.

Não, isso não era possível! O navio estava sendo vigiado durante vinte e quatro horas por dia, desde que chegara.

— *Sir*, o senhor disse Mylford Stairs? — o barqueiro conferiu.

— Exatamente — Blake replicou ao notar que passavam pelo Savoy Estate.

As luzes das casas grandes lançavam reflexos na água que o bote cruzava em direção da margem.

Minutos depois, Blake subia, devagar, os degraus que levavam do rio ao topo do paredão de pedra que o ladeava. Olhou por cima do ombro para ver se o barqueiro não o seguia. Satisfeito ao constatar que o homem já se afastava rio acima, retrocedeu pelos degraus que acabava de escalar.

Subiu numa saliência no meio do paredão e segurou-se nas pedras da superfície. Bem devagar, Blake foi se locomovendo assim dependurado até alcançar as escadas que ligavam o rio aos jardins e casas do Mylford Stairs.

Ninguém poderia vê-lo naquela escuridão, mas mesmo assim percorreu os olhos à volta para certificar-se de que não estava sendo observado.

A precaução de Blake era necessária. Não seria nada bom se *sir* Robert Cecil descobrisse que o seu espião mais competente fazia uma visita

clandestina e noturna ao seu inimigo ferrenho, Robert Devereux, o conde de Essex.

Blake passou pelo portão de ferro que dava acesso aos jardins atrás da casa. Valendo-se das sombras de teixos e arbustos, chegou até a porta de entrada. Não tocou o sino e sim deu três pancadas secas, na madeira, com os nós dos dedos. Quase no mesmo instante, a porta se abriu.

— Entre. Que diacho, Blake, está atrasado. Há mais de quinze minutos que o espero postado aqui.

Quem o recebia era o conde de Southampton. Como todos os indivíduos empertigados, perdulários e vadios que Essex mantinha à sua volta, este aqui se considerava um grande patrono das artes, um gênio como poeta e um valente espadachim.

Blake, entretanto, era de opinião que todos eles, exceto os astuciosos irmãos Bacon, não passavam de um bando de imprestáveis. Infelizmente, precisava deles essa noite.

— Peço que me perdoe, milorde. Para manter minha vinda aqui em segredo, precisei dar uma grande volta.

— Está bem, apenas me cansei de ficar neste maldito vestibulo, ainda mais no escuro.

De fato, a única iluminação provinha de uma lanterna que o conde segurava. Isso mostrava que Essex também estava sendo precavido. Ninguém poderia desconfiar do que se passava na casa imersa na mais profunda escuridão.

Guiado por Southampton, Blake subiu as escadas para o segundo pavimento. Lá, ambos, como dois espectros, atravessaram os salões da antiga casa do bispo. Mesmo com a parca luz da lanterna, Blake podia avaliar o luxo do ambiente e o quanto a restauração do lugar havia custado. Era bem verdade que bem pouco tinha sido pago, pois, como se sabia, Essex não passava de um exímio tapeador de credores.

Southampton entrou numa sala iluminada e Blake o seguiu. Em apenas um segundo, o seu olhar registrou tudo. Os irmãos Bacon, a uma mesa, curvavam-se sobre uma pilha de papéis, e Essex, encostado num consolo de carvalho, conversava com *sir* Christopher Blount.

— Sua visita está aqui — Southampton anunciou, deixando a sala em seguida.

— Ah, Blake.

Mesmo estando em casa, Essex vestia-se como se fosse para um campo de batalha. Aproximou-se de Blake e disse:

— Devo confessar que fiquei muito surpreso e intrigado com sua carta. Não me diga que pretende abandonar o navio político do nosso corcundinha.

— Não exatamente, milorde.

Blake observou o nariz aquilino, os lábios grossos que se apertavam e a barba ruiva sobre o queixo arredondado. Depois olhou para Blount.

Quando Essex concordara com a reunião tinha também aceitado a escolha de quem deveria estar presente, e *sir* Christopher Blount não constava da lista.

Essex percebeu o olhar de Blake e bateu-lhe no ombro.

— Ora, homem de Deus, afinal de contas *sir* Christopher é casado com minha mãe e por isso confio nele.

Blake não ficou muito satisfeito, mas se deixou levar a uma cadeira, onde sentou-se.

— Aproximem-se, cavalheiros, e vamos ver que revelações Blake vai nos fazer,

O visitante percebeu que o conde não usara ainda o seu título de “*sir*” e nem lhe oferecera vinho. Já esperava por isso. A vida toda fora alvo da falta de consideração dos nobres e isso apenas instigara a sua ambição.

Com um último olhar para Blount, Blake lançou-se à narração de sua história. Dirigia-se tanto a Essex como a Francis Bacon, pois sabia que a última palavra caberia ao segundo.

A reação dos ouvintes não passava de acenos de cabeça ou de algumas exclamações comedidas, porém quando o nome de Haskins foi mencionado, Essex levantou-se aos gritos:

— Eu sabia disso há anos! Esse velho idiota já era um traidor muito antes de a cabeça do filho ser espetada na ponte de Londres.

— Por... por favor, *sir*, con... continue — Bacon gaguejou, em tom de voz comedido.

Blake mencionou as fontes de informação» isto é, o mensageiro Cormac e os dois marinheiros de Grace O'Malley.

Exceto pelas exclamações ocasionais de Essex, o resto foi ouvido em silêncio. O conde afirmava que a revelação de Haskins como traidor teria muito mais repercussão do que a queda de Lopez, o médico da rainha.

Meses atrás, Essex e os irmãos Bacon haviam descoberto uma suposta trama de Lopez para envenenar a rainha. Como sempre, provas cabais não interessavam ao conde, que lutava para reconquistar as boas graças da soberana. Tanto ela como Cecil não deram importância às acusações, porém Essex continuou na campanha contra o médico.

Na época, a cidade toda estava entusiasmadíssima com uma nova peça teatral, *O Judeu de Malta*, de Christopher Marlowe.

Essex explorou essa situação até que o povo identificasse Lopéz, que era judeu português, com o personagem da peça e exigisse a cabeça dele.

Mesmo relutante, o rainha acabou assinando a sentença de morte do médico, com o que Essex saiu vitorioso. Aos olhos do povo, ele passou por herói, embora na Corte o sucesso fosse desprezado.

Blake procurava agora ganhar a cooperação do conde baseado nesse fato. Podia prever como Essex tramaria a queda de uma personalidade da magnitude de Haskins a fim de provar que sua habilidade em assuntos de Estado sobrepujava a de Cecil.

O conde aprovou o plano antes mesmo de ouvi-lo, mas, como Blake esperava, Francis Bacon foi mais precavido.

— Diga uma coisa, *sir*... *sir* James. Por que procurou milorde Essex para tratar deste assunto? Tenho certeza de que *sir* Robert Cecil o recompensaria regamente se lhe passasse as informações.

— Concordo — Blake disse, e parou um instante para pesar bem as palavras. — Conhece o irlandês Rory O'Donnell?

— Conheço — disse Bacon.

— Como eu também. Não acabei de vez com esse indivíduo para não provocar a irritação da rainha e por causa do medo de Cecil de que os irlandeses se revoltam — Essex interferiu.

— Mas é isso que desejo — Blake disse com um sorriso. — Se os soldados da rainha prenderem O'Donnell, mesmo com as acusações graves que pesam sobre a cabeça dele, a pena máxima será confinamento na Torre.

— Então o se... senhor está interessado na morte deste irlandês? Por quê? — Bacon indagou.

Mais uma vez, Blake correu os olhos pelos presentes. Não podia contar-lhes dos planos de se casar com *lady* Hatton quando ela enviuvasse, e que havia descoberto que a senhora em questão e O'Donnell eram amantes. Também suspeitava que o amor que os unia era profundo, podendo colocar o irlandês em posição de impedi-lo de efetuar tal casamento. Por conseguinte, Blake não poderia ficar com a fortuna e as terras de *lady* Elizabeth. Por isso, disse apenas:

— Na minha opinião, O'Donnell vivo é mais perigoso para os negócios de Estado do que o ódio dos irlandeses provocado pela morte dele.

— Bravo! Exatamente minha maneira de pensar. Cortem-se as cabeças das serpentes e os corpos não oferecerão perigo — Essex declarou

entusiasmado.

— Pacto feito, então, sendo que o meu pagamento é o seu silêncio sobre mim? — Blake quis saber.

— E a morte de O'Donnell também — Essex acrescentou.

— Sim, milorde.

Apenas os olhos do conde de Essex mexeram-se e fitaram Bacon. Este, com um sinal quase imperceptível, deu o seu aval. Essex encarou Blake de novo.

— Barganha feita. Aceita um pouco de vinho, *sir* James?

CAPÍTULO XXVI

Os joelhos de Annie tremiam tanto ao atravessar o passadiço que ela mal podia andar com firmeza. Estava certa de que parecia qualquer coisa menos um pajem irlandês a serviço de Grace O'Malley. Até ali, havia sido interpelada, mas não a fizeram parar.

Correra como um coelho assustado para atravessar a escuridão do parque St. James e rodear os jardins privativos da rainha. Precisara pular um muro a fim de pegar a trilha que levava até o alto das escadas do cais de Whitehall.

Esse trajeto complicado era para dar a impressão de que «la vinha de Stone Gallery, onde o banquete real estava ainda em andamento.

Fora interpelada pela guarda da rainha quando começara e quando terminara de descer a longa escadaria. Ambas as vezes, respondera com um linguajar atrapalhado, numa tentativa de imitar o sotaque gaélico. Isso, o estilo das roupas e a maneira com que Rory lhe penteara os cabelos, escovando-os para a frente numa franja caída na testa, foram suficientes para convencer a guarda.

Agora, ao aproximar-se da amurada onde outros homens guardavam o navio, rezava para que O'Malley não tivesse mudado de idéia. A visita da rainha pirata de Connaught a Gloriana era do conhecimento geral. Sabia-se que ela queria fazer um tratado de paz com a Inglaterra, em troca da devolução de suas terras e da promessa da soberana de que *sir* Richard Bingham, desse dia em diante, não a perseguiria mais.

Graças à insistência de O'Neill, Grace O'Malley Concordara em prestar esse último serviço à causa irlandesa, mesmo sendo o propósito dessa sua viagem prestar juramento de fidelidade à Inglaterra. A única condição imposta pela pirata era de que nem ela nem a tripulação do barco teriam conhecimento da natureza da carga ilícita. Apenas os dois homens colocados a bordo por O'Donnell teriam ligação com o contrabando dos panfletos.

Annie esperava que o homem de aparência estranha de quem se aproximava fosse um dos tais dois. Entrou em pânico quando — ele levantou a mão cabeluda e a interpelou em gaélico, pois não entendia uma só palavra dessa língua.

Respondeu numa voz sem inflexão alguma e com a frase em gaélico que

Rory a tinha feito decorar.

- Procuo Seamus Burke para entregar a encomenda vinda de Donegal.
- Está bem, rapaz. Você pode encontrá-lo a meia-nau do lado do porto.

De novo, Annie não entendeu uma palavra sequer, mas foi em direção dos gestos do homem.

Comparado com as grandes galeras inglesas de muitos mastros, o navio de O'Malley era bem pequeno. Possuía apenas um traque te e um mastro principal. Era movido, em grande parte, por quarenta, ou mais, remadores, que viviam, comiam e dormiam onde trabalhavam quando no mar, isto é, nos bancos de madeira junto aos remos que puxavam.

Annie passou entre grupos desses homens que, parados agora, conversavam, bebiam ou jogavam dados. Teve a impressão de que nenhum deles dera importância a sua pessoa. Rodeou o mastro e ergueu-se até alcançar o passadiço que corria ao longo do fosso dos remadores.

Não foi preciso procurar Seamus Burke porque ele a reconheceu pela gola vermelha da jaqueta.

— Por aqui, rapaz, pela popa e abaixo. Pode me seguir. Annie respirou aliviada e foi atrás dele, que caminhava depressa

com os pés descalços. Ainda bem que Seamus falava inglês, embora mal, e também não percebia que ela era mulher.

Entraram por uma escotilha e desceram uma escada imersa em quase completa escuridão. Lá embaixo, Seamus acendeu uma lanterna, com uma manga espessa para não espalhar a claridade, e fez sinal para que Annie o acompanhasse.

Seguiam agora por uma passagem estreita cujas laterais eram de madeira áspera e que cheirava o calfeto usado para preencher as frestas entre as tábuas e assim impedir a entrada de água. Lá embaixo, o barco balançava mais, o que provocou um início de enjôo em Annie.

- Estão aqui, sob estas velas. Ajude a tirá-los — Burke mandou.

Depressa, os dois desenrolaram a vela de reserva e encontraram os dois pacotes grandes, feitos com pele de animal e amarrados com linha torcida a mão.

— Nem acredito que esteja me livrando disto. Temos homens do dá O'Flaherty no navio e não confio neles.

- Como assim? — Annie interpelou.

— Eles mudam conforme o vento e se vendem por qualquer dinheiro. Vamos até aquele buraco de lixo.

Empurraram os pacotes até uma portinhola estreita e fechada no lado do

navio e bem acima do nível do chão. Antes de abri-la, Burke apagou a lanterna. Quando soltou a tranca, ela se escancarou e Annie olhou para fora. Não havia quase luminosidade, pois estavam do lado que dava para o centro do rio e não para a margem onde as luzes de Whitehall e do cais brilhavam.

— Já localizou seus companheiros? — Seamus indagou.

— Já. Estão no meio do rio, na direção da barcaça da rainha — Annie respondeu.

— Então, vamos em frente.

O homem levantou os dois pacotes até a abertura. Depois, devagar, desceu-os presos a uma corda. Quando chegaram à superfície da água, ele avisou:

— Sua vez agora, rapaz.

Antes que Annie desse acordo de si, estava sendo levantada no ar e as pernas enfiadas pela portinhola. Os braços fortes de Seamus a carregavam sem a menor dificuldade. De repente sentiu-se meio solta, sobre a água, enquanto o homem praguejava e dizia entre dentes:

— Maldição! Você é mulher!

Só então Annie percebeu que os braços dele estavam à volta do seu peito e podiam sentir os seios.

— Isso mesmo, Seamus, mas posso nadar como um peixe.

— Você pode ser inglesa, porém tem o tutano de uma irlandesa. Que Deus te acompanhe!

Annie mergulhou perto dos pacotes, subiu entre eles e começou a nadar.

Rory mantinha-se encolhido sob o toldo do barco de recreio, de três remos, enquanto Ned e dois dos rapazes dele mantinham a embarcação em posição firme na correnteza do rio. Duas vezes, outros barqueiros os tinham xingado por atrapalharem a passagem. Preocupado, Ned comentou:

— Mesmo a esta hora, há muito movimento no rio.

— É verdade — concordou Rory. — Creio, porém, que isso vai nos ajudar um pouco quando estivermos descendo a correnteza. Vamos chamar menos atenção entre outros barcos.

— Sei, mas primeiro a menina tem de nos achar.

Rory olhou para Ned e notou-lhe a preocupação. O que Annie estava fazendo era muito arriscado, embora necessário. Se o barco de O'Malley estivesse sendo vigiado, a moça era a única pessoa a não ser reconhecida.

— Calma, Ned, Annie vai nos encontrar. Ela é uma moça corajosa e esperta.

— Tem razão — Ned assentiu com um sorriso.

— Olhem lá! — disse um dos rapazes — Acho que ela vem vindo.

Todos olharam na direção indicada e viram os dois pacotes balançando na correnteza e um rosto miúdo entre eles.

— Annie, você está bem? — Ned Buli gritou.

— Estou — respondeu ela enquanto nadava com os pacotes em direção à popa.

Annie levantou a corda que os prendia e Rory a apanhou, içando-os, em seguida, para o barco. Depois indagou da moça, que continuava na água e seguiria a nado, atrás deles, já que o barco não comportava mais uma pessoa:

— Muito frio aí, Annie?

— Tanto quanto um banho de manhã cedinho — ela respondeu, batendo queixo.

— Agüente firme, logo tiraremos você da água. Vamos embora, rapazes — ordenou satisfeito.

James Blake encontrava-se numa janela do sótão, na parte de trás da casa de Essex, e olhava através de uma luneta.

— Pode... pode reconhecer os rostos? — Bacon indagou.

— Não, a distância é muito grande.

— Em ...então, co... como pode ter certeza?

— Só podem ser eles. O barco, sem razão alguma, ficou muito tempo no meio do rio.

— Mas o... o senhor viu tra... trazerem os pa... pacotes para o barco? — Francis Bacon gaguejou de novo.

— Não, mas são eles — Blake tornou a afirmar. — Dê o sinal combinado a milorde Essex. Eu vou para a Haskins House.

Levaram um grande susto quando alcançaram a correnteza forte sob a Ponte de Londres. Um dos rapazes afundou demais o remo e desequilibrou o barco. A popa começou a virar de um lado para o outro e, se não fosse a força hercúlea de Ned Buli, que com o outro remo estabilizou o bote, teriam caído no rio.

Eles iam em direção a Billingsgate, uma das três docas usadas por barcos de maior calado para desembarcar mercadorias vindas do exterior. Ficava entre a Ponte de Londres e a Torre e, a esta hora, estaria deserto.

— Para o cais pequeno, rapazes — Ned Buli orientou, imprimindo mais força ao próprio remo.

Como um camundongo entre elefantes, o barquinho rodeou as grandes embarcações e alcançou o seu destino.

Todos se moveram ao mesmo tempo. Rory apanhou um embrulho com

roupas secas, apagou as lanternas e pulou do barco para as escadas. Ned ajudou Annie a sair da água enquanto os dois rapazes transportavam os pacotes dos panfletos.

— Ah, minha menininha corajosa — Ned Buli exclamou ao beijar os cabelos molhados de Annie. — Quando a trabalhadeira desta noite terminar, o velho Ned vai lhe dar uma ração extra dos prazeres da cama.

— Por enquanto acho bom me dar roupas secas antes que eu morra de frio — Annie respondeu com um riso feliz.

Rory passou a Ned o resto das roupas do pacote. Os dois rapazes já tinham trocado as de barqueiro para as de cocheiro e desaparecido na escuridão.

Num instante, Annie livrou-se das peças ensopadas e calçava meias quando ouviu o riso de Rory.

— Parece, Annie, que você está se dando bem com esta confusão toda. Acho que engordou um pouco.

Annie corou e ia responder brava, porém viu que Ned, tão nu quanto ela, também sorria.

— Para o inferno vocês dois — exclamou ela, mas não conseguiu ficar séria. Entre risinhos abafados, acabou de se vestir.

Ned vestia agora uma roupa azul típica de um fazendeiro e Annie, com um colete branco e cinturão vermelho, assemelhava-se a um pajem carregador de tochas em carruagens. Depressa, ela enfiou os cabelos molhados sob o chapéu de abas largas e enfeitado com uma pena branca.

— Prontos? — Rory perguntou.

— Sim, senhor — ambos responderam juntos.

— Ótimo, eles já chegaram com a carreta. Vamos embora!

— Milorde há de se arrepender deste dia — Haskins vociferou. — Ainda existem leis na Inglaterra e uma delas proíbe a invasão da casa de um homem.

— Por favor, refreie essa sua língua tagarela, velho — o conde de Essex ordenou com insolência enquanto olhava, pela janela, o pátio e os jardins atrás da Haskins House. — Quando eu mostrar as provas da sua perfídia à rainha, ela não vai se importar se eu as vim procurar sem o mandado real.

Para dar mais ênfase às suas palavras, o conde sacudiu um dos panfletos em frente ao rosto de Haskins.

Este mordeu o lábio e observou os dois homens que guardavam a porta. Reconhecia que o conde tinha razão, embora o papel que ele mostrava não tivesse sido achado ali. O fato era que Rory logo chegaria com uma infinidade

deles.

Essex afastou-se da janela e foi até uma mesa. Com displicência, passou os dedos pelas jóias e dinheiro que havia encontrado na bagagem acomodada no coche, lá no pátio pronto para partir, e que trouxera de volta para a casa.

— Dinheiro para viajar, milorde? Para onde ia fugir, França, Espanha, ou, quem sabe, Irlanda, a terra paga? — Essex perguntou com um sorriso maldoso.

— Eu apenas ia ao campo.

— Que diacho, homem! Por quem me toma? Algum idiota, por acaso? Ninguém viajaria de dia, muito menos à noite quando as estradas estão infestadas por assaltantes, levando uma fortuna tão grande assim.

Haskins não tinha resposta para dar. Suspirou e deixou o corpo cansado cair numa cadeira. Tudo estava acabado e não havia nada que pudesse fazer. Uma coisa, entretanto, o intrigava e era o fato de estar sendo desmascarado por Essex, e não por Cecil e os soldados da rainha.

Um terceiro homem apareceu.

— Milorde.

— Sim? — Essex indagou.

— Eles estão chegando com uma carreta.

— Quantos são e a que distância estão?

— Quatro e já se aproximam do estábulo.

Rory e Ned prenderam bem o pacote de panfletos no compartimento de bagagem, sob a boléia, da carruagem de lorde Haskins. O outro já estava a caminho de uma taverna em Bankside. Lá ele seria parcelado entre a distribuição na manhã seguinte. Este, eles entregariam a um grupo que os esperava entre Londres e Chester.

— Annie, vá avisar lorde Haskins que estamos prontos. Diga-lhe que venha logo.

Os dois, enquanto isso, fizeram uma última inspeção nos arreios e nas armaduras dos cavalos.

O tempo passou sem que Annie voltasse com lorde Haskins e nem o rapaz de Ned, que tinha ido ao estábulo vestir-se como lacaios a fim de acompanhá-los.

— Vá ver por que o moço está demorando tanto, Ned, e eu vou chamar os outros dois.

— Está bem.

Rory subiu os degraus do terraço largo para onde dava a porta dos fundos da Haskins House, e já ia cruzá-lo quando uma janela acima dele se

abriu e o dono da casa apareceu.

— Fuja, meu rapaz, nós fomos traídos!

Antes que o pobre homem pudesse acrescentar mais alguma coisa, foi puxado para dentro. Simultaneamente, a porta se abriu para dar passagem a um bando de homens armados. Rory desembainhou a espada, porém viu de imediato que não poderia enfrentá-los sozinho. Virou-se e correu para o estábulo enquanto chamava por Ned.

À esquerda, ele viu algo branco que caía de uma das janelas do primeiro andar. Não teve tempo de verificar de quem, ou do que se tratava, pois as portas do estábulo se abriram e mais quatro homens saíram ao seu encontro.

Graças ao impulso com que corria, Rory conseguiu atravessar a barreira que faziam e enterrar a adaga no corpo mais próximo à esquerda. Ouviu-se um grito de espanto e dor. A vítima caía ao mesmo tempo que Rory alcançava Ned. Este, também no chão, entreabriu os olhos e gemeu.

— Eu não vi esses desgraçados, meu rapaz.

— Você pode se levantar? — Creio que sim.

Rory estendeu a mão e ajudou o companheiro a pôr-se de pé. A porta do estábulo estava coalhada de homens armados que se moveram como uma muralha ao encontro dos dois.

De repente estampidos e fumaça encheram o ar. Ned havia atirado com suas duas pistolas, à queima-roupa, sobre os homens. Dois tombaram e os outros pararam por um momento.

— Vamos embora, rapaz — Ned gritou.

Ambos brandindo a espada curta conseguiram alcançar o jardim, onde Rory desembainhou o florete. De costas um para outro, lutaram ferozmente até que se viram de encontro ao muro que cercava o jardim.

— Pule e fuja — Ned gritou a Rory.

— Não sem você.

— Não seja idiota! Eu só vou ser condenado à prisão em Fleet, mas você vai para a forca!

Com um grito ensurdecedor, o homenzarrão atirou-se contra os atacantes.

Foi nesse momento que Rory viu Essex aproximar-se pela direita, acompanhado de mais homens. Surpreso, sentiu uma curiosidade estranha, mas não teve tempo para conjeturas.

Deu um passo à frente e enfrentou-os. A luta, pela disparidade de números, estava perdida, mas talvez conseguisse dar cabo de Essex, raciocinou.

O barulho estridente de metal se chocando e os gritos dos feridos quebravam o silêncio da noite.

Passado mais algum tempo, Rory percebeu que não via mais Ned à sua esquerda e que os ruídos da luta pareciam amainar. Havia uma fenda no muro e Rory atravessou-a e alcançou o outro lado escuro. Ficou parado uns segundos, à espreita, porém ninguém o seguiu.

— Muito bem, irlandês, pelo que vejo já sabe usar a arma de um cavalheiro de estirpe.

Rory virou-se, surpreso, para se deparar com James Blake, que já empunhava o florete. A presença dele satisfazia-lhe a curiosidade sobre o fato de Essex também se encontrar ali.

— Então, Blake, você traiu *sir* Robert? Qual foi a grande recompensa oferecida por milorde Essex que o cegou?

— A sua cabeça, irlandês. *En garde!*

O homem parecia ter a agilidade de uma serpente no bote e brandia o florete com a velocidade do relâmpago. Rory aparou o golpe com a adaga no último segundo e pulou de lado para revidar. Entretanto, antes que o pudesse fazer, Blake já havia se virado e a lâmina dançava à sua frente de novo.

Rory contava com a vantagem de energia e força. Algumas investidas e golpes de defesa o ajudaram. Mas logo ficou evidente que a agilidade e perícia de Blake começavam a fazer efeito.

Enquanto o florete vibrava diante dele e o empurrava cada vez mais para trás, Rory percebeu que Blake não tinha a mínima intenção de se divertir, como naquele dia distante em que chegara a Londres. Os golpes floreados que lhe haviam cortado a roupa e a pele tinham desaparecido e cada investida de agora alvejava o seu coração.

— Você melhorou, irlandês, porém ainda rebate muito devagar e com peso à direita.

Para ilustrar o que dizia, Blake fez três investidas rápidas acompanhadas de batidas com o pé direito no chão. A cada uma delas, Rory recuou para trás.

— As suas terceira e sexta posições estão muito abertas e o deixam dependente da adaga para aparar os golpes. Naturalmente isso pode ser corrigido.

Um passo ao lado e um silvo agudo. A defesa de Rory foi desviada com facilidade e uns quinze centímetros da lâmina de Blake lhe atravessaram o pulso. Retrocedeu ao mesmo tempo que sua adaga caía, mas se viu cerceado pela mureta de uma fonte.

— Lamento, irlandês, porém você continua muito bronco para um

esporte de cavalheiros. *Touché!*

A investida materializou-se de fato e, se Rory não tivesse tropeçado ao tentar se defender, a arma inimiga lhe teria atravessado o coração. No entanto, isso não impediu que a ponta atingisse uma costela e o florete vergasse para cima.

Rory soltou um grito provocado muito mais pela visão da espada versátil entrar-lhe no corpo do que de dor. Numa ação reflexa, jogou a sua própria no chão e segurou a de Blake a fim de impedir uma penetração maior.

— Ah, que pena, todavia uma atitude justa. Não tem importância — Blake declarou ao largar o cabo do florete para desembainhar a adaga. — Isto terminará com você.

A nova arma subiu segura pelas duas' mãos e Rory, um alvo certo, não podia fazer nada para impedir a descida dela. Então, como se estivesse revivendo uma cena conhecida, algo branco surgiu atrás do seu ombro e o silêncio da noite foi quebrado por um estampido.

Blake soltou um grito de dor, largou a adaga e levou ambas as mãos ao lado esquerdo da cabeça ensangüentada. Rodopiou gemendo de dor, ajoelhou-se e, finalmente, caiu de bruços na grama, onde ficou imóvel.

Rory virou-se e, através da névoa que se formava em seus olhos, viu Annie com o mosquete enfumaçado nas mãos.

— Eu estava atrás dos arbustos e devia ter atirado antes, mas achei que, se não fosse bem de perto, não acertaria nele.

— Ainda bem que não errou. Onde está Ned?

— Vivo, eu penso. Eles o levaram para a casa. Você tem de fugir, Rory. Vi um cavalo no portão que dá para a campina. Deve ser desse desgraçado. Você agüenta montar?

— Não com isto aqui — ele respondeu e apontou para o florete fincado no peito.

Até agora o comportamento de Annie tinha sido heróico graças à calma mantida. Todavia, a visão do ferimento de Rory mais a incerteza sobre o destino de Ned deram fim ao seu controle emocional. Cobriu o rosto com as mãos e ajoelhou-se, aos soluços, aos pés dele.

— Annie...

Ela lhe empurrou a mão do ombro e entregou-se a um pranto desesperado, quase histérico.

— Por favor, Annie, eu devia estar morto. Blake tinha a firme intenção de me assassinar. Logo virão procurar o meu corpo aqui. Precisamos fugir.

— Não sem o meu Ned.

— Você precisa. Depois eu darei um jeito de salvar Ned — ele prometeu enquanto tentava dar um passo, mas caiu com um grito de dor.

No mesmo instante, Annie estava ao seu lado.

— Deus do céu! Seu peito está todo ensangüentado!

— Você tem de tirar isto daqui — Rory disse pondo a mão dela no cabo do florete.

— Não! Não vou conseguir!

— Se não fizer, vamos morrer os dois aqui. Caso Ned esteja vivo, vai apodrecer na prisão de Fleet. Não haverá ninguém para ajudá-lo.

Essas palavras a fizeram voltar à razão.

— Como vou tirar isso?

— Ponha a mão esquerda no meu peito, à volta do florete, e com a direita puxe-o com força e de uma vez só.

Embora estivesse trêmula, ela obedeceu. Por causa das lágrimas, não via direito, então fechou os olhos e puxou a lâmina. Ouviu um gemido abafado e achou-se com o florete livre na mão. Alarmada, percebeu que o sangue corria ameaçador do ferimento de Rory.

— Ataduras.,. panos para estancar a hemorragia — Annie murmurou para si mesma.

Com uma força de que fiem se sabia capaz, ela rasgou o colete em tiras que, emendadas, passou à volta do peito de Rory, cobrindo-lhe o corte. Depois passou o cinturão vermelho sobre a atadura improvisada e prendeu tudo o melhor que podia. Também sem saber como, ajudou-o a ficar em pé.

— Dá para andar, O'Donnell? Vou levá-lo até o cavalo, mas é uma viagem muito longa para Chester.

Rory resmungou qualquer coisa sobre uma echarpe, porém Annie não conseguiu entender.

Embora a distância até o portão onde estava o cavalo fosse curta, a caminhada dos dois foi difícil e levou tempo. Por duas vezes Rory caiu e Annie, com grande esforço, fê-lo ficar de pé novamente. Rangendo os dentes, ela amaldiçoou os ingleses, os irlandeses, Rory e a si mesma.

Por um acaso da sorte, encontrou perto do portão uma escadinha usada “por senhoras para montarem. Com a ajuda dela e do estado semiconsciente de Rory, conseguiu pô-lo em cima do cavalo, porém ele quase caiu do outro lado. Depressa, tirou as meias, emendou-as e com elas prendeu juntos os tornozelos de O'Donnell sob a montaria.

Annie deu um passo para trás e percebeu que ele não conseguiria ir

sozinho. Teria de acompanhá-lo. Correu de volta à fonte para apanhar um casaco grande e grosso de lã que o outro homem havia despido antes do duelo.

Ao passar pelo corpo dele, ouviu um gemido. “O maldito está vivo!” E o olhar dela caiu na adaga ao lado.

Antes, entretanto, que pudesse decidir o que deveria fazer, ouviu a voz fraca de Rory.

— Annie, aonde você foi?

— Já vou! — respondeu.

Esqueceu-se do homem caído ao seu lado e, com os olhos cheios de lágrimas, olhou pela última vez a Haskins House,

CAPÍTULO XXVII

Por uma semana inteira, Rory passou por períodos intermitentes de sono e delírio agitados. Três vezes a febre atingiu nível tão alto que Elizabeth, com o coração apertado, correu à capela para rezar por ele.

“Deus misericordioso, peço-lhe que ouça as súplicas desta mulher pecadora num momento de aflição profunda. Não importa o que Rory O’Donell tenha feito, eu lhe imploro que não o deixe morrer, pois fui eu quem pecou e não ele. Eu prometeria nunca mais cometer esse pecado imenso aos seus olhos, porém estaria mentindo e isso seria um erro maior ainda. O meu amor por esse homem é tão grande que não consigo aquietar o desejo que sinto por ele. Acredito, Senhor, que ele é um homem escolhido entre muitos e, por isso, preso a um compromisso de honra. Tenho certeza de que agiu forçado por necessidade imperiosa, mas percebo que não mente quando fala do amor enorme sentido por mim. Poupe-o, Senhor, pois se ele morrer a minha tristeza será inconsolável.”

No oitavo dia, Rory recobrou a consciência o suficiente para reconhecer onde se encontrava, porém logo caiu de novo em sono profundo. Na manhã do dia seguinte, ele murmurou umas palavras incoerentes e a febre começou a diminuir. Nessa noite, ainda um tanto em estado de delírio, conseguiu tomar um pouco de sopa, dada por Elizabeth com o auxílio de Honor.

Sir William e toda a criadagem que viera para a visita da rainha já haviam voltado a Londres, portanto ele não constituía problema para a presença de Rory. Elizabeth desculpou-se por não acompanhá-lo alegando o término da reforma do chalé como desculpa. Naturalmente, ela interrompeu os trabalhos com a justificativa de precisar de uns dias de calma e silêncio para recuperar »as energias gastas durante a estada de Gloriana em Holdenby. Então, mudou-se para o quarto da pequena casa, semi-reformada, ao lado de Rory.

Premida pelas circunstâncias e a pedido de Elizabeth, Honor pediu ao noivo, Charles, que as ajudasse nesse período difícil. Ele era um camponês forte, inteligente, de expressão franca e um amor sem limites por Honor. Aceitou a incumbência e quase nada perguntou a respeito do estranho visitante. Apenas ele e Honor tinham permissão para entrar no chalé. Os criados da casa não deram grande importância ao caso, pois durante o verão

havam se acostumado aos caprichos estranhos de *lady* Hatton.

Na tarde do décimo dia, Rory acordou completamente. Elizabeth estava à janela quando o ouviu pronunciar o seu nome. Correu para o lado da cama, onde se ajoelhou.

— Meu amor...

— Elizabeth, eu sinto muito.

— Pelo quê? Por ser um desgraçado espião irlandês? Mais de uma vez, você, praticamente, me confessou a verdade. Eu apenas não queria reconhecer isso para que nada de fora interferisse na nossa vida aqui no chalé.

— Não, eu lamento ter vindo para cá e posto você também em perigo.

Elizabeth, disposta a não chorar, disse meio petulante:

— Não seja convencido! Eu sou *lady* Elizabeth Hatton e ninguém ousaria pensar que dei abrigo a um rebelde.

Rory sorriu e perguntou:

— Quanto você sabe da verdade toda?

— Que provocou uma caçada excitante de todos eles, especialmente de meu tio, atrás de você. Todavia, eu acho que, sob a aparência de honra ultrajada, Robert o admira.

— E o que dizem em Londres?

— Na Corte afirmam que você não passa de um espião rebelde irlandês aparecido a fim de enganar a todos com seu encanto e palavreado. Assim se iludiriam quanto à melhor solução para a Irlanda. Nas ruas, Essex exige sua cabeça.

— Preciso fugir daqui. Se me acharem...

— Não se preocupe, isso não vai acontecer.

— Tenho medo de que *sir* Robert suspeite de você e de mim.

— Ele não desconfia, mas sabe do nosso relacionamento. Meu tio prefere que você volte para a Irlanda antes que a guerra lá tome proporções maiores e esgote o tesouro real.

— Como você pode ter certeza disso?

Elizabeth levantou-se e foi buscar uma carta, que leu:

“Minha querida Elizabeth,

Imagino que você não esteja a par dos últimos acontecimentos ocorridos em Londres, por isso estou lhe escrevendo a fim de informá-la de tudo.

Parece que o nosso simpático irlandês, Rory O’Donell, é realmente um espião

aliado aos seus compatriotas rebeldes. Com o auxílio de lorde Haskins e de criminosos das ruas, ele espalhou a semente de rebelião entre o povo. Em parte, obteve algum êxito, pois milhares de panfletos de incitação popular correm de mão em mão, provocando palavras de apoio. Todavia, como outros movimentos semelhantes durante o reinado de nossa soberana, não creio que este se transforme em algo sério.

Quanto ao nosso irlandês, o que aconteceu foi o seguinte: Blake, homem a meu próprio serviço, descobriu a traição de O'Donell e resolveu aliar-se a Essex em vez de levar o problema à Corte. Se ele viver, o que é duvidoso por causa do grave ferimento sofrido no duelo, perderá o título de "sir" e será enviado como capitão à guerra na Irlanda. Um pagamento justo pela perfídia cometida.

Lorde Haskins encontra-se preso na Torre e O'Donell escapou. Embora Blake mal pudesse falar, contou que o irlandês sofreu também ferimentos graves, o que o impossibilitaria de viajar. Até agora, Essex o procura pela cidade toda e pelos campos à volta. O conde exige a cabeça dele e duvido que, desta vez, a rainha discorde. Eu, por meu lado, penso de maneira diferente.

Os clãs de Maguire e O'Hara conseguiram passar pela brecha de Erne e invadir a planície de Roscommon. Com isso desalojaram as forças de Richard Bingham e capturaram Enniskillen. Um contra-ataque foi organizado, mas fracassou estrondosamente no Forte de Biscuits, do outro lado do rio Blackwater, sob as forças de Red Hugh O'Donell.

Sei, minha querida sobrinha, que você entende pouco da História irlandesa, mas achei que estaria interessada nesse assunto por causa de seu relacionamento superficial com O'Donell. Ao contrário do irresponsável Essex, e agora de nossa rainha também, acredito que a cabeça de O'Donell será mais útil à Inglaterra e à Irlanda se continuar presa ao corpo o tempo suficiente para que volte à sua terra a fim de convencer O'Neill e não se aliar aos rebeldes. Sei que algumas batalhas ganhas os farão pensar que a vitória final é deles. Isso não é verdade.

A paciência de nossa rainha com os irlandeses esgota-se com o passar dos dias. Se O'Neill juntar-se a O'Hara e O'Donell, nem o tesouro esgotado do reino impedirá Gloriana de enviar, à Irlanda, o maior exército imaginável.

Minha querida Elizabeth, sei que os assuntos políticos pouco lhe interessam, e se lhe escrevo sobre eles é por uma única razão. Caso você, ou alguém que conheça, souber do paradeiro do nosso irlandês louco, peço-lhe que o informe do seguinte: estou disposto a ajudá-lo a voltar para a Irlanda em segurança, pois ainda acredito na possibilidade de resolver as diferenças políticas com os irlandeses de maneira pacífica. Isso evitaria um grande derramamento de sangue.

Continuo a tê-la em alto apreço e ao seu inteiro dispor.

Robert"

Elizabeth levantou o olhar e viu que Rory sorria.

— Seu tio é tão complexo quanto esperto.

— Eu sei. Ele é um dos dois homens mais complicados de minha vida.

— Você deve queimar essa carta. Se for parar nas mãos de Essex, o conde vai pedir também a cabeça de w Robert.

Elizabeth aceitou a sugestão, acendeu uma vela e ambos ficaram olhando o papel escurecer e enrolar sob a chama. De repente Rory perguntou, meio assustado.

— E Annie?

— Quem?

— A moça que me trouxe até aqui.

— Eu nem fiquei sabendo o nome dela. Assim que viu você acomodado na cama, ela voltou para Londres. Eu e Honor conseguimos convencê-la a comer alguma coisa, mas não a descansar um pouco que fosse.

Rory praguejou baixinho e ficou entregue aos próprios pensamentos. Mal podia mexer o ombro por causa da dor aguda que sentia. Ainda levaria muitos dias antes que pudesse movimentar-se com facilidade, e mais ainda até que se visse capaz de montar ou de usar a espada.

Tinha certeza de que Ned iria para a prisão de Fleet. As acusações contra ele não seriam tão grandes que justificassem a Torre ou Lamberth Gaol.

Preocupava-se com Annie. Teria ela meios de ajudar Ned a fugir? Os homens de Ned a auxiliariam nisso? E ele mesmo, como poderia comunicar-se com ela? Esperava que a moça estivesse bem escondida e não corresse perigo.

Todas essas perguntas atormentavam-lhe a mente quando Elizabeth tocou-lhe os lábios com os seus.

— A primeira coisa que pensei foi que essa menininha não passasse de sua amante. A maneira com que ela recomendou a Charles que o carregasse com cuidado mostrou como o ama.

— Acho que isso, em parte, é verdade e eu também a amo de certa forma, mas não como a você.

Devagarzinho, Elizabeth deitou-se ao lado de Rory.

— Estas roupas são uma desgraça. Eu queria que a moda mudasse e nós mulheres descobríssemos que temos corpo.

— Por que você não as tira?

— Cuidado, meu amor. Você já estragou um jogo de lençóis de cetim. Não quero que seus ferimentos se abram e arruinem outros tantos.

Por algum tempo, ficaram deitados, lado a lado, compartilhando, em silêncio, do sentimento que os unia. Depois, Elizabeth contou-lhe como Annie conseguira trazê-lo até ali.

Do portão da Haskins House, ela havia puxado o cavalo até bem no interior da mata de Finchley. Lá, ao amanhecer, Annie ajeitou as ataduras, que já estavam meio frouxas, fez Rory deitar-se no chão e cobriu-o com folhas. Em seguida, arrancou toda a prata dos arreios e, montada em pêlo, foi até uma fazenda à procura de um meio de transporte melhor.

Com a prata, conseguiu comprar uma carroça e os arreios necessários. Levando Rory deitado atrás, Annie viajou por dois dias através de estradas tortuosas e sem movimento.

— Dois dias?! Então há quantos estou aqui?

— Este é o décimo.

— Ned... — ele murmurou baixinho.

— Quem?

— Um amigo... um querido amigo.

Como se quisesse evitar pensamentos sombrios, Rory ergueu as mãos ao corpete de Elizabeth. Apesar do pulso ferido, desamarrou-lhe os cordões e soltou os seios, que acariciou.

A paixão subjugada por tanto tempo tomou conta de Elizabeth. Levou os lábios -aos dele enquanto tentava livrar-se das roupas sem fazer muito movimento. Nua, sentiu o toque delicado, entre as coxas e o beijo suave num dos seios.

Ondas de desejo fizeram-na arquear o corpo, numa oferta aos afagos sensuais. A perna de Rory insinuou-se entre as suas e ele soergueu-se um pouco. Todavia, a dor provocada pelo movimento provocou um gemido abafado, o que fez Elizabeth voltar à realidade da situação. Isso não lhe abafou a excitação nem diminuiu o desejo desperto em Rory. Com delicadeza, ela o fez deitar-se de costas enquanto murmurava:

— Não, meu querido, deixe que eu tome a iniciativa.

Cheia de cuidados, cobriu-lhe o corpo com o seu e recebeu-o com amor.

Mal amanhecia, e a pouca claridade sob o céu nublado e cinzento anunciava chuva, quando a pequena balsa deixou no cais de Blackfriars os dois prisioneiros vindos da prisão Clink de Bankside.

— Fique direito em pé, rapaz — Ned Buli recomendou ao companheiro.

— E não deixe que esses desgraçados vejam qualquer sinal de tristeza na sua cara.

O próprio Ned subiu na carroça às gargalhadas.

— Maldição! Acho que foi nesta mesma em que eu nasci! Com a cabeça altiva, os ombros erguidos e os pés plantados

bem à parte, ele foi sendo levado pela cidade em direção ; Newgate.

Quando passaram por Paternoster Row e já se aproximavam de Eastcheap, a multidão que os acompanhava para ver o enforcamento era bem grande.

A dado momento, Ned gritou para os dois guardas da rainha que conduziam o cavalo da carroça:

— Que diacho, rapazes, será que suas pernas não podem caminhar mais depressa? Nesse andar, Ned Buli vai chegar atrasado à sua própria execução.

O povo aclamou-o entusiasmado e o prisioneiro sorriu-lhe ao mesmo tempo que acenava.

O cortejo atravessou Newgate, do lado oeste, e mais pessoas se juntaram a ele. Ned dirigiu-se aos conhecidos.

— Dan Clybourn, sua raposa esperta! Como o machado ainda não encontrou o seu pescoço? E você, Ryder? Não é verdade o que eu disse sobre sua mãe. Perdoe, eu estava bêbado.

Chegaram ao caminho de Holborn e, firmando a vista, Ned pôde ver os cadafalsos de Tyburn Tree.

— A minha vida foi uma estrada comprida e espero não morrer de chateação nestes últimos dois quilômetros.

Mais uma vez a multidão, que triplicara de tamanho, aclamou a valentia de Ned.

Carruagens vindas das grandes mansões de Holborn ou de Farringdon Without juntavam-se agora à procissão. Senhoras nobres piscavam para Ned por detrás dos leques e cavalheiros o fitavam com brilho de excitação no olhar.

Ned procurou, entre o povo, os rostos dos companheiros dessa última aventura. Quando os encontrou, viu que não sorriam. Fez-lhes acenos discretos com a cabeça, que foram respondidos. Soube, assim, que seus últimos desejos seriam respeitados e isso o tranqüilizou.

Enquanto estava na prisão de Clink, ele ficara sabendo que os seus homens planejavam um ataque ao patíbulo, no último momento, numa tentativa de livrá-lo da forca. Ned lhes enviara repetidas mensagens ordenando que não fizessem tal coisa. Percebia, diante da guarda reforçada à sua volta, que havia agido bem. Qualquer movimento para libertá-lo fracassaria e, pelo menos, mais da metade dos homens seria morta.

As rodas da carroça passaram com um ruído estridente sobre a ponte de

pedra da rua Fleet e ali começou a escalada.

Outro pedido de Ned atendido pelos companheiros fora a compra de roupas adequadas para essa última viagem. Os culotes e o gibão eram de tafetá vermelho, a camisa de linho fino mostrava bordados de fios dourados na frente de renda e na gola de tufos e a capa de veludo preto, com acabamento de renda dourada, chegava-lhe aos joelhos. Era uma peça tão fina como a de qualquer cavalheiro das carruagens.

Foi da capa que Ned se desvencilhou primeiro.

— Tome aqui, rapaz — ele gritou enquanto a atirava para um jovem que dançava ao lado da carroça. — É para ajudar você a sonhar que é um homem fino.

As pessoas mais próximas gritaram animadas e alegres ao presenciarem essa atitude. A razão dela era bem conhecida por todos. O carrasco tinha direito de vender as roupas dos executados. Hoje ele não teria o suficiente nem para uma dose de bebida barata.

Os gritos de entusiasmo cresceram quando o gibão, a camisa e as botas de couro espanhol se juntaram à capa.

A carroça parou em frente dos degraus de Tyburn. Ned levantou o olhar e viu a cabeça encapuzada de preto do carrasco. Deu um sorriso bem largo e disse ao outro condenado:

— Se você não se importar, meu rapaz, quero ser o primeiro. Estou com pressa porque parece que vai chover.

Como um último gesto de desafio, enquanto descia da carroça, Ned rasgou os culotes, deixando-os imprestáveis.

No terceiro degrau, ele parou. Pela primeira vez naquele dia uma dor profunda apertou-lhe o peito. O rosto delicado de Annie, com os olhos enxutos e o queixo orgulhoso levantado, estava voltado para ele.

Virou-se um pouco e, sobre a cabeça de Annie, acenou para o povo enquanto dizia:

— Ai, se existe uma coisa de que vou sentir falta deste mundo, e que espero encontrar no outro, é o amor de uma boa mulher!

Olhou novamente para Annie e falou com suavidade:

— Menina, eu não te conheço, mas dê um beijo de despedida para o velho Ned Buli.

Curvou-se e, sem esforço, levantou-a nos braços. Os guardas na frente e atrás não se incomodaram, pois isso era uma prática comum dos condenados.

Estreitou-a com amor e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Prometa não olhar.

— Prometo.

— Adeus, minha menininha.

No segundo seguinte, Annie viu-se outra vez no chão e Ned, de ombros erguidos, subia os últimos degraus.

Fiel à promessa, ela se virou para não ver nada, porém prestou atenção a todos os ruídos para gravá-los na memória. Ouviu Ned pedir perdão ao Criador e à rainha, como faziam todos os condenados.

A seguir foram as orações do pastor enquanto o laço era colocado no pescoço, depois o som surdo do alçapão que se abria sob os pés de Ned e que silenciou a multidão.

Ouviu ainda os gritos de dor quando ele foi retalhado a faca e o relinchar impaciente dos quatro cavalos fogosos que o esquartejariam. Notou o tilintar dos grilhões sendo presos ao pulsos e tornozelos e o silvar dos chicotes que mandaram os animais em direções opostas.

Quando só restou o silêncio, Annie começou a se afastar por entre o povo em direção norte para a estrada de Hampstead.

Não havia lágrimas em seus olhos quando ergueu o rosto para o céu e sentiu as primeiras gotas de chuva umedecerem-lhe as faces.

— Adeus. Ned — sussurrou baixinho.

TERCEIRA PARTE

PRIMAVERA DE 1596

CAPÍTULO I

O castelo de Ballylee achava-se envolto pela luminosidade de um sol radioso. Do topo da grande torre, Rory O'Donnell podia ver o fosso e as urzes que cobriam a charneca até os pés da colina, onde ficavam carvalhos antigos e frondosos. Estes ainda haviam escapado dos machados ingleses.

“Por quanto tempo mais?”, ele se indagou.

Entre o fosso e as árvores, Annie brincava com o pequeno Rory. Ela possuía um jeito especial para lidar com o menino e havia assumido muitas das responsabilidades de Deirdre.

Como era estranho que essas duas mulheres houvessem se tornado tão amigas nesses dois últimos anos, desde que Annie viera para a Irlanda com Rory. Uma era de estirpe nobre, filha de um lorde inglês e esposa de um príncipe irlandês, enquanto a outra não passava de uma meretriz das ruas de Londres. Talvez não fosse assim tão estranho, ele pensou, pois, além de serem inglesas, ambas possuíam firmeza de caráter, qualidade que aprendera a respeitar.

Annie olhou lá para cima, viu Rory e acenou sorridente. O menininho atirou-se contra suas pernas e os dois rolaram abraçados pelas urzes.

“Como está diferente daquela noite em que apareceu em Holdenby”, ele pensou.

Annie tinha feito o percurso todo, de Londres até lá, a pé. Aparecera perto da meia-noite, completamente encharcada e exausta. Honor e Elizabeth a fizeram entrar logo no chalé e, por insistência sua, a levaram ao quarto de Rory.

Ele se lembrava, com perfeição, da aparência de desamparo que o rosto pálido, as olheiras profundas e a roupa em petição de miséria lhe davam sob a chama da vela.

— Se você vai para a Irlanda, e caso deixe, eu vou junto — dissera ela, com voz inexpressiva.

— Vamos, sim, mas precisamos cuidar de Ned primeiro.

— Já fizeram isso. O meu Ned morreu com coragem.

— Como também viveu. Annie — Rory acrescentou ao ouvir a confirmação da desconfiança quanto ao destino do amigo. — Assim que pudermos, partiremos para a Irlanda.

Várias mensagens urgentes foram enviadas a Cecil. Como o bom político que era, ele exigiu que Rory garantisse fazer o maior esforço possível para evitar a deflagração de uma guerra catastrófica. O'Donnell concordou, pois começava a perceber que a luta contra a Inglaterra seria o início do fim.

Finalmente chegaram os documentos falsos enviados por Cecil e estavam na véspera da partida.

Até então, durante as longas horas de amor e da união dos corpos inflamados de desejo, Elizabeth conseguira manter o controle emocional quanto à separação iminente. Nesse dia, entretanto, perguntou:

— Você tem mesmo coragem de fazer amor comigo e fugir depois para os braços das irlandesas rudes?

— Prefiro fazer amor com você e fugir a salvo, como os ingleses fazem, a ficar e ter minha cabeça decepada. Assim, poderei voltar para nos amarmos de novo.

Foi então que ela se descontrolou. Abraçou-se a ele aos soluços e perguntou desesperada:

— Será mesmo que haverá uma outra vez?

— Juro, meu amor, que nos veremos de novo.

— Você garante que tudo que temos não é um sonho sem esperanças? Como pode fazer isso?

— Porque te amo. Jamais existiu, para mim, outra mulher antes de você e nem existirá. Conseguirei uma maneira de voltar, prometo.

Amaram-se com carinho e ternura pela noite adentro. E, ao amanhecer, ele se foi.

Com Annie vestida de rapaz e graças aos documentos falsos providenciados por Cecil, Rory embarcou num veleiro em Chester no dia seguinte.

Antes de atacar na baía de Dublin o navio fez uma parada rápida em Drogheda, na costa irlandesa, para os dois desembarcarem. Os papéis forjados não valeriam nada na Irlanda, por isso não podiam ser vistos por ingleses.

Rory e Annie começaram a jornada para o norte, porém só caminhavam à noite, evadindo sempre as patrulhas inimigas. Isso lhes custou dois dias de viagem, durante a qual passaram por Armagh antes de tomarem a direção oeste para Tyrone.

No primeiro dia, eles ficaram numa cabana deserta. Foi lá, depois de se acomodarem enrolados em cobertores em dois catres em frente ao fogo, que Annie demonstrou, pela primeira vez, a profundidade de sua angústia. Do seu canto, Rory ouviu, primeiro, os soluços sentidos, e, depois, as palavras que revelaram a vida cruel.

Annie não conhecera o pai ou a mãe, e fora criada nas tavernas de Bankside. Certos detalhes de sua infância provocaram um grande choque em Rory.

Aos dez anos, ela conhecera Ned ao tentar roubar-lhe a bolsa.

Ele a prendeu, levou-a consigo e arranjou uma casa, onde a deixou sob os cuidados da família. Ao completar doze anos, Annie retribuiu o favor da única maneira que sabia, isto é, seduzindo-o. Um ano depois, estava apaixonada por Ned.

Isso foi, em essência, o que Rory conseguiu apreender pois parte da narrativa perdeu-se entre os soluços.

— A verdade é que com treze anos eu já era mulher, mas duvido que com trinta já tenha conseguido me casar.

— Agora você está na Irlanda, onde poderá encontrar um bom rapaz que se apaixone por você.

— Depois do que assisti em Tyburn, não acredito que possa mesmo aceitar um inglês como marido. Você acha, O'Donell, que darei uma boa esposa irlandesa?

Rory pensou um pouco e respondeu com franqueza:

— Não como nós irlandeses vemos nossas mulheres. Mas isso não tem importância. Acredito que para cada homem bom existe uma boa mulher e não importa onde nasceram. Aliás, sabe-se de muitos bons casamentos entre irlandeses e ingleses.

— Como o de Mabel Bagenal e O'Neill?

— Não! — Rory protestou, rindo. — Esses dois transformaram a vida de cada um num inferno.

— E essa *lady* O'Hara, de quem você tanto fala?

— Deirdre? Aí está uma mulher fina e ótima esposa. Ela é delicada e bondosa, duas qualidades que um dia ainda a farão sofrer muito. Porém não era nela em quem eu pensava e sim numa outra inglesa. O que você sabe das guerras de Desmond?

— Apenas o que Ned me contou por ter tomado parte nelas. Segundo ele, foram batalhas sangrentas, com grande morticínio e devastação das terras. Parece que levaram três anos para capturar o rebelde conde Desmond.

— É verdade. Ele começou a rebelião, em Munster, com cinco mil soldados excelentes. Cinco anos mais tarde, suas forças estavam reduzidas a uma só pessoa, a esposa dele, *lady* Elinor. Após dois anos, ambos foram forçados a abandonar seus castelos e passaram a viver em choupanas como esta aqui, em cavernas, ou mesmo ao relento. Durante o período de três anos, *lady* Elinor só saiu do lado do marido a fim de ir ao castelo de Dublin, implorar que o perdoassem. O resto do tempo, ela conservou-se junto a ele, ajudando-o em suas lutas e alimentando-se de frutas silvestres ou de carne roubada.

— Essa é a tempera de uma esposa irlandesa?

— Exatamente, só que *lady* Elinor é inglesa.

— Ela ainda se encontra viva? Onde?

— Encarcerada na Torre de Londres, morrendo aos poucos.

— E Desmond?

— Ficou velho e combalido antes do tempo. Um dia foi morto por um dos seus ex-soldados, cansado de tanta guerra.

Ficaram em silêncio e, depois de alguns momentos, ele se deu conta de que Annie havia se levantado e estava, em pé, ao lado do seu catre.

— Você ama *lady* Hatton, não é, O'Donell?

— É verdade, tanto quanto você amou Ned.

E então, sob a luz do fogo, Rory viu Annie despir a camisa e, um segundo depois, o seu corpo nu encostava-se ao dele, sob o cobertor.

— Annie...

— Não se preocupe, não é o que está pensando. Apenas desejo os seus braços à minha volta e o seu calor para afastar o frio desta imensa solidão.

Ela se virou de costas e, bem juntinhos, adormeceram.

Agora, após dois anos, Annie havia se transformado numa delicada e verdadeira moça irlandesa. Seu rosto não mostrava mais palidez ou olheiras e o corpo ágil, menos magro, demonstrava uma grande feminilidade.

Ela era uma ótima babá para o pequeno Rory e, por causa da adolescência sofrida, uma companhia e confidente matura para *lady* Deirdre.

Não havia dúvida de que Annie estava feliz na Irlanda e isso deixava Rory satisfeito, pois assim cumpria, em parte, as promessas feitas a Ned.

O mesmo não podia dizer em relação ao compromisso assumido com Cecil. Infelizmente, ao chegar em Tyrone, Rory não encontrara O'Neill, que já havia partido para o campo de batalha. Além de Enniskillen e Newry, muitas outras fortalezas e cidades tinham caído em mãos irlandesas e Ballyshannon encontrava-se sob o cerco de O'Donell, ajudado por O'Hara.

Depois veio a batalha de Clontibret, onde O'Neill e seus homens arrasaram as forças comandadas por Bagenal. Tanto a Irlanda como a Inglaterra sabiam agora que O'Neill se juntara a O'Hara e O'Donell.

O general enviado pela rainha, *sir* John Norris, é o novo lorde representante em Dublin, *sir* William Russell, perceberam o poder de O'Neill e mantiveram-se muito tempo escondidos. Para cada soldado de Bagenal, o chefe irlandês contava com quatro, além de, pela primeira vez, usar artilharia.

Sem outra alternativa, Rory, pelo resto daquele ano, tomara parte na luta. Ficava um mês ao lado de O'Neill, outro ao do irmão e, se havia períodos de trégua, ia a Ballylee.

À sua querida Elizabeth continuava a ocupar-lhe o coração, porém procurava não pensar nela nem em nada que se relacionasse com a temporada passada em Londres. Poucas vezes se lembrava de lorde Haskins, preso na Torre, e mal se comoveu ao saber que Robert Southwell tinha sido executado.

A expressão do olhar de Rory mudara muito. Não fitava mais o mundo de maneira divertida e de superioridade, mas sim com severidade e ar sombrio.

Ele pensava apenas na guerra, e a sua reputação de lutador feroz era quase tão grande quanto a do irmão. Foi ferido dita, vezes e mesmo agora, depois de um mês de descanso, a voz ainda mostrava um resquício de rouquidão provocada pelos gritos soltados durante as batalhas.

As roupas elegantes usadas em Londres também tinham sido esquecidas. Voltara a usar gibão de couro e camisa sem gola de tufos ou renda, aberta no peito, o que lhe escurecera mais ainda a pele. Deixara o cabelo crescer de novo, no estilo irlandês, isto é, comprido até os ombros e com franja na testa.

A rainha Elizabeth fizera uma proclamação especial em relação aos irlandeses rebeldes e que incluía algo nunca feito antes. Ela declarava todos traidores de alta magnitude e, como tais, eram considerados fora-da-lei. As cabeças deles valiam um alto preço, que poderia ser reclamado tanto por ingleses como por irlandeses. O nome de Rory aparecia no alto da lista.

— Venha comigo. O'Neill precisa do seu raciocínio lúcido.

A voz possante de Shane O'Hara e o peso da mão dele no seu ombro trouxeram Rory de volta à realidade presente. Virou-se e respondeu ao sorriso que aparecia no rosto de barba preta do homem mais baixo. A luta compartilhada por ambos havia estreitado os laços de amizade que os unia.

— Qual é a novidade agora? Que outro capricho O'Neill arquitetou? —

Rory quis saber enquanto se deixava levar até uma mesa de carvalho, à volta da qual os outros se reuniam.

— Ele quer exigir uma trégua e redigir nossas condições para um acordo de paz. Durante o tempo que ganharmos enquanto esperamos uma resposta da rainha, faremos os planos para a campanha de verão — O'Hara explicou e soltou uma alegre gargalhada.

— Peguei você... peguei você!

Annie deu uns passos com o menininho abraçado à volta dos joelhos e depois rolou com ele pelas urzes. Num segundo, ele colocava os joelhinhos sobre seus ombros e prendia-lhe as mãos sobre a cabeça. Bem sério, gritou:

— Você se rende, Annie?

— Naturalmente, você é um guerreiro muito forte! O pequeno Rory, ofegante e rindo, soltou-a.

— É isso que vou fazer, um dia, com os soldados ingleses — declarou ele.

— Ah, vai mesmo! Então você vai ter uma espada para poder acabar com eles.

— Conte uma história. Annie, conte como matou o inglês e salvou Rory.

— Não, essa já cansei de contar.

— Ah, então, que tal aquela de Contibret, quando o sangue dos ingleses ficou gelado?

— Está bem, essa eu conto.

— Annie, não!

Ela se virou e viu Deirdre, que se aproximara com o bebezinho Shanna nos braços.

— Ah, *milady*, ele gosta dessa história.

— Eu sei, mas Rory está crescendo com muita agressão à volta dele. Quando ele não está na companhia dos homens, eu preferia que tivesse contato com coisas mais suaves. Rory, leve esta cestinha e vá apanhar framboesas.

O menininho afastou-se meio relutante enquanto as duas mulheres observavam.

O corpo já prometia ser musculoso e forte como o do pai, porém as feições, especialmente os olhos negros de expressão meiga e cílios longos, pareciam-se com as da mãe. Os cabelos fartos e pretos, entretanto, eram mais brilhantes do que os dos pais.

— Rory vai ser um rapaz lindo — Annie declarou.

— Também acho — Deirdre concordou.

— Eu não quis ser indelicada ou ingrata com você

— Eu sei. *milady*.

— A verdade é que a cabecinha de Rory está tão cheia de histórias sobre o heroísmo irlandês e das traições dos ingleses que eu tenho medo de que, quando descobrir que sou inglesa, ele venha a me odiar.

— Não se preocupe, *milady*, nesse caso ele também não gostaria de mim, só que nós duas somos irlandesas agora.

Deirdre sorriu. O que a moça dizia era verdade e talvez até mais em relação à própria Annie. Desde o dia em que chegara, ela se recusara a fazer bom juízo de qualquer inglês e renegara as suas características inerentes à nacionalidade. Adaptara-se à vida no seu novo país, aliás, mais depressa do que Deirdre tinha feito.

Annie deitou-se de costas, abriu o corpete e expôs os seios ao raios do sol.

— Ah, isto é tão bom, ainda mais depois de tanta chuva.

— É mesmo — Deirdre concordou. — Só que acho estranho passar o verão aqui, pela segunda vez, e não ir para as cabanas no norte acompanhando o gado nas pastagens.

Annie só conhecia esse costume irlandês de ouvir falar. Também lamentava que não pudessem ir. Sabia que os clãs, geralmente, se juntavam no verão para levarem o gado às terras férteis das montanhas. Voltara a sentir necessidade de um homem e talvez, numa cabana por lá, encontrasse alguém.

Entretanto, as choupanas onde se alojariam não poderiam ser defendidas como a fortaleza de Ballylee, e por essa razão teriam de ficar no castelo.

— Annie?

— Sim, *milady*?

— Ficamos tão amigas e íntimas, quase como irmãs...

— É verdade e eu lhe sou muito grata por isso — Annie respondeu com um sorriso sincero.

— Porém há algo que se interpõe entre nós.

— Como assim?

Deirdre calou-se por um instante, à procura das palavras certas. Rory tinha lhe contado muito pouco sobre essa moça e ela mesma nunca dissera nada sobre o seu passado.

— É esse ódio que você abriga em seu íntimo. Fico triste quando o vejo em seus olhos. Gosto muito de você e quero ajudá-la antes que ele a consuma.

O sorriso desapareceu do rosto de Annie e os olhos tornaram-se sombrios.

- Talvez isso aconteça um dia.
- Mas não acredito que seja necessário. Talvez se você rezasse comigo...
- Eu nunca rezei na vida, *milady*.
- Não?! — Deirdre exclamou, chocada.
- Só quando era uma menininha e não entendia o que estava dizendo.
- Você é católica ou da nova fé?
- Acho que nem uma coisa nem outra.
- Porém acredita em Deus, não é?
- Eu acredito, *milady*, em Ned Buli.
- Ned Buli?!

Annie levantou-se e começou a andar de um lado para outro em frente a Deirdre, que, imóvel, ainda amamentava o bebê.

- Eu não queria deixá-la brava, Annie.
- Eu não fiquei e jamais me zangaria com a senhora. Eu é que muitas vezes a aborreço. Para evitar que isso se repita, vou lhe contar sobre Ned Buli.
- É verdade que milorde Russell sente muito medo de nossas forças, entretanto o maior temor dele é voltar para a Inglaterra sem que a bolsa esteja bem cheia.

Todos concordaram com O'Neill, pois sabiam que lorde Russell, desde que chegara há alguns meses, só se empenhava em seus ganhos pessoais. O ponto que O'Neill desejava deixar claro era o fato de um homem, cuja ambição não conhecia limites, representar um inimigo difícil de ser combatido. Nunca se poderia prever a próxima atitude dele.

— Todavia, eu ouvi contar que ele treme de medo, mesmo protegido pelas muralhas e soldados do castelo de Dublin — O'Hara informou. — Ele tem tanto pavor de O'Byrne, no sul, que, uma noite, perto das onze horas, pôs a guarda toda do castelo de prontidão por causa do barulho de umas vacas que tinham fugido do curral.

Uma gargalhada geral acompanhou a história, e Red Hugh acrescentou:

— Talvez ele tivesse razão. A julgar pela maneira com que milorde Russell pilha os campos, essas vacas poderiam ser nossas.

Riram novamente antes que O'Neill conduzisse a conversa para um plano mais sério.

— O que você acha, Rory, de atacar Dublin diretamente? — ele perguntou.

Rory olhou a todos, um por um, antes de responder.

— Os ingleses sentem-se humilhados por causa de Clontibret. Eles não se

atrevem a ir para o campo sem um bom reforço. No momento, nós dispomos de munição para as armas de fogo e, graças a O'Neill, os clãs do sul também estão armados com arcabuzes. Nos rios, estradas e campos, os colonos e soldados ingleses mantêm-se à espreita, com medo de receberem uma bala.

— Por tudo isso é que devemos atacar agora — Red Hugh exclamou e bateu com os punhos fechados na mesa.

— Talvez — Rory replicou —, mas não estou muito certo quanto a Dublin.

— E por que não? — o irmão gritou, excitado

O'Neill e Rory trocaram olhares rápidos. Na noite anterior, haviam conversado sobre esse ponto. Cada vez mais O'Neill preferia tratar com Rory, em vez de Red Hugh ou Shane, assuntos políticos ou de aspectos estratégicos da guerra. Ele tinha descoberto que o jovem O'Donell, desde que voltara da Inglaterra, conseguia avaliar o inimigo com calma e frieza.

— Fiach O'Byrne já queimou uma boa parte da região de Pale e é verdade que Dublin está uma cidade enfraquecida que os O'Byrne podem alcançar, vindos dos vales de Wicklow, em apenas uma noite. Mas isso me atemoriza — Rory confessou.

— Por quê? — O'Hara indagou, com o próprio entusiasmo arrefecido por causa do tom sombrio da voz de Rory, que aprendera a respeitar.

— Porque até agora lutamos contra exércitos deficientes, soldados que preferem vender os mosquetes em vez de lutarem com eles e cujos comandantes põem a ambição acima da lealdade. Nossas vitórias enfureceram a rainha, mas não o suficiente para forçá-la a gastar o dinheiro necessário a fim de enviar para cá um exército poderoso, de soldados bem treinados e com vasta munição. Se nós atacarmos o coração de sua pequena Irlanda, ficaremos conhecendo sua ira vingativa.

Fez-se um silêncio pesado antes de O'Neill falar.

— Rory tem razão. Um exército desse tipo nos arrasaria, agora que não contamos com mais reforço e auxílio. Os espanhóis sitiaram Calais que, se cair, fará com que Felipe de Espanha mande depressa forças em nosso socorro.

— E por quê? Ele não mandou até agora! — Red Hugh gritou irritado.

— Sei disso. Entretanto, se um dos flancos ingleses ficar sob a mira das armas espanholas, Felipe perceberá a vantagem de colocar outro flanco nas mesmas condições.

O'Neill dirigiu a atenção ao quinto homem à mesa, que ainda não havia omitido opinião alguma.

— O que você acha, O'Byrne?

McTeague O'Byrne, primo e subchefe de Fiach, a raposa das montanhas Wicklow, virou o rosto curtido pelas intempéries em direção a O'Neill.

— Concordo com o jovem O'Donell. A vagabunda inglesa viria sobre nós como uma fera se atacássemos a menina dos seus olhos, isto é, Dublin. No momento, eu e "The" O'Byrne estamos fazendo o possível para conservar Glenmalure e manter Ballinacor sitiado. Pode ter certeza de que vamos continuar a guerra em Wicklow, como nos comprometemos, e não desistiremos enquanto viver, pelo menos, um homem do clã. Mas assumir outro compromisso significaria desastre na certa. Em todo caso, se você pretende mandar reforços lá para o sul, talvez eu mude de idéia.

Os outros quatro trocaram olhares. Sabiam a resposta. Red Hugh, que conservava o castelo de Sligo e mantinha Ballyshannon sitiado, não podia abrir mão de um homem sequer. O'Neill ajudava Maguire e dominava Armagh inteiro. O'Hara seria o único que poderia ir, mas não se atrevia a deixar Ballyshannon, com medo de que uma ponta de lança inglesa se interpusesse entre ele e O'Donell, em Donegal.

— Agora isso é impossível. Vamos esperar por alguma notícia e, por enquanto, isto aqui seguirá para a Inglaterra a fim de manter Whitehall ocupado — O'Neill explicou.

Ele juntou os papéis onde estavam escritas as nove exigências que todos tinham concordado em fazer e levantou-se, indicando que a reunião estava terminada.

— Há ainda uma coisa — Red Hugh disse.

— O que é?

— É sobre esse novo capitão de Russell, o que não tem nome e anda com Tom Lee. Eu o vi.

— Eu também — O'Hara disse. — Cabelos grisalhos, uma cicatriz horrível e uma venda sobre o olho esquerdo.

— É esse mesmo — Red Hugh confirmou. — Se achávamos que o capitão Thomas Lee era mau, nem queiram saber como é este recém-chegado. Sem uma gota de compaixão, ele saqueia tanto os nossos campos quanto os dos camponeses humildes. O homem é um fantasma e aparece em muitos lugares ao mesmo tempo. Está roubando mais do nosso gado do que cortando cabeças de soldados.

— O pior é que ele anda prometendo uma boa recompensa, em dinheiro e terras, aos nossos homens que nos traírem — O'Hara acrescentou preocupado.

— Pelo que vejo, temos a nossa frente um inimigo que luta de modo diferente. Você sabe de quem se trata, Rory? — O'Neill quis saber.

— Não, mas talvez haja um jeito de se descobrir.

— Faça o que puder. Temos dois pontos fracos em nosso exército: falta de cavalaria nos campos e a tendência à traição em nossos homens. Pouco podemos fazer em relação ao primeiro, mas devemos impedir o segundo — O'Neill afirmou.

Rory e O'Hara desceram as escadas que levavam da barbacã à ponte levadiça para irem ao encontro de Deirdre e Annie.

— Quando chegar a hora de mandar reforço ao sul, e se meu clã for escolhido, quero que você me acompanhe.

— Prometo que vou, O'Hara — replicou Rory. — O que você achou de McTeague O'Byrne?

— Que os olhos dele se mexem muito e depressa demais. — Minha opinião também.

As palavras mal saíram da boca de Rory, quando a atenção de ambos foi despertada por Deirdre, que corria para eles gritando o nome do marido. Parou em frente a O'Hara, examinando-lhe as feições como se o visse pela última vez.

— O que aconteceu, menina? — ele perguntou ao tomá-la entre os braços para que se acalmasse.

Rory virou-se para Annie, que acabava de alcançá-los.

— O que houve?

— Eu contei a ela como Ned morreu — a moça explicou com expressão tensa e o olhar parado.

CAPÍTULO II

Elizabeth providenciou para que tudo na Hatton House estivesse de acordo com a tradição. As salas principais e a escadaria ostentavam faixas pretas e a cama, também negra, apropriada para a ocasião, onde ela se acomodou e recebeu as condolências, fora especialmente comprada para esse dia.

A mortalha sobre o caixão de *sir* William era de veludo roxo com acabamentos dourados. Um outra, maior ainda, que servia de dossel acima do esquife, era de um tecido caríssimo, todo cor de ouro. Esta seria usada, mais tarde, no coche fúnebre.

— A sua capa, *milady*, está quase na hora.

— Só mais um segundo, Honor — Elizabeth respondeu enquanto se olhava no espelho.

À sua própria maneira, ela havia tentado honrar o marido em vida. Cometera certos lapsos, porém agira com discrição. *Sir* William não chegara a ficar sabendo que a jovem e lindíssima esposa lhe fora infiel.

Todavia, por causa da ligação que havia mantido com Rory O'Donell, Elizabeth resolvera que o marido receberia todas as honras devidas a um morto. Isso, até certo ponto, a aliviaria do sentimento de culpa.

Vestia preto da cabeça aos pés e, por causa do chapéu acompanhado de véu pesado, ela não deixou que Honor fizesse o costureiro penteado elaborado. Quis apenas que a farta cabeleira fosse enrolada e presa junto à cabeça.

— Preto, preto, preto — resmungou para si mesma.

— O que disse, *milady*?

— Não sei como vou agüentar essa cor por um ano,

— Mas a senhora está muito bonita assim.

— Deixe disso! Até você, com essa barriga imensa, está com melhor aparência do que eu nestas roupas horríveis — Elizabeth reclamou, irritada, enquanto a criada lhe colocava a capa nos ombros. — lá está perto de você dar à luz, não está?

— Só mais duas semanas — Honor respondeu.

— Imagino que vai ser um meninão bonito como o pai.

— Espero que sim, *milady*.

Elizabeth observou o corpo volumoso da criada e lembrou-se do pesadelo vivido logo após a partida de Rory, quando imaginara estar grávida. Nem uma só vez durante as noites maravilhosas de amor passadas no chalé ela pensara na possibilidade disso acontecer. Todavia, depois, a menor contração no abdômen, ou tensão na cabeça, deixava-a em estado de profundo desespero.

A verdade era que *sir* William, há meses, não procurava sua cama. Se estivesse mesmo grávida, conseguiria seduzir o marido a ter uma relação sexual primeiro e depois convencê-lo de que era o pai da criança?

Quando a menstruação falhou, foi procurar o tio.

— Que maravilha! Tenho certeza de que *sir* William está muito orgulhoso.

— Mas, se estou grávida, não é dele.

— De quem, então, de O'Donell?

— Isso mesmo — ela confirmou baixando os olhos.

Sir Robert ficou um momento em silêncio e sério. Depois, um sorriso malicioso aflorou-lhe aos lábios.

— Talvez isso nos traga alguma vantagem, minha querida sobrinha. Digamos que O'Donell seja diferente dos outros irlandeses e por isso se preocupe com o filho dele. Eu lhe escreverei informando de que tem um herdeiro na minha família, o que o forçará a alcançar os objetivos de que o incumbi.

Foi nesse momento que Elizabeth se deu conta de quanto o tio havia mudado e de como o poder o deixara insensível. Ele agora só se importava com política, tramas, intrigas, posição social e dinheiro. Furiosa, virou as costas e saiu. Desde então, nunca mais falara com ele.

Duas semanas após essa visita, o seu ciclo se normalizou e ela respirou aliviada.

Apesar do seu estado de euforia por não ter de enfrentar um problema que punha em risco seu prestígio ou posição na Corte, Elizabeth entregou-se a uma melancolia profunda, provocada pela separação de Rory. Amava aquele irlandês ousado e não existia nada que pudesse fazer a esse respeito.

Honor abriu-lhe a porta nesse instante e ficou de lado.

— *Milady*?

— O que foi desta vez, Honor?

— *Sir* William era um homem muito bondoso, que tratava a todos com consideração.

— Eu sei disso.

— *Mas milady* também é. A senhora não deve se sentir culpada pela felicidade que seus olhos irradiavam naqueles dias lá no chalé. Eu sei o que isso quer dizer porque sou feliz e acho o amor muito importante para uma mulher.

Elizabeth sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Inclinou-se e beijou Honor no rosto.

— Obrigada, menina. Eu gostaria que o resto do mundo me visse com seus olhos.

Em seguida, ela desceu o véu espesso sobre o rosto e desceu as escadas da Hatton House para ir enterrar o marido.

Sir Robert Cecil abriu o lacre da carta que acabava de receber e desdobrou-a um tanto aborrecido. O seu instinto, que nunca falhava, avisava-o de que as notícias eram ruins.

Leu depressa o primeiro parágrafo que informava sobre a moral baixa de soldados, a falta de munições e alimentos e depois, começou a ler mais devagar para avaliar cada palavra: "... e, *sir Robert*, atrevo-me a dizer que nunca, desde que os normandos puseram os pés nesta terra, a situação mostrou-se tão negra. Munster está coalhado de traidores, o norte é um barril de pólvora e em Connaught os rebeldes gozam da mais inteira liberdade.

As condições do domínio inglês na Irlanda jamais estiveram tão periclitantes. Afirmo isso por causa da aliança entre O'Hara, O'Donnell e de todos os outros clãs do norte com Tyrone e do fato deles atraírem camponeses e soldados para ajudá-los.

É realmente amedrontador ver como eles estão em todos os cantos desta terra, além de contarem com mais munição do que nós e homens melhor treinados. Antigamente, eles não se atreviam a enfrentar as forças de Sua Majestade, hoje as atacam com a maior ousadia.

Torno a repetir que a Irlanda jamais correu tamanho perigo de se perder. Se Felipe de Espanha parar de vacilar e vier em auxílio de O'Neill, o monstro do norte marchará sobre Dublin e nós não teremos forças para resistir".

Cecil dobrou a carta, foi até o homem que a tinha trazido e jogou-a no colo dele. Sem parar, continuou em direção à janela, de onde podia ver os arcos dos dois lados do palácio de Whitehall. Bem à sua frente, ficavam as janelas dos cômodos particulares da rainha, que devia estar acordando. Podia imaginar as faces enrugadas e os cabelos ralos que ela escondia sob perucas vermelhas.

Gloriana mostrava-se abatida, não só por causa dos acontecimentos das últimas duas semanas, como também pelas várias enfermidades que a

importunavam.

Estas, como as do pai de Robert Cecil, lorde Burghley, vinham uma após a outra. Cecil sabia que ambos não tinham mais muito tempo de vida e preocupava-se com a sucessão de Gloriana no trono. Aliás, essa era uma pergunta que todos faziam, mas, naturalmente, nunca na presença da soberana.

Era ainda do conhecimento de Cecil que o seu inimigo, o conde de Essex, interessado também nesse assunto, enviara alguns homens ao norte para sondar James VI de Escócia. Isso chegara aos seus ouvidos porque alguns dos mensageiros de Essex trabalhavam para ele.

Outra coisa que o conde fizera e que irritara Cecil fora acusá-lo, vagamente, de querer colocar a Infanta, a filha do rei de Espanha, no trono inglês, após a morte de Elizabeth.

Essex era um tolo que não conseguia pensar num futuro mais distante que o do dia seguinte. Cecil, ao contrário, planejava com anos de antecedência. Um dos seus projetos constituía em facilitar a ascensão do rei James.

Sir Robert sorriu. Um bando de gansos acabava de levantar vôo e pairava sobre o recém-terminado teatro Swan de Bankside. O sorriso alargou-se ao lembrar umas palavras ouvidas, há pouco tempo, num dos palcos de lá:

“Se sou pedinte, protesto e afirmo Que o único pecado é ser-se rico. E, ao ser rico, direi que não existe Vício pior que o do pedinte”.

Embora não fosse de alta linhagem, ponto em que também diferia de Essex, *sir* Robert pretendia, nos próximos meses, assumir o cargo de secretário principal da rainha e transformar-se no homem mais poderoso da Inglaterra.

Ouviu barulho de papel atrás de si e virou-se.

— O que acha das previsões do nosso general?

— Creio, *sir* Robert, que ele não descreveu a verdadeira gravidade da situação.

Sir Robert sentou-se e estudou o homem que tinha à frente. Detestava-o e não confiava nele, todavia não podia deixar de reconhecer que ele era um gênio e dono de uma crueldade sem par. Cecil não era tão mesquinho, ou irresponsável, que não pudesse perdoar erros passados a troco de serviços futuros.

— Conte-me o que observou nesses meses passados na Irlanda — Cecil sugeriu.

— Aquela é mesmo a terra do diabo, e os irlandeses são os

representantes dele. São muito espertos e evitam lutar em campo aberto. Preferem fazer emboscadas em desfiladeiros, pântanos, florestas e baixadas, coisa de que tiram muita vantagem. Eles também não consideram desonra alguma fugir quando não estão vencendo.

Cecil riu e comentou:

— O que você está dizendo é que os irlandeses não lutam como cavalheiros ingleses.

— Exatamente, e é por isso que vencem. Além do mais não precisam de muito alimento e podem passar meses sem casa e roupas adequadas. Derrotá-los de vez é tão impossível quanto destruir uma alcatéia de lobos em disparada.

Calou-se pensativo por alguns segundos e depois, como se lembrasse de mais detalhes, tornou a falar.

— Há poucas estradas na Irlanda e essas são facilmente bloqueadas com árvores, atrás das quais sempre existe um ninho de rebeldes. Eles atacam e desaparecem antes que os ingleses possam pensar em se defender. Deixam a terra forrada de soldados mortos. Nas gargantas das ravinas do norte, nas trilhas entre as rochas das terras de Tyrone e Armagh, em Donegal, onde O'Neill e os irmãos O'Donnell ficam de tocaia, não há nada para ser enfrentado, a não ser a destruição completa vinda das emboscadas deles,

— O que você -acaba de descrever é de fato muito sombrio. O que faria se estivesse encarregado da luta lá?

Um sorriso cruel apareceu no rosto do homem, e o único olho escuro brilhou com tanta maldade que *sir* Robert custou a não demonstrar o mal-estar que ele lhe provocava.

— Duas coisas: a primeira seria atrair o maior número possível deles para o sul, onde quase não há florestas para se esconderem. Lá a nossa cavalaria poderia atacá-los com mais eficiência. Também no sul os clãs não são muito unidos como no norte, além de se venderem com facilidade.

— Tem certeza disso?

— Absoluta. Segunda coisa: eu assassinaria os líderes rebeldes, cada um deles.

Cecil não ficou chocado, pois ele mesmo já havia pensado nessa solução. Todavia, ao considerar as conseqüências de uma ação tão radical, percebeu que ela era impraticável. Governar a Irlanda sem os seus próprios chefes seria tão impossível quanto manter o tesouro real cheio sem impostos.

A rainha também era contra essa idéia. Queria O'Neill e os outros de joelhos, mas vivos, para que a Corte pudesse usá-los, como fazia com seus

próprios barões e condes na Inglaterra. A situação na Irlanda era perigosa, mas não sem esperança. Todavia, se Calais caísse...

Cecil inclinou-se para frente e fitou o único olho do homem.

— Acho que a primeira sugestão é melhor, por enquanto. Se algum dos chefes irlandeses morrer no campo de batalha, paciência. O que é importante agora é ganhar tempo até que se consiga algum tipo de acordo de paz com a Espanha.

A cabeça de cabelos brancos sacudiu em sinal de acordo, porém *sir* Robert percebeu a raiva e a frustração expressas no único olho brilhante.

— Entretanto, a sua segunda sugestão não é completamente sem mérito e nós vamos pensar nela. Lembre-se de que, se seus serviços continuarem produtivos como foram neste ano que passou, acredito que vamos poder chamá-lo, novamente, de *sir* James Blake

O cortejo fúnebre estava bem concorrido, Embora *sir* William houvesse despertado pouca atenção em vida, Elizabeth estava decidida que ele a recebesse na morte.

Na frente do coche caminhavam duzentos carpidores vestidos de túnicas pretas, naturalmente pagos. Nas mãos, eles carregavam ramos de louro e de alecrim, símbolos da imortalidade da alma, que seriam jogados em cima do caixão.

Atrás do coche vinha Elizabeth, a pé, seguida por uma centena de lordes e *ladies* movidos mais por curiosidade do que por simpatia por *sir* William. Há muito que *lady* Hatton era considerada uma das mulheres mais lindas da Inglaterra e, agora, tornava-se uma das mais ricas. Todos queriam ouvir ou fazer comentários sobre a nova viúva.

O cortejo passou por Shropes e Castleyard e já se aproximava de Andrew. Foi aí que Robert apareceu e se juntou a ele.

— Meus pêsames, cara sobrinha, pela sua perda.

— Obrigada — Elizabeth respondeu com frieza. Caminharam algum tempo em silêncio.

— Creio que devemos esquecer o estremecimento de nossa amizade e reatá-la — ele disse por fim.

— Ah, é? E por que, meu tio?

— Porque somos parentes e eu gostaria de ajudá-la em suas decisões futuras. Você agora vai entrar na posse de uma grande fortuna e por isso se verá rodeada por cortejadores interesseiros.

— Acha que não saberei me defender deles?

— Tenho certeza de que pode, mas há ainda a questão administrativa de

seus bens. O dinheiro é muito perigoso e, como o poder, deve ser tratado com sabedoria. Estou em condições de aconselhá-la no que for preciso. Durante a doença de *sir* William, você deve ter se deparado com problemas.

Isso era verdade, e Elizabeth lamentava a morte do marido porque percebia a realidade que teria de enfrentar. Embora já controlasse as aplicações financeiras de Hatton, até então tudo levava a assinatura dele. Se alguém discordasse de seus julgamentos anteriores, estaria, na verdade, indo contra *sir* William um homem.

Daqui para a frente seria contra uma mulher e isso fazia uma grande diferença. Elizabeth sabia como um homem podia ser desonesto em negócios.

— Disse alguma coisa, meu tio? Estava distraída com o pensamento em meu pobre marido.

— Não tenho dúvidas — *sir* Robert respondeu com uma ponta de sarcasmo que não passou despercebida a Elizabeth. — Eu dizia que meu pai, o seu avô, está muito alquebrado. Peço-lhe que raciocine sobre o poder e a influência que terei dentro em breve e o que poderei proporcionar-lhe com isso.

— Estou certa de que será em troca de algo.

— Bem, minha cara, até entre parentes nada é de graça. Gostaria de dizer-lhe que, mesmo de luto, deverá voltar a freqüentar a Corte.

Elizabeth podia perceber as intenções dele através da expressão do olhar. O marido ainda não tinha sido enterrado e o tio já planejava seu novo casamento. Pela terceira vez, ele queria usá-la como penhor.

Ticou furiosa e, embora o lugar fosse impróprio, não conseguiu ficar calada.

— Favor de quem o poderoso Cecil está precisando, agora que estou livre para ser usada como pagamento?

— Acalme-se, Elizabeth — ordenou Robert ao perceber o erro que cometera.

Jamais deveria esquecer como a raiva da sobrinha podia surgir de repente, sem medir as conseqüências para si mesma ou para quem estivesse por perto. Tentou explicar-se:

— Apenas pensei que como homem...

— Ai, os homens, meu Deus do céu! É um inferno ser mulher perto de vocês! Fazem barganhas usando nossas vidas miseráveis, nossas almas e nossos corpos como pagamento. Nesta época, só mesmo uma rainha conseguiria se manter virgem, porque todas as outras mulheres são vendidas pelos homens de suas famílias. Pode ficar descansado que vou freqüentar a

Corte, apesar do luto. Entretanto, marque uma coisa e marque bem. Desta vez a sua mercadoria está mais velha e bem mais sabida. Ela vai saber como transformar a situação em proveito próprio. Não se esqueça disso!

— Eu só quis dizer...

— Isso não me interessa.

— Elizabeth...

— Cale-se, *prezado sir* Robert! De fato o senhor consola a enlutada com suas maneiras de homem astuto e com palavras de subterfúgios maldosos.

CAPÍTULO III

— Pelo sangue de Cristo! — a rainha exclamou em alto, e bom som. — Com todos os problemas que estes tempos difíceis puseram em nossos ombros, estes malditos rebeldes, o monstro do norte e a víbora no seio do nosso reino, ainda se atrevem a fazer exigências de nossa real personagem?

Sir Robert Cecil manteve-se em silêncio diante das palavras de indignação da soberana.

A situação a que ela se referia era de fato precária. Os espões informavam que a Espanha preparava uma Terceira Armada para invadir a Inglaterra. Calais havia caído, o que proporcionava aos navios espanhóis a pequena distância de trinta e cinco quilômetros da costa inglesa, e O'Neill havia apresentado o seu preço pela paz.

Mentalmente, Cecil revia as condições apresentadas no papel que a rainha sacudia, furiosa. A religião católica seria pregada e ensinada abertamente em toda a Irlanda. Todas as terras da igreja voltariam para as mãos do clérigo. Os oficiais que ocupariam cargos administrativos seriam, sem exceção alguma, irlandeses. A rainha não poderia pressionar o povo a servi-la contra a vontade. O'Neill, O'Hara, O'Donell, Maguire e seus outros compatriotas gozariam de suas terras e privilégios sem interferência da Coroa. Qualquer irlandês poderia viajar e comerciar livremente na Inglaterra, desde que pagasse os impostos tributários exigidos como se fosse cidadão inglês. E, finalmente, a Irlanda poderia se armar em inteira liberdade.

Ao ler essas reivindicações, mesmo antes de passá-las à rainha, *sir* Robert havia escrito acima delas: “utopia”.

Se a rainha aceitasse tais termos, O'Neill seria superior a ela na Irlanda.

Agora, embora Gloriana protestasse com a mesma antiga energia, Cecil podia detectar uma sombra de dúvida e indecisão nos olhos dela. O senso de controle absoluto havia desaparecido e, aos sessenta e três anos, Elizabeth ainda não era uma caricatura do que fora, mas logo o seria.

A vaidade pessoal da soberana tinha aumentado com o passar dos anos. O rosto, coberto por uma grossa camada de cosméticos, mostrava um emaranhado de rugas que se estendiam pelo pescoço e colo exibidos por um decote exagerado. Os dentes eram escuros e muitos já faltavam, o que dificultava a dicção.

A maneira com que se vestia era mais apropriada para uma mulher com a metade de sua idade. Em vez de cores sóbrias, abusava das vivas e chamativas. Hoje, por exemplo, exibia-se em prateado e vermelho.

Essex era o único de seus cortesões que ainda conseguia fingir que Gloriana aparentava juventude. Entretanto, o conde encontrava-se agora em Cadiz, numa tentativa de adiar os ataques da Terceira Armada espanhola, e Gloriana não tinha ninguém para fazer o seu jogo preferido e bajulador.

— O que acha disto, *sir* Robert? — ela indagou.

— Acredito que O'Neill está pedindo mais do que espera receber.

— Como o seu pai, o senhor é um homem sábio, que alivia nossas preocupações.

— Eu gostaria, Majestade, de responder a esse documento numa linguagem bem complicada, que levaria semanas para ser entendida. Nesse ínterim, pediria uma trégua a O'Neill.

— Mas ele aproveitaria esse período para se recuperar e armar-se melhor.

— Creio que sim, porém nós faríamos a mesma coisa.

Lady Elizabeth Hatton apesar do luto, voltou a freqüentar a Corte. No início, manteve a atitude de viúva entristecida. Todavia seu espírito jovem e irrequieto fê-la procurar os divertimentos de que gostava.

Como *sir* Robert havia previsto, os pretendentes apareceram logo ao seu lado. Os lordes Pembroke e Greville eram os mais persistentes. Mas havia outros que a cortejavam na Hatton House como se ela fosse uma verdadeira rainha.

Até Francis Bacon vira as vantagens proporcionadas por uma ligação com essa viúva rica. Elizabeth percebera logo as intenções dele. Bacon não possuía recursos, embora tivesse boas perspectivas. Isso, naturalmente, não constituía vantagem para *lady* Hatton, todavia poderia usá-lo como fazia com os outros pretendentes. Por essa razão, ele não foi barrado em suas portas.

Geralmente as viúvas ricas, por serem muito cortejadas, não demoravam muito a se casarem de novo. Elizabeth, no entanto, recusava-se a fazer uma escolha ou a demonstrar quem era o provável candidato.

Em janeiro do ano seguinte, todos em Londres faziam apostas sobre quem seria o escolhido.

Elizabeth acompanhava as notícias da Irlanda como se fosse um general do exército. E por isso ficava a par de cada movimento de Rory O'Donnell, o homem que ainda amava.

Não podia se esquecer do amor delirante que haviam comungado e,

agora que se encontrava livre, esperava pelo dia em que a guerra na Irlanda terminasse para que pudessem ficar juntos de novo. Não duvidava de que isso viesse a acontecer, desde que O'Donnell não morresse no campo de batalha

Por essa razão ela ia, quase diariamente, com a pequenina Bíblia nas mãos, rezar por ele em St. Andrew's. Sonhava com o dia em que o teria ao seu lado outra vez.

Depois de algum tempo Elizabeth resolveu aumentar a influência e poder de que gozava através de novos investimentos lucrativos. Adquiriu mais terras hipotecadas que os donos não podiam resgatar e empregou capital na fabricação de armas e material bélico.

Sem que soubesse, *sir* Robert acompanhava seus movimentos e, um dia, foi visitá-la.

— Tenho a impressão, minha querida Elizabeth, de que você está disposta a construir um império.

— E o que há de errado nisso?

— Nada. Eu e seu pai temos observado, e aprovamos, a sua astúcia. Você comprou terras bem barato, o dinheiro que empresta a juros lhe dá ótimos lucros e o mesmo acontece com seus investimentos na indústria.

— Pago impostos astronômicos em dia. Essa não pode ser a razão de sua visita, meu tio. O que deseja, então? Quem sabe um empréstimo?

— Não é por isso que vim aqui, embora saiba que sua fortuna poderia bem me sustentar.

— Seus espiões devem informá-lo de quanto possuo — Elizabeth comentou, cáustica.

— Sei que é uma mulher independente e voluntariosa, Elizabeth, que brinca com seus pretendentes como se fossem fantoches, e pouco me incomoda. Mas, no resto, vou interferir.

— Se quer dizer na minha vida...

— Exatamente!

— Pois não vou aceitar, e eu já lhe avisei, *sir* Robert. Posso tolerar...

— Vai aceitar, sim, se é que valoriza o seu prestígio e fortuna. O tom de voz de *sir* Robert era tão autoritário e rude que

Elizabeth assustou-se. Ele a fitava sem um mínimo de afeto ou simpatia no olhar. Ela tentou um novo argumento.

— O senhor me usou no passado e admito que eu também saí lucrando enormemente. Mas agora quero gozar minha vida como bem entendo e não desejo ser envolvida em suas tramas.

— Se isso fosse possível, eu não estaria aqui. Você ultrapassou os limites e agora ameaça arruinar tudo o que os Cecil lutaram tanto para conseguir.

— Como assim?

— No momento minha posição é segura, mas a de Essex também é, graças à luta contra a Espanha. Se milorde Burghley morrer logo, meu posto na Corte será questionado.

— É incrível, meu tio, como os ventos mudam.

— Tem razão, e é por isso que sua ligação com o irlandês tem de acabar de uma vez por todas.

Elizabeth empalideceu. Sabia ser inútil refutar, mas, mesmo assim, tentou.

— Ligação?! Isso foi há dois anos!

— Interceptei suas cartas nas últimas semanas, Elizabeth, e por isso conheço suas intenções.

— *Minhas cartas*. Como se atreveu a tanto?

— Porque você conspira com o inimigo da Corte.

— Então o senhor classifica como conspiração o amor que sinto pelo único homem íntegro que conheci?

— Classifico, sim. Trata-se de um rebelde fora-da-lei com preço sobre a cabeça.

— Não tenho nada a ver com isso.

— Tem, sim, e preste bem atenção. Você faz alguma idéia de como a nossa família seria prejudicada se o inimigo soubesse de seus atos?

— Isso não me preocupa ou importa.

— Mas tem de se importar, Elizabeth. Você acabaria perdendo tudo o que tem e isso lhe seria impossível de suportar.

Elizabeth não desejava ceder, porém sabia que o tio tinha razão nesse ponto.

— Essa situação não vai durar para sempre. O senhor mesmo disse que, um dia, a Irlanda acabará perdendo. Quando isso acontecer, a rainha, como sempre fez, dura anistia a todos os rebeldes a troco da fidelidade deles. Então. O'Donell e eu...

— Desista, minha cara, por causa de sua posição isso é absolutamente impossível.

Elizabeth agora chorava mansamente, sem soluços, apenas deixando que as lágrimas lhe corressem pelas faces. “Não é justo!”, repetia mentalmente. Se fosse homem, ninguém se importaria com sua escolha.

— Tenho aqui uma lista de pretendentes bons — *sir* Robert disse ao

entregar-lhe uma folha de papel. — Escolha quem quiser e não perca tempo. Por favor, não faça mal juízo de mim. Não vou deixar, que me destruam e a necessidade de sobrevivência faz parte da natureza do homem.

— Do homem? E quanto à mulher?

— Tenha paciência! Não vou ouvir, de novo, suas arengas sobre as condições da mulher.

— Vai, sim!

— O quê?!

— Até agora, o senhor ouviu apenas o que quis.

— Eu sou homem e você, mulher. Por Deus, vai fazer o que eu disser!

— Por Deus, vou fazer o que quiser!

A voz de Elizabeth começou num sussurro e foi aumentando de volume enquanto as palavras fluíam-lhe dos lábios.

— O senhor estava bem a par do que eu fazia e permitiu porque, na época, era do seu interesse.

— Todavia, agora, meus propósitos...

— Preste atenção, meu tio. Os homens reclamam das mulheres más porque se vêem envolvidos por elas. Porém o inverso não acontece, pois todos acham natural a maldade dos homens. Vocês são todos devassos, enganadores, libidinosos e maliciosos. Só nos causam tristeza e infelicidade.

— Não seja exagerada, Elizabeth.

— Não estou sendo. A mulher sofre nas mãos dos homens porque é boa e honesta. Se pudéssemos agir com a mesma astúcia e maldade dos homens, não estaríamos sob os seus calcanhares e, muito menos, sob seus corpos! Quero amar um homem que retribua o meu afeto. Mas creio que as linhas do amor correm paralelas e nunca se encontram. De maneira geral, a mulher deseja carinho e companheirismo enquanto o homem só se preocupa em se excitar, entrar, sair' e voltar, de novo, aos seus negócios. Estes, quase sempre, resumem-se em atrapalhar a vida do próximo e maltratar a esposa.

Quando acabou de falar, Elizabeth amassou a lista de pretendentes e jogou-a no fogo.

— E é isso, meu tio. Se o senhor não concordar, subirei num dos torreões da Hatton House e repetirei tudo, aos gritos, para quem quiser ouvir. Então, o senhor testemunhará o escândalo que se abaterá sobre os Cecil.

CAPÍTULO IV

O'Hara colocou o manto de chefe de clã sobre os ombros e fechou a corrente de ouro que a prendia sobre o peito. Depois voltou-se sorrindo para o filho, que parecia uma miniatura de si mesmo.

Os braços do pequeno Rory doíam por estar segurando a espada do pai por tanto tempo.

— Obrigado, meu rapaz — disse O'Hara pegando a arma embainhada e prendendo-a no cinturão.

— Onde fica Glenmalure, papai?

— No sul, nas montanhas de Wicklow. onde os penedos são tão grandes como um castelo e a água das cachoeiras parece cair do céu.

— Depois que você tiver matado todos os ingleses, nós podemos ir lá um dia?

— Ah, meu rapaz, quando não houver mais ingleses por aqui. você vai visitar todos os cantos da Irlanda montado num bom cavalo. Agora, vá avisar Annie que eu já vou embora.

O menino saiu obediente e O'Hara atravessou o chão de pedra em direção ao parapeito da sacada onde Deirdre se encontrava. Ura arrepio estranho percorreu-lhe a espinha.

A ponte levadiça estava abaixada para dar passagem aos soldados que deixavam a fortaleza de Ballylee e inundavam a ravina. Cem deles iam a cavalo e trezentos, a pé. Destes últimos, um terço era de mercenários escoceses, armados de machados e de aspecto feroz em suas vestimentas estranhas.

Cavalos indóceis batiam as patas no chão e os soldados exercitavam-se com suas espadas.

— Um grande espetáculo! — O'Hara comentou.

Deirdre fitou-o com o olhar límpido e depois desviou-o para a cena que observavam.

— Tem razão.

— Você não dormiu bem esta noite — ele disse, passando o braço por sua cintura.

— Nem você — comentou Deirdre, aconchegando-se a ele. O'Hara suspirou. Embora não gostasse, precisava admitir que

Deirdre não possuía o estofo da mulher de um guerreiro. Enquanto a religiosidade dele era apenas aparente, a de Deirdre possuía laivos de misticismo. O ruído das espadas o atraía, porém a amedrontava. Contudo, essa sua suavidade despertava nele um imenso amor.

— Logo estará tudo terminado, minha menina. Todos os dias chegam mais mercenários escoceses para lutar do nosso lado. Não vai demorar muito para a Inglaterra ceder.

Deirdre não disse nada. Já havia esgotado todos os seus argumentos e só Rory O'Donnell os tinha compreendido. A Inglaterra jamais abriria mão do seu domínio da Irlanda e cada batalha ganha pelos chefes irlandeses servia apenas para instigar a rainha a uma retaliação frontal e poderosa.

Abraçou o marido por sob o manto e murmurou:

— Vá com Deus, Shane.

O'Hara levantou-lhe o rosto pelo queixo e beijou-a nos lábios. A princípio foi uma carícia leve e terna, depois transformou-se num extravasamento de paixão. Deirdre correspondeu com a mesma intensidade e, então, sentiu como se a própria vida se esvaísse, quando se separaram.

— Você tem cem homens e provisões para um ano dentro das muralhas. Não deixe Ballylee!

O'Hara fez essa última recomendação e foi-se embora pelas escadas de pedra, ao encontro de Rory, que o acompanharia, de Annie e do filho.

— Proteja sua mãe e Annie com a própria vida, filho. Deixo Ballylee entregue aos seus cuidados.

— Está bem, papai — o menino respondeu e fez um esforço grande para não chorar.

O pai beijou-o e abraçou Annie.

— Tome bem conta dele e não se afaste das muralhas.

— Sim, senhor — Annie aquiesceu.

Em seguida, ele montou e esporeou o animal enquanto Rory O'Donnell se despedia de Annie, roçando-lhe os lábios com os seus e dizendo:

— Se chegar outra carta, mande-a por um mensageiro. Annie fez um sinal afirmativo com a cabeça e Rory bateu continência ao seu pequeno xará. Logo depois cavalgava também, ao lado do companheiro.

— Tive um pesadelo esta noite que não me deixou dormir — O'Hara contou, sem se virar.

— Com o que sonhou?

— Ouvi um lamento pujante e nele percebi Paoveen. Um arrepio intenso percorreu o corpo de Rory.

Paoveen era o espírito de morte do clã O'Hara, é o seu lamento prenunciava que alguém deles partiria deste mundo.

James Blake instigou o cavalo suarento e guiou-se pelo barulho de água caindo. A cabeça latejava tanto que ele quase enlouquecia de dor. Tinha a impressão de que o olho esquerdo acabava de ser atingido pela bala, como se isso não houvesse acontecido há dois anos. Até certo ponto, a dor lhe era útil, pois não o deixava esquecer o que tinha perdido.

Dinheiro, ele já acumulara bastante, graças à ambição desmedida do lorde representante Russell, que roubava muito e não se importava com que outros também o fizessem. Assim, fechava os olhos aos saques que seus capitães executavam contra os irlandeses. Blake pilhara muito.

Entretanto, acima de tudo, ele desejava posição social e prestígio. *Lady Hatton* estava viúva e James planejava colocar-se numa situação vantajosa, que impedisse *sir Robert* de não lhe ceder a mão da sobrinha. Antes, porém, precisava dar fim a *Rory O'Donell*.

As cartas que interceptara para *sir Robert* haviam lhe esclarecido tudo. *Lady Hatton* era mais tola do que imaginara. Como se não bastasse a levandade do relacionamento antigo, ela tentava reencetá-lo, sem se lembrar de que *O'Donell*, além de rebelde, tinha um preço sobre a cabeça. O pior era que chamar isso de amor não passava de suicídio.

Mas com *O'Donell* morto, Blake esquentaria a cama dessa senhora a tal ponto que ela logo se esqueceria do irlandês.

Blake achou a queda d'água com facilidade e levou o animal para uma clareira perto dela. Mal acabava de desmontar, quando um ruído o fez virar-se depressa e pegar a espada.

Não foi preciso fazer uso dela. O homem alto e maltrapilho que saiu de uma moita de amoreiras era seu conhecido. Já tinham feito vários negócios.

— Pensei que fosse chegar tarde demais, capitão Blake.

— O que você quer em troca dos seus serviços exige um planejamento demorado.

— É verdade, mas foi feito?

— Dê-me antes as informações — Blake exigiu.

Precisava garantir-se primeiro, mesmo não tendo queixas do homem nos trabalhos anteriores. Mas, como todo irlandês, ele não era digno de confiança total.

— Eles vão chegar, por mar, em Arklow. São quatrocentos homens. De lá, entram com facilidade em Glenmalure.

— Você sabe por que desfiladeiro vão passar?

— Se sei! — respondeu o homem às gargalhadas. — Eu e um dos meus filhos é que vamos guiá-los! Durante a noite, eles irão a Ballinacor. Metade atacará o forte de lá e o resto segue para Rathdrum.

Blake sacudiu a cabeça, satisfeito. Apenas um exército fantasma estaria no forte; o verdadeiro ficaria escondido nas matas à volta. Quando O'Hara levasse suas forças até as muralhas para sitiar a fortaleza, ele se veria rodeado, por todos os lados, pelo inimigo. Contando com menos homens, ele não conseguiria manobrar e os seus soldados seriam massacrados.

— Quem vai comandar as forças para Rathdrum?

— Rory O'Donell.

— Tem certeza? — Blake indagou, eufórico e excitado.

— Tenho, sim. Agora vamos ao meu lado da barganha.

— Você sabe que o seu primo declarou trégua. Para matá-lo é necessário muita habilidade — Blake afirmou.

— Para o inferno com as suas desculpas. O que eu quero vai ser feito, ou não?

James Blake olhou para o céu através das ramagens das árvores até localizar o sol.

— Imagino que a esta hora, a cabeça de Fiach O'Byrne já se separou do corpo. Outra gargalhada ecoou na mata.

— Isso significa que ao anoitecer, eu serei McTeague, "The" O'Byrne!

Rory não estava gostando da situação. Os irlandeses ganhavam batalhas quando seguiam os ingleses na marcha pelos campos e lutavam só quando a oportunidade lhes era favorável.

Atacar um forte inglês abertamente, mesmo que ele se encontrasse com poucos homens e sem provisões, não era hábito irlandês. E onde estaria Fiach O'Byrne?

McTeague avisara que Fiach iria encontrá-los em Rathdrum, porém isso não era o plano original. Todos deveriam se unir em Glenmalure, onde Fiach possuía uma fortaleza, antes de se aventurarem num ataque aos ingleses.

Rory tinha sido contra a mudança de planos, todavia McTeague argumentara:

— Vocês deixariam meu primo sem reforços? Ele teve de atacar Ballinacor e Rathdrum ou abrir mão das vantagens que já conquistou.

O'Hara mostrava-se ansioso para iniciar a luta, e por isso Rory afastou as preocupações. Agora seguia McTeague através de um desfiladeiro que levava à planície do forte de Rathdrum.

— É aqui que me separo de você — McTeague O'Byrne avisou. — Vou

pegar uma trilha mais ao alto e me encontrar com Fiach. Nós temos escadas para escalar as muralhas dos flancos enquanto você resiste nos portais da frente.

Rory concordou com um aceno e observou o homem que desaparecia entre as árvores. Ao comandar o prosseguimento da tropa, sentiu um calor estranho na nuca.

O forte em Ballinacor situava-se num promontório baixo, com uma planície estreita antes dele e que terminava num rio. Essa planície era coberta por matas, tanto dos lados como atrás do forte.

O'Hara levou seus homens pela ponte estreita e os espalhou em forma de leque. Dos lados ficavam os armados com arcabuzes e no centro os com espadas e lanças. Atrás de todos ficavam os mercenários escoceses, que já entoavam seus cânticos de guerra.

— Comecem os tambores!

Devagar a cadência foi tomando conta das fileiras até alcançar a última enquanto avançavam.

Já estavam na metade do caminho, com um pouco mais de quarenta metros pela frente, quando uma figura imponente apareceu na muralha do forte com uma bandeira branca

— Sou o capitão Thomas Lee a serviço da rainha.

— E eu sou "The" O'Hara, Shane. Você é um homem morto.

— Como comandante do forte em Ballinacor. quero implorar clemência — foi a resposta. — Somos apenas vinte homem aqui e queremos nos render.

— Desgraça! — O'Hara murmurou entre dentes. — Não vai haver luta alguma aqui. — E, virando-se para um dos seus tenentes, ordenou: — Passe aviso pelas fileiras. Vamos tomar posse de Ballinacor e eu levarei metade dos homens para ajudar O'Donell em Rathdrum.

— Qual é a resposta? — Lee gritou da muralha.

— Alinhe seus homens com os mosquetes no chão e abra os portais.

Mal começaram a avançar, os pesados portões se abriram, mas fecharam-se de novo quando se encontravam a menos de vinte metros deles e uma saraivada de balas os surpreendeu.

— Voltem! Voltem! — O'Hara ordenou ao mesmo tempo que virava o cavalo em direção oposta.

Tarde demais, ele percebeu que não poderiam retroceder. Pelo rio chegava a cavalaria inglesa e das matas, de ambos os lados, surgiam os espadachins e lanceiros da rainha.

Ao perceber a gravidade da situação, Rory já não podia fazer mais nada.

Ele tinha espalhado os homens numa fila a uns quarenta e poucos metros do lugar de onde saíam do abrigo das árvores. Todos avançavam com cautela quando ouviram o ruflar dos tambores, ingleses. Em questão de segundos, os três batedores que Rory enviara na frente voltavam.

- Eles nos esperam do outro lado da colina!
- É uma armadilha, O'Donell!
- São mais de cem a pé e cinqüenta a cavalo!

Rory raciocinou depressa. Tinha um pouco mais de homens que o inimigo, mas não sabia quantos estavam no forte. Foi então que ouviu tambores também na retaguarda.

- Quais são as ordens, capitão?

— Intercepte a linha deles. Force a metade a deixar a mata e ir para a planície. Deixe o resto fugir. Eles irão para o pântano, onde serão derrotados com facilidade.

- Sim, senhor.

O homem afastou-se para cumprir as ordens e Blake assentou a luneta no olho que lhe restava. Em questão de minutos viu os primeiros rebeldes correrem para o campo aberto, só para serem atacados pela cavalaria inglesa. Tentaram retroceder, mas os lanceiros os impediram.

Blake sorriu. Durante meses estudara os métodos irlandeses de guerra e os achara dignos de imitação.

Outro grupo de irlandeses e mercenários escoceses escapou do ataque na mata e enfrentou a cavalaria no campo. Por causa da ferocidade e destemor dos irlandeses, a luta alcançou um impasse. Porém uma outra inovação de Blake foi posta em ação.

A cavalaria inglesa começou a ceder sob o ataque dos rebeldes. Estes aproveitaram para avançar sobre as espadas que retrocediam até que se depararam com uma parede de mosqueteiros, até então escondidos pela coluna de cavalos.

De joelhos, os homens atiraram e foram substituídos por outros tantos, sucessivamente, e só pararam quando não restava mais inimigo à frente.

Blake olhou para trás da mata, na direção do pântano. Lá também os irlandeses estavam sendo dizimados sem piedade.

Foi então que ele viu uma coluna de cavaleiros tendo à frente Rory O'Donell. Já ia montar o próprio cavalo quando surgiu um mensageiro quase sem fôlego.

- O que aconteceu em Ballinacor?
- Uma debandada geral, capitão. Morreram quase todos, exceto uns

trinta, inclusive O'Hara, que foram feitos prisioneiros. Tudo aconteceu bem depressa.

Blake pensou por um segundo e ordenou:

— Avise Lee para enforcar os prisioneiros, menos O'Hara, que deve ser levado ao castelo de Dublin.

Os lanceiros caíam sob as espadas de Rory e seus cavaleiros. Todavia atrás deles vinham os espadachins e depois os mosqueteiros.

A batalha estava perdida e Rory sabia disso. No fundo do coração tinha certeza do que provocara o desastre: McTeague O'Byrne, ambicioso, havia cobiçado as terras e o título do primo. Ele preferia ser "The" O'Byrne no seu cantinho da Irlanda, sob o calcanhar dos ingleses, em vez de cavalgar sob os novos ventos que sopravam sobre a Irlanda.

McTeague era um dos muitos que O'Neill temia e que fincava a lança na armadura delicada de uma Irlanda unida. Outros seguiriam o exemplo dele e alargariam a brecha na peça delicada que ainda não acabara de ser forjada.

— Ataquem! — Rory gritou. — Quando nós cairmos deverá haver um colchão de ingleses mortos para amainar a queda!

Avançaram como se fossem um só, unidos e com a mesma ferocidade. Nesse momento, compreendia-se por que Rory havia conquistado a reputação de guerreiro ferrenho e quase tão capaz quanto Shane O'Hara.

O ar se encheu com o alarido de luta: eram gritos de instigação, ou de dor, o ressoar surdo das patas dos cavalos e o silvo metálico de espadas que se chocavam.

Conseguiram atravessar a cavalaria inimiga e defrontavam-se agora com os mosqueteiros. A fumaça trouxe lágrimas aos olhos de Rory e o cheiro acre de pólvora queimava-lhe as narinas. De repente, ele sentiu um estremecimento sob o corpo ao mesmo tempo que ouvia um relinchar assustado. O seu cavalo tinha sido atingido e caía. Rory rolou pelo capim e levantou-se com a agilidade de um gato.

De maneira miraculosa, os seus homens atravessaram a barreira dos mosqueteiros, porém as baixas tinham sido grandes.

— O'Donell!

Ele ergueu a cabeça em direção ao chamado e viu, a uns vinte e cinco metros de distância, dez cavaleiros liderados por um homem de cabelos brancos e viseira preta sobre o olho esquerdo. Finalmente, encontrava-se com o fantasma que parecia estar em dez lugares diferentes a um tempo só e que pagava irlandeses traidores a fim de lutarem ao lado dele.

— Renda-se, O'Donell, o campo é nosso!

A aparência tinha mudado, porém a voz era a mesma.

— Então você sobreviveu, Blake?

— Estou meio acabado, graças à sua traição, mas vivo.

— Venha me enfrentar para que eu dê cabo do resto — Rory gritou enquanto levantava a espada.

— Nada disso, O'Donell, sua espada não vale nada contra o meu florete. Renda-se, ou acabarei com você. Estamos em maior número.

Rory não respondeu. Plantou os pés com firmeza no chão e esperou o ataque que não veio.

Das árvores à volta, surgiram irlandeses às centenas e Blake percebeu, de imediato, a desvantagem da situação.

— Você me escapou de novo, O'Donell, porém O'Hara é meu prisioneiro!

Flanqueado pelos seus protetores, Blake virou a montaria e desapareceu na mata, em direção a Ballinacor.

CAPÍTULO V

— Foram Felim e Redmond, filhos de Fiach, que vieram em meu auxílio — contou Rory. — As forças de Blake tinham arrasado a minha companhia, da qual restaram apenas cinquenta homens, graças à chegada dos irmãos O'Byrne. Eles descobriram a traição do primo tarde demais para salvar O'Hara, e no último momento para me livrar de Blake.

Rory fez uma pausa. Tinha os olhos cheios de lágrimas e rolava, nervoso, a caneca de bebida entre as palmas das mãos.

— Foi culpa minha. Pressenti a traição de McTeague e devia ter pressionado O'Hara com maior firmeza.

Ele terminou de beber o *uisce beathadh* e fez um gesto pedindo mais. Deirdre aproximou-se, pôs-lhe as mãos nos ombros e murmurou:

— Não, Rory O'Donell, não foi culpa sua. O meu Shane estava muito afoito e queria lutar logo.

Ela se virou para O'Neill e o observou. Sentado imóvel diante da lareira do grande vestíbulo do castelo de Dungannon, ele demonstrava nas feições de traços marcados toda a angústia que o atormentava. Depois de algum tempo, ele indagou:

— Você acha mesmo que foi traído por McTeague? Felim e Redmond têm certeza disso?

— Eu já desconfiava, porém acabei de me convencer quando soube da sorte de O'Hara — Rory replicou.

— Hei de arrancar o coração desse infeliz para alimentar meus porcos — O'Neill sibilou.

— E do que vai adiantar isso?

Os dois homens ergueram a cabeça, surpresos. Nunca tinham ouvido uma palavra áspera dos lábios de Deirdre, muito menos um grito como o de agora.

— Como o meu homem poderá ser resgatado? Existe algum meio de ajudá-lo a escapar? Que conversa é essa de alimentar um porco com o coração de outro? Eu quero o meu marido de volta à minha casa e na minha cama! Para que serve a vingança a uma viúva numa noite de frio?

— Para nada — O'Neill concordou.

Ele se levantou e começou a caminhar de um lado para o outro, fazendo

as botas ecoarem no chão de pedra.

— Shane representa uma grande conquista para Russell e a Coroa. Acredito que a única condição imposta para libertá-lo será a exigência de que todos os clãs larguem as armas e desistam de lutar.

Com um gemido profundo, Deirdre cobriu o rosto e ajoelhou-se no chão. O corpo todo tremia sob o impacto do pranto convulsivo. Sabia que O'Neill jamais daria ordens para que os irlandeses abandonassem a luta por causa da captura de um homem pelos ingleses, ou, ainda, para evitar a morte dele. O'Neill afirmara isso mesmo em relação a si próprio, no caso de cair nas mãos do inimigo.

— Não se desespere, menina. Eles vão mantê-lo vivo. Alguém tão importante como O'Hara não valeria nada se estivesse morto — garantiu O'Neill.

— Como pode garantir isso? Você mesmo afirmou que Russell é meio louco. Como sabe o que ele vai fazer?

Rory e O'Neill trocaram olhares. Deirdre tinha razão. Russell alimentava um ódio imenso pelos irlandeses, e várias vezes afirmara que, se um chefe de clã fosse capturado, ele o enforcaria imediatamente para servir de exemplo aos outros.

— E então? — Deirdre indagou.

— O seu temor não é de todo infundado. O castelo de Dublin está num verdadeiro caos e acredito que Whitehall também. Mas preste atenção. Temos infligido muitas derrotas aos ingleses, e nossa força é tal que reis e príncipes da Europa estão proclamando nossas vitórias. Agora já sabem que a Inglaterra não é tão imbatível assim. Felipe de Espanha e Henrique de França nos enviaram mensagens de estímulo e a ajuda de que podiam dispor, apesar de suas próprias guerras. Até James de Escócia insinuou que, se a Coroa da Inglaterra for dele depois da morte de Elizabeth, vai nos tratar muito bem. Você acha, menina, que ele faria isso se fôssemos fracos?

Deirdre mordeu o lábio e segurou as lágrimas.

— Confesso que apenas Shane me interessa. Quero-o perto de mim, na minha cama. Quando ele morrer, espero que seja ao meu lado e em paz, sem as agonias de uma execução.

Rory, que até então mantinha a cabeça baixa, ergueu-a e fitou Deirdre cheio de compaixão. Sabia que ela estava pensando na descrição que Annie fizera da morte de Ned Buli.

— Vamos lá, menina — O'Neill falou enquanto a ajudava, com delicadeza, a se levantar. — Quero que pense no seguinte: como todos nós,

O'Hara é um rebelde e um guerreiro. Você sabia disso quando se casou com ele. Tente agora entender como ele raciocina e pense nas palavras dele: "Eu quero ser livre ou morrer lutando por isso". Sem esse ideal, Shane não seria o homem a quem você ama.

— Milorde?

Os três viraram-se no mesmo instante e viram um mensageiro à porta, com as roupas encharcadas. Ele fitou Deirdre e dirigiu-se a O'Neill, que ia ao seu encontro. Ao mesmo tempo, Rory correu a amparar a moça, que, pálida, tremia apavorada.

— Deus me ajude para que não seja o que estou pensando — murmurou ela, aflita.

O'Neill e o mensageiro conversaram em voz abafada por alguns minutos, após o que o segundo se retirou.

— Acalmem-se, não aconteceu nada a O'Hara.

— Graças a Deus! — Deirdre disse ao ouvir O'Neill.

— Ele está preso na mesma cela que ocupou antes no castelo de Dublin e encontra-se bem. Agora acho que deve ir dormir, menina. O'Donnell e eu temos muito o que fazer ainda.

Rory ergueu-a nos braços, foi até a escada e chamou:

— Annie!

A moça não demorou a aparecer e viu logo o que se passava: amparou Deirdre, que Rory pousava no chão.

— Leve-a para a cama. Ela precisa descansar.

— Está bem. E O'Hara?

— Vivo, mas prisioneiro.

Annie, com todo o carinho, conduziu-a escada acima e Rory, assim que o ruído de passos morreu, dirigiu-se a O'Neill:

— E então?

— Se conheço bem a rainha e sei como ela reage a certas atitudes, acredito que os idiotas lá no castelo de Dublin nos prestaram um grande favor.

— Como assim?

— Thomas Lee ficou tão cego de orgulho com a vitória alcançada que empacotou a presa e enviou-a a Whitehall — contou O'Neill. — A rainha está furiosa e esbraveja dizendo que a guerra aqui é uma luta de bárbaros dos dois lados.

Rory arregalou os olhos. Imaginava o que ocorrera.

— Você adivinhou — o outro disse. — Guiado pela estupidez. Lee

mandou a Elizabeth a cabeça de Fiach O'Byrne.

Deirdre levantou-se de mansinho e foi até a lareira, onde reavivou o fogo. Depois verificou se os filhos estavam bem agasalhados. Shanna dormia satisfeita sob a manta fofa de lã, porém o pequeno Rory, descoberto, estava gelado. Enrolou-o com cuidado e firmeza para que não se desagasalhasse de novo e, por uns momentos, ficou admirando-o.

A cada dia que passava, ele se parecia mais com o pai. Também não seria muito alto e já prometia corpo forte, pernas e braços musculosos como os de Shane. Beijou-o na testa e voltou para o lado da sua cama, onde se ajoelhou.

Devagarinho Deirdre puxou uma arca que havia trazido de Ballylee na vinda para Dungannon. Assim que conseguiu tirá-la de sob a cama, levantou a tampa e começou a remexer o seu interior, guiada pela luz fraca do fogo

— *Milady?*

— Fale baixo, Annie, senão acordara as crianças.

— Está precisando de alguma coisa, *milady?*

— Eu não consegui dormir. Amanhã, Annie, eu e você vamos até a floresta. Quero que me ensine a usar isto aqui.

Annie abaixou o olhar e vislumbrou, na semi-escuridão, o par de pistolas que Deirdre segurava.

— Idiota! Idiota desgraçado! — *sir* William Russell vociferou enquanto batia com os punhos fechados na mesa. — Eu luto para conseguir ordens de Whitehall para nos defendermos nesta terra do diabo e o maldito do Lee se comporta com tamanha arrogância diante da rainha!

Do outro lado encontrava-se Blake, com as pernas esticadas e aparência de calma absoluta. De forma alguma deixaria que alguém percebesse o seu estado de agitação interior.

Concordava que o comportamento de Thomas Lee tinha sido imperdoável, pois provocara a fúria da rainha sobre todos ali no castelo de Dublin. Já corriam boatos de que *sir* William seria substituído, o que, de forma alguma, convinha. O sucessor dele poderia ser severo com os capitães, e isso atrapalharia seus planos. Enquanto tivesse de servir na Irlanda, queria agir de maneira proveitosa.

— Obedeci à ordem de Cecil. *sir* William. e coloquei Lee numa cela.

— Ótimo. Blake! Que sirva de lição ao idiota!

— Espero que sim. Entretanto, não podemos mantê-lo preso muito tempo nem permitir que vá a julgamento, caso Cecil insista nesse ponto.

Thomas Lee, assim como Russell e Blake, tinha enriquecido na Irlanda e

os três haviam conseguido isso num sistema de cooperação. Se Cecil ordenasse o retorno de Lee para Londres e o pusesse na Torre em castigo pela insulto à rainha, era bem possível que o homem desse com a língua nos dentes.

— Eu acho, *sir* William, que devemos encontrar uma maneira de desviar a atenção de Whitehall deste incidente desagradável provocado pelo nosso capitão.

Sir William tentou ler no único olho de Blake o que ele queria insinuar, mas não conseguiu. Como sempre, o homem era uma incógnita indecifrável.

— Mas de que maneira? — perguntou irritado.

— O'Hara pode nos proporcionar os meios.

— Estou começando a entender, mas continue.

— Ambos concordamos que a guerra está num impasse. Não vamos conseguir mais vitórias sem um reforço maciço de Whitehall e, por outro lado, já lucramos tudo o que podíamos.

— O que você pretende é forçar a rainha e O'Neill ao mesmo tempo, então?

— Exatamente. Bagenal está louco para lutar e, se aparecer um motivo, ele invadirá o norte e forçará O'Neill a enfrentá-lo. Este, de forma alguma, será derrotado no seu próprio território.

— Ah, sei. E a vitória dele causará pânico em Whitehall. Bem engenhosa a sua idéia, Blake. Mas que motivo dar a Bagenal?

— Se O'Hara for executado, *sir* William, a região da Pale ficará vulnerável à vingança dos O'Donnell e de O'Neill. Não vai ser difícil convencer Bagenal desse perigo, que só poderá ser evitado com a dita invasão do norte.

— Tem razão. E Bagenal não vai pensar duas vezes antes de arriscar o pescoço. Além do mais, considera-se invencível. Todavia existe um senão nesse plano. As ordens de Cecil são para não se fazer nada com O'Hara. E se ele exigir que mandemos o prisioneiro para Londres?

— Esse nó, *sir* William, só desataremos no momento oportuno — Blake declarou e levantou-se com um bocejo.

Ele não estava com sono, muito pelo contrário, pois uma trama dessa natureza deixava-o excitadíssimo e com a mente alerta. O problema era que *sir* William o enchia de tédio.

— Acho isso muito arriscado, Rory — O'Neill opinou.

— Concordo, mas necessário. Não temos certeza se Cecil recebe nossas mensagens como a enviamos, ou se elas são modificadas de acordo com as

conveniências de Russell no castelo de Dublin — Rory argumentou.

— Nesse ponto, você tem razão.

— E que melhor maneira de informar Cecil dos desmandos de Russell a não ser face a face?

O'Neill pôs os longos braços no consolo da lareira e inclinou o corpo com um suspiro profundo.

— Tenho medo de que, nesse encontro frontal, Cecil se mostre tão traiçoeiro como os outros. Se ele o mandar para a Torre, teremos dois reféns em lugar de um.

— Acho que vale a pena arriscar. Conheço bem Cecil. Ele é astuto e sagaz, mas também um homem de honra que deseja a paz na Irlanda. Para ele não importa quem vença esta ou aquela batalha, desde que continuemos negociando. Tanto quanto nós, Cecil não tem interesse numa guerra total.

O'Neill suspirou de novo.

— Porque nenhum dos lados pode derrotar o outro.

— Isso mesmo — assentiu Rory.

— Maldição! Há quantos anos nos prestamos a esse jogo de espera e guerra? Agora com O'Hara...

Interrompeu as palavras e pôs-se a caminhar pela sala.

— Eu faria qualquer coisa para salvar O'Hara — Rory afirmou. — Basta uma vez em que não pude ajudar um amigo em situação idêntica. Vale a pena o esforço. Se tirarmos O'Hara das garras de Russell, o máximo que acontecerá a ele é a prisão na Torre de Londres.

— Você confia tanto assim em Cecil?

— E na rainha também. Ela odeia usar os serviços do carrasco, a não ser em último recurso. Por que ela não sentenciou lorde Haskins, o pai de Deirdre, à morte? Em parte por causa da idade avançada dele, mas também porque Gloriana não gosta de sujar as mãos com sangue.

O'Neill serviu-os de vinho e foi até uma janela, que abriu. Um vento gelado levantou-lhe os cabelos e invadiu a sala.

— Como é que você vai mandar a mensagem à tal mulher'.'

— Através de Annie. que ela também conhece.

— De quanto tempo vai precisar?

— Um mês, mês e meio — Rory replicou, ao perceber que vencia a resistência do amigo.

— Creio que é o necessário. Dublin não fará muita coisa antes da primavera.

Depois dessas palavras, O'Neill virou-se para Rory, deixando que o

vento lhe soprasse os cabelos grisalhos no rosto.

— Por que você confia nessa inglesa. Rory, essa tal de Elizabeth Hatton?

Rory quis responder, porém não conseguiu e desviou o olhar para o fogo crepitante da lareira.

— Meu Deus! — O'Neill sussurrou. — Será que nós todos fomos destinados a cruzar nossas vidas com as de meretrizes inglesas?

CAPÍTULO VI

Elizabeth aconchegou Christopher, o bebê de Honor, no colo e comentou à mãe que, ao lado, sorria orgulhosa:

— Ele está lindo, Honor. Parece-se com você, embora tenha um jeitinho do pai.

— Obrigada, *milady*. Veja como ele está sorrindo. Isso é porque adora a senhora.

— Como eu o adoro também. Você tem tanta sorte, Honor.

— Eu sei, *milady*, mas acho que a senhora, um dia, ainda será agraciada com essa bênção.

— Ah, se ao menos eu tivesse certeza disso, ou se ele houvesse respondido apenas uma das cartas que mandei antes de meu tio...

— Cuidado, *milady*!

O bebê tinha agarrado o colar de esmeraldas de Elizabeth e agora o puxava. Sem que as duas conseguissem impedi-lo, ele acabou arrebatando a jóia.

— Que coisa feia, Christopher — Honor ralhou enquanto lhe abria os dedinhos e tirava o brinquedo improvisado, o que provocou um choro forte de protesto.

Elizabeth riu e guardou a jóia.

— Sinto muito, *milady*, vou mandar consertá-lo.

— Bobagem, Honor. Mas o seu filho tem ótimos pulmões e bom gosto quanto a pedras.

— Vou fazê-lo dormir, com licença, *milady*.

Quando se viu sozinha, Elizabeth foi até a janela, de onde olhou para Covent Garden, do outro lado de Holborn, e para a Strand, mais adiante. Ela podia ver nos jardins das grandes casas os narcisos e cerejeiras que já começavam a florir.

A primavera estava custando para chegar, o que, aliás, não a afetava. Não sentia saudades do sol e nem tinha vontade de acompanhar a rainha na excursão pelo campo, nesse maldito ano de 1598.

O seu mundo parecia imobilizado no centro de uma grande confusão. Na Corte, os lordes de *ladies* mostravam um semblante assustado e sombrio, como se temessem as conseqüências dos próprios atos. Por essa razão, quase

não ia mais lá. A única coisa que a deixava satisfeita era o fato de o tio estar com problemas imensos e por isso não ter tempo para se preocupar com a sua viuvez.

O conde de Essex, cujo prestígio fora recuperado, ocupava um cargo muito importante na Corte, embora não tanto como o de primeiro secretário da rainha, que pertencia agora a Cecil. Isso só tinha servido para aumentar o antagonismo entre ambos.

Nem mesmo os comentários maledicentes e maliciosos da Corte conseguiam despertar o interesse de Elizabeth, que só tinha pensamentos para Rory O'Donell.

— *Milady!*

— Meu Deus, Honor, o que aconteceu?

A criada estava na entrada do quarto, pálida e trêmula. De repente, ela deu um passo ao lado e Elizabeth percebeu que havia outra pessoa ali.

— Quem está... Annie!

Rory desmontou e prendeu o cavalo numa pilha de lenha, na margem de um regato. Um pouco antes, de uma colina mais adiante, onde tentava caçar, viu Deirdre e as crianças entrando na mata com uma cesta de piquenique.

Era um perigo muito grande afastar-se tanto das muralhas de Dungannon, e muitas vezes já lhe tinha avisado. Hoje seria mais enérgico e a proibiria de arriscar-se dessa maneira.

Sem fazer nenhum ruído, ele se aproximou da pequena clareira onde os três deviam estar. Ao vê-los, parou encantado com a cena. Deirdre, vestindo um traje numa combinação de lilás e azul-clarinho, os cabelos soltos sob um pequeno lenço de linho, amamentava Shanna e conversava com o pequeno Rory, sentado à sua frente.

— Não, meu menininho, não vou contar uma história de guerra, mas uma de amor.

— Amor? — ele perguntou fazendo uma careta.

— Isso mesmo. Espero que um dia você pense mais no amor e menos em guerra. Vou contar a história de Deirdre.

— Esse é o seu nome, mamãe.

— Eu sei, mas essa da história é uma outra que viveu há muitos anos e era conhecida como Deirdre dos Pesares.

— Quanto tempo faz isso?

— Muito, muito tempo, meu queridinho, quando um rei, chamado Conchobar, governava Ulster.

— Era um rei como O'Neill? — o pequeno Rory perguntou, um pouco

mais entusiasmado com a menção do rei.

— Era sim, mas, como todos os homens, ele também fazia coisas erradas, às vezes.

O menininho começava a se interessar e chegou mais para perto da mãe. Esta lhe acariciou os cabelos e passou o dedo pela linha do queixo, que lembrava o do pai.

— Conchobar era um homem bonito, de olhos azuis da cor do mar e cabelos pretos e ondulados como os seus. Por ser assim bonito, de vez em quando ele se envaidecia, o que não era muito bom. Um dia, os homens dele contaram que tinham visto uma menina tão linda que havia sido quase impossível tirar os olhos dela.

— Assim como você, mamãe? Deirdre riu alegre e comentou:

— Ah, Rory, meu filho! Acho que você vai longe com esse coração valente e essa língua desembaraçada de irlandês! Mas vamos ver o resto da história.

O menino sacudiu a cabeça e Deirdre continuou:

— O grande rei Conchobar ficou tão impressionado com a história que os homens lhe contaram sobre a menina lindíssima, que resolveu ir vê-la também. Um belo dia, acompanhado do seu séquito, ele partiu lá para os confins de Ulster, onde a menina morava. Quando a descobriram, o rei ficou tão encantado que mal podia acreditar em tamanha beleza. Resolveu, então, raptá-la e esperar até que crescesse para poderem se casar. Escondeu-a num grande castelo, rodeada apenas por pessoas de confiança do rei.

— Ela ficou contente? — o menino quis saber.

— Espere o resto da história para descobrir isso. Deirdre cresceu ainda mais bonita do que era em criança e Conchobar, ansioso, marcou a data do casamento. Mas o amor não permitiu que ele realizasse esse sonho.

— Por quê, ela fugiu?

— Não. Deirdre costumava passear nas matas à volta do castelo e, um dia, foi um pouco mais longe do que costumava. Na beira de um riacho, ela se encontrou, por acaso, com um rapaz forte e bonito, que se chamava Naoise. Ao se fitarem, nenhum dos dois conseguiu resistir e se apaixonaram no mesmo instante. Desse dia em diante, passaram a se encontrar às escondidas e o amor deles foi crescendo. Um dia, Deirdre começou a chorar e contou ao rapaz que ia se casar com o rei. “Não, nós fugiremos daqui!”, disse ele, e foi mesmo o que fizeram. Partiram para Alba, que hoje se chama Escócia. Entretanto, o rei de lá descobriu a beleza de Deirdre e também quis a moça para ele. Os dois apaixonados precisaram fugir de novo e, dessa vez,

foram para o lugar que agora se chama Inglaterra.

— Vai ver que o rei de lá pegou a moça para ele, como os ingleses pegam tudo da gente — o pequeno Rory comentou.

— Não, meu querido, não foi bem assim. Preste atenção porque estamos chegando na parte mais importante da história e, se você interromper de novo, não vou contar o resto.

— Está bem, mamãe, não falo mais nada.

— Na Irlanda, todos os nobres sentiam muita pena de Deirdre e Naoise, que viviam fugindo de um lugar para o outro. Por isso, imploraram ao rei Conchobar que esquecesse a moça e deixasse o casal voltar para viver, em paz, o amor que os unia. Depois de tanto pedirem, o rei acabou concordando e os dois fugitivos, felizes, tomaram um barco para voltar para cá. Mas o rei, que era malvado, tinha outros planos. Foi esperá-los na praia, e, assim que desembarcaram, Conchobar levantou a espada e golpeou o rapaz. Caído, e com o último alento, Naoise declarou o amor que sentia por Deirdre. O rei levantou de novo a espada, só que, dessa vez, o golpe caiu sobre Deirdre, que havia se atirado sobre o corpo de Naoise. E as suas últimas palavras foram um canto de amor:

“O leão das montanhas foi morto E eu me nego a chorar sozinha. Viver sem o meu amor, não resisto Cavem juntas a nossa eterna moradia”.

E foi assim que ela ficou conhecida como Deirdre dos Pesares.

Os olhinhos do pequeno Rory ficaram cheios de lágrimas, e quando falou foi com voz sentida.

— Que história triste, mamãe!

— É mesmo, meu filhinho, mas, às vezes, o amor transforma-se em tristeza.

O'Donell, escondido atrás das árvores, também estava comovido. Não quis mais ir procurá-los e, no mesmo silêncio em que se aproximara dali, afastou-se.

A caminho de Dungannon, ele imaginava se o motivo para ir procurar Elizabeth era a causa irlandesa ou o amor que tinham compartilhado. Estaria ela disposta a recebê-lo depois de tanto tempo? Talvez tivesse encontrado outro amante ou, então, até se casado novamente.

Essas e outras questões o atormentavam ao alcançar o topo da colina que galgava. Vislumbrou, um pouco mais abaixo, um outro cavalo montado. Firmou o olhar e reconheceu a silhueta delicada da amazona, que o fez esquecer todas as indagações aflitivas de segundos antes. Esporeou o animal ao mesmo tempo que gritava:

— Annie!

CAPÍTULO VII

Era como se as próprias comportas do inferno tivessem sido abertas para dar vazão à fúria do diabo que se abatia sobre a minúscula ilha de Purbeck, a sudoeste da costa inglesa.

Alheia ao relampaguear incessante, aos trovões ensurdecedores e ao estrondo das ondas furiosas nas rochas da orla marítima logo abaixo, Elizabeth continuava, em pé, atrás do parapeito do segundo pavimento do castelo de Corfe. À sua frente, o mar revolto parecia ainda mais amedrontador sob a luz intermitente dos coriscos.

O céu, quando se podia vê-lo, dava a sensação de estar ao alcance das mãos, tão baixas estavam as nuvens provocadoras da chuva torrencial.

“Não”, ela pensou, “ele não virá hoje.”

Há sete noites que Elizabeth ficava ali esperando, hora após hora, e há sete noites a tempestade rugia com tal força que embarcação alguma se atreveria a enfrentar a sua fúria.

A ilha de Purbeck encontrava-se ligeiramente protegida da força total do mar aberto pela St. Alban's Head, e Elizabeth bem podia imaginar o horror que reinava adiante desse ponto. “É inútil esperar, ele não virá hoje”, pensou de novo.

Mesmo assim, ela continuou onde estava, sem vontade de entrar no castelo e subir as escadas para o terceiro pavimento, onde ficavam os seus aposentos.

Duas vezes, Honor já havia insistido, aflita, para que entrasse e desistisse da espera.

— Não, Honor, vou esperar mais um pouco.

E permaneceu na vigília sob o tempo inclemente.

A dado momento, Elizabeth inclinou a cabeça para trás e riu, divertida com a idéia que acabava de lhe ocorrer. Gostaria de saber o que os seus muitos pretendentes diriam se visse *lady* Hatton em pé, molhada até os ossos, do lado de fora de um antigo castelo

normando, à espera de um irlandês rebelde, em cuja cabeça rainha pusera um preço.

A bem da verdade, não esperava e sim ansiava, estremecendo de desejo incontrolável. pela chegada desse homem.

Os seus pretendentes teriam reações diversas caso pudessem testemunhar a grande ansiedade que a dominava.

O pobre Francis Bacon, com certeza, ficaria mais gago Fulke Greville calmo e seguro de si. encontraria outras razões para encobrir a verdadeira.

Pembroke. por sua vez. acanhado a ponto de não admitir que existisse acasalamento depois dos votos matrimoniais, que pensava uma coisa enquanto dizia outra, fato que ficava evidente com a necessidade de colocar o chapéu no colo quando se sentava ao seu lado. sofreria um choque ao vê-la ali.

Só não conseguia imaginar a reação do mais recente da lista, o próprio procurador geral, *sir* Edward Coke, que ficara viúvo há duas semanas apenas. Ele tinha feito insinuações, em vez de falar às claras, dando a entender a Elizabeth que se casaria com ela para impedir que seu inimigo político, Francis Bacon, pudesse fazê-lo.

No íntimo, Elizabeth desejava que todos eles a vissem agora na expectativa da chegada do seu grande amor.

— Rory, meu amor, meu querido! — Elizabeth gritou ao vento. — Estou livre! Sou uma mulher sem compromissos, que pode amar em liberdade!

Mesmo assim, ela não deixava de ter consciência de estar fazendo um jogo duplo que poderia ter conseqüências desastrosas. Mas não se importava, pois, pela primeira vez na vida, as ambições e tramas que sempre a rodearam passavam a não ter significado algum. Tudo perdia o valor se comparado à paixão que sentia pelo rebelde irlandês.

— Elizabeth!

A voz vinha de trás e ela se virou, rápida. Não viu ninguém e pensou ter sido o vento. Mas ouviu de novo.

— Elizabeth!

Levantou a cabeça ao mesmo tempo que o clarão de um relâmpago iluminava a silhueta de Rory, entre a porta do castelo e o parapeito onde ela se encontrava.

A emoção de vê-lo a fez estremecer. Ele estava diferente. A capa que vestia era de um estilo estranho, a barba tinha crescido farta e os cabelos chegavam-lhe aos ombros.

“Meu Deus”, pensou ela, “se não fosse pela voz, eu não o reconheceria.”

— Elizabeth, meu amor!

Por um segundo ainda, ele continuou parado e depois moveu-se em sua direção, os dentes alvos brilhando em contraste com a barba negra.

Elizabeth correu-lhe ao encontro e atirou-se em seus braços, que a

estreitaram com a mesma firmeza tão sua conhecida. Rory abaixou a cabeça e beijou-a no pescoço, enquanto a luz intermitente dos relâmpagos os envolvia, num halo de luz fosforescente e misterioso.

— Elizabeth, minha Elizabeth — murmurou ele antes de encontrar-lhe os lábios, que tomou possessivo.

O ribombar dos trovões que ecoava nas muralhas do castelo de Corfe não era nada em comparação ao latejar do sangue pelo corpo todo de Elizabeth. provocado pelo beijo ardente que recebia. Os braços dele apertaram-se à sua volta e a língua quente e úmida penetrou-lhe a boca. Elizabeth deliciou-se com o beijo que lhe estimulava o desejo e a fazia esquecer tudo a não ser esse corpo poderoso que, de encontro ao seu, já fazia promessas maravilhosas.

— Sonhei tanto em poder senti-la de novo em meus braços, meu amor — Rory sussurrou.

— Era também o que eu desejava — confessou ela. Beijaram-se de novo, com mais profundidade. Ao separarem as bocas, ele tornou a falar:

— Você é ainda mais linda do que eu me lembrava. Seus olhos, sua boca, seus cabelos, cada pedacinho de você me perseguiu noite e dia nesse tempo de separação.

— Eu não saberia como descrever o inferno que foi a vida depois que você partiu.

— Temos tanta coisa para dizer um ao outro!

— Mas não esta noite em que não deverá existir mais nada além do nosso amor — Elizabeth declarou, resoluta.

Sem o mínimo esforço, Rory a tomou no colo e indagou:

— Qual é o caminho?

— Perto da porta há uma escada. O meu quarto fica no terceiro andar, à direita — ela explicou.

Em silêncio e quase não fazendo ruído com as botas nos degraus de pedra. Rory subiu as escadas e caminhou pelo corredor estreito. Com um gesto, Elizabeth indicou a porta pela qual deveriam entrar e que ele abriu com um toque leve do pé. Deixou-a ao lado da cama de dossel enorme e voltou à porta para trancá-la por dentro. Livrou-se da capa molhada, em seguida, e então aproximou-se de Elizabeth.

Num estremecimento de antecipação, ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás enquanto os dedos ágeis dele já começavam a despi-la.

Quando uns segundos depois sentiu o beijo entre os seios, ela abriu os olhos, prendeu os dedos nos cabelos dele e com a outra mão ofereceu,

primeiro um, e depois o outro mamilo. Ambos ansiavam por ser acariciados.

O contato dos lábios quentes no seu corpo fez desaparecer por completo o frio provocado pela chuva. Elizabeth também não se apercebia mais do ruído tenebroso dos trovões:

— Você é minha — murmurou Rory.

— E para sempre, meu amor.

Ele deu um passo para trás para livrar-se também das roupas e Elizabeth deitou-se, sem se incomodar em tirar a coberta da cama. Tinha os braços abertos num convite delicado ao amor.

Sob a luz do fogo da lareira, Rory admirou-lhe a perfeição do corpo. O olhar demorou-se nos bicos dos seios cor-de-rosa, desceu encantado até a cintura, os quadris e as coxas bem torneadas.

— Você parece uma pintura da mulher feminina e sensual que. num toque de mágica, recebeu vida.

— Só que sou real, estou aqui e sou sua. Venha, meu amor, e me faça feliz — pediu ela.

Rory uniu sua nudez à dela e tomou-lhe a boca. Elizabeth arqueou-se à procura de um contato mais profundo, impaciente pela satisfação completa. Ele lhe largou os lábios, roçou-lhe os seios e continuou a tocá-la, numa rota inusitada de prazer.

— Não... não, Rory! — exclamou ela uma vez só. Elizabeth flutuava, a caminho de sensações exultantes que jamais experimentara. Ergueu os quadris para melhor sentir as carícias dos lábios e das mãos que a tocavam, deixando-a ofegante e extasiada.

Rory cobriu-lhe, então, o corpo delicado, fazendo com que afundassem nos vários colchões macios de pena.

— Assim... assim, ah, minha querida, agora. Ohhh!

Ela parou por um segundo, com respiração irregular.

— Não, continue, meu amor! Faz tanto tempo que é natural uma dorzinha. Mas eu quero você dentro de mim.

Rory tentou de novo e, embora lhe causasse alguma dor, penetrou em seu corpo. Elizabeth, numa entrega total, abraçou-se a ele para que, juntos, alcançassem o gozo pleno.

— Agora, agora...

— Elizabeth... minha Elizabeth...

Os movimentos cadenciados foram se intensificando, guiados pela paixão imperiosa que os dominava.

Ondas gigantescas de sensações gratificantes explodiam sobre seus

corpos como as do mar agitado arrebatavam-se de encontro às rochas. Elizabeth estremeceu até o fundo da alma e Rory deixou que um grito de vitória ecoasse nas paredes do quarto.

Saciados, continuaram abraçados por um longo tempo, lá fora. a tempestade bramia, impiedosa: ali, reinava a paz.

Por três semanas ainda a natureza deu vazão às suas forças através da tormenta que impossibilitava toda e qualquer viagem. Elizabeth e Rory entregaram-se, em profundidade, ao amor que os unia. Nos momentos de calma, quando conversavam, ele explicou, em detalhes, os planos políticos que tinha. Ela compreendeu e achou sensatas as exigências de O'Neill.

O velho guerreiro queria um trato para os clãs da região de Ulster, de Ballylee para o norte até o mar. Nesse acordo deveria constar o direito a governo próprio e liberdade de religião. Em troca, O'Neill prometia não mandar mais reforços à rebelião em Connaught. na região de Pale e no resto do sul da Irlanda. Outra exigência era a substituição de *sir* William Russell no cargo de lorde representante para que houvesse uma certa justiça no tratamento dos irlandeses do sul.

Elizabeth reconhecia que O'Neill estava com a razão. Durante o período de separação de Rory, estudara a História e a situação política atual da Irlanda. Por isso, comentou:

— Tenho a impressão de que meu tio e a rainha, mais ainda, não concordarão com essas exigências.

— Talvez, não. O importante, entretanto, é que se abra a linha de negociações para impedir uma guerra total.

— Quem venceria se houvesse esse confronto? — Elizabeth perguntou, com uma ponta de medo.

— A Inglaterra, sem dúvida, mas não sem a aniquilação total dos irlandeses e grande derramamento de sangue inglês.

Só após vários dias ali no castelo do Corfe foi que Rory contou-lhe o que havia acontecido a O'Hara e o que planejava fazer a fim de salvar o amigo.

— Não! Não vou ajudá-lo nisso — Elizabeth gritou.

— Isso é só em último recurso, meu amor. Se O'Hara não for libertado, eu me ofereço em lugar dele e como garantia de que O'Neill manterá a palavra dada

— Eles matarão você!

— Não haveria razão para isso.

— Mas por que você? — Elizabeth quis saber, furiosa e frustrada com a possibilidade de seus planos de ficarem juntos serem desfeitos.

— Elizabeth, é preciso que você compreenda a Irlanda e a estrutura dos clãs. O'Hara é um chefe, eu não.

— É, sim!

— Não sou, não. O meu irmão, Red Hugh, é o líder do nosso clã e foi investido com o título de "The" O'Donell. É a ele que o povo deve obediência. O mesmo acontece com O'Hara. Enquanto ele estiver preso no castelo de Dublin, com a sombra do carrasco por perto, nem mesmo O'Neill pode garantir o que os subchefes dele poderão fazer. Para que um tratado de paz dê certo, é preciso que os chefes de todos os clãs estejam em liberdade.

— Porém você irá para a prisão, se não o matarem!

— Você deveria ficar contente com isso.

— Não brinque com um assunto tão sério — pediu ela.

— Veja bem, com toda a certeza, eu seria mandado para a Torre de Londres e ficaria bem mais perto de você.

Elizabeth levantou os punhos fechados para golpeá-los no peito. Rory, porém, os segurou a tempo.

— Oh, minha querida, você teria coragem de bater num homem nu e indefeso?

— Ah, se teria! — ela garantiu e riu em seguida, o que desfez a tensão. — E você teria coragem de violentar uma mulher muito indefesa?

— Só se ela fosse linda como você — Rory respondeu, e deitou-se de novo sobre ela.

Elizabeth abraçou-o com todas as forças que possuía e mais uma vez rendeu-se por completo e com paixão ao amor de Rory.

O céu acima de Whitehall mostrava-se tão sombrio quanto o estado de espírito da rainha. De uma das janelas, ela olhava as águas escuras do rio Tâmis, que refletiam o cinzento das nuvens. De vez em quando, um arrepio a fazia estremecer.

— O senhor acredita que esse rebelde O'Donell, que um dia ajudamos na Corte, fala a verdade? — a rainha perguntou, quebrando o silêncio opressivo do ambiente.

— Acredito, Majestade — *sir* Robert respondeu do outro lado da sala. — Tenho certeza de que Rory O'Donell expressa a vontade de O'Neill e, talvez, de outros também. Ele vai querer a paz.

— Às vezes duvido que a paz possa mesmo voltar à Irlanda. A causa é o antagonismo do homem contra o seu semelhante. Vocês homens só conhecem a lei da espada. Uma prova disso é o insulto que sofremos, há pouco, de

nossos soldados.

Sir Robert estremeceu. Há semanas que se sentia muito constrangido por causa da atitude violenta do capitão Thomas Lee. Antes que respondesse, a rainha continuou:

— O que os senhores pensam desses nobres espadachins que temos no campo de batalha e que se atrevem a mandar uma presente tão repugnante e ofensivo?

O idoso Burghley, sentado perto da lareira, trocou olhares com o filho e *sir John Clapham*, secretário de lorde Burghley, tossiu, nervoso.

— E então? — a rainha prosseguiu, irritada, ao mesmo tempo que se virava para poder fitá-los. — Será que eles imaginam que a sua soberana já colocou tantas cabeças na Ponte de Londres e que precisa de umas agora para os seus próprios aposentos?

— Majestade, essa foi uma ação imperdoável e fruto da estupidez de um homem — consolou-a *sir Robert*.

— Será que foi mesmo? Talvez não. É bem possível que seja um aviso de que nós, pessoas esclarecidas, ainda precisamos fazer uso da espada e do machado a fim de convenceremos o povo a respeitar as leis.

O seu tom ao dizer essas palavras era tão peremptório que os três homens ficaram chocados. *Sir Robert* abaixou o olhar para que a rainha não percebesse a revolta sentida. Como o pai, e a própria soberana, ele era um homem pacífico, que acreditava na justiça. Também confiava no lado bondoso do caráter de Gloriana, qualidade que muito a ajudara no exercício do poder. Todavia, as palavras que acabava de ouvir lhe causavam a estranha sensação de mau agouro.

Elizabeth caminhou devagar através da sala e postou-se, em pé, atrás das cadeiras onde se sentavam os homens que a serviam há tantos anos e tão bem. Com suavidade, colocou as mãos sobre os ombros do velho Cecil.

— Quantos anos faz, milorde, desde o dia em que eu, mocinha, fui chamada para ocupar o trono e transformar a Inglaterra, novamente, num lugar feliz?

Clapham tornou a tossir para esconder o constrangimento. *Sir Robert*, de olhos baixos, quase chegou a desejar que seu inimigo, Essex, estivesse ali para provocar um sorriso nas faces cansadas e tristes da rainha.

Sem se virar, lorde Burghley tomou-lhe a mão e disse:

— Sua Majestade tem nos proporcionado anos de abundância e nos transformou num povo forte na guerra e na paz.

— E quantos anos mais, eu imagino...

A voz da soberana desapareceu num sussurro. *Sir Robert* fitou-a e sentiu um grande aperto no coração. Lágrimas rolavam dos olhos de Gloriana.

— Eu gostaria, antes de o nosso reinado chegar ao fim, que pudéssemos remover esse espinho que se chama Irlanda de nosso flanco. E seria muito bom que isso pudesse ser realizado sem que se fizessem mais órfãos ingleses e irlandeses.

De repente ela se virou e, num comportamento inesperado, saiu apressada da sala e em prantos.

Quando a porta se fechou após a sua saída, *lorde Burghley* levantou-se com dificuldade e disse ao filho:

— Acredito que o seu rebelde O'Hara, pelo menos temporariamente, conseguiu comutação da pena.

— Penso que sim. Dentro de uma hora, o meu mensageiro estará a caminho de Dublin.

A vida de Elizabeth Hatton, naquelas poucas semanas, era uma constante de momentos felizes intercalados por outros de tristeza. Ter Rory ao seu lado e pertencer-lhe inteiramente era tudo o que podia desejar. Pensar que poderia perdê-lo outra vez era um inferno.

Quando a tempestade finalmente amainou o suficiente para permitir viagens, os dois compuseram a carta que o fiel Charles, marido de Honor, levou a Cecil. Na tarde em que ele partiu, ambos foram tomados por uma sensação estranha de vazio.

Sabiam que o rapaz voltaria, no máximo, em duas semanas. Fosse a resposta de Cecil afirmativa ou não, quanto ao encontro dele com Rory, a vida dos dois amantes mudaria outra vez. A incerteza quanto ao rumo da mudança os deixava aflitos e impacientes. Encontravam alívio nos braços um do outro, na semi-escuridão do quarto de Elizabeth.

Ela considerava as horas a sós com Rory como se fossem uma vida inteira e não se saciava com suas demonstrações de amor e desejo ardente. Os beijos nos lábios e as carícias nos seios pareciam ser os primeiros, sempre gratificantes.

Ao senti-lo dentro de si, o medo de que aquela fosse a última vez insinuava-se em seu coração. Por essa razão, o extravasamento de sua paixão era incessante. Rory reagia da mesma forma. O dia se transformava em noite e raiava de novo enquanto os dois, sempre juntos, estavam prontos para se dedicarem à satisfação mútua.

— Você me faz sentir muito feminina. Anos atrás, eu imaginava se, um dia, teria essa sensação — Elizabeth confessou num momento de quietude e

aconchego.

— O seu desejo é tão grande quanto o seu amor. Bem poucos homens têm a mesma sorte que eu, minha querida.

Por alguns instantes, ela ficou observando-lhe as feições. Descobriu pequenas rugas incipientes, provocadas, com certeza, pelas lutas e intempéries nos campos de batalha. Admirou embevecida a barba densa e os cabelos negros, tão longos.

— No que você está pensando? — Rory perguntou.

— Nos seus cabelos. Eu tinha me esquecido de como eram sedosos e pretos.

— Devo isso a meu pai, a quem chamavam de Black Hugh. Muitos pensavam que o apelido provinha da ferocidade dele na guerra, mas os cabelos eram a razão por trás do nome.

— Não poderiam ser mais escuros. Parecem... parecem...

— Penas de corvo.

— Isso mesmo! — Elizabeth concordou. — Eles têm o mesmo brilho de ébano das asas de um corvo.

— Meu pai me contou que, se eu fosse menina, seria batizada com o nome de Brenna, que, em gaélico, significa corvo.

— Brenna... Um nome estranho, mas bonito. Brenna... — Elizabeth repetiu devagar.

Quando a chuva finalmente parou, os dois saíram do castelo para passear a cavalo pela pequenina ilha de Purbeck. A única atividade ali era a extração de mármore, e viam-se apenas umas poucas casinhas cobertas de sapé onde os trabalhadores moravam. Havia umas negas de verde em alguns lugares da ilha, mas grande parte era árida e estéril.

— Esta terra e o seu castelo são nus, rochosos, um verdadeiro desafio. Você já pensou na diferença entre isto aqui e a propriedade maravilhosa de Holdenby ou da Haíton House?

Elizabeth ficou pensativa por um segundo.

— Não, e por que deveria?

— Por nada. Uma idéia boba que me passou pela cabeça.

— Agora eu quero saber, fiquei curiosa.

— Você gostaria de ficar sempre ao meu lado?

— Naturalmente!

— Casaria comigo e teria os meus filhos?

— Você é o único homem a cujos herdeiros eu me orgulharia de dar à luz.

— E você faria tudo isso aqui?

— Aqui?! Neste lugar esquecido por Deus? — Elizabeth perguntou, sem poder impedir o riso. — Agora mesmo você mencionava a diferença entre esta ilha e Holdenby. Já se esqueceu do *nosso* chalé, onde começamos a nos amar?

— Como eu poderia, minha querida?

— Então — e riu de novo — por que me fez essa pergunta tão absurda?

— Porque a sua ilha de Perbeck, minha querida Elizabeth, não é muito diferente da minha Irlanda — Rory respondeu devagar!

CAPÍTULO VIII

— Eu levarei a mensagem — Blake afirmou, estendendo a mão o rapaz loiro que acabava de chegar de Whitehall.

— Mas a ordem expressa de milorde Cecil é para entregar pessoalmente a *sir* William Russell.

— É isso que você vai fazer. Agora, me dê isso. Com certa relutância, o rapaz entregou a missiva. James Blake abriu o lacre e leu. Depois, disse:

— Muito bem, vamos embora

— Para onde?

— À procura de *sir* William em Wicklow. Você não afirmou que precisa entregar isto pessoalmente?

— Eu pensei que *sir* William estivesse aqui no castelo de Dublin.

— Não, meu rapaz, ele está inspecionando as tropas em Wicklow. Vamos embora.

Quatro cavaleiros passaram juntos pelos portões do castelo de Dublin: o mensageiro, James Blake. e dois soldados ingleses que deviam até a própria alma a Blake.

Duas horas mais tarde já alcançavam as florestas de Wicklow, por onde se aprofundaram. Anoitecia quando chegaram à entrada de um vale estreito e sombrio.

Foi nesse lugar que James Blake tirou um machado de mercenário escocês de uma sacola pendurada na sela. Mesmo na parca luz reinante, a cabeça de cabelos loiros era um ótimo alvo. Sem um gemido, o rapaz tombou do cavalo como uma pedra.

— Façam uma cova bem funda e o enterrem — o capitão ordenou para, em seguida, esporear o animal na volta a Dublin.

Sabia muito bem que, se o corpo do rapaz fosse achado, os irlandeses seriam acusados da morte dele. As marcas do machado dos mercenários escoceses eram inconfundíveis, e só eles, aliados dos primeiros, usavam essa arma.

Sir William Russell transpirava de desespero enquanto segurava o papel nas mãos trêmulas.

— Como podemos nos atrever a isso? As ordens de Cecil são bem explícitas: “Entreguem “The” O’Hara, Shane, com a maior urgência, em

Londres". O que quero dizer é que *sir* Robert, com o poder que lhe foi conferido agora, praticamente fala com a mesma autoridade da rainha.

— Precisamos ser ousados — James Blake explicou autoritário ao trocar olhares com um Thomas Lee desconfiado. — Não podemos voltar atrás. O capitão Lee foi posto em liberdade sob a fiança de quinhentas libras, e o seu testemunho sobre as atrocidades de O'Hara serviu de base para a nossa acusação do homem. Sabemos que O'Donell está na Inglaterra. Com os diabos, Russell! Bagenal encontra-se pronto para marchar, e você se enche de escrúpulos enquanto nós perdemos tudo?

Sir William tentou se servir de aguardente de frutas, mas tremia tanto que não conseguiu e acabou bebendo no gargalo da garrafa.

— Chega! — Blake gritou, tirando-lhe a bebida.

— Devolva isso, *sir*! — pediu *sir* William, aflito.

Blake esbofeteou-o com tanta força que ele foi parar de encontro à parede.

— Blake — Lee exclamou, segurando-o.

— Largue de mim! — James vociferou ao mesmo tempo que desembainhava o florete e punha a ponta dele no pescoço do apavorado *sir* William.

— Espere, James! Como se atreve...

— Eu me atrevo ao que bem entender, seu nojento! Durante meses, eu e Lee fizemos a parte suja do trabalho nas montanhas e vales, enquanto você se refestelava aqui no castelo. Nós nos arriscamos na luta contra esses rebeldes pagãos, ao mesmo tempo que você tentava provar que era macho com as prostitutas de Dublin! Não vou aturar mais nada!

— Por favor, Blake... por favor.

— Que favor coisa nenhuma! Se não assinar já esta ordem, vou é espetá-lo como se faz a um porco.

— Cecil?

— Cecil que vá para o inferno e a rainha também'

— Blake! — exclamou Lee, horrorizado.

— Cale a boca, seu idiota! — Será que não vê a necessidade de pormos um fim nesta guerra? Talvez até já seja tarde demais, com O'Donell enchendo os ouvidos de Cecil. E então?

— Eu assino. Meu Deus, eu assino.

Blake retirou o florete e *sir* William cambaleou até a escrivaninha, onde rabiscou o nome no papel.

— A responsabilidade da culpa vai recair sobre mim — reclamou ao

resvalar para uma cadeira.

— Não — Blake contradisse. — Vou providenciar para que seja McTeague, o próprio “The” O’Byrne, que vá abrir o alçapão através do qual O’Hara irá para o inferno.

— Que Deus nos ajude! — Russell gemeu.

— Que Deus também vá para o inferno! — blasfemou Blake. — Apenas comigo podemos contar de agora em diante.

A multidão à volta do patíbulo do castelo de Dublin era grande, porém silenciosa e taciturna, e não alvoroçada e barulhenta como a que subira a colina de Tyburn Tree, em Londres. Quase todos eram irlandeses de coração, embora morassem na região inglesa de Pale, e hoje um chefe, um leão das montanhas, iria morrer.

— Ave Maria, cheia de graça...

As preces ecoavam ao redor de Deirdre, enquanto caminhava através dos arcos de pedra do castelo, ao lado de outras mulheres de cabeças cobertas.

O cadafalso ficava num aclave gramado entre a torre dilapidada de Bermingham e a de Black, redonda e acachapada. Era para lá que o povo se dirigia.

Os soldados ingleses, com lanças em riste, impediam que se aproximassem; apenas as mulheres tinham permissão para chegarem mais perto da forca.

Deirdre conseguiu ficar bem junto aos degraus e, como as outras, ajoelhou-se. Seus olhos percorriam aflitos todos os detalhes do lugar, e ela estremeceu ao ver quatro cavalos fogosos não muito longe dali.

A visão dos animais fortaleceu a sua resolução. A possibilidade de O’Hara morrer numa batalha a perseguira por muito tempo e chegara mesmo a se conformar com ela. Poderia até aceitar que o marido, forte e valente, morresse na ponta de uma corda, mas nada mais além disso, pois a degradação humilhante da faca e do esquartejamento não conseguia admitir. Essa não era uma maneira digna de um líder morrer.

Ouviu o murmúrio elevar-se atrás de si, e então o viu.

As feições dele se mostravam abatidas, os olhos tinham expressão de persistência implacável e, ao andar. O’Hara mancava um pouco, o que devia ser resultado de torturas. Os ombros e a cabeça estavam erguidos.

Quando a procissão passou por ela, Deirdre puxou mais o capuz à volta do rosto. Entre os que já se encontravam na plataforma, reconheceu McTeague, o traidor.

— E vocês *nos* chamam de pagãos e selvagens! — rugiu uma voz de entre a multidão.

— Toda a Irlanda o vingará, O'Hara! — gritou outra. Deirdre lembrou-se das palavras de Annie: "O meu Ned ainda estava vivo quando o prenderam aos cavalos".

O'Hara subiu os degraus sem vacilação e desvencilhou-se das mãos que procuravam levá-lo. Sozinho colocou-se sob o laço da corda, mas antes, ao passar por McTeague, cuspiu-lhe na cara.

— É a última vingança a que tem direito, seu porco! — O'Byrne xingou.

Um pastor protestante começou a dizer preces, mas O'Hara o interrompeu.

— Nada disso! Seja para o Inferno ou para o Céu o meu destino, não quero ir acompanhado da sua hipocrisia. E vamos acabar logo com isso.

Um intendente passou a ler a lista de acusações, mas desistiu quando a multidão gritou para abafar-lhe a voz.

Deirdre fez uma oração rápida e levantou-se. Todos os olhares estavam voltados para O'Hara, em cujo pescoço o laço da corda estava sendo colocado. Ninguém se deu conta de seus movimentos até que ela alcançou o último degrau.

— Ei, moça, para trás — gritou um soldado, ao mesmo tempo que tentava segurá-la.

Deirdre empurrou-o e caminhou até o centro da plataforma, bem em frente a O'Hara.

— Fiquem de lado! — gritou a outros dois soldados e, com um movimento rápido, tirou o capuz.

Surpresos, os dois homens saíram do lado de O'Hara. Deirdre levantou a pistola com a mão direita e alvejou.

— Por amor, Shane — murmurou baixinho.

A bala atingiu-lhe o peito bem do lado esquerdo. Na última fração de segundo ele percebeu o que acontecia e nem mesmo o parar do coração conseguiu apagar-lhe o sorriso.

Deirdre virou-se rápida, jogou a pistola e tirou uma segunda de sob a capa. O alvo agora era mais próximo.

— Por amor à Irlanda, McTeague — ela gritou e atirou. Através da fumaça, pôde ver a surpresa nos olhos do traidor, um momento antes de ele cair ao chão.

Um mosquete pipocou às suas costas e Deirdre estremeceu com o impacto da bala. A multidão gritava atônita e avançava até tocar as pontas

das lanças.

Com a pistola erguida no ar, ela gritou a sua saudação:

— Um Dhia salve Erin, meu povo! Deus salve a Irlanda! A multidão clamou novamente.

Mas, então, um silêncio horrorizado tomou conta de todos quando Deirdre, cambaleando, deu uns passos e caiu sobre o corpo de O'Hara. A capa havia caído e as costas do vestido estavam rubras de sangue. Como se fossem uma só pessoa, todos fizeram juntos o sinal da cruz.

Os lábios de Deirdre moveram-se, mas apenas as últimas palavras puderam ser compreendidas antes que se calasse para sempre.

— “Cavem juntas a nossa eterna morada...”

CAPÍTULO IX

Rory O'Donell sentiu-se mal. O estômago revoltava-se e a cabeça girava de atordoamento. Foi preciso amparar-se na parede de pedra para não cair.

— É incrível o que vocês irlandeses fazem às nossas inglesas — disse Robert Cecil, que estava perto. — Eu conhecia *lady* Deirdre de vista e nunca supus que fosse capaz de um ato tão extremo.

— Ela desejava que O'Hara morresse depressa, como um homem — Rory explicou, com os olhos úmidos perdidos no mar.

— Naturalmente, mandei chamar Russell de volta para Londres e a rainha, numa demonstração de boa-fé, perdoou lorde Haskins. Ele não receberá de volta todas as suas propriedades, apenas uma parte. Mas pelo menos está vivo e em liberdade.

— Os idiotas! — Rory comentou.

— Tem razão, cometeram uma grande estupidez. Mas não foi totalmente culpa deles. O meu mensageiro nunca chegou a Dublin. Provavelmente foi morto pelos seus compatriotas. Não deixa de ser irônico que vocês mesmos tenham causado, embora indiretamente, a morte de O'Hara.

Rory gemeu.

— Não haverá mais trégua. A Irlanda toda ficará inflamada e em guerra.

Cecil chegou-se até a murada e olhou para as águas agitadas que se debatiam de encontro às rochas.

— O que mais a rainha deseja, nestes seus últimos anos de reinado, é conseguir a paz com a Espanha e resolver os problemas com a Irlanda.

— Então por que ela não deixa que nós mesmos nos governemos? — Rory indagou.

— Infelizmente é tarde demais para isso e você sabe, O'Donell. Se Sua Majestade se curvasse a todos os requisitos irlandeses estaria dando uma demonstração de fraqueza à Espanha e a outros países da Europa. Lamento, não existem mais possibilidades de conciliação.

Ele se virou e Rory encarou-o.

— A rainha está mandando um exército para a Irlanda?

— Ainda não, mas logo o fará. Bagenal encontra-se em marcha para Armagh e Tyrone.

— Ele não vai vencer, O'Neill o aniquilará!

— Imagino que sim — Cecil replicou.

— Meu Deus, parece que é isso que o senhor quer.

— Não, no fundo não. O problema reside no fato de a rainha andar muito vacilante ultimamente. Essa foi a razão atrás da queda de Calais. Para mim, torna-se cada vez mais difícil dirigir os negócios de Estado sem que ela solucione certos problemas urgentes.

— Uma derrota drástica da Inglaterra forçaria a rainha a mandar um exército inteiro à Irlanda, não é?

— É o que imagino — foi a resposta de Cecil.

Ele deu um suspiro profundo, aproximou-se de Rory e o tocou de leve no braço.

— Ambos, você e eu, fizemos o que foi possível e devia ter sido feito para impedir o derramamento de sangue destes últimos anos. Infelizmente, isso pertence ao passado e não vai ajudar o futuro. Daqui para a frente, faça o que considera ser o seu dever para com a Irlanda e eu agirei da mesma forma em relação à Inglaterra.

Rory fitou os olhos do pequeno homem e reconheceu neles uma tristeza sincera.

— Pelo menos, *sir* Robert, nós conseguimos manter uma certa amizade, embora pertençamos a campos inimigos. Acredito no senhor quando afirma que ignorava o planejamento da morte de O'Hara.

— Eu lhe agradeço isso — disse Cecil, retirando a mão do braço dele e acrescentando: — Imagino que você saiba que eu deveria levá-lo para a Torre e mantê-lo lá até que toda esta situação melhorasse, pelo menos.

— Sei, sim.

— Mas não farei isso. Não acredito que a sua reclusão tivesse algum resultado positivo; serviria, apenas, para amargurá-lo. Sabe, O'Donell, eu o admiro como guerreiro, como também a O'Neill, por ser um líder inteligente e sagaz. Acho que você deveria morrer num campo de batalha, em vez de apodrecer numa prisão.

— Tenho certeza, *sir* Robert, de que vou conseguir decepcioná-lo, pois não pretendo morrer tão cedo.

Cecil forçou um sorriso.

— Então é preciso que me faça uma promessa.

— Em troca da minha liberdade?

— Exatamente.

Cecil levantou a cabeça e deixou que o olhar se perdesse pelas ameias de pedra do castelo de Corfe, que se elevava em direção ao céu. Parecia procurar

na solidez da construção a firmeza de que necessitava para arrancar a promessa. .

— Eu quero, Rory O'Donell, que você me dê a sua palavra de nunca mais ver Elizabeth outra vez.

Rory virou-se abrupto.

— E demais o que o senhor está pedindo! — protestou.

— Tenho consciência disso. Observei os olhos de minha sobrinha quando está perto de você e sei que você a ama também. Acredite, ou não, O'Donell, há uma parte de mim que simpatiza e sofre por ambos. Contudo, vocês dois são como duas mariposas voando muito perto do fogo e acabarão sendo destruídos.

O silêncio que se seguiu parecia interminável. Finalmente, um suspiro profundo sacudiu os ombros de Rory.

— O senhor está me forçando a uma escolha muito triste, porém sabe qual é a minha resposta — replicou em voz baixa, tomado por uma vazão tão grande que foi preciso um esforço enorme para dominar a vontade de se atirar nas águas espumantes e bravias do mar lá embaixo, nas encostas rochosas.

Rory estava encostado na parede de pedra do castelo. A poucos passos, a brisa do mar esvoaçava os cabelos soltos de Elizabeth, formando-lhe um halo dourado sob os reflexos do luar. Era a última noite juntos e enfrentavam um impasse doloroso.

Ambos haviam desejado momentos de amor e entrega total, mas tudo se transformara numa angústia tumultuada e de alterações reveladoras.

Agora, mais por desespero do que esperança, Elizabeth implorava a Rory que desistisse de sua rebeldia e fizesse as pazes com a rainha. Não poderia ele voltar a viver abertamente na Inglaterra, o que possibilitaria a união dos dois?

Rory tinha jurado a Cecil não revelar o acordo de ambos e mesmo consciente da mágoa profunda que isso causaria a ele e a Elizabeth, sabia que precisava manter a palavra dada.

Entretanto, estava sendo mais difícil do que imaginara. Sua vontade era terminar a discussão e tomar Elizabeth nos braços. Tentou convencê-la.

— Minha querida, o que está me pedindo é impossível. Você desistiria de tudo que tem para ir comigo à Irlanda?

— Você gostaria mesmo que eu fizesse isso? Que eu deixasse de comer pão de trigo para me alimentar com o de centeio, ou cevada? Que tivesse de agüentar o cheiro de velas de sebo em vez de cera perfumada que tenho

aqui? Em resumo, gostaria que eu me transformasse numa selvagem rude na sua querida Irlanda?

Rory passou os dedos nas suas faces molhadas de lágrimas. Com suavidade, respondeu:

— Não, minha querida, não é disso que eu gostaria. Você se refere sempre às nossas noites maravilhosas de amor em Holdenby, no aconchego e na segurança do chalé.

— Não posso me esquecer desse tempo.

— Então deve se lembrar também das conversas longas que tivemos. Quase desde o início, você sabia quem e o que eu era. Será que pode imaginar com que frequência eu senti a tentação de abandonar tudo para ficar com você? E, mesmo agora, como essa vontade é imensa? Ela é tão dominante que chega a me amedrontar. Foi isso que você fez comigo e foi assim que estremeceu minhas convicções.

— Então, fique;! Fique e viva!

Elizabeth chorava, desesperada e agarrada a ele. Devagar, Rory sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Não! Ficar significaria também um tipo de morte, morte em vida. Eu não poderia ser um cavalheiro na Inglaterra enquanto o meu país enfrenta a guerra.

— Mas você mesmo disse que não há esperança de os irlandeses vencerem. Rory... Ai, meu Deus!

As mãos dele a sacudiram de leve pelos ombros.

— Elizabeth, você precisa compreender que não é uma questão de vencer ou perder. Isso não faz diferença. Percebo agora que a Irlanda estará sempre em guerra contra a Inglaterra e nós não podemos fazer nada, meu amor.

Aos soluços, ela enterrou a cabeça no peito de Rory.

— Idiotas! Os homens são de uma pretensão infinita!

— Talvez. Mas o que pensa de uma mulher capaz de matar e morrer por amor?

A referência ao feito de Deirdre no patíbulo deixou Elizabeth mais tensa ainda. Quando ouvira a história, havia ficado surpresa e consternada. Depois de pensar muito sobre o ocorrido, chegara à conclusão de que tinha sido uma atitude inútil e selvagem. Mas não havia dito isso a Rory. Agora, sentia necessidade de fazê-lo.

— Afinal de contas, você é igual a todos os seus compatriotas! — esbravejou ela.

— O que quer dizer com isso, minha querida?

— A maneira com que uma pessoa é morta não tem a mínima importância. Depois de tudo terminado, o cadáver não sabe nem se importa com nada.

— Você é uma pessoa autêntica e fiel ao seu modo de pensar. Sou-lhe grato por isso — afirmou Rory e conseguiu sorrir.

Alguma coisa no tom de voz dele a fez afastar-se um pouco e fitá-lo. O sorriso aumentou-lhe a raiva e a frustração provocadas pela menção velada de Deirdre e O'Hara.

— Você duvida do meu amor, Rory O'Donell?

— Não, nem um pouco, e espero que você não duvide do meu. Porém, além do amor, existe muito pouca compreensão entre nós.

Elizabeth ia começar a falar, mas Rory a impediu.

— Você não se apercebe da força que me impulsiona e não se interessa por isso. Eu sou tão culpado quanto você, pois sua ambição de conquistar fortunas e propriedades é mínima em comparação à minha. Eu ambiciono um país inteiro, minha querida.

— Quer dizer que, fora de minha cama, você me considera uma pessoa mimada?

Os olhos dela faiscavam agora e as mechas de cabelo esvoaçavam, não só por causa da brisa como também pelo tremor que a sacudia.

— Talvez nós dois tivéssemos ficado mimados por termos encontrado um amor muito forte.

Uma rajada de vento frio vindo do mar os envolveu. Rory fitou intensamente o rosto da mulher amada, como se desejasse imprimi-lo na memória. Com o coração apertado, dirigiu-se às escadas externas do castelo e desceu até o pátio, onde um cavalo selado o esperava. Elizabeth acompanhou-o com as feições transtornadas pela angústia e paixão.

Rory não a tocou mais, e só depois de montado fitou-a e disse as últimas palavras:

— Quero que saiba, Elizabeth, que por causa de tudo isso, eu a lembrarei, apenas, como mulher.

— É o que sou, Rory O'Donell, e acabo de descobrir que a minha feminilidade é tão grande que homem algum consegue enfrentá-la. Agora, vá!

Rory esporeou o cavalo e partiu. Da guarita de entrada, virou-se pela última vez. Foi então, com o luar refletido nos cabelos negros e o corpo másculo ereto na sela, que ele forçou a realidade cruel a atingir Elizabeth em cheio.

Ela estendeu os braços, numa tentativa de apagar as palavras ditas. Tarde demais! Rory era apenas uma sombra que se distanciava a galope.

Recolheu os braços e aconchegou-os ao ventre, onde uma nova vida começava a desabrochar. Desta vez não tinha dúvidas, pensou enquanto recomeçava a chorar.

Teria adiantado alguma coisa revelar a Rory essa verdade? Não, tinha certeza que não.

QUARTA PARTE

OUTONO DE 1598

CAPÍTULO I

— Eles estão se aproximando, milorde, seis regimentos: dois na vanguarda, comandados pelo próprio Bagenal, dois no meio e dois na retaguarda.

— Qual é a distancia entre cada grupo? — perguntou O'Neill. O cavaleiro sorriu, olhou de relance para Rory O'Donnell e voltou a atenção, de novo, ao chefe.

— Exatamente como o senhor disse, milorde. A coluna toda se espalha por vários quilômetros e o espaço entre os regimentos é mais do que suficiente para nós isolarmos um do outro — informou o homem.

Foi a vez de O'Neill sorrir. Ele mesmo havia verificado cada detalhe e baseado os preparativos na imprudência e descuido de *sir* Henry Bagenal. Este era um guerreiro destemido e um comandante de suprema confiança. Todavia não impunha disciplina severa e não exigia uma formação rigorosa das tropas. O'Neill pretendia usar essa deficiência em proveito próprio. Despediu o cavaleiro e virou-se para Rory.

— Estamos na iminência de escrever um capítulo importante da História, rapaz. O que está para acontecer hoje jamais ocorreu antes na Irlanda.

Rory sabia o que ele queria dizer. Ambos haviam passado longas horas com Red Hugh e Maguire no planejamento dessa batalha e tentando imaginar o que Bagenal faria. Tinham acertado, pois o idiota marchava para a própria morte e, sem saber, acendia o estopim que incendiaria a Irlanda toda.

— E o que vai acontecer depois? — Rory perguntou.

— Isso só Deus e a rainha poderão decidir. Nós fizemos tudo que estava ao nosso alcance — replicou O'Neill.

Isso era verdade. Dias antes, O'Neill, conde de Tyrone, havia declarado a Irlanda Estado independente e católico. Tal proclamação deixara a rainha entre duas escolhas: ou curvar-se a ela ou enviar um poderoso exército para anulá-la.

O'Neill tinha tomado providências para um levante de amplitude nacional e unido. Enviara, em nome da Igreja, mensageiros conclamando o

povo pelo país todo. Religião era o único fator de união entre os clãs e era preciso usá-lo.

Já podiam ver, na distância, a poeira levantada pela' coluna em marcha. O'Neill observou-a através da luneta e comentou:

— Parece que são uns quatrocentos a pé e trezentos montados. O que você acha?

Rory também perscrutou o horizonte. O espetáculo era surpreendente. Seis regimentos marchavam como uma onda humana pela estrada de Armagh em direção ao forte de Blackwater, numa extensão de três a quatro quilômetros. O terreno era firme e plano e proporcionava espaço suficiente para a disposição dos regimentos de lanceiros, de artilharia e cavalaria. O lugar era exatamente propício à maneira com que os ingleses gostavam de lutar, especialmente quando se sabia que os irlandeses preferiam colinas e florestas onde preparavam emboscadas sem serem pressentidos.

— Acho que os números são esses mesmos — Rory respondeu pensativo.

Hoje os ingleses teriam uma surpresa. Era impossível que estivessem preparados para enfrentar a revolução operada nas forças inimigas e as táticas tramadas por O'Neill.

Rory desviou o olhar para onde os irlandeses esperavam.

Na planície, a meio quilômetro adiante deles, corria o rio Callan. Os ingleses o cruzariam na parte mais estreita, onde as margens brilhavam com a argila amarela.

Além do rio, à direita da estrada, havia uma longa cerca viva junto à qual tinham sido cavadas trincheiras. Dentro delas, os lanceiros e mosqueteiros de Red Hugh O'Donnell esperavam. O pântano, à esquerda, escondia os soldados de Maguire. a pé e a cavalo.

No leito da estrada, haviam sido cavados buracos enormes para dificultar a passagem de carroças e canhões, bem como desorganizar a marcha dos soldados.

Atrás de Rory e O'Neill, encontravam-se prontos mil e quinhentos lanceiros. Quando Bagenal levasse suas forças para a morte, oferecida pelos mosquetes de Red Hugh em seus flancos, as lanças deste lado avançariam em formações organizadas, e esfacelariam os regimentos, dizimando-os completamente.

Sir Henry Bagenal, ereto e orgulhoso, cavalgava à frente dos seus soldados e atrás do vagaroso e pesado canhão. Esperava travar luta e aniquilar a horda rebelde de O'Neill a uns quinze quilômetros adiante da

Passagem Amarela, do rio Callan. de onde já se aproximavam.

A menos de duzentos metros além do rio, ele teve a primeira indicação de que estava lutando contra um novo tipo de inimigo irlandês, tão bem treinado como os ingleses. O canhão deu guinadas em todas as direções quando suas rodas atingiram a parte esburacada da estrada. Ouviu-se, então, o pipocar dos mosquetes e homens começaram a cair.

— Ajuntem-se! Fechem as colunas! — Bagenal gritou.

Cavalos e bois caíam, carroças tombavam sobre companhias confusas de lanceiros e os seus condutores, amedrontados, fugiam à procura de um abrigo seguro.

Atrás dele, Bagenal podia ver o espaço entre os regimentos principais e os da vanguarda ser preenchido pelos irlandeses, o que impossibilitava uma retirada estratégica.

Ele percebeu que o grosso do fogo dos mosquetes vinha de trás da cerca viva. Levou vários minutos para conseguir organizar alguns soldados a fim de contra-atacarem.

A maioria dos ingleses tombava morta ao abandonar a estrada e o resto foi aniquilado pelos mosquetes ao cair nas trincheiras.

Sir Henry recebeu uma bala na testa, atirada por um dos soldados do seu batalhão de irlandeses, um mercenário que resolvera juntar-se a O'Neill.

Mensageiros corriam sem cessar, entre a arena principal de luta e O'Neill, com notícias da batalha.

— Nossos mosqueteiros atiram nos barris de pólvora dos ingleses, fazendo-os explodir, milorde!

— Os artilheiros caíram antes de poderem pôr a bala e acender o estopim do canhão!

— As companhias irlandesas, sob o comando de Bagenal, desertaram, milorde, e agora lutam contra os ingleses!

O'Neill deu ordens a Rory para avançar com a cavalaria e os lanceiros. Como uma foice, eles cortariam o que restava da vanguarda e chegariam até os regimentos do centro.

Durante a hora seguinte, Rory lutou como um louco, para abrir passagem ao longo da estrada de Armagh. Ele parecia não se dar conta da proximidade das lanças e espadas que já haviam cortado em tiras a sua capa forrada de pele. Era como se a morte cavalgasse entre a fumaça densa de pólvora, estendendo-lhe a mão, e Rory O'Donnell fizesse um esforço para agarrá-la. Sua mente e seu coração quase explodiam de orgulho e coragem. Juntos, ele e a sua Irlanda defrontavam-se com o destino.

Finalmente, Rory conseguiu varar as fileiras inglesas e juntar suas forças às do irmão, Red Hugh. Associados a Maguire, eles dizimaram os regimentos principais e forçaram os sobreviventes a fugirem para a vila de Armagh.

— Milorde, os que sobraram dos ingleses fizeram uma barricada na catedral de Saint Patrick, em Armagh.

— Isto quero ver com os meus próprios olhos. Acompanhado dos seus subchefes, O'Neill cavalgou pela estrada.

Ambos os lados estavam cheios de ingleses mortos -ou feridos e, sobre os outeiros, os irlandeses o aclamavam. Uns balançavam bandeiras capturadas ao inimigo e outros confiscavam os mosquetes dos soldados derrotados. Os mercenários irlandeses, que tinham acompanhado Bagenal, juntavam-se aos seus compatriotas e engrossavam as fileiras de O'Neill.

Ao pé da colina onde ficava a catedral, O'Neill parou. Os O'Donnell e Maguire, logo atrás, seguiram-lhe o exemplo.

— Estão no campo santo de Brian Buru — disse Red Hugh.

— Isso mesmo — O'Neill concordou. — Os ingleses sabiam que lá estariam seguros, pelo menos por enquanto. Nenhum irlandês se arriscaria a profanar a cripta de nosso rei mais lendário. Não tem importância. A vida desses homens vai render um bom resgate pago por Dublin.

— Bagenal foi um tolo — comentou Rory com o olhar fixo na carnificina ao longo da estrada. — Os que vierem depois não cometerão o mesmo engano.

Em Whitehall reinava o caos, e *sir* Robert Cecil encontrava-se no centro da tempestade que lá se abatia. Como se a derrota inglesa em Blackwater não fosse suficiente, o pai idoso e enfermo havia falecido.

A rainha, que alimentara lorde Burghley, seu fiel conselheiro, pela última vez, e com as próprias mãos, num momento entregava-se à mais profunda tristeza e no outro esbravejava furiosa contra os irlandeses.

A tristeza desse falecimento afetou menos a *sir* Robert do que à rainha, pois ele, devido à gravidade do estado de saúde do pai, já esperava por isso. Mesmo assim, foi com o coração pesado que, logo após a cerimônia fúnebre, voltou a Whitehall.

O relatório completo do desastre de Blackwater chegara ao conselho da rainha e exigia atenção imediata.

Havia sido pior do que esperavam. Dois mil e quinhentos soldados morreram. Outros quinhentos tinham desertado e fugido para a França ou Flandres. O restante havia sido mandado de volta com um mínimo de roupa no corpo.

A artilharia pesada, armas de menor porte, outros equipamentos e o estoque de alimentos tinham caído nas mãos de O'Neill.

Estimava-se que o exército do chefe irlandês contava agora com a surpreendente figura de trinta mil homens, ao passo que as forças inglesas tinham sido dizimadas. Munster e Leinster, no sul, estimulados pela vitória em Ulster, estavam em franca revolta. Red Hugh e Rory O'Donnell marchavam através de Sligo e, se não fossem barrados, esperava-se que Caunnaught caísse durante as campanhas de inverno. Havia ainda os boatos de que o próprio O'Neill, no comando de três mil homens, marchava para o sul em direção a Munster.

Os membros do conselho mostraram-se bem conscientes da seriedade da situação quando se levantaram, um a um, para se dirigirem ao primeiro secretário da rainha, Robert Cecil.

— O dinheiro gasto em dois anos na colonização de Munster perdeu-se em quinze dias!

— Acredito, *sir* Robert, que essa rebelião foi muito bem planejada. O'Neill expôs a Coroa e o país ao ridículo, o que precisa ser reparado!

— Exatamente! Logo eles estarão em Dublin e nós perderemos a sede do governo!

Sir Robert dirigiu-se a todos com voz calma e vagarosa.

— Milordess, a Irlanda toda se curva numa posição acessível a O'Neill. Ele é o rei sob todos os aspectos, menos no nome. Por causa desse desastre, as ruas de Londres fervilham com boatos disparatados. Afirmam que a Espanha vai invadir a Inglaterra, que conspiradores planejam o assassinato de Sua Majestade, que a Europa toda entusiasma-se com o gênio de O'Neill. Dizem ainda, milordess, que o Papa mandou fazer uma coroa de ouro para a posse dele como rei da Irlanda e que Felipe de Espanha, aclamando O'Neill como soberano de Erin, já prepara tropas para enviar à Irlanda.

Estas últimas palavras foram recebidas por um coro de exclamações, e vários membros do conselho ergueram-se. *Sir* Robert acenou-lhes para que se sentassem e continuou.

— Milordess, fomos atingidos pelo maior desastre ocorrido durante o reinado de nossa bondosa soberana.

Ouviram-se expressões de conformidade.

— Acredito, milordess, que estamos na iminência de perder a Irlanda, se é que já não a perdemos. Fiquem certos de que será necessário o mais valente guerreiro da Inglaterra, à frente, do exército mais poderoso que já partiu de nossas terras, para nos trazer a Irlanda de volta.

Sir Robert sentou-se enquanto vozes exaltadas elevavam-se à volta da mesa. Um nome começava já a ser pronunciado por todos os presentes.

“Finalmente, milorde Essex”. Cecil pensou, “o senhor terá a sua guerra.”

O capitão James Blake havia sido esperto o suficiente para se desligar das tropas de Bagenal antes da marcha para Armagh. Sua inteligência, entretanto, não o fizera prever a rebelião geral que tomaria conta da Irlanda nem a demora de Whitehall em retaliar.

Mesmo as poucas pessoas que conviviam com ele ignoravam que não fora -o desastre sofrido pelas tropas inglesas que o haviam transformado no fantasma que perambulava pelas salas do castelo de Dublin.

Na verdade, só mesmo Blake sabia das razões ocultas por detrás do que os outros chamavam de sua “loucura”. Realmente, ele parecia doido, pois dormia de dia e vagava de noite, com um brilho estranho no único olho e um linguajar que ninguém conseguia entender.

James Blake conseguira realizar metade do seu sonho. Havia ajuntado uma boa fortuna e investido-a em terras em Munster. Esperava, com isso, vencer qualquer resistência de Elizabeth Hatton, mulher tão ambiciosa quanto ele.

No acordo de casamento, Blake ofereceria uma compensação pelo título que ela lhe traria. Essa era a outra metade do sonho e que *lady* Hatton conseguiria através das boas influências de que gozava na Corte.

Em quinze dias, o sonho tinha sido completamente desmantelado. James Blake voltara a ser pobre. Suas terras haviam sido devastadas e não valiam mais nada. Ele e Thomas Lee continuavam sob as suspeitas de Cecil. Além disso todas as cartas que ele escrevia ao primeiro secretário ficavam sem resposta.

A paixão desvairada de Blake, agora, resumia-se numa única coisa: vingança. Culpava Rory O'Donell, em particular, e toda a aristocracia irlandesa pela sua situação atual.

James Blake planejava assassinar, um por um, todos os chefes irlandeses, não importava o tempo ou o que custasse.

— Você está muito mudado, Rory O'Donell — Annie disse —, e isso me entristece;

— Mudado?! Como assim?

— Você demonstra um desejo irrefreável pela guerra. Seu irmão até já afirmou que você luta como se desejasse morrer.

— Não sinto vontade de viver, ou de morrer, Annie. Sou um soldado agora, e meus olhos cansados apenas enxergam quando se inicia a batalha

seguinte.

— Talvez... — ela começou, mas se interrompeu.

— Por Deus, você começa a falar, pára e continua a rezar com esse rosário na mão! Podia até jurar que a minha querida *lady* Deirdre não morreu e vive em você!

Ao ouvir essas palavras, Annie ficou tensa. Ia responder com rudeza, porém resolveu manter a calma.

— Eu só pensei que... talvez uma mulher lhe fizesse bem — ela disse, meio acanhada.

Rory não pôde conter o riso.

— Pois sim! Provavelmente uma mulher poderia mesmo me ajudar, só que não sou mais o jovem irlandês fogo.

Como se não tivesse ouvido, Annie tornou a falar.

— Aprendi muita coisa com *lady* Deirdre. Ela acreditava realmente na felicidade. Quando ela cometeu aquele ato, eu percebi a profundidade do seu amor.

— Mulher alguma jamais amou tanto — Rory comentou com voz baixa e rouca.

— Entretanto, se Shane O'Hara tivesse morrido na guerra, *lady* Deirdre teria continuado, quero dizer, teria amado outro. Foi o que ela me disse.

— E estava certa.

Annie, por estar perto do fogo e de costas para a sala, não percebeu quando Rory se aproximou dela. Assustou-se ao ouvir-lhe a voz perto do ouvido.

— É por isso, Annie, que você deveria estar lá embaixo, no grande vestíbulo, onde há, pelo menos, uma dúzia de rapazes ansiosos para ocupar a sua cama.

— E você, O'Donell?

— Eu?!

— Você vai sair e procurar uma moça?

Annie virou-se de repente e Rory a tomou nos braços. Os enormes olhos castanhos o fitavam e ele duvidava da descoberta que fazia nesse momento.

A pequenina Annie dos velhos tempos havia desaparecido para sempre. Os olhos, mesmo então, revelavam maturidade, o corpo, todavia, era quase o de uma criança. Mas havia florescido. Os quadris arredondados acentuavam-lhe a feminilidade e os seios bem formados insinuavam-se tentadores no decote. Ele nunca havia se apercebido dessa transformação. A expressão do olhar, nesse momento, era muito conhecida sua.

— Não, minha menina, isso nunca poderia acontecer. Você já sofreu demais e não merece mais agonias e mágoas.

Largou-a e desapareceu quase correndo.

Annie cambaleou ligeiramente e apoiou-se no consolo da lareira. Lembrou-se das palavras que Deirdre lhe dissera um dia: “O amor tem um lado bom e um mau. Às vezes, pode nos ferir com a rapidez de um raio e ser muito doloroso. Já me perguntei antes, como o faço agora, se um convento não teria sido uma escolha melhor...”

CAPÍTULO II

Elizabeth negava-se a ouvir qualquer notícia sobre a Irlanda e fazia um grande esforço para não pensar em Rory. Às vezes, quando se encontrava sozinha em seus aposentos, deixava que a imagem dele lhe enchesse os pensamentos. Nesses momentos acabava sempre atirando-se na cama em prantos.

Entretanto, o domínio férreo que tinha sobre si mesma não permitia que esses pesadelos fossem muito longos. Geralmente, forçava-se a pensar no futuro e a traçar planos.

Dispensara o auxílio de camareiras à noite para se despir, pois a gravidez já começava a aparecer. Em poucas semanas mais, sua situação seria insustentável. Ainda que não quisesse, a escolha de um marido tornava-se imprescindível.

Mas quem seria? Bacon, o gago, Pembroke, o acanhado, Greville, o petulante, ou, quem sabe, o reservado e dominador *sir* Edward Coke?

Nenhum deles a atraía depois da paixão provocada pela virilidade extasiante de Rory O'Donell.

Amor, já havia tido, pensava ela. Agora precisava ver que *posição* um homem poderia lhe proporcionar. Qual dos quatro conseguiria controlar melhor para que não houvesse modificações no seu estilo de vida? E quanto esforço isso lhe custaria? Elizabeth conhecia o seu valor e sabia que, na Inglaterra toda, o casamento com viúvas era um negócio bem lucrativo. De sobranceiras franzidas, ela ponderou sobre a situação.

As mulheres, em geral, não possuíam controle sobre nada. Não tinham representação no Parlamento e por isso não faziam ou revogavam leis. Excetuando-se as rainhas, naturalmente, eram todas casadas, ou noivas e, como tais, não conseguiam ter influência sobre os legisladores, mesmo que fossem seus maridos ou noivos. Por isso tudo é que se tornava difícil obter uma posição segura e de destaque ao mesmo tempo.

— Não deixa de ser interessante — disse Elizabeth em voz alta — que um homem tenha completo controle sobre a esposa e nenhum sobre a amante. O caso é que já fui amante e preciso ser esposa — acrescentou ao acariciar a barriga.

Apanhou papel e pena e escreveu: *Sir Edward Coke*''.

— Escolha boa e ajuizada — tornou a falar para si mesma. — Sei que ele é rude, brusco e a própria imagem da arrogância, mas estas são razões excelentes para mantê-lo afastado de minha cama. Estou certa de que não importa quem ele tome por esposa, pois continuará casado com as leis que tanto ama.

Elizabeth afastou a folha de papel com o nome de Coke e apanhou uma outra, onde se pôs a escrever.

“Meu prezado tio,

Antes que me recrimine pelo pedido que vou lhe fazer, deixe-me afirmar que considero o casamento uma ordem divina e abençoada, que nos foi dada ainda no paraíso. É um relacionamento no qual homem e mulher se unem numa só carne no amor e respeito a Deus.

O casamento deve ser mais do espírito do que do corpo, pois este é o único caminho de aproximação até Cristo. E isto, meu querido tio, é o que desejo fazer, isto é, um casamento espiritual. Sabendo que se prestará a ser meu intermediário, peço-lhe que providencie um contrato de casamento entre mim e sir Edward Coke. Estou certa de que o meu pedido o deixará satisfeito. Espero que o referido cavalheiro aceite...”

Enquanto escrevia, Elizabeth não pôde impedir que as lágrimas copiosas lhe corressem pelas faces. Também não conseguia abafar a esperança de, um dia, receber uma mensagem de Rory para ir encontrá-lo no chalé em Holdenby.

Sir Robert cruzou os dedos e descansou o queixo sobre eles enquanto observava sir Edward Coke, que lia um papel.

Considerava a escolha de Elizabeth excelente e esperava que o casamento se realizasse. Pessoalmente, não considerava o pretendente muito simpático. Na sua opinião o homem não tinha senso de humor ou malícia e a sua conversa era cansativa e aborrecida. No entanto, Coke constituía um aliado poderoso e disposto a lutar, de quem sir Robert já se utilizara no passado e que poderia ser-lhe muito útil no futuro.

Finalmente, sir Edward terminou a leitura e levantou o olhar. As sobrancelhas densas juntavam-se, franzidas, no centro da testa.

— Sir Robert... Maldição! O que essa mulher está pensando? — ele explodiu, furioso.

— Ah, sir Edward, devo confessar que há muito tempo desisti de entender a maneira como a minha sobrinha pensa.

— Mas, por Deus, homem, como pode ela pedir, não, *imaginar* uma coisa dessas?

Cecil sacudiu os ombros e mal conseguiu evitar um sorriso ao ver o rosto do outro se tornar rubro. Será que Elizabeth, sentada exatamente na sala acima daquela, podia ouvir os protestos de *sir* Edward?

— Eu lhe garanto que é a própria carta que recebi da senhora em questão e atesto que a letra pertence a ela.

— Eu não duvido disso — Coke vociferou. — Já tinha ouvido falar de que se trata de uma mulher independente e obstinada, porém, isto... *isto...*

Apoplético, ele não conseguiu se expressar.

— Aceita um pouco de vinho, *sir* Edward?

— Não, conhaque e um copo cheio! — Coke gritou e pôs-se a andar de um lado para o outro, sacudindo a carta no ar. — Sou mestre em leis! Sou o procurador geral da Inglaterra!

— Sei disso, pois fui eu mesmo que indiquei o seu nome para esse cargo. Aqui está o conhaque.

— Então, em nome de Deus, *sir*, como pode me pedir para quebrar a lei?

— Não sou eu quem pede, *sir* Edward, e sim *lady* Elizabeth, minha sobrinha.

— Veja só as exigências dela! Quer que eu despreze as leis eclesiásticas, que nos casemos sem obter a licença e publicar os proclamas, que a cerimônia seja numa casa, a *dela*, quando a lei estipula uma igreja pública. Nenhum casamento pode ser realizado em segredo e sem o conhecimento da Corte e ela impõe que o nosso seja à noite e apenas com duas testemunhas de sua própria escolha!

O homem estava tão transtornado que derrubou um pouco da bebida na mão. Cecil amparou-lhe o braço e o fez sentar.

— Eu li a carta, *sir* Edward.

— Então o que acha que eu deveria fazer nesta maldita situação?

— Seguir os ditames do seu coração.

— Pois ele que vá para o inferno! Assuntos do coração são para os jovens tolos e para os ricos preguiçosos!

— Rica ela é — Cecil resmungou bem baixo para que o outro não o ouvisse —, mas nem um pouco preguiçosa!

— Eu lhe peço desculpa, *sir* Robert, porém esta mulher, sua sobrinha, é a viúva mais indigna, obstinada, teimosa e não ortodoxa de que já ouvi falar!

— Concordo — *sir* Robert disse com um suspiro.

— Além da religiosidade, as características de uma boa mulher são:

modéstia, timidez, silêncio, abstinência e sobriedade. Essas virtudes são fundamentais porque os deveres de esposa devem começar com as tarefas mais humildes até alcançar as mais altas.

— Tenho certeza de que sua falecida esposa possuía todos esses atributos.

— Ah, que Deus a tenha! — Coke exclamou num tom de voz menos alto e irritado. — Uma santa mulher!

“E uma que lhe dava um filho por ano”, Cecil acrescentou mentalmente. “Dez filhos, com menos de quinze anos, acompanharam o enterro da mãe!” Em voz alta, comentou:

— Estou certo de que era a mulher ideal, *sir* Edward.

— Exatamente. Bridget sabia ceder em tudo e mostrar a inferioridade da mulher em relação ao marido.

Nesse ponto, *sir* Robert gemeu baixinho e disse:

— Tenho a impressão, *sir* Edward, de que minha sobrinha jamais se considerará inferior a homem algum, muito menos, admitirá ou demonstrará isso.

— Essa liberdade das mulheres é uma grande tristeza e acabará levando o país à ruína. Só poderá haver desgraça no lar onde a mulher tentar ter mais autoridade que o marido. Essa tendência está aumentando e torna-se imperioso forçar as mulheres a reconhecerem seu lugar e suas obrigações.

Cecil levantou-se entediado com o assunto e afirmou:

— Acredito que *milady* Hatton conhece muito bem o seu lugar e desincumbe-se otimamente de suas obrigações.

Em seguida, ele se dirigiu a uma escrivaninha, de onde tirou um calhamaço de papéis tão grosso que precisou das duas mãos para carregá-lo. Voltou e sentou-se, novamente, do lado oposto ao de Coke.

— Como deve saber, meu meio-irmão Thomas, o pai de *lady* Hatton, e eu assumimos muitas obrigações, bem como vastas propriedades depois da morte de milorde Burghley.

— Sei, sim, a Burghley House em Northamptonshire, Theobalds em Herefordshire e esta aqui — Coke falou enquanto fazia um gesto que abrangia a sala onde se encontravam, um dos quarenta e dois cômodos da casa da cidade, em Exeter.

— Essas são algumas — Cecil replicou, e pôs os papéis na mesa entre ambos. — Acredito que saiba também que venho ajudando minha sobrinha na gerência de seus negócios. Isto aqui vai lhe dar uma idéia do que ela possui.

Os olhos ambiciosos de *sir* Edward Coke percorreram ávidos os papéis e, bem depressa, avaliaram o alto valor que representavam. *Lady* Hatton, com ou sem o auxílio de Cecil, havia conseguido uma fortuna respeitável. Através de empréstimos e hipotecas de propriedades, metade dos membros do Parlamento encontrava-se em débito com ela.

A atenção de Coke focalizou-se num documento em especial. Tratava-se da hipoteca de Stoke Poges, a propriedade do conde Huntington. Há muito que cobiçava essa casa no campo. A localização era excelente, a seis quilômetros e meio ao norte de Windsor e a trinta e poucos distante de Londres. Um lugar perfeito para se passar o verão.

Coke examinou todos os papéis e depois recostou-se na cadeira com um suspiro. Ia falar, mas Cecil o fez primeiro.

— Já é bem tarde, *sir* Edward. Sugiro que nós dois pensemos sobre este assunto e conversemos, de novo, amanhã.

Coke teria preferido continuar a discussão nessa mesma noite, todavia Cecil, com a diplomacia que lhe era característica, não o permitiu e ordenou a um dos criados que acompanhasse o visitante até sua casa, em Holborn.

Cansado, e com a mente fervilhando de problemas, *sir* Robert subiu as escadas para o vasto segundo andar.

Um homem menos capaz, mesmo que não tivesse o corpo mirrado e defeituoso de Cecil, provavelmente não teria energia suficiente e força de vontade para enfrentar as dificuldades impostas não só pelo Estado mas também pela família, como aquelas com que ele se deparava diariamente.

A esposa querida havia falecido ao dar à luz e *sir* Robert, mal se recuperara do choque quando o pai morrera também. Gostava muito do irmão Thomas, mas, infelizmente, o homem não possuía capacidade para gerir negócios, fossem eles de natureza política ou da administração dos bens da família. Isso forçava Cecil a carregar um fardo muito pesado.

Uma das tarefas mais difíceis era aconselhar a rainha todos os dias. A soberana, cada vez mais combalida, exigia dos que a rodeavam uma paciência infinita.

Os problemas atuais da Inglaterra pareciam insolúveis.

Felipe de Espanha havia morrido; entretanto, o filho, Felipe III, dava a impressão de não ser diferente do pai em nada. Como o seu antecessor, sonhava com um mundo católico e a Inglaterra era a pedra de tropeço em seu caminho.

A situação da Irlanda piorava com o passar das horas. A região de Pale estava em chamas quase até as muralhas da cidade de Dublin e O'Neill

fortalecia-se cada vez mais enquanto a Inglaterra esperava para tomar providências.

Mesmo com todas essas preocupações, *sir* Robert sorriu ao se aproximar da sala onde Elizabeth o esperava e de onde vinha o som agradável de uma espineta. Não podia deixar de ver o lado humorístico da situação, pois conseguir casar *lady* Hatton, a sobrinha rica e viúva, deveria ser muito fácil, no entanto, era uma tarefa tão difícil que tornava as outras, que tinha a seu encargo, absolutamente insignificantes.

Assim que entrou na sala, ficou parado à porta, observando os dedos de Elizabeth percorrerem as teclas do instrumento. Como tudo que ela fazia, tocava com perfeição e graça.

A música parou e Elizabeth, percebendo a presença do tio, virou-se.

— Ah, meu tio, não sabia que já estava aí.

— Apreciava a música. Você não perdeu a técnica e continua tocando muito bem — ele elogiou ao se aproximar.

— Este é mais um dos passatempos aborrecidos que uma mulher deve ter para encher as horas vazias. Vamos nos sentar perto do fogo — Elizabeth convidou.

Sir Robert acomodou-se numa cadeira e ela, no chão, aos pés dele e com o vestido azul à sua volta.

— E então, o que diz o nosso procurador geral?

— É meio difícil de se dizer — respondeu Cecil enquanto observava a impressão de inocência pura, e linda, que a sobrinha lhe provocava.

— Não diga!

— O homem esbravejou e gritou como um touro ferido.

O pescoço alvo e esguio de Elizabeth brilhou com a luz da lareira quando ela ergueu o queixo e riu divertida. Depois os olhos alegres encontraram os do tio. Mais uma vez, como no passado, ela agia sob a influência da faceta irresponsável e despreocupada de sua personalidade, e isso o fez sorrir.

— Acredito, minha querida sobrinha, que você me incumbiu dessa tarefa como uma espécie de vingança.

— Por que diz isso, meu tio? Afinal não acertamos nossas diferenças? Não fiz uma boa escolha? Ela não vai fortalecer a posição da família Cecil na Corte?

Sir Robert notou a ponta de sarcasmo nas palavras de Elizabeth. Aliás, essa era uma constante agora em tudo que ela dizia. De certa forma, isso o entristecia, fazendo-o lamentar que a sobrinha houvesse se escondido sob

uma concha tão dura. Porém sabia que essa era uma defesa natural que, com o tempo, a ajudaria a vencer a crise do momento.

— Eu acho, Elizabeth, que você tanto se tornou uma mulher madura como irascível.

— Uma coisa é resultado da outra. Mas, além de gritar e esbravejar, *sir* Edward não disse nada sobre minha proposta?

Da melhor maneira possível, *sir* Robert resumiu as opiniões de Coke sobre a mulher. Quando terminou, Elizabeth entregou-se a um riso franco e jovial.

— Será que você tem consciência de que toda a sociedade londrina ficará chocada primeiro e depois se divertirá à custa desse casamento?

— Eu *também* estou me divertindo! — Elizabeth replicou. — Mas, por que as pessoas ficarão chocadas?

— Vamos ver se eu consigo explicar. Todos vão começar a indagar a razão pela qual esta mulher lindíssima, rica, pertencente à nobreza e de inteligência superior escolheria, entre pretendentes tão mais do seu agrado, tal homem para marido?

— Não é da conta de ninguém o que me agrada ou não.

— Disso eu sei muito bem. Aliás foi sempre assim. De qualquer forma, vão querer descobrir como Coke, considerado por muitos como Um homem sem graça, de mentalidade tacanha, sem imaginação alguma...

— É isso e mais ainda — Elizabeth interrompeu. — Egoísta, arrogante, exceto em matéria de leis um grande ignorante, e uma companhia muito desagradável.

Sir Robert, com as sobrancelhas franzidas, sacudiu a cabeça, demonstrando que era da mesma opinião.

— Exatamente por isso que também estou curioso. Elizabeth ficou séria e os olhos verdes brilharam como duas esmeraldas frias.

— Eu quero me casar com *sir* Edward precisamente pelo que ele é, um homem desinteressado por tudo, exceto pela ambição e fortuna pessoais. Em resumo, *sir* Edward é um avarento que se casará comigo sob minhas condições impostas. Devagar, meu tio, apresentarei outras que não mencionei na carta.

— Meu Deus, *mais?! O que espera conseguir?*

— Tudo o que desejo, e estou certa do meu êxito. Faço questão de que a minha independência seja reconhecida antes do casamento. Para tanto, não vou ficar em pé, ao lado dele, durante a cerimônia.

— Elizabeth...

— Mais ainda. Não pretendo mudar o meu nome. Não vou passar a ser *lady* Coke e continuar *lady* Elizabeth Hatton.

— Misericórdia! Você afronta todas as convenções inglesas!

— Não é mesmo, *sir* Robert?

Ele se levantou agitado e foi até a janela.

— Impossível!

— Pensa assim? — Elizabeth indagou com determinação.

— Naturalmente! Que o maior advogado de nossos tempos, o procurador geral da Inglaterra, burle uma lei, talvez seja perdoado, mas jamais uma infinidade delas!

— Pois então, pode informar a esse portentoso advogado que volte a julgar seus casos e não aborreça mais a minha paciência, pois não haverá casamento algum. E, meu tio...

— Sim?

— Por favor, faça isso depressa, pois é importante.

As sobrancelhas de Cecil franziram-se mais ainda enquanto o olhar se perdia além da Strand, na neblina que tirava a visão do rio Tâmesa. Apenas uma pequena luz podia ser vista em Whitehall, à direita.

Com o olhar fixo nela, teve a impressão de que ela se expandia cada vez mais até que explodiu numa revelação mental. Virou-se abrupto, mas foi com voz mansa que falou:

— Elizabeth?

— Sim, meu tio?

— Você está grávida?

— Estou, sim — ela respondeu calma. — E bem!

CAPÍTULO III

A sociedade londrina atribuiu a escolha do marido de Elizabeth ao seu espírito obstinado e à sua famosa ambição. Alguns cortesões mais chegados a ela ainda tentaram dissuadi-la da decisão tomada, mas calaram-se diante de suas explosões temperamentais.

Ninguém, além de *sir* Robert, percebeu a sua sagacidade e esperteza. Também, com a exceção dele e da própria Elizabeth, todos ignoravam a sua gravidez. Ele sabia ainda que a sobrinha não pretendia viver com o marido depois do casamento. Quando lhe perguntara a razão para tal atitude, obtivera a seguinte resposta:

— É claro, meu tio, que um homem não tem controle sobre as coisas boas da mulher se ela não o segue e vive em sua companhia.

Sir Robert recebeu essas palavras e encarou esse novo disparate nos planos da sobrinha com o seu característico autodomínio. Todavia, no fundo, sentia uma certa pena de *sir* Edward. O pobre homem não fazia idéia de como o futuro do marido de *lady* Elizabeth Hatton seria tumultuado.

A data e o local do casamento permaneceram em segredo, apenas sendo conhecidos pelos que estariam presentes. Elizabeth não cedia quanto à sua exigência de que a cerimônia tivesse lugar no grande vestíbulo da Hatton House, na noite do dia oito de novembro;

Durante as duas semanas que precederam o casamento, ela elaborou planos cuidadosos. Quando estivesse para dar à luz, iria para Holdenby e Honor seria a parteira. Já distribuía algum dinheiro entre os funcionários da reitoria local, onde o nascimento da criança seria registrado na hora oportuna.

Elizabeth não era tão ingênua a ponto de pensar que não haveria pessoas fazendo contas e comentários maledicentes. Contudo, as precauções que estava tomando diminuiriam as possibilidades de falatórios maldosos.

Conforme o dia do casamento se aproximava, a lembrança de Rory O'Donnell tornava-se mais forte e penosa. Quando experimentava o vestido que usaria na cerimônia, teve a impressão tão nítida da presença dele que rompeu em prantos e mandou a costureira embora.

Na prova seguinte, viu, no espelho, a imagem dele ao seu lado: alto, a barba densa e os olhos faiscantes e acusadores. Esquecida de tudo, bateu com

os punhos no cristal e gritou entre lágrimas:

— A culpa é toda sua! Foi você quem me abandonou e fugiu como um cachorro assustado.

A imagem começou a rir dela ao mesmo tempo que Elizabeth gritava histérica até desmaiar.

Honor, que havia sido chamada de Holdenby, pôs todas as pessoas para fora do quarto, levantou-a nos braços fortes e colocou-a na cama. Ficou com ela até que voltasse a si e se acalmasse.

Foi então que Elizabeth contou tudo à criada. Desesperada, abriu-lhe o coração. Como sempre, Honor mostrou-se compreensiva. Calma e segura, conversou por longo tempo com a sua senhora, até que ela se recuperasse completamente.

A crise--emotiva e a confissão subsequente provaram ser a catarse de que Elizabeth precisava. Embora ainda pensasse em Rory com freqüência, não sentia mais a presença dele ao seu lado e nem o via refletido no espelho.

O vestido foi finalmente terminado. Era verde como os seus olhos, com esmeraldas no corpete e muita renda dourada na cintura para disfarçar a gravidez.

— O que você acha, Honor?

— Não parece nem um pouquinho, *milady*. Aos três meses, eu já estava bem gorda e a senhora continua magrinha.

— Espero que, pelo menos por mais “três dias, eu me mantenha assim — disse Elizabeth com um sorriso malicioso.

Na véspera do casamento, a Hatton House amanheceu imersa em atividade febril. Os criados foram incumbidos de limpar todos os cantos do grande vestíbulo, que media vinte e dois metros de comprimento por doze de largura.

A tarefa era monumental. Todos os móveis foram retirados e andaimes trazidos para a limpeza do teto, que ficava a nove metros de altura. Feito isso, encarregaram-se dos lambris das paredes. Eles eram de carvalho, com molduras pintadas de vermelho-vivo, e os painéis exibiam desenhos em tons de verde e âmbar escuros. Terminada essa parte, chegou a vez do chão que, depois de bem esfregado, foi encerado até ficar brilhando. Para que não se arranhasse depois com a arrumação dos móveis, cobriram-no com um tecido grosso, que seria retirado mais tarde.

Tapeçarias mal saídas dos teares ou das mãos de bordadeiras combinavam com os vitrais coloridos e davam um toque de elegância refinada ao ambiente.

Elizabeth escolheu os melhores móveis da casa para serem colocados no grande vestíbulo. Ao longo das paredes, foram arrumados armários e aparadores feitos pelos mais renomados artesãos ingleses e estrangeiros. Quase todos eram de nogueira, pau-rosa ou ébano, e alguns tinham moldura de prata.

Sobre os aparadores, Elizabeth colocou os seus tesouros mais preciosos: havia majólica, louça esmaltada da ilha de Maiorca, porcelanas raras, peças de bronze e outras raridades colecionadas durante os anos de casamento com *sir* William.

Como um toque final, no lugar onde seria realizada a cerimônia foi colocada uma mesa magnífica, esculpida em carvalho e com desenhos de marfim e prata embutidos no topo.

Quando o último candelabro foi posto no seu lugar, Elizabeth postou-se à entrada do vestíbulo para apreciar o efeito de opulência e grandeza que o arranjo proporcionava. Sorriu satisfeita. Ao ver aquilo, ninguém poderia chamá-la de pobre ou deixar de avaliar a sua fortuna.

Os seus aposentos também foram cuidadosamente preparados. Os criados levaram os colchões de pena para serem arejados, sacudiram as tapeçarias e enceraram os lambris de carvalho. A enorme cama de dossel e os outros móveis receberam o mesmo cuidado. Finalmente estenderam-se os lençóis de cetim.

Ao olhar para a cama, Elizabeth suspirou. Não importava o número de leis que iria desrespeitar, uma, entretanto, teria de ser observada na noite de núpcias. Não poderia dar razão alguma para que Coke a quebrasse.

O casamento teria de ser consumado.

No dia do casamento, *sir* Edward Coke permaneceu trabalhando em Westminster. Ele preparava um caso de traição, contra Edward Squire, um dos antigos cavaleiros da rainha e que tentara assassinar Sua Majestade. Segundo confessara, o homem havia passado veneno na parte da frente da sela que a soberana usaria.

No final da tarde, Coke encontrou tempo para escrever e enviar uma nota lacrada a *lady* Hatton.

“Minha prezada noiva.

Mais uma vez eu gostaria de apelar ao seu bom senso. O tipo de casamento que está exigindo poderá provocar o fracasso de minha carreira. Tenho certeza de que a senhora compreende a ilegalidade de sua proposta. Por isso, eu lhe imploro que desista dessa infração e me permita editar os proclamas exigidos por lei para o nosso

casamento.

Respeitosamente, E. Coke."

Elizabeth respondeu imediatamente.

*"Meu caro futuro marido,
O senhor tem as minhas condições. Aceite-as ou desista.*

Respeitosamente, Lady E. Hatton."

Pouco depois, ele enviou a segunda missiva.

*"Minha prezada senhora,
É necessário que eu a avise de que sua obstinação ameaça seu futuro não só na terra como no céu também? Estará mesmo disposta a arruinar o meu nome, bem como o seu, que pretende continuar usando?*

E. Coke."

"Meu caro senhor, Estou, estaria, estarei!

E. Hatton."

Coke, desesperado, pediu a intercessão de seu pai, o novo lorde Burghley, que imediatamente o atendeu.

*"Minha querida filha,
Você teria mesmo coragem de nos envergonhar a todos, perante toda a sociedade londrina, com a sua teimosia? Eu lhe ordeno que ponha um final a esse enigma que ninguém entende antes que, com ele, provoque a morte de seus pais."*

Elizabeth já tinha uma resposta preparada para essa eventualidade.

*"Lorde Burghley,
Devo entender pela sua carta que não tenciona assistir ao casamento? Lamento muito, pois pedi ao cozinheiro para preparar seus pratos prediletos, que serão servidos na ceia após a cerimônia.*

Sua filha que muito o ama, Elizabeth."

Recebeu ainda mais uma carta nessa tarde, do tio.

“Elizabeth,

Peço-lhe que perdoe minha ausência nesse dia tão feliz para você. Devo ir a Gales a fim de ajudar na organização do exército para a próxima luta contra a Irlanda. Espero estar de volta a tempo de seguir o próximo episódio de sua guerra contra a humanidade.

O tio que muito a estima, R. Ceei!.”

Já havia escurecido e Elizabeth mantinha-se em seus aposentos. Fazia o frio típico de novembro e o céu nublado indicava chuva.

O noivo e os convidados chegaram, um a um, ao portão dos jardins, atrás da Hatton House. Charles, o marido de Honor, os recebeu e acompanhou-os até o vestibulo.

À oito horas em ponto, Elizabeth desceu as escadas e apresentou-se a todos. O vestido verde deixava-a radiante e com aparência quase virginal.

Seu pai, Thomas, estava presente e tinha as feições pálidas e cheias de preocupações. *Sir* Edward Coke, como sempre, trajava-se com sobriedade, mas de maneira impecável. A fisionomia dele revelava estoicismo. Henry Bathwell, reitor de Okeover, encontrava-se também ali, pois era quem iria officiar a cerimônia. Trêmulo, demonstrava o medo que sentia pelo que estava prestes a fazer.

— Cavalheiros — Elizabeth disse ao ocupar o lugar designado a ela —, creio que devemos começar.

Tudo foi dito em voz tão baixa que praticamente não se ouviu nada. O crepitar do fogo na grande lareira era mais audível do que as palavras pronunciadas.

Apesar uma vez *sir* Edward Coke atreveu-se a olhar para a noiva. Mesmo sendo severo e conservador, não pôde deixar de se impressionar com o seu encanto.

Em menos de vinte minutos estava tudo terminado. Os únicos criados presentes, Honor e Charles, apressaram-se em cumprimentar a noiva e, então, serviram a ceia.

O reverendo Bathwell, alegando indisposição de estômago, partiu em seguida e o pai de Elizabeth, depois de comer apressado, também se retirou.

Deixados a sós, Elizabeth disse a *sir* Edward:

— Muito bem, senhor, agora somos marido e mulher.

— É o que parece..

— Que estranha essa expressão no seu olhar, *sir* Edward, numa ocasião tão feliz como esta.

— Feliz, *milady*! Como pode chamar essa imitação grotesca da justiça de feliz?

O riso cristalino de Elizabeth deixou-o nervoso.

— Meu caro senhor, acredito que deixei bem claro, através de minhas exigências, que considero *todas* as leis referentes ao casamento uma caricatura da justiça. Mas isso não tem importância. Vou me retirar e, quando estiver pronta, Charles virá buscá-lo.

Coke, que normalmente não bebia em excesso, encheu um copo com conhaque e observou-a subir as escadas.

“Meus Deus!”, pensou. “O que fui fazer?”

Mas percorreu o olhar à volta e lembrou-se de Stoke Poges e dos empréstimos vultosos que lady Hatton fazia até mesmo a membros do Conselho da rainha. E, como homem, pensou também nas curvas bem-feitas dos seios que se expandiam com delicadeza a cada movimento de respiração.

— *Milady* o espera, senhor.

— Sei, sei — respondeu Coke e subiu as escadas.

Quando entrou no quarto, viu-a com uma camisola fina e em pé, perto da cama. Mais uma vez ficou impressionado com a sua beleza e encanto, porém reprimiu o desejo, disposto a enfrentar o seu comportamento em relação ao casamento.

— Prefere, então, continuar usando o seu nome?

— Prefiro, sim — Elizabeth respondeu.

— Eu tomarei conta de suas propriedades e títulos.

— Isto é o que vamos ver — desafiou ela.

— Penso, *milady*, que você é mais meretriz do que esposa — Coke declarou, furioso.

— Pois então vamos ao que se segue e ver como você conseguiu procriar a ninhada de filhos que tem.

Ele ficou rubro e desviou o olhar das curvas de seu corpo, que a transparência da camisola mostrava. Mas não se mexeu.

Elizabeth fechou os olhos, numa luta contra os próprios pensamentos. Revia com nitidez o rosto sorridente de Rory O'Donnell, os olhos negros e brilhantes, os lábios macios que capturavam os seus, enchendo-a de desejo e amor.

“O seu malandro da noite, *milady*, que deste dia em diante será o seu servo.”

Elizabeth mordeu o lábio e, com mãos trêmulas, soltou a camisola, que lhe caiu aos pés. Abriu os olhos e viu que *sir* Edward a fitava, num misto de

mortificação e pasmo.

— Isto é pura libertinagem! — ele exclamou.

— Não, *sir* Edward, é a lei conjugal. E agora, para a cama. Vamos consumir esta união de uma vez por todas!

Na manhã seguinte, *sir* Edward deixou-lhe a cama saciado e feliz, mas não sem planos secretos.

Às sete e meia já se encontrava à escrivania, trabalhando com diligência, mas não apenas no processo de acusação do cavaliário.

À tarde, a euforia que Elizabeth sentia por ter imposto sua vontade ao mais poderoso advogado da Inglaterra começou a desaparecer.

Através de manobras intrincadas, mas perfeitamente legais, Coke iniciou a posse dos bens de Elizabeth. Em questão de horas, ele executou hipotecas que ela mantinha há meses. Em Star Chamber e entre os membros do Parlamento, ele impôs a nova autoridade que a fortuna da mulher lhe conferia.

Essas manipulações, e as razões por detrás delas, estavam bem claras para Elizabeth: embora pudesse continuar morando em suas casas, logo elas, e o que produziam, seriam controladas por Coke. Poderia gastar dinheiro, desde que fosse com a aprovação dele.

Se havia subestimado o brilhantismo e sagacidade da mente de Coke, ele, por sua vez, não imaginara, nem de longe, a magnitude da ira de que Elizabeth era capaz.

Isso Coke descobriu ao voltar tarde da noite para a Hatton House e encontrar a porta fechada para ele.

— Senhora! — gritou ele do pátio. — Abra essa porta!

Elizabeth apareceu numa das janelas e jogou os poucos pertences que Coke havia trazido na véspera.

— E por que eu deveria abrir *a minha* porta?

— Porque, pela lei, sou seu marido!

— Pode me mostrar a licença de casamento ou informar se os proclamas foram publicados?

— Elizabeth, você seria capaz de estragar o primeiro dia do nosso casamento com essa briga fútil?

— *Fútil?! Ainda tem coragem de dizer isso depois de passar o dia assaltando meus bens, manipulando minhas propriedades e apossando-se dos meus lucros para que eu fique na miséria e dependa da sua mesquinhez?*

— Senhora, eu sou um homem...

— Você não passa de um bajulador interesseiro e pretensioso! — gritou ela.

— Vai ter de permitir que eu entre na minha própria casa — Coke argumentou.

— *Sir*, do outro lado de Holborn fica Castleyard, perto da rua Cursitor. Nesse local, encontra-se a residência de *sir* Edward Coke. Há anos que ele mora lá e é lá que vai continuar morando!

Elizabeth bateu a janela e *sir* Edward, sem outra alternativa, mas não derrotado, voltou para a própria casa.

As desavenças entre o procurador geral e a lindíssima esposa, no prazo de uma semana, provocaram mais comentários do que qualquer outro assunto o faria num ano.

Era inevitável que a notícia do escândalo chegasse aos ouvidos da rainha e, pior ainda, aos do arcebispo de Canterbury. Este, ultimamente, havia deflagrado uma campanha contra casamentos secretos para evitar que cerimônias católicas fossem realizadas na Inglaterra.

Quando ele foi informado de que duas pessoas de tanto destaque social haviam se prestado a uma ilegalidade dessas, o palácio de Lambeth estremeceu sob o impacto da sua fúria.

Moroso por natureza, Coke agiu muito devagar em relação à Igreja. *Lady* Hatton demonstrou muito mais presteza no caso e despejou a culpa toda em *sir* William.

Quando o casal foi chamado à presença do arcebispo em Lambeth, o mais duramente repreendido foi Coke. Ele não teve outro recurso senão ouvir tudo com humildade. Alegou excesso de trabalho e ignorância da referida lei como defesa.

O chefe da Igreja não conseguiu esconder a surpresa ao ouvir o famoso advogado declarar desconhecimento da lei. Entretanto, resolveu não instaurar processo, pois o escândalo provocado por ele seria muito nefasto. Aplicou-lhes uma pesada multa e determinou que se casassem de maneira adequada.

Na carruagem de volta à Hatton House, Elizabeth apresentou seus termos. Pelo menos, no momento, Coke não teve outra saída senão aceitá-los. Todavia, afirmou a si próprio que a luta havia apenas começado. Em voz alta, disse:

— *Milady* ainda vai provocar a minha morte.

— Não acredito, *sir* Edward, eu é que vou tomar muito cuidado a fim de não morrer por culpa sua.

CAPÍTULO IV

Sir Robert Cecil nunca poderia ter imaginado que se criasse tensão tão forte entre a rainha e o seu outrora muito apreciado cortesão, o conde de Essex.

Há semanas que Essex vinha aborrecendo o Conselho com sua indicação para o cargo de lorde tenente da Irlanda. O conde insistia em recomendar um homem que, segundo ele, forçaria Tyrone a se ajoelhar. Mas até agora não conseguira ser ouvido.

Essex acabava de invadir os cômodos particulares da soberana, atitude errada que o colocava à mercê de Cecil.

Com ênfase exagerada, ele exaltava as qualidades de *sir* George Carew para o posto. *Sir* Robert, calado e ao lado direito da rainha, observava o seu inimigo. Comparava-o a um cavalo de raça, pois o conde, de físico saudável, era alto, possuía nariz aquilino, lábios grossos e sensuais e olhos que revelavam tudo que lhe ia na mente.

Mesmo na presença da rainha, o porte dele era aristocrático e talvez isso provocasse a sua queda. Robert Devereux não tinha o mínimo senso de diplomacia. Entre as suas qualidades contavam-se um grande magnetismo pessoal, que atraía seguidores, e uma imensa coragem no campo de batalha. Entretanto, elas seriam mais valiosas se fossem acompanhadas de alguma dose de julgamento racional.

Como isso não acontecesse, era preciso que Cecil se mantivesse vigilante ao poder de Essex e sempre atento à ascendência que, porventura, tivesse sobre a rainha. Felizmente, ambos haviam diminuído nos últimos tempos e, mesmo agora, sua insistência sobre a nomeação de Carew para a Irlanda prejudicava-lhe o prestígio.

De vez em quando, Cecil fitava a soberana e percebia que ela não estava se deixando levar pela retórica do conde.

Carew era amigo íntimo de Cecil e inimigo de Essex. Quem, portanto, melhor do que ele para enfrentar, na Irlanda, a peste, a febre, as chuvas e um exército superior?

Não demorou muito para que a expressão da rainha revelasse a Cecil que percebia as intenções maldosas do conde.

— Não. milorde, não acredito que Carew seja capaz de reunir tropas

necessárias a um empreendimento desse porte.

Essex não aceitou a opinião real e, de maneira tola e imprudente, renovou o ataque.

— Perdão, Majestade, mas penso que está errada, como qualquer mulher estaria se opinasse sobre questões de guerra.

Cecil virou a cabeça depressa para a soberana. Como esperava, o seu rosto tornara-se sombrio e era evidente que Essex acabava de cometer um erro crasso. Além de conversas evasivas sobre a sua morte, ou sucessão, o tópico que mais despertava a ira de Gloriana era o fato de ser mulher e precisar de homens para suas guerras.

— Milorde Essex acha — a rainha Elizabeth perguntou com voz fria — que o seu gênio nos campos de batalha conseguiu-lhe, no passado, riquezas e terras neste reino?

— Acho que sim.

— Pois ilude-se tanto quanto tenta nos iludir agora. Devereux ficou rubro e levantou o rosto em desafio.

— Cabe lembrar a Vossa Majestade que fui eu, e não a senhora, quem enfrentou a morte em batalhas sangrentas.

— Pelo sangue de Cristo, homem! Como posso me esquecer disso se o senhor me reaviva a memória a cada instante?!

— Pouco me interessa a sua braveza, senhora...

— A mim é que não interessa o seu posicionamento como estadista, *sir*, pois a sua competência nesse campo é nula. Saiba ainda que nem todas as batalhas são ganhas na guerra.

— As que têm importância, são! — Essex esbravejou.

A arrogância do conde tinha ido longe demais. Cecil levantou-se, numa tentativa de acalmar o ambiente, mas foi tarde demais. Essex resmungou uma praga incompreensível e cometeu, em seguida, o maior erro de todos, o de demonstrar desprezo pela soberana. Ele lhe virou as costas.

Elizabeth levantou-se rápida e arqueou o braço. Embora a palma de sua mão fosse pequena, a bofetada que deu na orelha de Essex ecoou pelo salão.

O conde virou-se rápido e gritou:

— Senhora, jamais tolerarei um insulto como esse de um homem e muito menos de uma mulher!

Como se isso não fosse suficiente, ele levou a mão ao cabo da espada.

— Devereux, seu idiota! — Cecil murmurou, interpondo-se entre os dois.

— Saia da frente, pigmeu, ou eu o esmago como o verme que é!

— Cale-se, Essex! — Cecil sibilou. — Até que ponto pode ir a sua

estupidez? Ela é a rainha!

Só então, sob o olhar fulminante de *sir* Robert, Essex percebeu a extensão da insolência cometida. Mesmo assim, foi incapaz de engolir o orgulho e tentar se retratar. Com outro olhar furioso para a rainha, deixou a sala.

Cecil voltou sua atenção a Gloriana. Muito pálida, ela tremia, e seus olhos transbordavam um ódio imenso, jamais demonstrado antes.

— Qual é a sua opinião, *sir* Robert, sobre alguém que dá tão pouco valor à própria cabeça?

Cecil respirou várias vezes, bem fundo, para se acalmar.

— Acredito que, se milorde Essex não valoriza suas recomendações, Vossa Majestade deveria aceitar a palavra dele — respondeu Cecil devagar.

— Como assim?

— Se milorde Essex sabe o que é melhor para a Irlanda, então acho que ele deveria ser mandado para lá.

Por um momento os olhos da rainha demonstraram hesitação e dúvida. Depois, ela sacudiu a cabeça.

— Que seja assim!

O dia estava cinzento e não havia sinais de primavera no ar quando o conde Robert de Essex conduzia os capitães sob o seu comando pela Strand, em direção a Chester.

Como sempre, a multidão aclamava e hoje mostrava-se mais Vibrante ainda, pois Essex estava a caminho da Irlanda, onde reabilitaria a honra ferida da Inglaterra.

Fiel à sua maneira de ser, ele não sorria ou acenava para o povo. Southampton e os outros que fizessem isso...

A bem da verdade, Essex não via o sorriso das pessoas e nem ouvia seus gritos de entusiasmo. Sua mente remoía as palavras que Francis Bacon dissera depois de ter a ordem, assinada pela rainha e por Cecil, que o mandava para a Irlanda.

— Ao que me parece, milorde, eles foram mais espertos.

Como um sinal de mau agouro, o céu escureceu mais ainda quando os regimentos deixaram Londres, e mal alcançaram o campo a chuva já caía torrencial. Acompanhou-os na viagem toda até Chester, e na travessia do mar da Irlanda.

Sendo o mais antigo das forças inglesas na Irlanda, coube ao capitão James Blake fazer um resumo da situação ao conde, após sua chegada.

Essex ficou chocado com a aparência do homem que tinha à frente. Blake parecia mais um rebelde pagão irlandês do que um cavalheiro inglês a

serviço da rainha. Estava sujo, maltrapilho, tinha os cabelos compridos e desgrenhados, além de usar a franja na testa, no estilo irlandês. Até o sotaque se modificara sob a influência do gaélico e o conde teve dificuldade para entendê-lo a princípio.

Southampton cobriu o nariz com um lenço perfumado e saiu. Blake, com o sorriso repuxado pela cicatriz da face, aproximou-se de Essex com um rolo de mapas.

“Por Deus”, o conde pensou, “ele parece um verdadeiro irlandês. Como vou poder confiar nele?”

Havia uma outra coisa que o intrigava: era a expressão do único olho de Blake. Não conseguia definir a sensação que ela lhe provocava, apenas percebia que era igual à dos olhares dos prisioneiros das celas de Bedlam.

— Veja, milorde, o desgraçado do O’Neill controla o norte apenas dominando estes três caminhos estratégicos. Esta estrada vai de Connaught, passa por Ballylee e Ballyshannon e chega em Lough Erne, no oeste. Se conquistá-la, terá Donegal. A de Armagh, que passa por Blackwater, o levará a Tyrone. De lá será fácil atacar Derry e o estreito de Lough Foyle. Essa é a passagem principal entre Donegal e Tyrone, que, se estiver sob o nosso comando, impedirá que os clãs do norte se auxiliem. Acredite, milorde, se dividir suas forças de dezesseis mil homens em duas partes iguais, no prazo de um mês as irlandesas estarão chorando a morte de seus homens.

A estratégia militar básica do homem parecia lógica e inteligente, todavia Essex ainda não tinha ouvido o suficiente sobre ela para formar opinião definitiva. Continuou com os olhos no mapa, onde Blake apontara a Passagem Amarela do rio Callan.

As palavras da mensagem recebida em Londres meses atrás vieram-lhe à mente.

“...todos os líderes e dois mil homens morreram em Blackwater em questão de horas. O nome de *sir* Henry Bagenal, envolto em infâmia, desaparecerá por causa dessa derrota.”

Do seu posto de observação, na alta torre de Dungannon, O’Neill viu Rory O’Donnell desmontar do cavalo suado. Desceu as escadas e dirigiu-se ao salão, onde os seus subchefes já o esperavam à longa mesa de carvalho.

O’Neill sentou-se na cadeira de encosto alto, na cabeceira da mesa, no exato momento em que Rory entrava no recinto.

— Então chegaram?

— Isso mesmo — Rory replicou. — Essex desembarcou com dezesseis mil homens, armas e alimentos suficientes para um ano.

O'Neill suspirou e recostou-se no espaldar da cadeira. Levantou a cabeça e deixou que o olhar se perdesse nas vigas do teto abaulado, tão alto acima dele.

Já fazia anos que mantinham escaramuças contra os pequenos regimentos da rainha, e na maior parte delas saíram vitoriosos. Depois veio Blackwater, com a derrota fragorosa da Inglaterra. Mas isso agora era diferente, pois teriam de se defrontar com um exército de dezesseis mil homens bem treinados, sob o comando de um líder popular de grande experiência.

— Maldição! — O'Neill exclamou entre dentes. — Se ao menos essa mulher morresse!

A morte de Elizabeth seria mais proveitosa ao seu interesse. Na confusão da procura de um sucessor, Whitehall teria pouco ou nenhum tempo para se preocupar com a Irlanda.

— O que você acha de Essex? — O'Neill indagou de Rory.

— Tenho a impressão de que o conde está mais enamorado dos frutos da vitória do que interessado em colhê-los.

— Seu irmão precisa ser informado e Maguire convocado. Parece que vamos percorrer novamente a estrada de Armagh até Blackwater.

— Não, milorde, não creio nisso.

O'Neill baixou o olhar, que até então mantivera no teto, e viu o sorriso largo no rosto de Rory.

— Por que diz isso?

— Por razões que vão além da minha compreensão. Essex não está marchando para o norte. Neste exato momento, ele encontra-se a caminho de Cork, no sul.

E, enquanto o conde de Essex tentava a sorte em Cork, O'Neill preparava à vitória em Dungannon e Rory O'Donnell bebia mais e mais *uisce beathadh*, ansioso pela próxima batalha, *lady* Hatton deu à luz a uma menina no chalé de Holdenby.

— Foi um parto muito fácil, *milady* — Honor afirmou com um sorriso. — Não lhe disse que os ossos de sua bacia são excelentes para se ter filhos?

Elizabeth conseguiu apenas sacudir a cabeça. Estava exausta, não só pelas longas horas de trabalho de parto como também pelos meses de briga com o marido por causa de seus bens.

— Ela gostaria de mamar, *milady*.

Mais uma vez, Elizabeth acenou com a cabeça e deixou que a criada lhe abrisse a camisola e tirasse para fora um dos seios doloridos.

Quando o bebê começou a se alimentar pela primeira vez, a energia pareceu voltar ao corpo da mãe. A menininha tinha cabelos e olhos pretos e uma expressão irrequieta de que Elizabeth lembrava-se tão bem.

A visão da filha e a sua semelhança com Rory fizeram-na chorar. Honor pensou que eram lágrimas de alegria.

— Que nome *milady* vai dar a essa belezinha?

Elizabeth fechou os olhos e lembrou-se de um momento distante. Aconchegou mais ainda a filha ao seio e murmurou:

— Brenna. Ela vai se chamar Brenna.

CAPÍTULO V

Durante meses, Essex comandou seu poderoso exército de um lado para o outro do sul. Não travou nenhuma grande batalha, apenas limitou-se a pequenas investidas contra os O'Toole, os O'Byrne e outros clãs de menor porte.

A maneira excelente com que apresentava os homens e as armas logo lhe conquistou fama. Entretanto, as vitórias conseguidas eram de pouca monta.

O'Neill mandou instruções aos clãs do sul para que observassem Essex, ao mesmo tempo que o importunassem pelos flancos. Recomendou-lhes ainda que só se empenhassem em grandes batalhas quando a sorte estivesse do lado irlandês.

Eles seguiram à risca essas instruções, o que lhes proporcionou algum êxito quase que sem perdas de vida. Essex também não sofreu baixas significativas no campo de batalha, mas, constantemente, perdia homens por causa de doenças, intempéries e por deserção.

Devagar, e por histórias esparsas, as notícias da campanha chegaram a Londres. O Conselho privativo ficou desconcertado com os relatórios da pouca agressividade do seu herói no sul da Irlanda, enquanto O'Neill fortalecia-se em Ulster, no norte.

Durante os meses de verão, o Conselho e a própria rainha insistiram, através de mensagens, com Essex para enfrentar a ameaça maior, isto é, O'Neill e os irmãos O'Donell.

Cecil mantinha-se quase totalmente afastado da questão, porém, quando Essex enviou o pedido de reforço substancial, coube ao franzino estadista apresentar o problema à rainha.

— Maldição! — praguejou ela, furiosa.

Sir Robert, nervoso, a observava. Estava em pé, pois só havia uma cadeira na sala, a que Gloriana ocupava. Como se não bastasse a requisição de Essex, ele ficara sabendo que O'Neill havia entabulado, por intermédio de emissários, negociações com James de Escócia. Também isso fora obrigado a contar à soberana. A reação de Sua Majestade foi de fúria.

— Desgraçado! De que estofo fazemos generais? Seria eu capaz de elevar milorde Essex às alturas para depois vê-lo menosprezar minha Coroa?

— Majestade, acredito que é chegada a hora de informar o povo do

verdadeiro comportamento de milorde Essex.

O olhar dos dois se encontrou e a expressão de raiva no da rainha transformou-se em alarme.

Essex era o herói do povo e o braço direito da rainha. Aos olhos do cidadão comum, o conde, e homens iguais a ele, davam o apoio viril de que uma soberana necessitava. Uma rainha podia enviar soldados ao campo de batalha, mas não comandá-los.

E o que dizer da própria Gloriana? O seu antigo cortesão predileto a tinha feito rir e sentir-se jovem novamente, uma alegria na vida solitária de uma rainha.

Cecil podia ler essas coisas no olhar da mulher à sua frente antes que ela o desviasse. Inquieta, a soberana levantou-se e deu uns passos pela sala.

— Sente-se — ordenou ela.

— Majestade?

— Sente-se já ali!

Havia só uma cadeira e *sir* Robert sentou-se nela.

— Como é que se sente, minha raposinha, nessa única e solitária cadeira da sala vazia?

Cecil não respondeu e continuou a observar a expressão da rainha. A testa enrugada, sob a peruca ruiva, franzia-se mais ainda com a sua preocupação.

— Se essa cadeira fosse sua, *sir* Robert, acredita que poderia tolerar um outro governante ao seu lado? Caso não aceitasse isso, não imagina que, com o tempo, sentir-se-ia tão solitário a ponto de querer colocar nesta sala vazia uma cadeira igual a essa ou pelo menos uns banquinhos? Eles e seus ocupantes deixariam menos vazio e isolado o ambiente à sua volta.

Cecil percorreu os olhos pela sala espaçosa. Sabia, muito bem, o que a rainha queria dizer, porém admirava-se com a franqueza usada por ela para expressar a mágoa íntima.

— Majestade — aventurou-se ele, meio temeroso —, meu medo seria de milorde Essex mudar-se do banquinho para a cadeira, se percebesse o menor sinal de fraqueza da sua ocupante legítima.

Cecil prendeu a respiração. Jamais alguém havia se atrevido a expor a ambição de Essex abertamente à rainha. Cada vez que se insinuava que ela, de vez em quando, se deixava dominar pela emoção, a sua ira inflamava-se.

— Acredita mesmo que milorde Essex seja tão ambicioso assim? — ela perguntou em tom calmo e controlado.

Cecil respirou aliviado.

— MUITÍSSIMO, Majestade. Acho ainda que o irlandês O'Neill já percebeu isso e pretende tirar vantagem do fato.

A rainha levantou os ombros num gesto de determinação.

— Pois então, *sir* Robert, está na hora de picar esse garanhão com minhas esporas reais. A sua pena, *sir*

Apressado, Cecil acomodou a prancheta com papel no colo e molhou a pena no tinteiro da mesinha ao lado.

Ao começar a ditar a carta, a voz da rainha estava baixa, mas irônica. Na seqüência das palavras, o tom foi se elevando até explodir vingativo.

“Milorde Essex,

Teria o senhor conseguido se favorecer tanto que dispensa a nossa graça? Ou, quem sabe, os seus olhos anuviaram-se com as sombras irlandesas e não podem mais ver o raio de esperança da Inglaterra?

Durante esses meses em que vem guerreando, ainda não capturou um só rebelde. Levando em consideração as forças poderosas que comanda, seria muito pedir-lhe que enfrente a nobreza, em vez de o populacho irlandês?

Gostaria de lembrá-lo, senhor, de que é famoso pelo seu gênio militar e por essa razão não pretendo, como mulher, dizer-lhe qual seria a maneira adequada de conduzir sua guerra. Entretanto, como rainha, peço-lhe, não, ordeno-lhe que trave uma maldita batalha!

Vá para o norte, senhor, ou para o inferno!

Elizabeth R”

Embora relutante, Essex partiu para o norte. Suas forças estavam reduzidas a menos de seis mil homens, o que O'Neill suplantava com vantagem.

No começo do mês de setembro, o comandante inglês achava-se acampado na colina de Louth, perto do rio Varney. De lá podia ver, na margem oposta, os soldados de O'Neill.

Sabia da inutilidade de enfrentar o chefe irlandês, pois apenas conseguiria juntar o próprio nome ao de Bagenal.

— Quero que vá levar uma mensagem ao irlandês — disse ele a um ajudante a quem, em seguida, ditou as palavras dirigidas a O'Neill.

Meia hora depois, sob a proteção de uma bandeira branca, a missiva foi entregue e O'Neill a leu em voz alta:

“Se 'The' O'Neill possui a coragem instigada pela sua causa e convicções, se tem qualquer virtude que não seja pura vaidade, eu, Essex, o enfrentarei

no campo. Ele deverá marchar sozinho, bem à frente de seus soldados e eu irei separado de minhas tropas. Assim, acertaremos tudo no verdadeiro estilo de guerreiros, com espadas e até a morte”.

O'Neill amassou o papel e riu até as lágrimas correrem. Ao lado dele, Rory O'Donnell murmurou, surpreso:

— Como o homem pode ser tão tolo?

— Parece que o nosso conde de Essex imagina-se um rei normando da antigüidade — O'Neill comentou, ainda rindo.

Virou-se para o capitão que havia trazido a carta e que estava vermelho de constrangimento.

— Diga ao seu comandante, rapaz, que admiro a bravata e, até mesmo, a coragem dele pelo fato de ter trinta e dois anos e eu quase cinqüenta e cinco. Por isso devo recusar a proposta, mas o faço com dignidade. Avise ainda milorde Essex que amanhã, ao raiar do dia, eu o encontrarei na passagem de Bellaclynth, no meio do rio Lagan, para tratarmos de uma possível trégua.

Durante horas a fio, Essex reclamou da falta de espinha dorsal dos chefes irlandeses. Todavia, ao amanhecer do dia seguinte, acompanhado por Southampton, Blake e mais quatro homens, subiu a colina. Do topo, avistou na margem oposta uns cinqüenta soldados irlandeses e, no centro do rio, O'Neill, que o esperava com a água batendo na barriga do cavalo.

Mal-humorado Essex contraiu as feições, desceu a encosta e cavalgou rio adentro.

— Milorde Essex, é um prazer.

— Não posso dizer o mesmo. Foi o senhor quem pediu esta confabulação, por isso diga logo o que pretende.

— Como queira — O'Neill concordou e sacudiu os ombros cobertos pelo manto de peles. — Como sabe, milorde, a minha causa é divina, pois desejo que o meu povo possa viver sob as bênçãos da verdadeira religião e...

— Por favor, O'Neill — Essex interrompeu. — Não vim aqui para ouvir suas arengas sobre rosários e relíquias santas. Sei que é tão religioso quanto o meu cavalo.

O'Neill sorriu abertamente.

— Fico contente em ver, milorde, que a neblina irlandesa não vendou totalmente a sua visão. Pois, muito bem, vamos ao que interessa. Antes, entretanto, quero afirmar-lhe que existe uma boa razão para estarmos longe de outros ouvidos.

— Bem posso imaginar — Essex replicou, curioso com o brilho estranho

nos olhos de O'Neill.

— A rainha, que Deus a abençoe, tem pouco tempo de vida nesta terra, não concorda?

— O quê? Pensa que vai arrancar palavras traidoras de minha boca para usá-las mais tarde contra mim?

— Diacho, homem! Quero que fale a verdade, pois vamos tratar de coroas e reinos aqui! — O'Neill sibilou.

Meio hesitante, Essex sacudiu a cabeça.

— De fato, Sua Majestade enfraquece cada vez mais com o passar dos dias.

— E quem, a não ser James de Escócia, seria o sucessor dela? Ninguém. Fiz um tratado com James. Quando ele subir ao trono, não vai querer enfrentar os aborrecimentos de lutas constantes com a Irlanda. Penso que, se não houver um acordo de paz, James vai preferir desistir da Irlanda.

— Talvez, mas isso pertence ao futuro e nós estamos tratando do presente.

— Exatamente. Tempo é o ponto crucial da questão. É de tempo que eu preciso. Se tiver o suficiente para poder aumentar minha influência, conseguirei negociar em nome da Irlanda inteira com James.

— Negociar o quê?

— Eu proporia reinos separados.

— Nenhum rei inglês concordaria com isso, porque aqui se tornaria um reino espanhol.

— Não se o reino irlandês separado tivesse um rei inglês no trono.

Essex arregalou os olhos ante essas palavras.

— Está louco?!

— Estarei, milorde? O nome de Devereux não tem uma ligação com a linha Tudor?

— Sim, mas...

— Eu não quero ser rei da Irlanda; aspiro apenas governar Tyrone sob a lei de Brehan, como O'Donnell a Donegal, Burke a Connaught e O'Hara a Ballylee.

— O'Hara morreu.

— Não, ele vive em Rory, como nós todos vivemos e viveremos sempre em nossos filhos. Pense, milorde Essex, na linhagem e seus filhos. Imagine a linha Devereux de reis irlandeses! Então?

Essex pensou e viu o desenrolar da História à sua frente. Cordato agora, indagou:

— E nesse meio tempo, O'Neill, o que gostaria que eu fizesse?

James Blake manteve-se um pouco afastado do grupo à volta de Essex e ouviu desgostoso os resultados das negociações,

Os irlandeses manteriam a posse de tudo que tinham agora. O lado inglês concordara em não construir mais fortes ou guarnições. O exército atual ficaria aquartelado na região de Pale até que fosse desmembrado e ficasse reduzido ao tamanho da antiga força policial. A trégua seria prolongada de seis em seis semanas enquanto ambos os lados não chegassem a um acordo definitivo e satisfatório de paz.

Blake sacudiu a cabeça, mal podendo crer na ingenuidade e estupidez do conde. Passariam bem poucas das tais seis semanas antes que as costas irlandesas estivessem infestadas de soldados espanhóis.

Quando Essex deu ordem aos capitães para seguirem, na manhã seguinte, de volta a Pale, Blake adivinhou as intenções do homem. Viu suas suspeitas confirmadas ao ouvir o conde mandar preparar a sua montaria e as dos companheiros mais chegados.

Foi nesse momento que Blake desapareceu, à procura do próprio cavalo. Sabia que Essex se apressaria na volta para a Inglaterra a fim de informar a rainha de sua versão da história, antes que alguém o fizesse de maneira a prejudicá-lo.

“Finalmente uma maneira de garantir de uma vez por todas a minha posição com Cecil e a rainha”, Blake raciocinou.

Ele ainda haveria de obter de volta o título cobiçado, bem como as cabeças de O'Donnell e de O'Neill!

— Ela é mesmo uma criança linda, Elizabeth.

— E cresce tão depressa como as rosas do meu jardim — comentou Elizabeth enquanto balançava no colo o bebezinho que dormia. — Mas não foi por causa de Brenna que o convidei para vir a Hatton House esta noite, meu tio.

— Disso tenho certeza — afirmou Cecil, com um sorriso desanimado que refletia a fadiga sentida.

— É preciso que me ajude nesta situação difícil. O homem é uma besta feroz que só se preocupa com as tramas que arquiteta. Tenho medo de que ele nos leve à ruína.

— Não acredito nisso, Elizabeth. *Sir* Edward é um homem esperto e sábio ao mesmo tempo.

— Esperto eu sei que é, mas duvido que seja sábio. Se o senhor...

— Elizabeth — *sir* Robert a interrompeu com voz cansada —, se pelo

menos você concordasse em morar com ele...

— Não, até que ele aceite os meus termos!

— É mesmo verdade que você lhe disse que na próxima visita ele terá de usar a porta de trás?

— É, sim, e disse ainda que não pode vir aqui a não ser que eu o convide.

— Você é uma megera!

— Só com aqueles que são inferiores a mim e que querem me espezinhar, meu caro tio.

— Perdão, *milady* — interrompeu Honor à entrada da sala. — Está aí um cavalheiro estranho que deseja ver *sir*...

Cecil levantou-se depressa e Elizabeth quase deixou a criança cair com o susto daquela aparição.

— Blake! Em nome de Deus.....

— O seu valete me informou que estava aqui, *sir* Robert. Eu trago notícias calamitosas!

Cecil manteve a aparência de calma enquanto ouvia a narrativa do encontro de Essex e O'Neill e as ordens subseqüentes do conde. Elizabeth tinha os olhos arregalados, num misto de surpresa e repulsa pela aparência de Blake.

— O meu grande temor, *sir* Robert, é que a Irlanda toda se perca se Essex conseguir convencer a rainha a aceitar esse tratado.

— Sou forçado a concordar. E você diz que Essex está a caminho da Inglaterra? — Cecil perguntou, pensativo.

— Acho que veio logo atrás de mim.

— A Corte, no momento, encontra-se no palácio de Nonsuch. Temos que ir para lá imediatamente. Vou providenciar os cavalos — declarou Cecil, já a caminho da porta, porém, parou. — Pelo amor de Deus, homem! Você não pode aparecer desse jeito em frente à rainha. Elizabeth, consiga alguém para cortar-lhe o cabelo e tente arranjar umas roupas que se assemelhem um pouco aos trajes de gente civilizada.

Cecil desapareceu e o único olho de Blake focalizou-se na criança que dormia.

— Parabéns pelo seu recente casamento e pelo nascimento do bebê, *milady*.

Elizabeth estremeceu quando o homem a fitou. O sorriso dele era horrível e a deixava nervosa. Era difícil imaginar que, anos atrás, a presença dele tinha quase o mesmo efeito sobre a sua pessoa quanto a de Rory O'Donnell. Naquele tempo admirava a sagacidade, a simpatia e a reputação de

homem perigoso e libertino de Blake. Agora, ele a amedrontava, pois só detectava maldade na sua personalidade.

— Qual é o nome da criança, *milady*!

— Brenna.

— Brenna? Que estranho!

— Por quê? — Elizabeth perguntou, corando.

— É uma palavra gaélica. Creio que quer dizer corvo.

Essex cavalgava a toda velocidade possível pelo norte de Gales, com mais quatro cavaleiros à retaguarda. Passou ao largo de suas vastas propriedades de campo, em Chartley, e continuou apressado. Não tinha certeza plena de que Blake desaparecera para vir à Inglaterra, mas temia isso.

O conde cometera um erro muito grave ao deixar suas tropas na Irlanda contra as ordens da rainha e outro pior ainda ao fazer um tratado com O'Neill. Todavia, estava convencido de que, se contasse a sua versão à soberana antes que ficasse sabendo do ocorrido por outras pessoas, Sua Majestade poderia acreditar que ele agira de maneira sábia.

Rumo ao sul, vindos de Cotwolds, no norte, os cavaleiros forçavam as montarias. Aflito, Essex gritou:

— Mais depressa! Esporeiem esse cavalos! Se não voarmos como o vento, tudo estará perdido!

Mantiveram a mesma marcha desenfreada noite adentro, passaram por Westminster e já se aproximavam de Lambeth.

— Mais dezesseis quilômetros, milordes! — Essex avisou. — Queira Deus que o corcundinha não saiba de nada ainda e esteja em Whitehall!

— Como se atreve a tanto, senhor? Pensa que este é o quarto de uma meretriz?

— Não, Majestade, mas preciso que me ouça com a maior urgência — replicou Essex ainda na posição de respeito, com um dos joelhos no chão.

Mais uma vez o conde agira com precipitação e impulsividade. Como um furacão, ele havia atravessado a sala de audiências, empurrado a guarda real, passado pela sala privativa e entrado no quarto da soberana.

A rainha Elizabeth acabava de acordar e, sem a peruca e roupas elegantes, o seu aspecto era lastimável. O mesmo se podia dizer do homem ajoelhado à sua frente, tão enlameado e descomposto ele se encontrava.

A princípio a rainha teve medo. Teria o idiota trazido o exército de volta? Seria uma rebelião com o propósito de assassiná-la?

Entretanto, assim que ouviu a história do que se passara na Irlanda, ela ficou chocadíssima.

Como sempre, Essex imaginou que suas palavras soavam como música aos ouvidos da soberana e que a própria presença, embora naquele estado, fosse o suficiente para convencê-la de que estava certo. Enganava-se profundamente.

A rainha, agora, o julgava um idiota irresponsável, cujas ações eram as de um traidor. O seu choque transformou-se em ódio incontrollável quando lhe disse o que pensava.

— Deixo a sua sorte entregue ao conselho privativo, milorde. E fora daqui!

— Majestade...

— Não quero ouvir mais nada. Desta vez, milorde, o senhor foi longe e depressa demais!

A porta abriu-se e Essex virou-se rápido. No umbral estavam Cecil, Blake e os guardas com as lanças em riste.

CAPÍTULO VI

Durou pouco o júbilo dos líderes irlandeses ante a desistência do poderoso conde de Essex em lutar contra O'Neill e passar para o lado da Irlanda.

Por vários meses, Essex ficou em prisão domiciliar, sob a guarda do Lord Keeper Egerton, na York House. Os sonhos de Robert Devereux de um dia usar a Coroa irlandesa e, até mesmo, as esperanças de manter as suas condições de súdito na Corte diminuía com o passar dos dias.

A sorte de O'Neill, que conseguira ser mais esperto que Essex, também não era das mais promissoras. A rainha havia substituído o famoso comandante por um homem que poderia derrotar Tyrone.

Charles Blount, lorde Mountjoy, era uma pessoa calada e tímida, porém um soldado eficiente, cuja bravura na guerra igualava-se à de poucos.

Ao contrário do arrogante e teimoso Essex, lorde Mountjoy ouvira James Blake com atenção. Embora também percebesse a loucura do homem, compreendera a brilhante estratégia dele.

— E enquanto o senhor luta nos campos, milorde, eu vou continuar a minha guerra secreta semeando a rebelião entre os clãs menores.

Antes de sair de Londres, Mountjoy havia sido informado por Cecil de que Blake possuía a tendência de usar meios desonestos e ambicionava reaver o título perdido. O novo comandante, de maneira sensata, fez uma promessa velada de que o sucesso do capitão seria recompensado.

Em poucas semanas, Blake provou o seu valor. Convenceu muitos dos clãs menores a abandonarem O'Neill e O'Donnell e a passarem para o lado inglês. Entre eles, contavam-se Dermot O'Connor e Neill Garve, o próprio primo de O'Neill.

Isso foi um golpe pesado. Esse fato e a fome que assolava a Irlanda, provocada pela devastação dos campos feita por Mountjoy, que queimava as plantações e matava o gado, convenceram mais e mais subchefes irlandeses a passarem para o campo inglês.

Mountjoy conseguiu levantar o moral do resto da tropa deixada por Essex através de pequenas incursões no flanco inimigo e que saíam sempre vitoriosas. Devagar, mas com firmeza, ele foi apertando o cerco em Derry a fim de separar definitivamente O'Donnell em Donegal e O'Neill em Tyrone.

Os sucessos alcançados eram tão relevantes que, no inverno de 1600, Mountjoy escreveu a seguinte carta a Cecil:

“Prezado Mestre Secretário,

Marchamos para o norte quase sem interrupção. As táticas subversivas usadas pelo capitão Blake auxiliam de grande maneira a ação de minhas tropas. Os campos estão sendo queimados e os rebeldes não podem semear ou colher nada. A luta transformou-se numa guerra de atritos. Vamos manter a fome dos irlandeses até que se rendam. Isso será possível se o nosso lado continuar recebendo suprimentos da Inglaterra.

Como estamos no inverno, usamos um outro recurso também vantajoso: forçamos o povo a deixar suas casas e abrigos para ficar exposto à intempérie.

Acredito, senhor, exceto se houver alguma intervenção estrangeira, que a vitória será nossa no próximo verão...”

Cecil desejava muitíssimo que isso fosse verdade. O tesouro público estava se exaurindo com a guerra.

Essa preocupação era apenas uma entre muitas que lhe exigiam atenção e esforço. A rainha, apesar da saúde precária, negava-se a tratar do problema da sucessão. Em segredo, Cecil já iniciara negociações com James VI de Escócia. Esperava que tudo fosse feito com tranquilidade, como também desejava desfazer qualquer entendimento havido entre esse soberano e O'Neill em relação à Irlanda.

A rainha já o havia incumbido de garantir que o único termo oferecido a O'Neill seria rendição incondicional.

Todavia, não eram só os problemas de Estado que o atormentavam, os de família também.

O procurador geral, Edward Coke, brigava diariamente com Elizabeth, o que a forçava a recorrer ao tio. Sir Robert não agüentava mais essa situação polêmica.

Como se tudo isso não bastasse, coube ainda a Cecil providenciar a solução do problema de Essex, seu velho inimigo.

Ao deixar a prisão domiciliar na York House, o irresponsável conde organizara uma rebelião e marchara com ela pelas ruas de Londres até Whitehall. Essa infantilidade, considerada como um ato de traição, forçou a rainha a tomar uma resolução extrema quanto ao cortesão que, por tanto tempo, ela considerara acima de todos.

E agora, nessa manhã de quarta-feira de Cinzas, como em tantas outras,

Cecil encontrava-se à janela da sala privativa da rainha, com o olhar perdido no cenário.

Provavelmente, Gloriana estava entregue ao pranto amargo. Ele mesmo testemunhara a mágoa expressa em suas feições quando ela assinara a ordem para a execução. Com voz trêmula, a soberana ainda o instruíra:

— Providencie dois carrascos, milorde. Se falhar o primeiro golpe, que outro esteja a postos para terminar tudo depressa. Não quero que ele sofra.

Cecil havia feito como lhe fora ordenado.

O seu olhar percorreu o leito do rio Tâmis e parou nas altas muralhas da Torre à sua margem. Lá, nesse momento, a lâmina do machado estaria decepando a cabeça de Robert Devereux do corpo atlético e bem formado, o que livraria Cecil do seu poderoso inimigo.

Todavia, isso não o alegrava. Os problemas de ambição pessoal de Essex terminavam enquanto os de Cecil, em relação ao Estado, mal começavam.

Ouviu uma batida na porta e, sem se virar da janela, mandou que entrassem.

— Tudo terminado, *sir* Robert, com apenas três machadadas — informou o recém-chegado.

Cecil sacudiu a cabeça e desviou os grandes olhos cansados da Torre para o casario de Londres.

— Sua Majestade foi informada?

— Sim, senhor.

— O mandado foi lido em St. Paul para o povo?

— Sim, senhor.

Mais uma vez ele sacudiu a cabeça. *Sir* Robert Cecil era, agora, o homem mais poderoso da Inglaterra. Porém esse poder assentava-se num corpo cansado e combalido.

QUINTA PARTE

INVERNO DE 1601

CAPÍTULO I

— Lutamos com as bênçãos da Europa católica, do Papa e do nosso povo faminto, que, como nós mesmos, não recebe mais a graça da alimentação — suspirou O'Neill.

— Mas nós lutamos — replicou Rory O'Donnell.

— Isso mesmo, como há quatrocentos anos o fazemos. Temos uma rebelião e nada podemos fazer senão enfrentá-la.

Com essas palavras, os três homens — Rory e Red Hugh O'Donnell e Hugh O'Neill, o conde de Tyrone — esporearam os cavalos e partiram em direção ao regimento de cada um para começar a última batalha, a que não poderiam perder.

Abaixo deles, nas planícies de Kinsale, encontrava-se o exército de Mountjoy. Contava com apenas a metade do número das forças irlandesas, mas eram homens bem alimentados, e com ótimas armas que manejavam com perícia. Além deles, na pequenina e fechada cidade de Kinsale, encontrava-se o que restara das tropas espanholas de Don Juan dei Aquila. Um mês antes, ele havia chegado no comando de quatro mil e quinhentos soldados e perdera a metade deles no cerco feito por Mountjoy antes que O'Neill pudesse ir para o sul.

Todavia, as forças irlandesas estavam lá agora e nessa manhã gelada, escura ainda, preparavam-se para o último assalto de uma longa e sangrenta rebelião.

— Milorde, eles chegarão ao campo por aqui, além desse pântano — informou Blake enquanto corria o dedo pelo mapa estendido entre ele e Mountjoy.

O comandante franziu a testa e fitou o capitão.

— Num lugar tão desprotegido?

— Isso mesmo, milorde.

— E os espanhóis?

— Cansados e sem ânimo para lutar. Mountjoy levantou-se e tocou a

espada.

— Só poderá ser uma derrota fragorosa.

As três colunas do ataque irlandês foram enfrentadas, antes do clarear do dia e com força total, pela cavalaria de lorde Mountjoy.

Embora os mercenários escoceses lutassem bem nas fileiras da frente, o resultado foi nulo.

Sem essa barreira de proteção, os lanceiros e espadachins irlandeses não podiam competir com os organizados soldados ingleses, que atacavam com violência desmedida.

Recuaram mais e mais em direção à segurança do castelo de Dunboy, mas não encontraram o abrigo procurado, pois a fortificação estava sitiada pelos ingleses.

Com estoicismo, os três líderes rebeldes encararam-se entre o resto de suas tropas derrotadas.

— Guardem minhas palavras — O'Neill falou, com os olhos cheios de lágrimas —, nós nos rebelamos e fracassamos. Agora temo, não, eu sei, que a Irlanda toda vai pagar um preço altíssimo por esse fracasso.

— Então, temos que partir para o norte. Pelo menos, garantiremos a região de Ulster — Red Hugh gritou.

— É o que faremos. Vamos ter de lutar pela sobrevivência e conservação de nossos clãs até que a rainha morra e nos reabilitemos através do acordo com o rei James.

— Vou para Ballylee, onde eles atacam primeiro ao alcançarem o norte — declarou Rory.

O'Neill sacudiu a cabeça grisalha e tentou abafar o desânimo que se apossava dele.

— Continuem lutando, porque é tudo que sabemos e podemos fazer. Porém, rapazes, tenho o pressentimento de que hoje travou-se a batalha que perdeu uma nação.

O gibão de James Blake era vermelho e estava bem passado quando ele se apresentou a Cecil. Sua aparência havia mudado muito, mas a maneira grotesca com que descreveu todos os detalhes da sangrenta batalha travada em Kinsale, desde o início até a execução dos prisioneiros, mostrou a sir Robert que ele continuava meio louco.

— Chega, capitão Blake. Gostaria de saber o que os rebeldes estão fazendo agora. A rainha exige a rendição deles e, talvez, até as cabeças.

Blake deu um sorriso torto, o único de que era capaz por causa dos

músculos repuxados da face. e ia começar a falar, mas mexeu-se inquieto.

— Sente-se e sirva-se de vinho se quiser — Cecil disse enquanto massageava a testa com os dedos longos. — Desculpe a minha falta de atenção, porém estou muito cansado. Mas, por favor, Blake, dê mais informações. O que aconteceu a O'Neill?

— Ele foi para o norte, contudo, durante o trajeto, o restante de suas forças desertou. Uns foram para suas casas e outros juntaram-se a chefes nossos aliados. O'Neill está na floresta de Glenconkein, de onde mandou uma proposta de paz a lorde Mountjoy.

— Ele impôs condições? — Cecil quis saber. Algumas que, segundo ele, são modestas.

— Infelizmente, o conde de Tyrone sempre faz isso. No entanto a rainha exige rendição incondicional e juramento de fidelidade à Coroa. Caso contrário, ela pedirá a cabeça dele — explicou Cecil.

— Na, minha opinião, *sir* Robert, a rainha está certa. Essa é a única solução.

— Talvez seja mesmo, mas Sua Majestade prefere uma paz menos sangrenta. Agora que a ilha é nossa outra vez, ela gostaria de dar uma oportunidade aos irlandeses de porem a vida em ordem E "The" O'Donell, Red Hugh?

— Foi para a Espanha. Acredito que O'Neill o mandou para lá a fim de convencer Felipe a enviar um outro exército em seu auxílio. O conde espera que, dessa vez, o comandante seja mais precavido e desembarque no norte e não no sul, como del Aguila fez.

A notícia, embora séria, fez Cecil sorrir.

— O homem é um verdadeiro enigma. Faz de tudo para vencer e, na derrota, esforça-se para obter condições favoráveis. Ele daria um rei brilhante.

— Rory O'Donell encontra-se sitiado em Ballylee. Eu gostaria de comandar esse cerco — disse James Blake.

— Certo, desde que lorde Mountjoy esteja de acordo.

Nesse ponto da conversa, o único olho de Blake fitou Cecil com tal expressão que este desviou os seus.

— Mas antes de me desincumbir disso, » Robert, eu gostaria de ir à Espanha.

— Espanha?!

— Isso mesmo, e para prestar um serviço à rainha. Há sempre a possibilidade de Red Hugh O'Donell conseguir algo daquele rei papista.

Cecil ergueu-se, examinou as feições repuxadas de Blake e tentou ler o que expressavam. Depois foi até a janela, onde gostava de pensar.

Assassinato.

O assunto estava de novo diante dele. Sabia que Blake tinha razão e era uma coisa lógica, que deveria ser feita. Esse recurso havia sido tolerado antes, mas poderia ser justificado indefinidamente? Até quando ele permitiria que as coisas caminhassem dessa maneira, sem encontrar outras soluções?

A rainha jamais concordaria com isso.

— Há uns homens em Madri que poderiam preparar o seu caminho — disse Cecil finalmente. — Mas saiba, James Blake, que não estará a serviço da rainha.

— Isso não tem importância. É com prazer que assumo a responsabilidade, . como se se tratasse de um assunto meu.

Cecil não pôde reprimir um arrepio provocado pela nota de alegria na voz de Blake.

— Quando voltar à Irlanda e a Ballylee, Blake, quero que preserve a vida de Rory, o irmão mais novo. Não desejo exterminar o clã inteiro. Pode capturá-lo, mas mantenha-o vivo.

— Naturalmente, » Robert.

Algo na voz de Blake fez Cecil virar-se depressa.

— Eu exijo isso, Blake. Rory irá para a Torre com a cabeça intata, ou eu cortarei a sua!

Sir Robert não ficou surpreso ao ver Blake levantar-se da cadeira num rompante de fúria.

— Pois então, cavalheiro, eu lhe dou a vida dele e mais os meus serviços em troca do título que o senhor me tomou. Quero ser, de novo, *sir* James Blake!

— A rainha está meio relutante...

— Sua Majestade não me interessa. Quero a *sua* palavra, *sir* Robert!

Cecil fitou-o com firmeza enquanto resolvia, cuidadosamente, o que responder. Nesse ínterim, ocorreu uma mudança em Blake. O olho brilhante perdeu a agressividade e os ombros erguidos com arrogância curvaram-se humildes.

— Por favor, *sir* Robert, eu lhe imploro, acima de tudo, que conceda isso.

Cecil mal podia crer em seus ouvidos. Durante esses anos todos em que conhecera Blake, jamais o tinha visto em atitude semelhante ou usando a expressão “por favor”.

De repente, James Blake mostrava-se tão deplorável quanto

amedrontador, tão patético quanto inescrupuloso e de caráter tão humano quanto as suas ações eram despidas de espírito humanitário.

— Você tem minha palavra, James. Terá o seu título de novo assim que voltar da Irlanda.

CAPÍTULO II

Tudo estava terminado e Rory O'Donnell não tinha a menor dúvida quanto a isso. O próprio O'Neill corria de uma floresta para outra, na tentativa de escapar. Os ingleses tinham sitiado Dungannon e ele fora obrigado a fugir para o que restava dos campos. A velha tática das guerras de Desmond, de queimar as plantações, tinha sido novamente usada, para forçar Ulster a se ajoelhar, faminta.

Rory havia recebido a notícia de que o irmão, Red Hugh, fora envenenado na Espanha. Embora amargurado com essa tragédia, ele aceitou o manto do clã por reverência aos antepassados, e declarou-se “The” O'Donnell.

Todavia, de que adiantava isso, pensava ele, levantando o olhar para Ballylee. Como o resto de Ulster, o castelo estava em ruínas. As ameias, as torres, os parapeitos haviam se destrocados sob o impacto das balas de canhão que os ingleses conseguiram levar até lá.

As muralhas seriam o próximo alvo. Elas já apresentavam rachaduras, que logo se alargariam para dar passagem ao inimigo. Então, seria o fim de tudo.

— *Milorde?*

Rory não respondeu de imediato, pois ainda não havia se acostumado ao novo tratamento. Quando se deu conta, disse:

— Sim?

— É apenas uma questão de tempo, milorde. É preciso agir depressa.

— Eles estão prontos?

— Sim, senhor: a moça, a menina e “The” O'Hara.

Ele não pôde evitar um sorriso. O pequeno Rory era de fato, agora, o chefe do clã, mas, como ele mesmo, possuía um título que não valia mais nada. Porém precisava ser salvo.

— Eu lhe imploro, senhor, que se apresse e parta logo. Mais um pouco, teremos de nos render e o extermínio será impiedoso e completo.

Rory reconhecia a verdade dessas palavras. Se os termos de rendição fossem aceitos, talvez ainda existisse uma sombra de esperança para os fiéis soldados que permaneceriam em Ballylee. Porém, nenhum deles desejava expor, inutilmente, a vida dos filhos de Shane e Deirdre.

— Que Deus, se é que existe um, tenha misericórdia de vocês — murmurou Rory.

— Ah, milorde, eu preciso acreditar que há um e que ele é irlandês. Senão, como justificar essas guerras terríveis em que lutamos?

Rory bateu no ombro do soldado, correu para as escadas da grande torre e subiu ao segundo pavimento. Encontrou os três, abraçados, perto de uma janela, de onde olhavam para as tropas inglesas.

Shanna e Annie choravam baixinho. Esta última tinha o rosto preto de fumaça de pólvora e a roupa rasgada e ensangüentada. Nas últimas quarenta e oito horas, ela se dedicara em acudir os feridos ou em atirar com um mosquete.

O rosto de Rory O'Hara, que já contava nove anos de idade, mostrava determinação ao fitar os soldados ingleses.

— Eles vão entrar aqui, não vão? — ele perguntou.

— Vão, sim, e é por isso que vamos para a floresta.

— Um dia eu vou voltar — prometeu o menininho — e consertar Ballylee, que eles estragaram tanto. Aqui é o nosso lar, onde eu devo enterrar todos da nossa família.

O'Donell podia jurar que ouvia a voz do pai nas palavras do filho.

Ficaram escondidos na parte extrema da masmorra até alta madrugada. O ruído da batalha havia cessado horas antes. Rory removeu a pedra falsa e desceu, um a um, ao fosso.

— Estou com medo — Shanna choramingou.

— Quieta, princesinha. Segure o meu pescoço com força. Depois você vai nas costas de O'Donell — Annie sussurrou, carinhosa.

Seguiram pelo fosso até o canal que o alimentava e continuaram caminhando dentro da água, já com Rory levando Shanna. Só quando se encontravam na floresta densa, além da ravina de urzes a volta de Ballylee, é que subiram para a margem. Estavam gelados até os ossos.

Atrás deles o castelo ardia em chamas e podiam ouvir o barulho feito pelos ingleses para comemorar a vitória.

— Coitado de Ballylee, era tão lindo! — Shanna disse.

— Não fale agora — Annie admoestou, enquanto enrolava a criança numa manta seca que trouxera enrolada na cabeça durante a caminhada pela água.

— Vamos embora. São quase cinco quilômetros até a choupana onde os cavalos...

— Rory O'Donell — chamou uma voz.

Rory, que já ia pegar Shanna ao colo, virou-se rápido, empunhando a pistola seca que Annie enrolara na manta.

— Estou desarmado e o meu florete está na bainha — disse a voz antes que James Blake saísse de trás das árvores, com as mãos erguidas acima da cabeça.

— Atire nele — Annie sibilou, enérgica.

— Se fizer isso, o barulho do estampido trará os soldados ingleses aqui em um minuto — Blake avisou.

— É verdade, Annie — confirmou Rory, embora levantasse mais a pistola com a aproximação do outro.

— Espere, O'Donell. Eu soube de sua fuga porque alguém o traiu.

— Conseguiu isso com tortura?

— Foi, mas só eu sei disso. Vim até aqui para levá-lo a salvo até a Inglaterra.

— Salvo?! — Rory indagou, descrente. — E os meus soldados, meus oficiais... o meu povo?

— Mortos até o último homem.

— Trucidados! — Rory protestou.

— De fato, mas por isso deixei que você escapasse antes. Há uns homens que trabalham para mim. Acredite que o levarei a salvo até a Inglaterra. É do meu interesse também.

— Não creio, Blake. Sei o vilão que é.

— Seu idiota, estou tentando salvar sua maldita vida!

— Prefiro terminá-la aqui do que na Torre de Londres.

— Eu juro, Cecil quer você em segurança e me ordenou que o levasse a Londres.

— E quanto a eles? — Rory perguntou, ao mesmo tempo em que apontava para as crianças e Annie.

A hesitação de Blake foi o suficiente para Rory se decidir. Levantou a pistola e apontou-a.

— Não, espere! — Blake gritou. — Que grandíssimo idiota que você é! Estou dizendo a verdade! Quero levá-lo vivo a Cecil!

— Mais uma vez eu lhe pergunto, Blake. E quanto a eles?

— Não sei, não posso garantir.

— Então você morre — Rory afirmou.

— Espere, seu estúpido! Você bancaria o covarde, outra vez, como naquela noite há muito tempo, em que atirou em mim? Ou teria coragem para me enfrentar como o homem que diz e pensa ser?

— Ele não atirou em você, seu porco — Annie interrompeu. — Eu é que atirei.

Blake ficou surpreso e fez uma curvatura com o mesmo deboche que lhe era característico na juventude.

— Então, moça, são os seus seios que eu deveria espetar com o meu florete!

Rory entregou a pistola a Annie. Shanna tinha os olhos arregalados de medo e o menino, embora trêmulo, mantinha-se ao lado de O'Donnell.

— Eu quero sua palavra, Blake, se é que ela serve de alguma garantia, de que, se eu morrer, esses três serão levados para a França.

— Dou minha palavra e ainda juro. Mas, antes da França, eles irão à Inglaterra.

— Por quê?

— Quero a palavra da moça de que vai jurar a Cecil o que testemunhou aqui. *Sir Robert* precisa saber que você me forçou ao duelo.

Se pelo menos parte do que o homem dizia era verdade, então existia uma possibilidade de as crianças e Annie chegarem salvos à Inglaterra.

— É uma barganha meio estranha, Blake, mas eu aceito.

— Que seja assim — Blake replicou, meio triste. — Mas saiba, embora não acredite, eu não iria matá-lo.

— Se não resolvêssemos assim, ficaríamos num impasse — Rory disse a Blake e depois virou-se para Annie: — Jure que dirá a Cecil que ele foi forçado a se bater comigo.

— Não juro nada e esse porco! — a moça gritou.

— Que diabo, Annie, você precisa fazer isso. Caso ele me vença, vocês três ainda terão chance de viver.

— Eu, se fosse você, atiraria logo nele, em vez de dar-lhe a oportunidade de morrer numa luta honrada ou matá-lo.

— Não; por alguma razão estranha, acredito nele. Jure.

— De jeito algum! — ela gritou de novo.

De repente. Rory segurou-a pelo pescoço com a mão direita enquanto ordenava:

— Jure, sua tola! Será que não percebe que ponho a segurança de vocês três acima de tudo?

— Pelo amor de Deus, Annie, jure! — o menino também pediu, aflito.

— Annie — Rory disse entre dentes. — Jure por Deus, pela Virgem e pela alma de *lady* Deirdre.

— Está bem! — ela concordou finalmente. — Juro pelo Deus amado, pela

Mãe Santíssima e pela memória da minha *lady* Deirdre!

Rory soltou-a e dirigiu-se a Blake.

— E você, desgraçado, jura também, mas não por Deus e sim pela sua alma negra?

— Juro. mas lhe imploro, pela última vez, que faça uso da razão — Blake insistiu ao desembainhar o florete.

— Você implora?!

— Isso não lhe diz nada?

— Diz, sim, que você é amedrontador nessa sua vontade de morrer — Rory replicou, já com a lâmina no ar.

A perícia de Blake não tinha desaparecido com o correr do tempo. Continuava um mestre do florete.

— Parece que as batalhas o ajudaram neste esporte de cavalheiros. O'Donell. Você melhorou muito.

— Talvez, porém acredito que é minha falta de medo que me ajuda — Rory respondeu ao mesmo tempo em que acertava um golpe no braço esquerdo de Blake.

Este protegeu-se atrás de uma árvore, mas voltou logo ao ataque.

— Você não tem medo da morte, ou de mim?

— De nenhum dos dois — ele replicou ao acertar o oponente, de novo, no lado esquerdo.

Só então percebeu outra vantagem, além da força, de que gozava. Blake, em vez de se equilibrar com o braço esquerdo arqueado sobre a cabeça, o mantinha estendido à frente, meio inclinado na direção do rosto. Fazia isso para poder ver a mão esquerda com o olho direito e avaliar as distâncias.

Rory começou a atacar o lado esquerdo, isto é, o cego.

Blake percebeu sua intenção e tornou-se imprudente. Sofreu mais dois cortes ligeiros e chegou a tropeçar. Os golpes de defesa não eram rápidos o suficiente e, agora, ele falava o tempo todo, a fim de perturbar o oponente. Em dado momento quase conseguiu.

— Sabe, O'Donell, conheci sua filha.

— Filha?!

— Isso mesmo, com *lady* Hatton. Você não sabia?

Rory ouviu a exclamação de Annie, vinda de trás dele, e quase derrubou a espada.

— Você está mentindo! — gritou.

— E por que razão faria isso? É verdade, eu juro!

Ele, então, aproveitou a pequena vantagem obtida e fez a tentativa de

uma resposta depois de um golpe fraco de Rory. Este desviou com facilidade a ponta perigosa, deu um passo à frente e cravou a lâmina em Blake. Puxou-a enquanto o ferido largava a própria espada e, com a mão ao peito, cambaleava até uma árvore, onde se encostou.

Rory firmou-se para desferir um novo golpe, mas parou ao ver o sangue correr por entre os dedos de Blake.

— *Touché, monsieur. Ah, c'est donc àinsi.*

— *Ríposte du mort!* — Rory replicou.

— Acho que você me matou mesmo, O'Donell. Parabéns! Shanna chorava e Annie rezava em voz alta.

— Será que o vencedor faria uma última coisa pelo vencido? — Blake perguntou com voz fraca pela perda de sangue.

— Nada poderá salvá-lo.

— Da morte, não mesmo, mas isso não tem mais importância. Você recebeu o manto de “The” O'Donell, não é?

— Recebi, sim.

Blake sentiu um grande alívio.

— Então, você um príncipe da Irlanda e como tal tenho um pedido a lhe fazer. Quero que me confira o título de “sir” — Blake explicou, com voz sumida.

— O quê?!

— Assim' antes de morrer, serei um nobre irlandês, já que não pude conseguir isso na Inglaterra.

— Você está louco?

— Talvez, mas, eu lhe suplico, O'Donell, que atenda o meu pedido e o faça depressa, pois meu olhos já escurecem.

Rory sentiu o ridículo da situação, porém deu um passo à frente. Com a ponta suja de sangue da espada, tocou, primeiro o ombro esquerdo de Blake e depois, o direito.

— Eu, Rory, “The” O'Donell, o invisto com o título de *Sir James Blake*, cavaleiro de Ballylee, Donegal e da vilania.

Blake conseguiu rir enquanto o sangue escorria agora da boca também, e ele escorregava para o chão, ao longo da árvore.

— Como, O'Donell, o cristianismo poderia sobreviver se não fossem os vilões iguais a mim?

Essas foram as derradeiras palavras de Blake que, num último gesto, tirou um papel de sob a capa. Deixou-o cair no chão antes de pender a cabeça no peito. Rory apanhou a folha e a leu.

— Ele falou a verdade! Esta é a ordem de Cecil para me levarem a salvo para Londres e à Torre. -Vamos embora, precisamos nos apressar.

Antes de partir, lançou um último olhar ao corpo caído.

— Agradeço aos céus por saber que não mais nos encontraremos. Adeus, *sir* James Blake.

Cinco horas depois, os quatro chegavam à choupana onde estavam os cavalos. Entretanto, não conseguiram escapar. As colinas entre Ballylee e Donegal achavam-se infestadas de soldados ingleses e, ao cabo de dois dias, eles foram apanhados.

Se não fosse o documento de *sir* Robert Cecil, provavelmente, teriam sido trucidados.

Rory foi levado, em segredo, para Londres, onde passou quinze dias no palácio de Lambeth. Depois, ainda sob o maior sigilo, seguiu de barcaça, pelo Tâmbisa, até a Torre. Como tudo se passasse à noite, ele indagou ao seu guarda especial:

— Fui condenado a não ver mais a luz do dia?

— Não, O'Donell, mas as viúvas, mães, pais e irmãos daqueles que morreram na Irlanda provocariam um motim se o vissem aqui em Londres.

Desembarcaram na Traitor's Gate e subiram os degraus úmidos da escada. Ouviu-se o ruído de correntes e a enorme porta de barras pontiagudas de ferro foi erguida.

Um pouco adiante do último degrau, *sir* Robert Cecil esperava o prisioneiro.

— O'Donell!

— *Sir* Robert!

— Foi uma guerra longa e dispendiosa para ambos os lados. Graças a Deus está quase no fim.

— Quase? — Rory perguntou.

— Só resta um, O'Neill. Porém, mais um pouco, ele terá de se render.

— Duvido que faça isso, *sir* Robert. Não até que a rainha aceite os termos dele. O'Neill preferiria morrer.

— Isso veremos. Venha comigo.

Cecil levou-o à White Tower. Para surpresa de Rory, as acomodações chegavam a ser confortáveis.

— Tenho conversado diariamente com a rainha a seu respeito. No momento, ela gostaria de mandar cortar a sua cabeça, pois está furiosa. Acredito, no entanto, que vou conseguir salvá-lo.

— E para quê, *sir* Robert, em nome de Deus?

— Uma promessa que fiz a alguém.

Talvez por causa da maneira com que as palavras foram ditas, ou pelo sorriso que as seguiu, Rory adivinhou.

— Elizabeth?

— Exato. Ela começou a me pressionar desde o momento em que a notícia de sua captura chegou à Inglaterra. Convinceu-me, e com facilidade, devo confessar, que a sua morte não teria a mínima utilidade à Inglaterra.

Lembranças dos tempos passados inundaram a mente de Rory. A imagem de Elizabeth dançou em frente aos seus olhos e os deixou úmidos e anuviados. Fazia tanto tempo que ele não se permitia pensar na mulher que amara tanto e, ao recordá-la agora, ficava trêmulo a ponto de precisar sentar-se.

— Como é possível que ela ainda se incomode comigo?

— Não sei, aliás, há bem pouca coisa naquela cabecinha que eu compreendo nesses dias atuais.

— Ela ainda é linda?

— É, sim. Acredito que a nossa Elizabeth será sempre uma mulher de beleza extraordinária.

Cecil moveu-se, um pouco constrangido, e depois pôs-se a andar de um lado para o outro.

— Gostaria de lhe informar que a mulher chamada Annie Carey não tem a menor importância para a Coroa. Por isso, eu mesmo assinei o seu perdão.

— E as crianças? — Rory quis saber.

— Há muito tempo, desde a morte dos pais delas, que lhes foi garantido o direito de morar com uma família aqui. Elas se encontram sob os cuidados de lorde Haskins, que prometeu não tirá-las da Inglaterra.

Rory mal conseguiu sacudir a cabeça. Estava cansado e as lembranças trazidas à mente com a menção do nome de Elizabeth haviam lhe minado as energias.

— Preciso ir agora, O'Donnell. Duvido que volte a vê-lo. Mas tenho certeza de que a rainha, no fim, decretará anistia.

Outra vez, Rory sacudiu a cabeça.

— Eu não estou preocupado. Morte ou anistia não fazem grande diferença para mim.

Calou-se, mas, de repente, lembrou-se das palavras de Blake. Meio indeciso, falou:

— *Sir Robert*, fiquei sabendo que Elizabeth tem... uma menina. É minha filha?

Cecil ia esclarecer, mas hesitou.

— Não sei, O'Donnell. Creio que este é um assunto que só poderia ser tratado por vocês dois, pelo menos em respeito a criança.

Exausto, Rory abaixou a cabeça e fechou os olhos. Ouviu os passos de Cecil, que se retirava. De repente, percebeu que ele parava.

— O nome da criança — disse Cecil, e Rory levantou a cabeça — é Brenna.

E Rory teve certeza então.

CAPÍTULO III

As janelas do palácio de Richmond chocalhavam com os ventos fortes de março e o ambiente na câmara privativa era sombrio. Há semanas que o estado de saúde da rainha vinha piorando, até que nesse dia o Conselho havia sido convocado.

Já passava da meia-noite e uma ceia leve fora servida um pouco antes. Entretanto, os homens à volta da mesa mal haviam se alimentado, cada um entregue aos próprios pensamentos. Temiam que o amanhecer chegasse sem a rainha, pois, até agora, não se nomeara um sucessor.

Apenas Cecil, sentado à cabeceira da mesa, sabia que tudo estava preparado para que James VI de Escócia viesse a ser James I de Inglaterra. Há ano e meio, o secretário da rainha mantinha contato cuidadoso, através de mensagens cifradas, com o soberano do norte.

Ele insistira com James para que mantivesse silêncio e discrição sobre o assunto e fora atendido. Tanto o governo como o povo ignoravam por completo a solução prevista e temiam uma guerra civil provocada pelo problema de sucessão. Todavia, Cecil, respeitara, até o fim, a relutância da rainha em se referir à questão e o segredo fora mantido, mesmo com o risco de uma rebelião.

Chegara, entretanto, o momento de se quebrar o silêncio e anunciar o que seria feito.

Existia ainda um ponto que precisava ser atendido para que não houvesse dúvida alguma entre os pretendentes ao trono: a palavra da própria Gloriana.

O tempo se escoava rapidamente e logo chegaria o momento em que a soberana não poderia mais falar. Por dias mantivera-se sentada, rezando e vestida com suas roupas elegantes. Negava-se a pôr um camisola e ir para a cama.

— Majestade, para o seu próprio bem, é preciso que se deite um pouco — aconselhara Cecil.

— *Sir* — ela replicara com uma ponta da antiga energia —, a sua linguagem é para ser usada *por* príncipes e não *com* eles!

Finalmente, ela cedera e deixara que a despissem e a acomodassem na cama. Desde então, não se levantara mais.

Nessa noite, umas horas antes, Gloriana tinha pedido caldo quente e mandado chamar os ministros. Quando vieram, ela não quis comer nem falar. Continuou deitada de lado, com os olhos fechados.

Agora, Cecil ouvia os comentários que os outros três homens, à mesa, faziam.

— Pela sua voz, percebe-se que essa grande mulher tem pouco de vida em seu corpo.

— E suspira muito quando fala.

— Na verdade, eu só a ouvi suspirar uma vez antes. Foi quando assinou a ordem de execução da rainha Mary de Escócia.

— Ela não quis ouvir meus votos de vida longa e apenas se interessou quando falei das alegrias do reino celestial.

Ainda falavam, quando uma voz solene os interrompeu:

— Milordes...

Viraram-se ao mesmo tempo.

— Acredito que a hora se aproxima.

“A rainha Elizabeth, a última da linhagem Tudor, de Gales, está morrendo”, Cecil pensou. “E, se assim Deus o quiser, viva o rei por longo tempo.”

Os quatro dirigiram-se ao aposento da rainha. O arcebispo Whitgift ajoelhou-se à cabeceira e tomou a mão de Gloriana, o almirante lorde Nottingham ficou à direita e o carcereiro lorde Egerton à esquerda. *Sir Robert Cecil* postou-se aos pés da cama, com os olhos fixos na mulher a quem primeiro o pai e depois ele serviam há tanto tempo.

— Sua Majestade gostaria de nos falar?

— Quem...?

— Cec... A sua raposinha, Majestade — disse Cecil.

Teve a impressão de que uma sombra de sorriso perpassou pelos lábios da soberana quando ela ouviu a expressão que usara com carinho tantas vezes.

— Que diria eu? — murmurou ela em voz tão baixa que os quatro tiveram de se inclinar para ouvir. — Um ardor terrível que abrasa o peito e minha garganta está seca como um deserto. Que mais querem que eu diga?

Três deles trocaram olhares significativos enquanto o arcebispo, de cabeça baixa, rezava. Finalmente, Nottingham criou coragem.

— Existe, Alteza, o problema da sucessão.

— Muitas vezes afirmei que minha cadeira é digna apenas de reis. Então, quem deveria me suceder senão um rei?

— Por favor, Majestade — Cecil insistiu —, *que* rei?

Para mostrar que sua teimosia continuava intata até na proximidade da morte, Gloriana mudou de assunto.

— O que me informam sobre a Irlanda? Queria que essa praga no meu reinado terminasse antes que ele mesmo se acabe.

— A guerra aproxima-se do fim, Majestade. O'Neill já está a caminho para se encontrar com Mountjoy. Ele vai se render e implorar anistia de Sua Alteza.

— Anistia?! Para esse miserável que queria ser rei?

As palavras foram interrompidas por um suspiro demorado. Depois, com os olhos úmidos fixos em Cecil, a rainha murmurou:

— Sim, a anistia é necessária. Já houve mortes demais. Agora, peço-lhes que deixem de me importunar.

— Majestade — Cecil falou com voz aflita —, devo informar seu primo escocês...

— Ela está dormindo — Whitgift interrompeu.

— Dormindo?! — Cecil indagou, preocupado. O arcebispo tocou-a na testa e confirmou:

— Dorme, sim, e o sono dos vivos ainda.

Nottingham e Egerton já iam se retirar, porém Cecil os deteve.

— Milordes, há uma coisa muito delicada que precisa ser dita. A rainha declarou que a sua cadeira pertence a reis e poderá ser ocupada apenas por eles. Mas há pretendentes que se consideram reis embora não o sejam. Concordam?

Todos sacudiram a cabeça.

— Portanto, eu acredito que ouvi a rainha dizer: “Quem, a não ser o nosso primo, o rei James”. Os senhores também não ouviram essas palavras?

Houve mais troca de olhares.

— Creio que ouvi, sim — Nottingham disse por fim.

— E claramente — Egerton confirmou.

— Pois que seja assim — Cecil declarou, conduzindo-os para fora do quarto.

Duas horas mais tarde, a rainha faleceu enquanto dormia e sem ter pronunciado outra palavra.

De madrugada, o conselho foi a Whitehall e redigiu a proclamação do novo reinado. Durante a manhã, Cecil a leu nos gramados em frente ao pátio dos torneios onde Essex havia entretido a rainha com suas proezas. Depois seguiram pela Strand e entraram na cidade pela Ludgate. Mais duas vezes,

Cecil leu a proclamação de James, rei de Inglaterra, uma na St. Paul e outra em Cheapside Cross.

Em seguida, ele foi à Torre de Londres, onde, formalmente, pediu entrada em nome de James, rei da Inglaterra. E após isso, suspirou, aliviado de que tudo tivesse sido feito.

— Milorde, o mestre rebelde, Hugh O'Neill, barão de Dungannon, conde de Tyrone.

O atendente deu um passo ao lado e Mountjoy observou o orgulhoso O'Neill destacar-se de seus subchefes e, acompanhado por eles, curvar-se com um joelho no chão.

Blount, sentado à escrivaninha onde se viam pilhas de documentos, fitou a cabeça grisalha abaixada e os ombros largos curvados sob o manto vermelho.

Sentado ali em silêncio, a expressão afável que o queixo redondo e as bochechas rosadas lhe davam, Mountjoy assemelhava-se a qualquer coisa, menos ao conquistador do mais temível rebelde da história da Irlanda.

Mas o vencedor era ele, e O'Neill, o vencida

Isso evidenciava-se no corpo e nas marcas profundas no rosto do homem. Por mais de um ano, ele tinha sido perseguido pelas colinas à volta de Lough Neagh. Com bravura e na companhia dos poucos clãs que se lhe mantiveram fiéis, ele lutara contra os ingleses e a fome.

Todavia, agora, curvava-se, submisso.

Havia lutado, dia após dia, na esperança de que a rainha morresse e ele pudesse se render a James, de acordo com o tratado entre ambos. Mas não conseguira continuar lutando.

Durante uma hora completa, Mountjoy manteve O'Neill ajoelhado e em silêncio na frente dele. Finalmente o comandante do exército vitorioso levantou-se e inquiriu.

— Hugh O'Neill de Tyrone, rende-se perante este conselho irlandês e do Parlamento?

— Rendo-me, milorde.

— Renuncia, agora e para sempre, à sua asserção ao título irlandês de "The" O'Neil, e jura por tudo o que é santo na terra do bom Deus que jamais assumirá, novamente, o referido título que o aparta da Coroa inglesa?

— Renuncio e juro, milorde.

— Jura ainda cessar de hoje em diante e para sempre toda e qualquer aliança com o rei de Espanha, ou com qualquer outro governante estrangeiro à Coroa da Inglaterra?

— Juro, milorde.

— Hugh O'Neill renuncia, neste momento, a todo o poder e autoridade sobre os seus soldados, camponeses, subchefes e clãs que no passado lhe renderam fidelidade?

Houve uma pausa durante a qual O'Neill levantou a cabeça e fitou, com os olhos cheios de lágrimas, os subchefes que o rodeavam.

— Renuncio, milorde.

— Finalmente, O'Neill, cede à Coroa da Inglaterra todos os títulos, terras e proventos que possua agora, doravante e para sempre?

A pausa dessa vez foi maior. As lágrimas corriam livremente pelas faces e sumiam nas barbas grisalhas.

— O que responde, O'Neill?

— Eu... cedo, milorde.

— Neste momento, eu, Charles Blount, lorde Mountjoy, representante da Coroa inglesa na Irlanda, aceito, em nome do rei, a sua rendição. Deus salve o rei!

A cabeça de O'Neill levantou-se depressa.

— O rei, milorde?

— Você ficou tempo demais nas colinas, O'Neill. Elizabeth, a rainha, morreu há quatro dias.

SEXTA PARTE

OS VENCIDOS

CAPÍTULO I

Sir Robert Cecil encontrava-se em pé a uma das altas janelas envidraçadas da sua querida casa, em Theobalds. Com olhar sombrio, observava o rei e a sua comitiva enorme subirem pela alameda de carvalhos.

James mostrava um sorriso enorme e mantinha conversa animada com o seu preferido atual, mestre James Hay, e com outros cortesões que se pavoneavam à volta dele.

Cecil suspirou. Pelas aparências, a caçada tinha sido boa, o que queria dizer que, talvez à tarde, alguns negócios de Estado pudessem ser resolvidos.

Fazia quase uma semana que Cecil vinha hospedando sua Majestade em Theobalds, proporcionando-lhe rios de vinhos finos, cavalos excelentes, cães de caça experientes e falcões de asas fortes e velozes.

Em retribuição, o rei havia cumprimentado *sir* Robert pela hospitalidade magnífica e dado a entender que achava um tanto estranho um súdito, mesmo tão fiel e poderoso como ele, possuir uma propriedade imensa e linda como Theobalds.

— Mas, Alteza — Cecil replicara —, como soberano, Vossa Majestade possui Hapton Court e os palácios de Richmond, Greenwich, Nonsuch, Oatlands, Sheen e Windsor. Isso sem falar, naturalmente, em Whitehall, em Londres.

O rei apressou-se em responder, no seu sotaque carregado de escocês.

— É verdade, agora são todos meus. Pretendo visitá-los e caçar neles com frequência. Todavia, nenhum se compara a Theobalds. Não concorda comigo, pequeno Cecil?

Sir Robert havia concordado. Nesse espaço de tempo, desde que trouxera James para a Inglaterra, aprendera que conseguiria mais coisas do rei se concordasse com ele, que se considerava o próprio escolhido por Deus.

Além disso, *sir* Robert descobrira duas outras características de James: seu primeiro e único amor era a caça e tinha a grande propensão para cair da montaria.

— *Sir* Robert?

— Sim?

— O rei gostaria de ter audiência com o senhor no grande vestíbulo.

Cecil sacudiu a cabeça para o seu secretário, juntou uma pilha enorme de papéis na escrivaninha e, desanimado, foi ter com o rei.

“Audiência comigo e na minha própria casa!”, pensou ele. “No meu vestíbulo, com uma centena de pares de olhos e ouvidos curiosos para verem e ouvirem tudo. Como o barco do Estado navega de maneira diferente agora!”

— Ah, meu pequeno Cecil!

— Sua Majestade.

Cecil curvou-se e já ia colocar os papéis na mesa à qual tencionava sentar-se, quando o soberano o interrompeu.

— Não, não, pequeno Cecil. Venha acomodar-se aqui perto do seu rei. Vinho! Vinho para o homem que conseguiu segurança para o meu reino. Sente-se, sente-se e beba!

Cecil obedeceu e observou o monarca de soslaio. A língua do homem, que já era grande demais, estava pastosa com a bebida. Os olhos imensos moviam-se *de* um lado para o outro enquanto tagarelava com este ou aquele cortesão.

Sentado num banquinho à esquerda do rei, Cecil suspirou e, com paciência, esperou que ele lhe dirigisse a palavra.

Embora James o chamasse de “pequeno”, não era muito mais alto; talvez tivesse uns três ou quatro centímetros a mais. Porém, já um tanto corpulento, aparentava ser mais gordo por causa dos gibões grossos e acolchoados que usava. Fazia isso por causa do medo constante de ser assassinado com um estilete.

Finalmente, James terminou uma explicação teológica, cheia de profanações e que havia interrompido com a chegada de *sir* Robert.

— Então, meu pequeno Cecil, que problemas aborrecidos você me traz hoje?

— Há vários documentos que precisam ser assinados, Alteza, e muitos assuntos que estão na dependência de sua decisão — Cecil respondeu com paciência.

Na meia hora seguinte, ele conseguiu manter a atenção do rei o suficiente para resolver algumas questões, isso no meio da confusão e algazarra provocadas por uma centena de cortesões que comiam, bebiam e falavam altíssimo.

— E agora, Alteza, a questão da Irlanda.

— Ah, sim, a terra dos idolatras.

James levou o copo cheio de vinho aos lábios grossos. A maneira com que bebia dava a impressão de que comia o copo. Parte da bebida escorreu-lhe pelo queixo e sujou o gibão, o que fez Cecil desviar os olhos.

— Diga-me uma coisa, *sir* Robert. É verdade que as terras de Ulster são ainda mais férteis que as de Munster?

— Parece que sim.

— E os portos do norte poderiam ter um comércio mais lucrativo?

— Há comentários a esse respeito — *sir* Robert replicou. — Entretanto, atualmente, os rendimentos da Irlanda estão muito baixos e por isso quase não recebemos impostos.

Os olhos de James pararam de mexer por um momento enquanto ele encarava—" Cecil.

— Isso porque não contamos com as mãos competentes de escoceses e ingleses para cuidar do solo e mentes sagazes de comerciantes ingleses na direção dos portos.

— Temos alguma colonização já estabelecida. Alteza.

— Sim, mas precisamos aumentar isso e muito, meu pequeno Cecil.

— Mas os condes da região de Ulster, sob a anistia da rainha Elizabeth...

— Para o inferno esses desgraçados condes de Ulster. Não são todos papistas? — O rei perguntou, com voz enrolada.

— Eles são católicos e Sua Alteza prometeu...

— Uma promessa, meu bom Cecil, é apenas uma das muitas prerrogativas de Deus e, conseqüentemente, de um rei. Portanto, declaro que não precisamos de condes papistas!

— Majestade, há sempre o perigo de uma nova rebelião.

— De jeito nenhum! — ò rei contradisse às gargalhadas. — Milorde Mountjoy quebrou-lhes a espinha dorsal e milorde Chester vai mantê-los de cabeça baixa. Mais colonização, Cecil, muito mais!

— Alteza...

— *Sir* Robert, a Irlanda é tão nossa quanto a Inglaterra e a Escócia. Podemos fazer com ela o que bem entendemos. Por isso, providencie a repartição de terras.

E, com um aceno, James dispensou Cecil.

De novo com o calhamaço de papéis nas mãos, o primeiro secretário do rei afastou-se enquanto murmurava a si mesmo:

— O que, meu Deus, forjei para o meu país?

Ao alcançar as portas imensas de carvalho, Cecil viu o caminho

bloqueado por um homem alto e gordo. Ao lado dele, estava um menino de uns quatro ou cinco anos e olhar vivo.

— Boa tarde, *sir* Robert.

Cecil vasculhou a memória, mas não reconheceu a pessoa.

— *Squire* Hinchinbrook, do norte, *sir*.

— Ah, sim, Hinchinbrook, boa tarde.

— Hoje é o aniversário do meu sobrinho e eu o trouxe aqui para conhecer o rei e jurar fidelidade a ele. Apresente-se a *sir* Robert Cecil, menino.

— Muito prazer, senhor. O meu nome é mestre Oliver Cromwell — o menino disse com uma ligeira curvatura.

O'Neill e Rory O'Donnell encontravam-se juntos no planalto de Tullaghogue. O vento soprava forte entre as rochas, esvoaçando-lhes os cabelos e os mantos. Os trovões ecoavam furiosos e a chuva torrencial batia em seus rostos.

Eles haviam cavalgado a noite inteira, vindos do castelo de Slane, às margens do rio Boyne. Contemplavam agora o trono despedaçado e a pedra antiga dos chefes do clã O'Neill.

Os soldados de Mountjoy tinham usado seus martelos com perícia, pois restava, apenas, um amontoado de pedregulhos. O nome esculpido na rocha acima do trono havia desaparecido.

— Assim acabam-se os O'Neill. Um a um fomos assassinados, ou expulsos para o mar.

Rory, amargurado, acenava com a cabeça, incapaz de dizer qualquer coisa.

— Se, ao menos, eu pudesse morrer e com isso pôr um término ao sofrimento de todos nós — murmurou o velho chefe.

— Não, milorde, a morte raramente soluciona problemas, a não ser os do próprio morto.

— É verdade. Eles nos bateram e continuam a nos espancar. Gostariam que tivéssemos morrido, no entanto, nos proporcionam uma meia vida destrozada.

Já fazia muitos meses desde que Rory fora libertado da Torre e voltado para a Irlanda. Esse período fora de imensa tristeza e muito sofrimento. No início, existira uma sombra de esperança, que logo desaparecera. A maneira com que James vinha governando a Irlanda mostrava-se mais impiedosa que a de sua antecessora. Pior ainda, sua Corte era corrupta e os impostos que cobrava tinham de ser altíssimos a fim de cobrirem seus gastos de perdulário.

— Você acha que a nossa posição está mesmo irremediavelmente perdida? — O'Neill perguntou.

— Tenho plena certeza disso. Os ingleses são gananciosos demais quando se trata de terras. Eles estão se apossando de tudo. Quase não se vê mais o rosto de um irlandês em Donegal ou em Tyrone. Estão agora tomando conta de Derry, que pretendem chamar de *Londonderry*.

Rory virou a cabeça e cuspiu, raivoso.

— E Dublin?

— O representante da Coroa, lorde Chichester, faz-se de surdo à voz do povo irlandês.

— Entendo. Não há mesmo a menor esperança — disse O'Neill, cabisbaixo.

Para arrancar da Irlanda a maior quantia possível de dinheiro, contrariando a vontade de Cecil, James havia instalado em Dublin um governo tão corrupto quanto o de Londres. No início, deixavam aos irlandeses apenas o mínimo para sobreviverem e agora reiniciavam a colonização, isto é, a repartição das terras entre os ingleses.

Um a um, nobres e camponeses da Irlanda viam-se expulsos de suas propriedades para dar lugar ao invasor inglês. Como se isso não bastasse, os líderes e chefes de clãs que haviam fugido para a Espanha, França e Países Baixos estavam sendo, sistematicamente, assassinados a fim de que não voltassem à Irlanda e reclamassem suas terras.

Agora os carrascos de Dublin desejavam exterminar também os chefes que haviam ficado.

Para esse fim, tramaram um esquema, com evidências falsas, para provar que os condes irlandeses armavam-se de novo para uma outra rebelião. Nada mais longe da verdade, o que ficava claro através das roupas humildes e gastas dos dois guerreiros, que, sob a chuva inclemente, lamentavam o desfalecimento de um grande sonho.

Embora falsas, as provas estavam nas mãos dos governantes de Dublin e O'Neill e Rory sabiam do fato cujo resultado seria mais expropriação de terras.

Era chegado o momento de partirem.

Já haviam sido feitas negociações para a vinda de um navio da França e os clãs foram avisados. Aqueles que tinham perdido suas terras, mas desejavam salvar as vidas, eram convidados a fugir.

O'Neill virou-se para o velho amigo e disse:

— Eu gostaria de ficar um pouco aqui sozinho.

— Vou partir, então. Cecil me receberá em audiência daqui a cinco dias — Rory explicou.

— Você acha que ele vai concordar?

— Acredito que sim. A presença de Rory e Shanna constitui um peso para o Estado desde a morte de lorde Haskins. E James gostaria de se apossar do que resta das propriedades do avô das crianças.

— Vá, então. Que Deus o acompanhe! Daqui a um mês, nos encontraremos às margens de Lough Swilly.

O'Donnell afastou-se pela trilha e, um pouco adiante, parou para olhar O'Neill. Ia ser muito difícil para si mesmo deixar a Irlanda querida sabendo que nunca mais a veria, porém, para o velho guerreiro, cujo sonho ainda pairava no topo da colina de Tullaghogue, a provação seria imensa.

Viu O'Neill ajoelhar-se e tirar de sob o manto uma pequena bolsa. Com reverência, ele começou a enchê-la com os pedregulhos brancos que, um dia, tinham sido parte da rocha, símbolo do poder do clã O'Neill.

Lady Hatton atravessou a sala com a sua graciosidade peculiar e abraçou o tio. Depois de beijá-lo nas duas faces, exclamou satisfeita:

— Que prazer! Há meses que não conversamos!

— É mesmo? Vivo tão ocupado que não vejo o tempo passar — Cecil respondeu.

— Entre e vamos nos sentar. Como se sente com o peso da grande casa de Cecil em seus ombros, milorde?

Robert Cecil, conde de Salisbury, riu alto enquanto beijava a mão de *lady* Hatton. Depois sentou-se numa cadeira de espaldar alto, em frente à lareira. Embora lá fora fizesse um ensolarado dia de outono, o ar já prenunciava o frio do inverno, o que justificava o fogo aceso,

— Posso lhe oferecer vinho, milorde?

— Por favor, Elizabeth, será que não pode me chamar de tio ou Robert? Aceito xerez.

— Nada disso. Agora que meu pai é o conde de Exeter e meu tio o de Salisbury, vou usar os títulos, quer estejam, ou não, vestidos com suas túnicas de veludo e pele branca.

Cecil sorriu. Estava satisfeito por ter, finalmente, alcançado a glória do condado. Ele fizera por merecer a pequena coroa, mas não se sentia muito orgulhoso quando ela dominava o seu bom senso. Também considerava o título um tanto sem significado, pois James, ao contrário da rainha Elizabeth, que para valorizar seus favores os dispensava com parcimônia, distribuía os seus com a mesma facilidade com que um mascate vendia castanhas em

Cheapside.

— Aqui está o seu xerez.

Cecil aceitou o copo e observou a sobrinha sentar-se num sofazinho ao lado. Como sempre, ela usava um vestido caro e elegante. Este era de cetim verde, com decote em “vê”, quase até a cintura, bordado em pérolas.

Ele não pôde deixar de notar que os seios de Elizabeth mantinham-se altos e firmes, o que provava a existência de uma boa reserva de juventude.

Ela sempre o surpreendia. O seu sorriso franco mostrava dentes alvos e perfeitos ainda, o que lhe provocava a sensação de que ela jamais envelheceria. Isso o fazia sentir mais o peso da idade.

— Sabe, Elizabeth, que você continua sendo a mulher mais linda da Inglaterra?

— Não vou ser por muito tempo mais, graças aos cabelos brancos que o meu marido desonesto está me provocando.

Elizabeth começou, então, a narrativa do último duelo travado com *sir* Edward Coke. Cecil, que já estava a par do ocorrido, ouviu-a em silêncio.

O esperto e ambicioso advogado tinha tramado a transferência, para seu próprio nome, de uma dívida antiga do primeiro marido de Elizabeth, *sir* William Hatton, para com a Coroa. Depois, ele usara o débito, como uma desculpa indireta, para a execução da Hatton House, a fim de desviar as rendas da esposa para seus cofres, já que assumira a responsabilidade do negócio.

À transação era complicada e obscura, mas com certo aspecto legal para garanti-la, pelo menos, temporariamente.

Elizabeth processara o marido e, no tribunal, brigaram tanto em público que as más línguas de Londres viram-se supridas de assunto por quase um ano.

Cecil fizera o papel de apaziguador de ânimos e, se a tarefa não tivesse sido tão árdua, ele teria achado graça em mais essa disputa do casal.

— Deus do céu, Elizabeth, quando isso vai ter fim?

— Nunca, a não ser que ele me trate como a mulher de posses que sou e não como uma miserável qualquer. Aliás, era com uma assim que ele devia ter se casado.

— Já me cansei dessa história toda — Cecil declarou.

— Também eu, meu tio. Sabe que *sir* Edward gastou perto de trinta mil libras na mansão dele em Stoke Poges, e ainda queria mais?

— Talvez ele tenha feito isso para você ir morar lá.

— Não, ele quer me forçar a vender Holdenby para ter mais dinheiro em

mãos.

— Mas *sir* Edward aumentou suas propriedades.

— É verdade, mas até hoje é uma briga diária para eu poder usufruir do que é meu. Porém, basta desse assunto. Conte os últimos escândalos da Corte.

— Imagino que você saiba mais sobre a Corte e o nosso rei James do que eu, Elizabeth.

Cecil suspirou e tomou um gole da bebida com o olhar perdido na chama da lareira. Depois falou como se fosse mais para si mesmo do que à sobrinha.

— Coloquei um rei no trono sem rebelião ou discórdia e agora estou cansado do governo dele. Sua Majestade gasta como se os cofres não tivessem fundo, prefere caçar a tratar dos negócios de Estado...

— E a companhia de cortesões elegantes e rapazes à da esposa. — Elizabeth acrescentou.

— Posso garantir que não temos, no trono, um outro Henrique com o palácio cheio de amantes — Cecil comentou, rindo. — E como vai a mulher de James, a rainha?

— Anna? Paciente, controlada e, cá entre nós, um tanto cansativa. Porém ela é atenciosa comigo e eu sou bem recebida na Corte. Portanto...

Elizabeth sacudiu os ombros com indiferença e levantou-se para servir mais bebida.

— Você sabe que o rei tem um novo favorito?

— Sei, meu tio, Robert Carr. Sei ainda que um dos seus espiões o acompanha o tempo todo.

Si Robert riu.

— Caso se queira saber o que o rei pensa, é preciso descobrir os pensamentos do favorito.

— Uns dias atrás, eu passeava com a rainha pelos jardins do palácio quando encontramos Robert Carr e o seu espião, Thomas Overbury. Sabe o que ela disse?

— Não posso imaginar.

— “Bom dia ao guardião do rei e ao guardião do guardião.” Que tempos são esses, meu tio, em que o senhor tem de levar em consideração os caprichos de rapazes afetados e vaidosos na resolução dos negócios do reino?

— Não me preocupo muito com isso. Tenho a impressão de que os dias do meu exercício como primeiro secretário estão no fim. Devo confessar que a perspectiva não me entristece.

— O senhor parece bem fatigado.

— Estou mesmo. Mas vamos deixar de lado os meus problemas com a casa real de Stuart. Como vai a minha sobrinha querida? Está feliz?

Elizabeth já ia se virar com os copos servidos, mas parou, pensativa.

— Eu falconeio, caço, visito o castelo de Corfe, dou festas lindas... Por que me pergunta isso?

— Porque você parece tão... Bem, eu queria ter certeza.

— Meu tio...

Elizabeth encontrava-se perto da janela e a luz que entrava realçava o castanho-avermelhado dos cabelos e a silhueta elegante. Cecil, porém, não podia ver-lhe o rosto.

— O que é, Elizabeth?

— Há algo em sua voz além do cansaço.

— Tem razão. Venha cá e sente-se.

Ela se aproximou, entregou-lhe o copo e ocupou de novo o canto do sofá.

— Você ainda acompanha as notícias da Irlanda?

Uma sombra passou-lhe pelos olhos, mas sumiu logo.

— Não há mais razão para isso. Eles estão em paz agora e, se ninguém os perturbar, voltarão à vida primitiva que levavam antes.

— Elizabeth, os representantes do rei em Dublin fizeram de tudo para impedir que os condes e antigos chefes de clãs continuassem vivendo em suas terras. É uma coisa muito triste ver como esse povo orgulhoso está sendo governado.

— Por favor, meu tio, não quero saber disso.

— O'Neill e O'Donnell e quase todos os chefes restantes de clãs resolveram fugir. É um segredo de que só eu sei.

— Eles vêm para a Inglaterra?

— Não, eles também não estariam seguros aqui. Rory O'Donnell veio me implorar permissão para que os filhos de O'Hara vão com ele.

— O senhor... — ela se levantou e foi até a janela. — O senhor o viu?

— Vi, sim. Ele está aqui na Inglaterra e gostaria de que eu e você lhe fizéssemos um favor.

— Eu?! Que tipo de favor eu poderia lhe fazer? Ou melhor, como ele se atreve a me pedir qualquer coisa?

— Ele ainda a ama, Elizabeth.

Quando ela replicou, foi com voz seca e amargurada.

— Ele negou esse amor há muito tempo.

— Elizabeth, fui eu e não ele quem forçou a decisão naquela noite no

castelo de Corfe.

— *O senhor!!!*

— Eu o fiz prometer que, se o deixasse voltar para a Irlanda, nunca mais a veria ou tentaria entrar em contato com você.

Cecil viu a sobrinha abaixar a cabeça e cobrir o rosto com as mãos. Ouviu-lhe o soluço e as palavras atônitas que o seguiram.

— Por quê? Meu Deus, por quê?

— Porque pensei ser o melhor. Aliás, ainda penso.

Num repente, ela se virou e correu para ele.

— Então o senhor governaria minha vida até o fim! Deus do céu, nunca me livrarei disso?

— Elizabeth, você é o único membro de nossa família a quem amo e fui fiel durante todos estes anos. E você, acima de todas as pessoas, deveria saber que estadistas e aqueles que servem reis e rainhas não podem se dar ao luxo de ser leais a mais ninguém. No início, eu tramei a união de ambos por interesse meu e porque você estava muito infeliz. Pensei que teriam uma aventura passageira. Quando descobri o quanto haviam se apaixonado um pelo outro, era tarde demais.

— Maldito! Maldito! E agora o senhor quer trazer tudo à tona novamente.

— Por ele, eu faria isso. Ele é um homem alquebrado e envelhecido. Não tem mais nada, nem mesmo a querida Irlanda.

— Se não fosse pelo senhor, ele talvez tivesse me escolhido, em vez da Irlanda. Desgraçado... *Desgraçado*.

Foi a vez de Cecil levantar-se e ir até a janela. Tinha os ombros curvados como se lutasse contra o vento forte.

— Não creio que a escolha dele tivesse sido diferente, Elizabeth. De muitas maneiras, é uma infelicidade nascer-se homem, como muitas vezes você disse em relação às mulheres. Quase sempre, nós homens somos fracos, porque todos esperam que sejamos fortes.

— O que o senhor deseja de mim?

— Eu não, ele.

— Pois bem, o que ele quer?

— Ele gostaria de ver e falar rapidamente com a criança — Cecil explicou por fim.

Elizabeth virou-se depressa e fitou-o com olhar fuzilante e com expressão semelhante ao ódio.

— Ele deve estar brincando; aliás, ambos devem!

— Não — disse Cecil enquanto sacudia a cabeça. — É uma coisa que ele deseja muito e de que, na minha opinião, precisa acima de tudo.

— Não!

— Rory me deu a palavra de que não dirá nada a Brenna que dê a entender que ele é algo mais que um estranho.

— Não!

— Elizabeth, ouça, por favor. Minhas ambições e os erros que cometi por causa delas são um peso muito grande para mim. Eu lhe suplico que atenda O'Donell. Quando ele me pediu esse favor foi com expressão de tanta ansiedade que me provocou lágrimas.

A tensão em Elizabeth explodiu. Desesperada, correu até o tio, ajoelhou-se aos pés dele e abraçou-o aos soluços, como fizera tantas vezes na infância.

— Ai, meu tio, não existe um fim para esta vida?

— Você sabe que sim, a morte. E quando ela estiver perto, é melhor que se possa dizer que se viveu por algo bom.

O'Donell desceu da carruagem e avisou Annie:

— Não devo me demorar.

Annie aquiesceu com um gesto de cabeça. Shanna dormia com a cabeça no seu colo e o irmão, Rory, estava sentado ao lado do cocheiro, com quem conversava sobre os méritos do cavalo inglês em comparação com os de raça irlandesa.

O'Donell caminhou a pequena distância até o portão conhecido e empurrou-o devagar. A visão do chalé, especialmente das janelas do segundo andar, provocou-lhe um nó na garganta.

Desviou o olhar depressa e percorreu-o pelo jardim até vê-la. Ela estava com um vestido branco enfeitado de renda prateada e laços de fita azul. Sentada num banco sob um teixo, entretinha-se com um livro. Perto havia um roseiral em flor, cujo colorido parecia realçar o tom negro de seus cabelos.

Ela levantou o olhar assim que ouviu o ruído do andar dele no cascalho, à volta do banco.

— Olá.

— Olá.

— Minha mãe disse que um cavalheiro vinha me visitar.

— É mesmo? E ela disse por que eu vinha?

— Não. Ela só me contou...

A maneira bem-comportada, quase de adulta, cedeu um pouco e ela riu.

— Mamãe só disse que eu tenho um admirador secreto faz muito tempo

e que eu deveria esperar por ele hoje no jardim.

— Ela está certa. Há muito que sou seu admirador e hoje, finalmente, posso conhecê-la. Você se incomoda se eu me sentar ao seu lado?

— Não, por favor, sente-se. Mamãe falou que o senhor vai fazer uma viagem muito comprida.

— Ah, não é tanto assim, vou apenas até a França. Tenho amigos que vão à Espanha e outros a Roma.

— Eu gostaria de ir à França, mas não à Espanha e Roma. Eles são papistas lá, sabia?

— Sabia, sim.

— O senhor fala francês?

— Falo.

— Eu também, e ainda um pouco de italiano e latim.

— Muito bem!

— O senhor pertence à Guarda Escocesa do rei?

— Por que pergunta isso?

— Por causa do seu jeito de falar. O senhor não é inglês, não é verdade?

— Não. Eu... não sou da guarda do rei.

“Ela é lindíssima! E como se parece com Elizabeth!”, Rory pensou, desesperado de vontade de abraçá-la, mas conteve-se.

— Quem é ele?

O'Donnell levantou o olhar e seguiu a direção que o dedinho dela indicava.

— É Rory O'Hara.

Ela o fitou com os olhos negros e sorriu.

— Ele é muito bonito, não é?

Nesse momento o pequeno Rory voltou para dentro da carruagem e desapareceu de vista.

— Ele é seu filho?

— Não, quer dizer, de certa forma é. O pai e a mãe dele morreram e eu resolvi criá-lo.

— Como o senhor é bom! Gostaria de ver os jardins? Eles são lindos e talvez, no ano que vem, nós não tenhamos mais isso aqui.

— Não diga!

Brenna levantou-se e puxou-o pela mão para segui-la.

— Sabe, meu pai é um homem muito ganancioso. Ele quer vender Holdenby para ter mais dinheiro, pelo menos, é o que minha mãe diz.

— Parece que você não aprova muito o que seu pai quer fazer.

— Aprovo, sim, minha mãe é que não. Ela se recusa a morar com ele e, cada vez que estão juntos, eles brigam muito. É até melhor ficarem separados. O meu nome é Brenna Coke. O senhor deve saber disso, já que é o meu admirador secreto. Sabe o que o meu nome quer dizer?

— Acho que sim.

— Aposto que não. Ninguém sabe!

— Será que não quer dizer corvo?

— Como é que o senhor sabia?

Elizabeth sentia o coração apertado e os olhos cheios de lágrimas. Pela janela semicerrada ela observava o movimento no jardim.

— Rory, “The O’Donell”, o meu O’Donell — murmurou baixinho, enquanto as lágrimas corriam pelas faces.

Chorava, num misto de tristeza e alegria. Pai e filha formavam um quadro tão perfeito passeando pelo jardim, a mãozinha de Brenna envolvida pela grande e forte de Rory.

De vez em quando, ele abaixava a cabeça em direção ao rostinho da menina para ouvi-la melhor. Naturalmente, Brenna revelava-lhe algumas das pérolas do conhecimento infantil e ele lhe sorria ou então ria, divertido.

O tio estava certo. Elizabeth sentia-se contente agora por ter consentido no encontro, pois via como isso o fazia feliz. Essa constatação a deixava mais comovida ainda.

Em outro ponto, o tio também tinha razão. Rory estava alquebrado e envelhecido. Não parecia mais o jovem impetuoso que conhecera há anos. Às vezes ainda demonstrava algum vestígio da antiga vivacidade, mas não era mais o seu encantador malandro da noite, de olhos brilhantes e negros como os cabelos. Não se parecia mais com o jovem ardente que lhe roubara um beijo na carruagem e, algum tempo depois, trouxera à tona a mulher que existia escondida em seu interior.

Os cabelos estavam grisalhos e os ombros um tanto curvados. Embora andasse com firmeza, arrastava, ligeiramente, a perna esquerda. Com certeza era a consequência de algum ferimento numa das muitas batalhas em que tomara parte.

Elizabeth fechou os olhos para o homem no jardim e viu-o, na memória, com a imagem dos tempos idos. O corpo forte e nu ao lado na cama, pronto para cobrir o seu enquanto os olhos a devoravam com paixão; o homem altaneiro, fustigado pelo vento e pela chuva na sacada do castelo de Corfe e que lhe murmurara sincero: “Elizabeth, meu amor, meu único amor!”

Elizabeth fechou de vez a janela e afastou-se para um canto escuro do quarto. Não queria vê-lo mais, pois desejava tê-lo na memória como o homem que fora e com quem vivera momentos de amor profundo e gratificante.

— Adeus, quem sabe o senhor volta algum dia para me ver de novo.

— Adeus, Brenna. Seria muito bom vê-la outra vez. Quem sabe algum dia isso aconteça.

Rory ficou parado, vendo a silhueta graciosa e os cabelos negros e encaracolados se afastarem e sumirem de vista.

Ele esperou até a carruagem encontrar-se longe de Holdenby para abrir a pequena reprodução que Brenna lhe dera.

— Minha mãe disse para dar isto ao senhor como presente de despedida.

Ao olhar o pequenino retrato da mãe, tão clara ao lado da filha morena, Rory arquejou ofegante. Só agora, vendo-as juntas, percebia como a filha era parecida consigo mesmo.

— Quem era aquela menina? — o pequeno Rory perguntou.

— O nome dela é Brenna Coke.

— Ela é muito bonita!

— É mesmo — O'Donell concordou.

O fogo crepitou ensurdecedor ao atravessar o teto em direção ao céu. Uma das paredes já havia caído e o telhado estava prestes a ceder também.

Um pouco afastada, Elizabeth, com um sorriso triste, via o seu querido chalé em Holdenby ser devorado pelas chamas. Ao seu lado, Brenna falou com voz sentida:

— Que pena, mamãe!

— Por quê, minha filha?

— Esse era o seu lugar de ficar sozinha e você parece muito triste.

— É mesmo? Talvez tenha razão, minha querida, mas não vou ficar assim por muito tempo. Há uma coisa que você precisa aprender. Quando se tem uma tristeza é porque, quase sempre, tivemos uma alegria antes.

Elizabeth levantou o olhar e fitou Honor e Charles, a alguns passos de distância. Sempre fiéis, eles não haviam feito pergunta alguma quando ela ordenara a Charles que pusesse fogo no chalé. Depois voltou o olhar para o rostinho lindo da filha e foi tomada por um grande sentimento de amor e ternura.

— Vamos embora daqui, minha querida. O chalé não passa de uma casa

que desapareceu. Não tem importância porque somos ricos e podemos ter muitas outras casas. Um dia você ainda será a castelã de todas elas.

— Quando eu crescer, mamãe, vou ficar tão bonita como você e me casar com um príncipe?

— Pelo menos com um lorde — Elizabeth respondeu, rindo.

— Nós vamos para Londres, mamãe?

— Isso mesmo, filhinha. Precisamos freqüentar a Corte para achar o seu príncipe, não é?

— Um conde também serve — Brenna replicou, interessada. — Eu queria ser homem para poder escolher.

Elizabeth tomou-a nos braços e disse:

— Prometo, minha pequenininha, que você fará a sua escolha. Porém, nunca mais diga que gostaria de ser um homem. O que eles precisam fazer para serem homens de verdade é horrível, muitas vezes. Vamos embora! Temos Londres e o amanhã pela frente!

O ruje-ruje dos remos na água e o bater dos ventos nas velas eram os únicos ruídos que se faziam ouvir enquanto o navio passava pela boca da enseada, rumo ao mar.

— Em que pensa, O'Neill?

— Em que, senão nessa grande tristeza? — o velho homem replicou, com o olhar perdido nas costas da Irlanda, que se distanciava. — Nós fomos derrotados por nós mesmos e isso torna o fato mais triste ainda.

— Penso em McTeague e outros que passaram para o lado inimigo a fim de garantirem o que possuíam e acabaram perdendo tudo — O'Donell comentou.

Atrás dele, um cancionista entoava algo triste como se lhes musicasse os pensamentos amargurados.

*“Sempre que um chefe voltava à luta,
Seus companheiros egoístas fugiam,
Sempre que a verdade pura era dita,
Traidores prudentes não a ouviam.”*

— Não havia outra maneira de agir — O'Donell continuou.

— Como os homens que somos, não nascemos para ficar à mercê de uma Coroa estrangeira. Jamais nos conformaríamos de viver na esperança de favores e concessões de uma Corte qualquer. Sempre desejamos a

independência de cada clã e que todos pudessem arrancar de suas terras a sobrevivência.

O'Neill não disse nada. As palavras de O'Donell não necessitavam de resposta. Em silêncio, lado a lado, ambos observavam as costas rochosas e fustigadas pelos ventos da sua terra tão castigada pela miséria. Devagar, ela desaparecia no horizonte nublado.

— Ah, minha Irlanda! — O'Neill murmurou, num fiapo de voz. — Hoje és uma ilha desolada. Se existe Deus, que ele te ampare e traga teus filhos de volta. E que ele nos ajude durante esta separação para que não voltemos ao pó, ou mudemos com o passar do tempo, a ponto de nossos filhos não darem valor ao que tentamos fazer.

Não havia mais lágrimas para acompanhar as palavras. Elas já haviam se esgotado.

Rory não suportava mais. Virou-se da amurada e deixou o velho companheiro entregue à mágoa dos sonhos desfeitos.

No tombadilho, encontravam-se quase todos os nobres da Irlanda ainda com o olhar no ponto onde a pátria desaparecera. Entre eles encontrava-se Annie, de cabeça baixa, o rosário entre os dedos e os lábios movendo-se em prece silenciosa. Rory sorriu tristemente, pois já podia visualizá-la com o cabelo e a gola larga que logo ela estaria usando.

A querida Annie encontrara a religião que ele perdera.

Alguém aproximou-se por trás dele e Rory virou-se. Era Owen Roe, o sobrinho de Hugh O'Neill. Por um momento, O'Donell viu o brilho da rebelião nos olhos do rapaz. Desviou os seus depressa. Ao contrário de O'Neill, ele não desejava procurar em cada jovem o salvador da Irlanda.

Devagar, afastou-se. Uma brisa vinda da terra deu-lhe a sensação de sentir, pela última vez, o perfume das urzes e do trevo. Logo o cheiro do mar o abafou.

— Adeus — murmurou baixinho. — Adeus — repetiu. O'Donell ouviu, então, a voz do pequeno Rory.

— Você não precisa chorar, Shanna. Lembre-se de que é uma O'Hara e que, um dia, eu a levarei de volta a Ballylee. Agora, sente-se quietinha que vou lhe contar uma história. Ela não é triste, é de amor.

— Que história é essa? — perguntou a menininha.

— É um conto lindo sobre Deirdre dos Pesares.



Não perca a próxima edição de Clássicos da Literatura Romântica

OS AVENTUREIROS

Mary Canon

Na guerra e no amor, o irlandês entregava o coração e a própria vida

No início do século XVII, o corrupto rei James I da Inglaterra e o vaidoso monarca Luís XIII da França controlam os destinos do mundo. São na verdade manobrados pelo clero e por vaidosos cortesãos, que alcançam seus objetivos com favores sexuais concedidos nos aposentos reais. Nesses anos turbulentos, Rory O'Hara volta para a sua atormentada Irlanda, na ânsia de reconstruir o castelo destruído pelo invasor inglês e recuperar o orgulho perdido de seu povo humilhado. Enquanto isso, na Inglaterra, sua adorada Brenna Coke trava uma luta insana contra o despotismo dos soberanos que a querem afastar para sempre de seu amado Rory. Um desafio apaixonado de homens que não se deixam vencer facilmente...

OS DESTEMIDOS

Mary Canon

Traídos e exilados, eles eram os guerreiros de uma estirpe de heróis

Sob a tirania de Oliver Cromwell, os irlandeses lutavam pela liberdade...

...de seguir sua religião!

...de ter soberania política em sua terra!

...de viver e amar em paz!

Os ingleses cobiçavam suas terras e a paixão de suas indomáveis mulheres, dispostas a não se entregar sem luta. Era preciso defender a vida, o amor e a linhagem do clã!